

VIRGINIA VALLEJO

AMANDO

PABLO,

ODIANDO

ESCOBAR

A verdadeira história de amor e vingança que a TV não mostrou contada pela mulher que conheceu a intimidade e os segredos do Rei do Tráfico



GOBOLIVROS



Virginia Vallejo

AMANDO PABLO, ODIANDO ESCOBAR

Tradução: Denise Schittine

GLOBOLIVROS

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE: OS DIAS DE INOCÊNCIA E DE SONHO

O reino do ouro branco

Aspirações presidenciais

Pode me pedir o que quiser!

Morte aos sequestradores!

SEGUNDA PARTE: OS DIAS DE ESPLENDOR E DE ESPANTO

A carícia de um revólver

Dois futuros presidentes e *Vinte poemas de amor*

A amante do libertador

Nos braços do demônio

Um lorde e um *drug lord*

O sétimo homem mais rico do mundo

“Cocaine Blues”

Esse porco não é mais rico que eu!

Sob o céu de Nápoles

Aquele palácio em chamas
Tarzan *versus* Pancho Villa
Você se esqueceu de Paris rápido!
Um diamante e uma despedida

TERCEIRA PARTE: OS DIAS DE AUSÊNCIA E SILÊNCIO

A conexão cubana
O rei do terror
Hoje tem festa no inferno

Notas
Sobre a autora
Créditos

*Aos meus mortos,
aos heróis e aos vilões.*

*Todos somos um,
uma só nação.*

*Só um átomo
renovando-se ao infinito
desde sempre e para sempre.*

INTRODUÇÃO

SÃO TRÊS HORAS da manhã de terça-feira, 18 de julho de 2006. Três carros blindados da embaixada americana me buscam no apartamento de minha mãe em Bogotá para me conduzir ao aeroporto, onde um avião com destino a algum lugar dos Estados Unidos me espera com o motor ligado. Um carro com o pessoal da segurança armado com metralhadoras vai à nossa frente em alta velocidade, e outro nos segue. Na noite anterior, o chefe de segurança da embaixada me avisou que pessoas suspeitas estão posicionadas do outro lado do parque em frente ao edifício e me informou que sua missão é me proteger; e que em hipótese alguma devo me aproximar das janelas ou abrir a porta para quem quer que seja. Outro carro com os meus bens mais preciosos partiu uma hora antes; ele pertence a Antonio Galán Sarmiento, presidente do Conselho de Bogotá e irmão de Luis Carlos Galán, o candidato à presidência assassinado em agosto de 1989 por ordem de Pablo Escobar Gaviria, chefe do cartel de Medellín.

Escobar, meu ex-amante, foi morto a tiros em 2 de dezembro de 1993. Para aniquilá-lo depois de quase um ano e meio de buscas foram necessários uma recompensa de 25 milhões de dólares, um comando policial colombiano especialmente treinado com essa finalidade e cerca de 8 mil homens destacados pelas agências de segurança do Estado, os cartéis rivais e grupos paramilitares, dezenas de contratados da DEA [Drug Enforcement Administration/ Administração para o Controle de Drogas], do FBI e da CIA, os Navy Seals da Marinha e o grupo Delta do Exército norte-americano, aviões do seu governo com radares especiais e dinheiro de alguns dos homens mais ricos da Colômbia.

Dois dias antes acusei, no *El Nuevo Herald*, de Miami, o ex-senador, ex-ministro da Justiça e antigo candidato à presidência Alberto Santofimio Botero de instigar o crime contra Luis Carlos Galán e de ter estendido as pontes douradas entre os grandes chefes do narcotráfico e os presidentes da Colômbia. O jornal da Flórida dedicou à minha história um quarto da primeira página de domingo e, dentro, uma página completa.

Álvaro Uribe Vélez, que acaba de ser reeleito presidente da Colômbia com mais de 70% dos votos, se preparava para tomar posse no dia 7 de agosto. Depois de minha proposta ao procurador-geral de testemunhar contra Santofimio no processo em curso, que deveria se prolongar por mais dois meses, o juiz encerrou o caso abruptamente, e, em protesto, o ex-presidente e embaixador da Colômbia em Washington renunciou ao cargo, Uribe teve que cancelar a nomeação de outro ex-presidente como novo embaixador na França e uma nova ministra de Relações Exteriores foi nomeada em substituição à anterior, que passou a ocupar a embaixada em Washington.

O governo dos Estados Unidos sabe perfeitamente que, caso se recuse a me proteger, nos próximos dias possivelmente estarei morta — como uma das únicas testemunhas no caso contra Santofimio — e comigo estarão também as chaves de alguns dos crimes mais horrendos da história recente da Colômbia, junto com a valiosa informação sobre a penetração do narcotráfico em todos os níveis mais poderosos e intocáveis dos poderes presidencial, político, judiciário, militar e midiático.

Funcionários da embaixada americana estão posicionados na escada do avião; estão lá para levar as malas e as caixas que pude organizar em poucas horas com a ajuda de um casal de amigos, e me olham com curiosidade, como que se perguntando por que uma mulher de meia-idade e com aparência exausta desperta tanto interesse nos meios de comunicação e agora também no seu governo. Um *special agent* da DEA de dois metros de altura que se identifica como David C., usando uma camisa havaiana, me informa que foi encarregado de me escoltar no território americano e que o avião bimotor levará seis horas para chegar a Guantánamo — a base do Exército norte-americano em Cuba — e, depois de uma hora de escala para abastecer, levará mais duas para chegar a Miami.

Não fico tranquila até ver na parte de trás do avião as duas caixas que contêm as evidências dos crimes cometidos na Colômbia pelos condenados Thomas e Dee Mower, proprietários da Neways International de Springville, Utah, companhia multinacional que enfrentou um processo de uma agência comercial avaliado em 30 milhões de dólares em 1998. Embora em apenas oito dias um juiz norte-americano tenha considerado os Mower culpados de uma parte dos delitos que eu estou há oito anos tentando provar diante da justiça colombiana, todas as minhas ofertas para cooperar com o escritório de Eileen O'Connor no Departamento de Justiça (DOJ, na sigla em inglês), em Washington, e com os cinco associados do Internal Revenue Service (IRS, Serviço de Impostos) na embaixada americana, em Bogotá, bateram de frente com a reação furiosa de sua assessoria de imprensa, que, ao tomar conhecimento de minhas ligações para o DOJ, o IRS e o FBI, jurou bloquear qualquer tentativa minha de comunicação com as agências do governo dos Estados Unidos.

O que está acontecendo não tem nada a ver com os Mower, mas com Pablo Escobar: no escritório de Direitos Humanos da embaixada, trabalha um ex-colaborador muito próximo a Francisco Santos, o vice-presidente da República, cuja família é dona da editora El Tiempo. O conglomerado de meios de comunicação impressos ocupa 25% do gabinete ministerial de Álvaro Uribe — o que permite que ele tenha acesso a uma gigantesca fatia do sistema publicitário do Estado, o maior anunciante colombiano — e está às vésperas de ser vendido a um dos principais grupos editoriais de língua espanhola. Outro membro da família, Juan Manuel Santos, acaba de ser nomeado ministro da Defesa com a responsabilidade de renovar a frota da Força Aérea Colombiana. Tanta generosidade estatal para uma única família midiática tem um propósito que vai muito além de assegurar o apoio incondicional do principal jornal do país ao governo de Álvaro Uribe: garante o absoluto silêncio sobre o passado imperfeito do senhor presidente da República. É um passado que o governo dos Estados Unidos já conhece. Eu também conheço, e muito bem.

Quase nove horas depois de minha partida, chegamos a Miami. Começa a me preocupar a dor no abdômen que me acompanha há um mês e parece piorar a cada hora que passa. Em seis anos não consultei um médico,

porque Thomas Mower me desapropriou de todo o meu modesto patrimônio e das rendas vitalícias e hereditárias geradas por sua operação sul-americana, liderada por mim.

O hotel, pertencente a uma rede, é impessoal e grande, como meu quarto. Minutos depois, chegam ao lugar seis funcionários da DEA. Eles me observam com olhares inquisitivos enquanto vão examinando o conteúdo das minhas sete malas Gucci e Louis Vuitton cheias de velhos modelos de Valentino, Chanel, Armani e Saint Laurent e da pequena coleção de gravuras que me pertence há quase trinta anos. Eles me informam que nos próximos dias vou me reunir com seus superiores e com Richard Gregorie, promotor do processo contra o general Manuel Antonio Noriega, para falar sobre Gilberto e Miguel Rodríguez Orejuela, chefes do cartel de Cali. O julgamento contra os arqui-inimigos de Pablo Escobar, encabeçado pelo mesmo promotor que conseguiu a condenação do ditador panamenho, começará em poucas semanas numa corte do estado da Flórida; se forem condenados, o governo americano poderá não só pedir ao tribunal uma sentença de prisão perpétua ou seu equivalente, como também reivindicar a fortuna dos dois chefes do narcotráfico: 2,1 bilhões de dólares, já congelados. Da maneira mais educada possível, peço aos oficiais uma aspirina e uma escova de dentes, mas me respondem que devo comprá-las. Quando explico a eles que todo o capital que tenho no mundo consiste em duas moedas de 25 centavos de dólar, recebo uma escova de dente mínima, como aquelas que usamos no avião.

— Parece que a senhora não se hospeda num hotel americano há muito tempo...

— É verdade. Nas minhas suítes no The Pierre, em Nova York, e nos bangalôs do Bel Air, em Beverly Hills, sempre disponibilizavam aspirinas e escovas de dente. E dezenas de rosas e champanhe rosé! — digo a eles suspirando com nostalgia. — Agora, graças a uns condenados de Utah, sou tão pobre que uma simples aspirina virou artigo de luxo.

— Pois agora neste país os hotéis não têm mais aspirina: como é considerada uma droga, deve ser receitada por um médico, e a senhora com certeza sabe que aqui eles custam uma fortuna. Se sua cabeça dói, trate de suportar a dor e durma; vai ver que amanhã ela desaparecerá. Não esqueça que acabamos de salvar sua vida. Por motivos de segurança, você não pode sair do quarto nem se comunicar com ninguém, principalmente

com a imprensa; o que inclui os jornalistas do *Miami Herald*. O governo dos Estados Unidos ainda não pode lhe prometer nada e, a partir de agora, tudo vai depender de você.

Expresso minha gratidão e digo que não têm com o que se preocupar, porque não teria para onde ir, e lembro que fui eu que me ofereci para testemunhar em vários processos judiciais de importância excepcional, tanto na Colômbia quanto nos Estados Unidos.

David — o agente da DEA — e os outros saem para discutir a agenda do dia seguinte.

— A senhora acaba de chegar e já está pedindo coisas ao governo americano? — repreende-me Nguyen, o chefe de polícia que ficou comigo no quarto.

— Sim, porque estou com uma dor horrível no abdômen. E porque sei que posso ser duplamente útil ao seu governo: aquelas duas caixas contêm evidências da parte colombo-mexicana de uma fraude contra o Internal Revenue Service que calculo em centenas de milhões de dólares. Depois da morte de todas as testemunhas e do pagamento de 23 milhões de dólares, o litígio coletivo das vítimas russas da Neways International foi retirado. Imagine as dimensões do embuste em cerca de três dúzias de países, contra seus distribuidores e contra o fisco!

— A evasão ultramar não é assunto nosso. Somos oficiais antinarcóticos.

— Só de ter a informação sobre a localização de dez quilos de coca, vocês conseguiriam a minha aspirina para ontem, não é verdade?

— A senhora não parece entender que não somos o IRS ou o FBI do estado de Utah, mas a DEA do estado da Flórida. E não confunda a Drug Enforcement Administration com uma farmácia, Virginia!

— O que já entendi, Nguyen, é que Estados Unidos *versus* Rodríguez Orejuela é uma briga duzentas vezes maior que a atual Estados Unidos *versus* Mower!

Os oficiais da DEA voltam e me avisam que todos os canais de televisão estão falando de minha saída da Colômbia. Respondo que, nos últimos quatro dias, abdiquei de dar quase duzentas entrevistas a meios de comunicação em todo o mundo e que, realmente, não me interessa o que podem estar dizendo. Peço que desliguem a televisão porque já estou há onze dias sem dormir e dois sem comer, estou esgotada e só quero

descansar algumas horas para poder oferecer toda a cooperação possível amanhã.

Quando finalmente me vejo sozinha com toda a bagagem e aquela dor aguda como únicas companhias, me preparo mentalmente para algo muito mais grave que uma eventual apendicite. Várias vezes me pergunto se o governo dos Estados Unidos realmente salvou minha vida ou se esses oficiais da DEA se propõem, ao contrário, a me espremer feito uma laranja antes de me levarem à Colômbia com o argumento de que a informação que eu tinha sobre os Rodríguez Orejuela era do período anterior a 1997 e que hoje o estado de Utah é outro. Sei perfeitamente que, voltando ao território colombiano, aqueles que têm o rabo preso vão me usar como lição para qualquer informante ou testemunha que esteja tentando seguir o meu exemplo: membros dos órgãos de segurança estarão me esperando no aeroporto com uma espécie de “ordem de captura” emitida pelo Ministério da Defesa ou os órgãos de segurança do Estado. Vão me colocar numa SUV com vidros escuros, e, quando todos tiverem acabado comigo, os meios de comunicação das famílias presidenciais colombianas envolvidas com os cartéis de droga ou a serviço do presidente reeleito vão colocar a culpa da minha tortura e morte, ou do meu desaparecimento, nos Rodríguez Orejuela, nos “Pepes” — perseguidos por Pablo Escobar — ou na própria esposa do chefe.

Nunca me senti tão sozinha, tão doente ou tão pobre. Estou perfeitamente consciente de que, ao me enviarem de volta à Colômbia, não serei nem a primeira nem a última dos que morreram depois de cooperar com a embaixada americana em Bogotá. Mas minha saída do país no avião da DEA parece ser notícia em quase todo o mundo, o que quer dizer que estou mais visada que um César Villegas, “o Bandi”,¹ ou que um Pedro Juan Moreno, as duas personalidades que melhor conheceram o passado do presidente. Por isso, tomo a decisão de não permitir que nenhum governo nem nenhum criminoso me transformem em outro Carlos Aguilar, “o Sujo”,² morto depois de prestar depoimento contra Santofimio, ou na mulher de Pallomari, o contador dos Rodríguez Orejuela, assassinada depois da viagem do seu marido em outro avião da DEA para os Estados Unidos, apesar de estar sob proteção máxima da procuradoria colombiana.

Sei perfeitamente que, ao contrário de muitas dessas pessoas, que descansam em paz, eu nunca cometi um crime. E é por milhares de mortos como eles que tenho a obrigação de sobreviver. E digo a mim mesma: “Não sei como vou fazer, mas não vou me deixar matar, nem vou me deixar morrer”.

P_{PRIMEIRA} PARTE

O_S DIAS DE INOCÊNCIA E DE SONHO

*All love is tragedy. True love suffers and is **silent**.³*

Oscar Wilde

O REINO DO OURO BRANCO

EM MEADOS DE 1982, havia vários grupos guerrilheiros na Colômbia. Todos eram marxistas ou maoístas e admiradores ferrenhos do modelo cubano. Viviam de subvenções da União Soviética, do sequestro daqueles que consideravam ricos e do roubo de gado dos fazendeiros. O grupo mais importante era o das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), nascido na Violência dos anos 1950, época de crueldade sem limites e de tamanha selvageria que é impossível descrevê-la sem se sentir envergonhado de pertencer à espécie humana. Menores em número de integrantes eram o ELN (Exército da Libertação Nacional) e o EPL (Exército Popular da Libertação), que posteriormente se desmobilizaria para se transformar em partido político. Em 1984 nasceria o “Quintín Lame”, inspirado no corajoso lutador de mesmo nome, pela causa das reservas indígenas.

E tinha também o M-19; o movimento dos golpes espetaculares, cinematográficos, formado por uma combinação eclética de universitários e profissionais, intelectuais e artistas, filhos de burgueses e de militares e aqueles combatentes linha-dura que os grupos armados chamam pela gíria “tropeiros”. Ao contrário das outras oposições armadas — que operavam no campo e nas matas que cobrem quase a metade do território colombiano —, “o Eme” era eminentemente urbano e contava com mulheres notáveis nos quadros de chefia e tão amantes da publicidade como os seus companheiros.

Nos anos seguintes à Operação Condor no sul do continente, as regras de combate na Colômbia eram preto no branco: quando qualquer integrante de algum desses grupos caía nas mãos dos militares e dos serviços de segurança do Estado era preso e, com frequência, torturado até

a morte sem julgamentos ou ponderações. Da mesma maneira, quando uma pessoa rica caía nas mãos da guerrilha não era liberada até que a família arcasse com o resgate, muitas vezes depois de anos de negociações; aquele que não pagava morria, e raras vezes seus restos mortais eram encontrados, situação que com poucas exceções continua tão válida hoje quanto antes. Todo colombiano que se preze conta entre seus amigos, familiares e empregados com mais de uma dúzia de conhecidos que foram sequestrados, dividida entre os que voltaram sãos e salvos e os que nunca voltaram. Estes últimos, por sua vez, se subdividem entre aqueles cujas famílias não tiveram como satisfazer as pretensões dos sequestradores, aqueles pelos quais uma recompensa substancial foi paga mas nunca foram devolvidos e aqueles por cuja existência ninguém quis entregar o patrimônio acumulado ao longo de várias gerações ou simplesmente de uma vida de trabalho honrado.

Caí no sono com a cabeça encostada no ombro do Aníbal e acabo acordando por causa desse saltinho duplo que as aeronaves leves dão ao tocarem no solo. Ele acaricia meu rosto e, quando tento me levantar, puxa suavemente meu braço como me indicando que devo permanecer sentada. Mostra a janela, e não posso acreditar no que vejo: lado a lado na pista de aterrissagem, duas dezenas de jovens, uns com óculos escuros e outros franzindo o cenho por causa do sol da tarde, cercam o pequeno avião apontando metralhadoras para nós, com aquela expressão de que estão acostumados a disparar primeiro e perguntar depois. Outros estão semiocultos no matagal, e dois deles inclusive brincam com suas MiniUzis como qualquer um de nós faria com as chaves do carro; eu não paro de pensar no que aconteceria se alguma delas caísse no chão, disparando seiscentos tiros por minuto. Os rapazes, todos muito jovens, vestem roupas confortáveis e modernas, camisas polo coloridas, jeans e tênis importados. Nenhum deles usa uniforme ou roupa camuflada.

Enquanto o avião se desloca pela pista, chego a calcular o valor que poderíamos ter para um grupo guerrilheiro. Meu namorado é sobrinho do último presidente, Julio César Turbay, cujo governo (1978-1982) se caracterizou por uma violenta repressão militar aos grupos insurgentes, especialmente o M-19, cuja grande parte das cúpulas foi parar na cadeia;

mas Belisario Betancur, o presidente que acaba de tomar posse, prometeu libertar e anistiar todos os rebeldes que se beneficiem do seu Processo de Paz. Olho os filhos de Aníbal, e meu coração se aperta: Juan Pablo, de onze anos, e Adriana, de nove, são agora enteados do segundo homem mais rico da Colômbia, Carlos Ardila Lülle, dono de todas as engarrafadoras de refrigerante do país. Quanto aos amigos que nos acompanham, Olguita Suárez, que em poucas semanas vai se casar com o simpático compositor espanhol Rafael Urraza, organizador do passeio, é filha de um fazendeiro milionário da Costa Atlântica, e sua irmã está comprometida com Felipe Echavarría Rocha, membro de uma das dinastias industriais mais importantes da Colômbia; Nano e Ethel são decoradores e marchands, Ángela é uma top model e eu sou uma das apresentadoras de televisão mais famosas do país. Sei perfeitamente que todos os integrantes deste avião, se caíssem nas mãos da guerrilha, entrariam em sua definição particular de oligarcas e, em consequência, de pessoas “sequestráveis”, adjetivo tão colombiano como o prefixo e substantivo “narco”, do qual falaremos mais adiante.

Aníbal emudeceu e está excepcionalmente pálido. Sem me dar ao trabalho de esperar por suas respostas, disparo um monte de perguntas seguidas:

— Como você soube que este era realmente o avião que mandaram para nós embarcarmos? Você não percebe que é bem possível que estejam nos sequestrando?... Por quantos meses vão nos manter presos quando souberem quem é a mãe dos seus filhos?... E estes não são guerrilheiros pobres: olha o tipo de armas e de tênis! Por que você não me disse para trazer os meus tênis? Esses sequestradores vão me obrigar a caminhar pelo mato com sandálias italianas e sem o meu chapéu de palha! Por que você não me deixou colocar na mala a minha *jungle-wear*?... E por que você aceita convites de gente que não conhece? Os guarda-costas das pessoas que conheço não apontam metralhadoras para os convidados! Nós caímos numa armadilha porque você, por viver cheirando cocaína, já não sabe nada da realidade! Se sairmos vivos dessa não me caso contigo, porque você vai enfartar e não quero ficar viúva!

Aníbal Turbay é um cara grande, bonito e livre, muito carinhoso e generoso com suas palavras, seu tempo e seu dinheiro, apesar de não ser multimilionário, como todos os meus ex-namorados. É também adorado

pela sua eclética coleção de amigos — como Manolito de Arnaude, um caçador de tesouros — e por centenas de mulheres que dividem sua vida entre “antes de Aníbal” e “depois de Aníbal”. Seu único defeito é um irremediável vício em pó; eu o abomino, mas ele o adora mais que a seus filhos, a mim, ao dinheiro, a tudo. Antes que o coitado possa responder à minha enxurrada de perguntas, a portinha do avião se abre e entra aquele vapor dos trópicos que nos convida a usufruir do que no meu país sem estações chamamos de Tierra Caliente. Dois homens armados entram e, depois de observarem nossos rostos assustados, exclamam:

— Ai, meu Deus! Os senhores não vão acreditar: esperávamos algumas jaulas com uma pantera e várias tigresas, e parece que as enviaram em outro avião! Mil desculpas, senhores! Que vergonha pelas damas e as crianças! Quando o chefe souber, vai nos matar!

Explicam que a propriedade tem um zoológico enorme e, evidentemente, aconteceu um problema de coordenação entre o voo que trazia os convidados e o que trazia as feras. E enquanto os homens armados se derretem em desculpas, os pilotos descem do avião com a cara mais indiferente do mundo, de quem não tem que dar explicações a estranhos porque sua responsabilidade é a de respeitar planos de voo e não de verificar as cargas.

Três jipes esperam para nos levar até a casa da fazenda. Coloco os óculos escuros e o chapéu de safári, desembarcando do avião e, sem saber ou me dar conta, ponho os pés no lugar que vai mudar a minha vida. Entramos nos carros, e quando Aníbal me abraça pelos ombros fico tranquila e me disponho a curtir cada minuto do resto do passeio.

— Que lugar mais lindo! E parece enorme. Acho que esta viagem vai valer a pena... — comento com ele em voz baixa, mostrando duas garças que levantam voo de uma costa distante.

Absortos e em completo silêncio, contemplamos aquele cenário magnífico de terra, água e céu que parece se estender para muito além do horizonte. Sinto uma lufada de felicidade dessas que não são anunciadas, que te invadem de repente e te envolvem toda e, em seguida, vão embora sem se despedir. De uma cabana distante, chegam algumas notas de “Caballo Viejo”, de Simón Díaz, na voz inconfundível de Roberto Torres, esse hino das planícies venezuelanas que os homens mais velhos adotaram como próprio em todo o continente e cantam no ouvido das éguas alazãs

quando querem soltar as rédeas na esperança que elas também soltem as suas. “Quando o amor chega assim, dessa maneira, a gente nem sequer percebe...”, avisa o cantor enquanto vai narrando as aventuras de um velho garanhão. “Quando o amor chega assim, dessa maneira, não temos culpa...”, justifica-se o vaqueiro para levar a espécie humana a seguir seu exemplo “porque depois dessa vida não existe outra oportunidade”, num tom tão cheio de sabedoria popular como de cadência rítmica, cúmplice de um ar morno carregado de promessas.

Estou feliz demais e inebriada por aquele espetáculo para começar a perguntar sobre o nome, ou a vida e os milagres, de nosso anfitrião.

— O dono de tudo isso deve ser assim: um desses políticos trapaceiros e velhos, cheio de dinheiro e éguas, que se acha o rei do mundo — falo, encostando outra vez a cabeça no ombro de Aníbal, um macho hedonista cujo amor pela aventura morreu junto com ele algumas semanas antes que eu pudesse reunir forças para começar a contar esta história, tecida com os instantes congelados em hiatos da minha memória povoada de mitos e monstros que nunca deveriam ser ressuscitados.

Mesmo sendo uma casa enorme, carece de todos os refinamentos das grandes fazendas tradicionais da Colômbia: não se vê a capela, o picadeiro dos cavalos ou a quadra de tênis; os cavalos, as botas inglesas de montaria ou os cachorros de raça; a prataria antiga ou as obras de arte dos séculos XVIII, XIX e XX; os óleos sobre tela de virgens e santos ou os frisos de madeira dourada sobre as portas; as colunas coloniais ou as figuras esmaltadas dos presépios pertencentes aos antepassados; as enormes arcas cravejadas ou os tapetes persas de todos os tamanhos; a porcelana francesa pintada à mão e as toalhas de mesa bordadas por freirinhas, nem as rosas ou orquídeas da orgulhosa dona da casa.

Também não vemos em parte alguma os humildes empregados das propriedades rurais dos ricos do meu país, quase sempre herdados com a propriedade, gente sofrida, resignada e com enorme doçura, que ao longo de muitas gerações escolheu a segurança acima da libertação. Aqueles camponeses vestidos com *ruanas* — uma espécie de poncho curto de lã marrom —, desdentados, mas sempre sorridentes, que a qualquer pedido respondiam sem vacilar, tirando o chapeuzinho velho com um aceno grave

de cabeça: “Vou fazer voando, sua graça!”, “Eleuterio González às suas ordens, para servir em tudo o que puder!” — e nunca souberam que existiam gorjetas no resto do mundo — hoje estão quase extintos, porque os guerrilheiros ensinaram a eles que se a Revolução tivesse êxito, num dia não muito distante, eles também poderiam ter terras e gado, armas, bebidas e mulheres como as de seus chefes, bonitas e sem varizes.

Os quartos da casa da fazenda dão para um corredor longo e são decorados de forma espartana: duas camas, uma mesa de cabeceira com um cinzeiro feito da cerâmica local, um abajur qualquer e fotos da propriedade. Graças a Deus, o banheiro privativo do nosso quarto tem água fria e quente, e não só fria, como em quase todas as propriedades rurais de Tierra Caliente. O terraço, interminável, é cheio de mesas com guarda-sóis e centenas de cadeiras brancas e resistentes ao tempo. As dimensões da área social — as mesmas de qualquer clube particular — não deixam a menor dúvida de que a casa foi planejada para atender em grande escala e receber centenas de pessoas, e, pelo número de quartos de hóspedes, deduzimos que nos finais de semana devem vir dezenas de convidados.

— Como serão as festas! — comentamos entre nós. — Devem trazer o Rey Vallenato com autênticos acordeonistas de Valledupar!

— Nããão, trazem a Sonora Matancera e Los Melódicos juntos! — corrige alguém em tom abafado que deixa transparecer um pouco de inveja.

O administrador da propriedade nos avisa que o dono da fazenda está demorando porque teve um problema de última hora e só chegará no dia seguinte. É claro que os empregados receberam instruções para satisfazer todas as nossas demandas para que a estadia seja cômoda e prazerosa, mas desde o primeiro momento deixam claro que o tour pela propriedade exclui o segundo andar, onde estão as acomodações particulares da família. A equipe é toda formada por homens que parecem sentir uma grande admiração pelo patrão. Seu nível de vida, superior ao dos empregados de outras famílias ricas, fica evidente nas atitudes seguras e numa total falta de humildade; esses camponeses parecem ser homens de família e vestem roupa de trabalho nova, de boa qualidade e mais discreta que a dos jovens que estavam na pista de aterrissagem. Ao contrário do primeiro grupo, não portam nenhum tipo de arma. Fomos até a sala de jantar para comer. A mesa principal, de madeira, é enorme.

— É para um batalhão! — comentamos.

Os guardanapos são de papel branco e a comida é servida numa louça típica da região por duas mulheres eficientes e silenciosas, as únicas que vimos desde a nossa chegada. Tal qual tínhamos previsto, o cardápio consiste numa deliciosa *bandeja paisa*, prato típico da região de Antioquia e o mais básico da cozinha colombiana: feijão, arroz, carne moída e ovo frito, acompanhados de um pedaço de abacate, ou *palta*. Nessa propriedade, não parece haver um só elemento que denote a preocupação de conseguir ter um ambiente particularmente acolhedor, refinado ou luxuoso: tudo nessa fazenda de quase 3 mil hectares localizada entre Doradal e Puerto Triunfo, no escaldante vale colombiano de Magdalena Medio, parece ter sido planejado com o senso prático e impessoal de um enorme hotel de Tierra Caliente, e não para ter o estilo de uma grande casa de campo.

Nada naquela noite tropical quente e tranquila — a minha primeira noite na fazenda Nápoles — poderia ter me preparado para o mundo de proporções colossais que eu descobriria no dia seguinte, nem para as dimensões daquele reino diferente de todos os que eu já tivera oportunidade de conhecer até então. E ninguém poderia ter me advertido das ambições descomunais do homem que o havia construído com o pó das estrelas e com aquele espírito de que são feitos os mitos que mudam para sempre a história das nações e o destino dos seus povos.

Na hora do café da manhã, nos avisam que nosso anfitrião chegará por volta de meio-dia, para ter o prazer de nos mostrar o seu zoológico pessoalmente. Enquanto isso, vamos percorrer a fazenda nos buggies, carros projetados para que gente jovem e irresponsável possa andar pela areia em alta velocidade. Eles têm uma carroceria muito baixa, quase no nível do solo e resistente a tudo, dois lugares, um volante, um câmbio, um tanque de combustível e um motor que produz um barulho infernal. Por onde esses carros passam vão deixando uma nuvenzinha de fumaça e poeira e um rastro de inveja, porque todos que dirigem um buggy parecem felizes e bronzeados, vestem um short e usam óculos escuros e têm ao seu lado uma garota linda e um pouco assustada com o cabelo ao vento ou um

amigo meio bêbado que não trocam por ninguém. O buggy é o único carro possível de dirigir na praia com alto grau de embriaguez sem que aconteça algo grave aos passageiros, sem que ele vire e, principalmente, sem que a polícia prenda o louco que está ao volante, porque tem uma vantagem adicional: freia a seco.

A primeira manhã daquele fim de semana transcorreu dentro da mais completa normalidade; mas logo começaram a acontecer coisas estranhas, como se um anjo da guarda tentasse me dizer que os prazeres presentes e as aventuras inocentes são quase sempre as máscaras com as quais os futuros castigos cobrem o rosto.

Aníbal está entre os seres mais loucos que já pisaram no planeta, característica que excita muito o meu espírito de aventura, e todas as minhas amigas preveem que esse namoro não terminará no altar, mas no fundo de um precipício. Mesmo acostumado a dirigir sua Mercedes pelas estreitas e sinuosas estradas de montanha que só têm duas pistas, a de ida e a de volta, a quase duzentos quilômetros por hora com um copo de uísque numa mão e um sanduíche pela metade na outra, a verdade é que Aníbal nunca sofreu um acidente. E eu vou feliz dentro do buggy com sua filhinha no meu colo, a brisa no rosto e o cabelo ao vento, aproveitando o puro prazer, a alegria indescritível que se sente ao percorrer quilômetros e quilômetros de terra plana e virgem a toda velocidade sem que nada nos detenha ou imponha limites, porque em qualquer outra fazenda colombiana aquelas extensões incomensuráveis seriam usadas para a criação de gado zebu e estariam cheias de porteiras com trancas e ferrolhos para guardar milhares de vacas com olhar abobado e dezenas de touros em eterno estado de alerta.

Durante quase três horas percorremos muitos quilômetros de planície em todos os tons de verde, interrompidas apenas por uma ou outra lagoa ou por um rio de baixo fluxo, com uma colina suave como veludo de cor mostarda aqui ou uma leve ondulação acolá, parecidas com as esplanadas que vi, anos depois, Meryl Streep e Robert Redford percorrerem no filme *Entre dois amores*, mas sem os baobás. Todo o lugar é povoado apenas por árvores e plantas, aves e pequenos animais nativos do trópico americano, impossíveis de descrever em detalhes porque cada nova cena começa quando a anterior termina de desfilar diante dos nossos olhos, em paisagens que primeiro se sucederam às dezenas e agora às centenas.

A uma velocidade vertiginosa, nos dirigimos para um vale de vegetação densa e meio selvagem, com meio quilômetro de largura, para nos refrescar por alguns minutos do sol ardente do meio-dia embaixo dos leques de folhas gigantes de um bosquezinho de bambus. Segundos depois, uma revoada de pássaros de todas as cores alça voo em meio a uma cacofonia estridente, o buggy dá um salto sobre um buraco no solo oculto pela folhagem, uma vara de dois metros de comprimento e quase cinco centímetros de espessura entra como uma bala pela parte dianteira do carro, atravessa roçando a cem quilômetros por hora o estreito espaço que separa o joelho de Adriana do meu e para exatamente a um milímetro da minha bochecha e a três centímetros do meu olho. Não acontece nada mais grave, porque os buggies freiam a seco e porque, ao que parece, Deus reservou para mim um destino bem singular.

Apesar das distâncias percorridas e graças a essa invenção chamada walkie-talkie, que eu sempre classifiquei como esnobe, supérflua e completamente inútil, em cerca de vinte minutos vários jipes chegam para nos resgatar e recuperar o “cadáver” do primeiro buggy quebrado e inutilizado em toda a história da humanidade. Meia hora depois estamos no pequeno hospital da fazenda, recebendo uma injeção antitetânica e passando mercurocromo nos machucados dos joelhos e no meu rosto, enquanto todo mundo suspira aliviado porque Adriana e eu estamos vivas e com os quatro olhos intactos. Aníbal, com cara de criança arrependida, resmunga algo sobre o custo de ter que mandar consertar o bendito veículo e a eventualidade de ter que substituí-lo por um novo; para isso precisa, antes de tudo, verificar quanto custa trazê-lo por barco dos Estados Unidos.

Avisam que o helicóptero do dono da fazenda chegou há pouco tempo, embora nenhum de nós se lembre de ter escutado seu barulho. Um pouco inquietos, meu namorado e eu nos preparamos para pedir desculpas pelo estrago que causamos e perguntar sobre as possibilidades de ressarcimento. Minutos depois, nosso anfitrião entra pelo salãozinho onde nos reunimos com o restante dos convidados. Seu rosto se ilumina ao ver a nossa surpresa quando constatamos sua juventude. Acho que adivinha o alívio que eu e meu namorado “buguicida” sentimos ao comprovar que tem a média de idade dos integrantes do grupo, porque um traço de grande travessura atravessa seu rosto e a sua expressão parece lutar para não soltar

uma dessas gargalhadas reprimidas que são as precursoras de ataques de riso.

Alguns anos antes, em Hong Kong, o admirável e elegante capitão Chang tinha me dito, sobre seu Rolls-Royce Silver Ghost com chofer de boina, uniforme cinza e botas pretas, estacionado na porta do meu hotel 24 horas por dia: “Não se preocupe, senhora, que temos outros sete só para nossos convidados, e este é o seu!”.

No mesmo tom, nosso jovem e sorridente anfitrião exclama com um gesto desdenhoso:

— Não se preocupem mais com o buggy, porque temos vários! — eliminando de uma só vez nossas preocupações e, com elas, qualquer dúvida sobre seus recursos, sua hospitalidade e sua total disposição de dividir conosco, a partir de então e durante cada minuto do resto do fim de semana, as ilimitadas opções de diversão que o paraíso de sua propriedade promete. Em seguida, com um tom que primeiro nos tranquiliza, depois nos desarma e finalmente seduz mulheres, crianças e homens por igual — acompanhado de um sorriso que faz com que cada um se sinta um cúmplice eleito para uma piada cuidadosamente planejada que só ele conhece —, o orgulhoso proprietário da fazenda Nápoles vai nos cumprimentando: — Encantado em te conhecer pessoalmente, por fim! Como vão os machucados? Prometemos compensar essas crianças com atrações pelo tempo que perderam: não vão se entediar nem um minuto! Muito prazer, Pablo Escobar.

Embora seja um homem de baixa estatura — menos de 1,70 metro —, tenho absoluta certeza de que nunca se importou com isso. Seu corpo é parrudo e do tipo que em alguns anos terá tendência a engordar. Sua papada, precoce e evidente, num pescoço grosso e anormalmente curto, diminui um pouco da juventude de sua expressão, mas transmite certa autoridade, um ar respeitável de senhor de idade, como as palavras cuidadosamente medidas que saem de sua boca reta e firme, porque fala com uma voz serena, nem alta nem grave, educada e realmente agradável, com a absoluta certeza de que seus desejos são ordens e de seu domínio total sobre os assuntos que lhe dizem respeito. Exibe um bigode sob um nariz que é quase grego de perfil e, junto com a voz, é o único traço especial da presença física de um homem que em outro âmbito seria descrito como perfeitamente comum, mais feio do que bonito, que se

confundiria com milhões de outros nas ruas de qualquer país latino-americano. O cabelo é escuro e bastante cacheado, com uma onda rebelde que cai em sua testa e que ele afasta, de vez em quando, com um gesto rápido; sua pele é muito clara, e ele não está bronzeado como nós, queimados de sol o ano inteiro apesar de vivermos na Tierra Fría. Os olhos são muito próximos e particularmente fugidios; quando não se sente observado, parecem voltar a lugares insondáveis sob as sobrancelhas não muito cheias, para vasculhar gestos que possam detectar os pensamentos daqueles que estão à sua volta. Observo que, quase o tempo todo, esses olhos se dirigem para Ángela, que o observa com um desdém civilizado do alto de seu 1,75 metro de altura, seus 23 anos e sua beleza estonteante.

Pegamos os jipes para ir até a parte da fazenda Nápoles dedicada ao zoológico. Escobar dirige um dos carros e está acompanhado por duas garotas brasileiras vestidas com biquíni, cariocas lindas e pequeninas, com quadris perfeitos, que nunca falam e que se acariciam, embora cada vez mais discretas porque notam a presença das crianças e das mulheres belas e elegantes que agora prendem toda a atenção do anfitrião. Aníbal observa a indiferença total de ambas pelo que acontece ao seu redor, o que para uma autoridade em seu campo é um sintoma indiscutível de aspiração repetida e em grandes quantidades de alguma *Samaritan Platinum*, porque nessa luxuosa propriedade a *Samaritan Gold* deve ser só a versão popular da maconha. Observamos que as duas meninas, realmente meigas, como anjinhos que estão a ponto de adormecer, ostentam cada uma no dedo indicador da mão direita um diamante de um quilate.

Lá longe aparecem três elefantes, talvez a primeira atração de todo circo ou zoológico que se preze. Embora eu nunca tenha conseguido distinguir entre os asiáticos e os africanos, Escobar os descreve como asiáticos. Ele nos explica que os machos das espécies principais e em vias de extinção de seu zoológico têm duas ou mais fêmeas e que, no caso das zebras, dos camelos, dos cangurus, dos cavalos *appaloosa* e outros menos onerosos, muitas mais. E acrescenta com um sorriso malicioso:

— Por isso estão sempre tão felizes e não atacam, nem são violentos.

— Não, Pablo, não estão assim pelo superávit de fêmeas. É por essas paisagens sublimes que parecem planícies da África. Olha como correm esses hipopótamos e aqueles rinocerontes em direção ao rio: felizes como se estivessem em casa! — comento apontando os bichos, porque adoro

contrariar os homens que superestimam o sexo e porque, para dizer a verdade, o melhor do zoológico de Pablo é a total liberdade com que aqueles enormes animais correm em espaços abertos ou se escondem entre pastagens altas de onde, num momento inesperado, poderiam saltar também a pantera e as tigresas esperadas no dia anterior.

Em alguma parte do trajeto, nos damos conta de que as brasileiras evaporaram por obra e graça das prestativas “escoltas”, nome que se dá na Colômbia aos guarda-costas armados. Observamos que Ángela agora ocupa o lugar de honra junto ao nosso anfitrião, que parece mais radiante do que todos nós juntos. Aníbal também está feliz, porque se propôs a colocar à disposição de Pablo os helicópteros feitos pelo conde Agusta, seu amigo, e porque Escobar acaba de comentar com ele que nossa amiga é a criatura mais bonita que ele já viu nos últimos tempos.

Chegamos aonde está o trio de girafas, e não resisto à tentação de perguntar ao seu dono como ele faz para importar das planícies do Quênia animais daquele tamanho e com aqueles pescoços quilométricos: eles são encomendados para quem, quanto custam, como é possível colocá-los num barco, como são tirados dos armazéns, em que tipo de caminhão viajam até a fazenda sem despertar a curiosidade e quanto tempo levam para se adaptar à mudança de continente.

— Como você traria esses bichos? — me pergunta num tom desafiador.

— Bem, pelo tamanho do pescoço, e dado que estão em vias de extinção, trazê-las pela Europa seria... um pouco arriscado. Teriam que viajar por terra através da África subsaariana até um lugar como a Libéria. Da Costa do Marfim à costa do Brasil, ou talvez das Guianas, imagino que chegariam sem maiores problemas à Colômbia atravessando a Amazônia, sempre e quando você for deixando... alguns maços de notas em cada parada e centenas de policiais felizes ao longo de toda a rota de Manaus até Puerto Triunfo. Nem é tão complicado assim!

— Estou totalmente escandalizado com a sua capacidade para o crime multinacional, Virginia! Quando você vai me dar umas aulas? O que você está sugerindo? As minhas girafas são importadas legalmente! Vêm do Quênia, via Cairo-Paris-Miami-Medellín, até a estrada da fazenda Nápoles, com os seus certificados de importação e todas as vacinas em ordem! Seria impossível, inconcebível, trazer girafas em contrabando porque seus pescoços não são muito resistentes, sabia? Ou você acha que

podem se deitar e dormir tranquilas como crianças de cinco anos? Eu tenho, por acaso, cara de contrabandista de girafas? — E, antes que eu possa dizer que sim, exclama feliz: — E agora, vamos tomar banho de rio, para que todos possam ver um pedaço do paraíso na Terra antes do almoço!

Se tem uma coisa da qual uma pessoa civilizada que vive em Tierra Fría tem vontade de sair correndo é a perspectiva de fazer um passeio a um rio de Tierra Caliente e depois almoçar *sancocho* — uma nutritiva sopa de galinha ou peixe acompanhada de aipim, arroz e batata, e cada região da Colômbia tem sua própria receita. Como, desde a minha mais tenra infância, só me lembro de ter submergido em águas de cor turquesa, sinto um grande alívio quando comprovo que as águas de reflexo esverdeado deste rio Claro, mantido por dezenas de nascentes da propriedade, são cristalinas. Fluem suavemente entre as enormes pedras redondas, sua profundidade parece ser ideal para o banho e em nenhum lugar vemos aquela nuvem de mosquitos que costumam confundir o meu sangue com mel.

Na margem, alguns familiares e amigos de nosso anfitrião nos esperam junto com algumas dezenas de guarda-costas com vários *speed boats*. Feitas para as corridas que, agora sei, são a paixão de Escobar e de seu primo Gustavo Gaviria, essas embarcações com casco de aço atingem velocidades impressionantes e podem levar mais de dez pessoas protegidas com capacetes, coletes salva-vidas e protetores auriculares para abafar o barulho estrondoso do motor, preso em uma gaiola de metal na parte posterior da embarcação.

Partimos como um raio com Escobar no volante do nosso barco. Hipnotizado de prazer, nosso condutor voa sobre aquele rio se esquivando dos obstáculos como se conhecesse cada recanto e cada pedra, cada redemoinho grande ou pequeno, cada árvore caída ou tronco que boia, e quisesse nos impressionar com sua habilidade de nos salvar dos perigos que só avistamos quando passam ao nosso lado como flechas e desaparecem em instantes como frutos da nossa imaginação. O turbilhão dura quase uma hora, e, ao chegar ao nosso destino, sentimos como se tivéssemos mergulhado nas cataratas do Niágara. Fascinada, me dou conta de que cada segundo da última hora de nossa vida dependeu do senso milimétrico de cálculo desse homem que parece ter nascido para desafiar

os limites da própria sobrevivência e resgatar os outros e, ao fazer isso, receber sua admiração, sua gratidão e seus aplausos. E como a intensidade compartilhada é um dos presentes mais maravilhosos que se pode dar àqueles que também vivem sua vida em busca de aventura, me pergunto se nosso anfitrião colocou toda a sua capacidade teatral a serviço de um espetáculo emocionante e impossível de repetir, obedecendo apenas à sua paixão pela conquista do perigo, à necessidade de exibir o tempo todo as múltiplas formas de que se reveste sua generosidade ou ao que poderia ser, talvez, um excesso de amor-próprio.

Chegamos ao lugar onde vamos almoçar, e estou feliz de descansar na água enquanto o *sancocho* e o churrasco estão sendo feitos. Nado de costas e, distraída em meus pensamentos e na beleza do céu, não noto que os círculos concêntricos de um redemoinho estão se fechando em torno de mim. Quando sinto a força de um parafuso de metal que paralisa as minhas pernas e me arrasta para o fundo, movimento os braços e chamo meu namorado e meus amigos que estão na margem, a cerca de oitenta metros; mas, pensando que os estou convidando para entrar na água, todos riem, porque só querem celebrar com uma boa bebida a aventura que viveram e recuperar o calor do corpo com uma deliciosa comida quente. Estou a ponto de morrer na presença de cerca de quarenta pessoas entre amigos e seguranças que não querem ver nada além de seu próprio conforto, suas metralhadoras e seus copos quando, já quase desfalecida, faço um contato visual com Pablo Escobar. Só ele, que está mais ocupado dirigindo o espetáculo e dando as ordens, o maestro da orquestra, “o dono do passeio” — de acordo com a expressão tipicamente colombiana —, percebe que estou num liquidificador do qual talvez não consiga sair viva. Sem pensar duas vezes, se joga na água e em segundos chega aonde estou. Usando primeiro palavras para me tranquilizar, depois movimentos tão precisos que chegam a ser coreografados e, finalmente, uma força de alicate que parece ser o dobro da do redemoinho, aquele homem seguro e corajoso começa a me arrancar do abraço da morte como se eu fosse uma pena, como se essa ação fosse apenas mais uma entre as suas responsabilidades de gentil anfitrião. E, como se ele fosse imune a um perigo que vai deixando de lado, sai comigo agarrada primeiro à mão, em seguida ao seu antebraço e depois ao seu corpo, enquanto Aníbal nos olha a distância, se perguntando por que diabos não me desgrudo de alguém

que nós conhecemos há apenas algumas horas e cinco minutos antes conversava com ele.

Quando Escobar e eu conseguimos pisar no fundo do rio, nos dirigimos cambaleantes até a margem. Ele segura firme o meu braço, e eu lhe pergunto por que, entre tantas pessoas, ele foi o único que se deu conta de que eu estava a ponto de morrer.

— Porque vi o desespero em seus olhos. Seus amigos e meus homens só conseguiam ver seus braços se agitando.

Olho para ele e digo que não foi apenas o único que viu minha angústia como também o único que se importou com a minha vida. Ele parece se surpreender, mais ainda quando acrescento com o primeiro sorriso que sou capaz de esboçar depois do susto:

— Pois agora você será responsável pela minha vida enquanto você viver, Pablo...

Coloca um braço protetor em volta dos meus ombros, que não param de tremer. Logo, com uma expressão risonha, pergunta:

— Enquanto eu viver? E o que te faz pensar que vou morrer primeiro?

— Bem, você sabe que é apenas um dito popular... mas vamos deixar então como “enquanto eu viver”, para que ambos fiquemos tranquilos e para que você pague as despesas do meu enterro!

Ele ri e diz que vai acontecer dentro de um século, porque os acontecimentos das últimas horas parecem indicar que tenho mais vidas que um gato. Ao chegar à margem, me deixo envolver com a toalha que os braços amorosos de Aníbal me estendem; está morna e, como é enorme, me impede de ver nos seus olhos o que ele não quer que eu descubra.

O churrasco não deixa nada a desejar comparado ao de uma fazenda argentina, e o lugar do almoço é, na verdade, um sonho. Um pouco afastada do resto do grupo, contemplo em silêncio aquela sombra frondosa com os olhos de uma Eva perdoada diante de sua segunda visão do Paraíso. Nos anos seguintes vou revivê-la em minha memória várias vezes, com a bela construção de madeira de teca olhando da parte mais calma daquele rio Claro transformado para mim num lago de esmeraldas e da folhagem da margem oposta com o sol brilhando em cada folha e nas asas das borboletas. Muitos meses depois, pedirei a Pablo que voltemos a esse lugar, mas ele dirá que não é possível porque está cheio de guerrilhas. Mais tarde, num dia qualquer depois de duas décadas, vou compreender

ou aceitar, finalmente, que nunca se deve voltar aos lugares de beleza esplendorosa onde algum dia fomos extremamente felizes por algumas horas, porque já não são os mesmos e só nos resta a nostalgia das cores e, acima de tudo, dos sorrisos.

Tudo na fazenda Nápoles parece ser de um tamanho colossal. Estamos agora passeando no Rolligon, um trator gigantesco com rodas de quase dois metros de diâmetro, uma cabine nas alturas onde cabem por volta de quinze pessoas e uma força comparável à de três elefantes.

— Você não consegue aquela, Pablo! — gritamos, apontando uma árvore de estatura mediana.

— Essa também nós derrubamos! — grita Escobar orgulhoso, destruindo sem compaixão o pobre arbusto com o argumento de que tudo aquilo que não resiste ao confronto com ele não merece viver e deve voltar para a terra para se transformar em nutriente.

No caminho de volta para casa, passamos perto de um carro baleado que parece um Ford do final dos anos 1920.

— É o de Bonnie e Clyde! — anuncia orgulhoso.

Pergunto a ele se é o carro do casal ou o do filme, e ele me responde que é o original, porque não compra falsificações. Quando todos nós comentamos que o carro parece ter sido metralhado, Escobar nos explica que os seis policiais que prenderam os amantes para ganhar a recompensa atiraram com rifles automáticos por mais de uma hora, deixando em volta do carro mais de cem cartuchos de bala.

Clyde Barrow, “o Robin Hood americano”, era em 1934 o inimigo público número um do governo americano. Roubava bancos e quatro meses antes da sua morte orquestrou com sucesso a fuga de vários membros de seu bando. Bonnie Parker o acompanhava nos assaltos, mas nunca participou dos assassinatos de policiais, que foram aumentando à medida que a perseguição ao casal se estendia por novos estados e o valor da recompensa crescia. Bonnie tinha 24 anos e ele 23 quando morreram. Os corpos nus do casal foram exibidos diante de centenas de fotógrafos no chão do necrotério, num espetáculo que gerou protestos revoltados não só pela morbidez como pelas dezenas de balas que exibia o corpo da jovem cujo único crime e destino foi amar um eterno fugitivo da justiça. Bonnie e

Clyde formaram o primeiro casal do submundo imortalizado na literatura e no cinema, e sua lenda transformou-os numa autêntica versão moderna de Romeu e Julieta. Vinte mil pessoas acompanharam o cortejo fúnebre de Bonnie, que, por decisão de sua mãe, não pôde ser enterrada ao lado de Clyde, como gostaria.

Ao nos aproximarmos da entrada da fazenda Nápoles, vemos estacionado perto do enorme portão, como se fosse uma enorme borboleta equilibrista, um aviãozinho monomotor pintado de branco. Escobar diminui a marcha e em seguida para. Começo a sentir que uma comporta se abre sobre nós e, pelo rabo do olho, observo que meus amigos se encostam nas laterais e na parte de trás do Rolligon. Em uma fração de segundo, recipientes e mais recipientes derramam água gelada aos montes sobre mim, me deixando surpresa, sem fôlego e meio afogada. Quando consigo recuperar a fala, só penso em perguntar a ele, tiritando:

— E esta lata-velha do princípio do século, Pablo, era o aeroplano de Lindbergh ou de Amelia Earhart?

— Este sim é meu e me deu muita sorte, a mesma que você teve hoje quando salvei sua vida! Hahahahahaha! Eu sempre cobro os favores que faço, e você já está “batizada”! Agora sim estamos quites, minha querida Virginia! — exclama gargalhando, enquanto seus cúmplices não param de comemorar o ocorrido.

Nessa noite, quando estou terminando de me arrumar para o jantar, alguém bate bem de leve à porta do meu quarto. Pensando que é a filha de Aníbal, peço que entre; mas quem mostra timidamente o rosto sem soltar o trinco é o dono da casa. Com um tom de preocupação que parece ser sincero, me pede desculpas e pergunta como estou. Respondo que mais limpa do que nunca, porque nas últimas doze horas me vi obrigada a tomar cinco banhos em temperaturas variadas. Ele ri aliviado e eu pergunto pelas feras, que não vimos em nenhuma parte do trajeto durante o dia.

— Ahhh... essas feras. Bom... confesso que no meu zoológico não existem animais de presa: uns comeriam os outros e são dificílimos de importar... legalmente. Mas agora me lembro, me pareceu ter visto por aí uma pantera furiosa tiritando de frio e empapada de água sob um avião e três tigresas na sala de jantar, há dez minutos. Hahaha!

E desaparece. Quando me dou conta de que todo o cenário da pista de aterrissagem foi uma encenação, não posso deixar de pensar com ingênua

incredulidade que a capacidade que esse homem tem de tramar brincadeiras só pode ser comparada ao seu valor. Quando entro na sala de jantar usando, dourada e radiante, minha túnica de seda turquesa, Aníbal me elogia e declara diante de todos:

— Esta é a única mulher do mundo que acorda sempre parecendo uma rosa... É como ver um milagre da Criação a cada manhã...

— Olhe para eles! — diz o Compositor a Escobar. — Os dois símbolos sexuais juntos...

Pablo nos observa com um sorriso. Em seguida me olha fixamente. Eu baixo o olhar.

Já de volta ao nosso quarto, Aníbal comenta em voz baixa:

— Realmente, um cara que é capaz de trazer três girafas contrabandeadas do Quênia para cá também é capaz de colocar toneladas de qualquer coisa nos Estados Unidos!

— Toneladas de quê, amor?

— De coca. Pablo é o Rei da Cocaína, e a demanda é tão grande que está no caminho de se tornar o homem mais rico do mundo! — exclama, levantando as sobrancelhas com admiração.

Comento que tinha certeza de que ele financiava esse estilo de vida às custas de política.

— Não, não, meu amorzinho, pelo contrário: ele financia toda essa política às custas de cocaína!

E semicerrando os olhos, extasiado de prazer depois do seu quadragésimo teco do dia, me mostra uma pedra de cocaína de cinquenta gramas que Pablo lhe deu de presente.

Estou cansada e durmo profundamente. Quando acordo no dia seguinte, ele continua lá, mas a “pedra” não está. Tem os olhos injetados e me observa com grande ternura. Eu só sei que o amo.

ASPIRAÇÕES PRESIDENCIAIS

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS, Aníbal recebe um telefonema de Escobar. O parlamentar quer nos convidar para conhecer a fazenda e o zoológico de seu grande amigo e sócio no projeto social **Medellín sin Tugurios**,⁴ Jorge Luis Ochoa, situados perto da costa caribenha da Colômbia. Pablo manda um avião para nos buscar, e, ao aterrissar, vemos que ele já está nos esperando e apenas sua tripulação o acompanha. É evidente que, como desta vez ele não é o dono da casa, está ali para se unir a nós como um convidado a mais no grupo que novamente inclui a nossa amiga Ángela. Não pudemos levar os filhos de Aníbal porque a mãe deles reagiu com verdadeiro espanto à narração das aventuras vividas em Nápoles e o proibiu terminantemente de voltar a levar as crianças conosco para “fins de semana com essas pessoas extravagantes que ficaram ricas da noite para o dia”.

A estrada que conduz do aeroporto ao lugar onde se localiza a fazenda tem pouquíssimo trânsito. Depois de alguns minutos de viagem sob um sol inclemente, com Escobar ao volante do carro conversível, chegamos a um pedágio onde se paga o equivalente a três dólares americanos. Nosso motorista diminui a velocidade, cumprimenta o cobrador com seu sorriso mais largo e segue direto, muito presunçosa e lentamente, deixando para trás o rapaz estupefato, que primeiro fica boquiaberto com o tiquete na mão e, depois, começa a correr na nossa direção agitando em vão os braços para que paremos. Surpresos, perguntamos a Pablo por que ele “deu o cano no pedágio”.

— Porque se não tem um policial na cabine, eu não pago. Só respeito a autoridade quando está armada! — diz triunfante e no mesmo tom de um professor dando uma lição a seus pequenos discípulos.

Os Ochoa são renomados criadores e exportadores de cavalos campeões; milhares deles estão na fazenda La Loma, próxima a Medellín e comandada pelo pai, Fabio. Esta fazenda, La Veracruz, é dedicada à reprodução dos touros de Lide e, apesar de suas dimensões e de seu zoológico não serem comparáveis aos de Nápoles, a casa está lindamente decorada, e por todos os lados podemos ver as pequenas Ferraris e Mercedes elétricas, vermelhas e amarelas, que são o sonho de muitas crianças. O mais velho dos três irmãos Ochoa é Jorge Luis, um homem gentil, da mesma idade de Pablo, a quem os amigos chamam de “o Gordo”, casado com uma mulher alta e bonita, María Lía Posada, prima da ministra de Comunicações, Noemí Sanín Posada. Mesmo Jorge não compartilhando do ímpeto elétrico de Escobar quando o assunto é diversão, fica óbvio que os dois homens estão unidos por uma grande afeição e um profundo respeito nascidos do tipo de lealdade que foi posta à prova algumas vezes ao longo dos anos.

Ao nos despedirmos, comento com Jorge sobre minha vontade de conhecer seus famosos cavalos campeões. Com seu grande sorriso, ele me promete que muito em breve vai programar algo especial e que não me decepcionarei.

Voltamos para Medellín em outro dos aviões de Escobar, e, apesar de seus esforços para conquistar Angelita não estarem mais uma vez gerando frutos, os dois parecem ter se tornado bons amigos. Medellín é a cidade da eterna primavera e, para os *paisas*, seus orgulhosos habitantes, é a capital da região, a capital industrial do país e a capital do mundo. Nos hospedamos no Intercontinental, localizado na bela zona de El Poblado e próximo à mansão-escritório de Pablo e Gustavo, propriedade do administrador do metrô de Medellín, grande amigo deles. Essa parte da cidade se caracteriza por uma infinidade de estradas sinuosas entre colinas cobertas por uma exuberante vegetação semitropical. Para visitantes como nós, acostumados às ruas planas de Bogotá, que são numeradas como as de Nova York, parecem um verdadeiro labirinto, mas os *paisas* as percorrem a toda velocidade quando sobem e descem entre os bairros residenciais cheios de árvores e jardins e o ruidoso centro da cidade.

— Como hoje é domingo e todo mundo dorme cedo, à meia-noite vou convidá-los para uma viagem em alta velocidade no carro do James Bond — anuncia Pablo.

Quando apresenta a joia de sua coleção, ficamos terrivelmente desapontados. Mas, embora não seja nenhum Aston Martin e só ostente doses supremas de anonimato automobilístico, o painel de controle está cheio de botões. Ao ver nossos rostos iluminados pela curiosidade, seu orgulhoso proprietário começa a explicar as vantagens de algo que só pode ter sido construído com a polícia em mente:

— Com este botão, ele lança uma cortina de fumaça que obriga os perseguidores a parar; com este outro, o gás lacrimogêneo que os deixa tossindo e procurando água desesperadamente; com aquele, óleo para que patinem em zigue-zague e cheguem ao fundo do precipício; com este outro, caem centenas de pregos e tachas para perfurar os pneus; este é um lança-chamas que se ativa em seguida ao que joga gasolina; aquele acende os explosivos, e em ambos os lados estão as metralhadoras, mas hoje as desmontamos preventivamente caso o carro caia nas mãos de alguma pantera vingativa. Ah! E no caso de tudo isso vir a falhar, este último botão emite uma frequência sonora que arrebenta o tímpano. Vamos fazer uma demonstração da habilidade prática do meu tesouro, mas, infelizmente, só as damas e Ángela, que vai ser minha copiloto, cabem no carro de Bond. Os homens... e Virginia... vão nos carros de trás.

E arranca bem devagar, enquanto damos partida a toda velocidade. Depois de alguns minutos, vemos que ele vem a toda; não sabemos se passou voando por cima do nosso carro, mas segundos depois ele está na nossa frente. Várias vezes tentamos ultrapassá-lo, e, quando estamos quase conseguindo, levanta voo e some pelas curvas das ruas desertas de El Poblado para reaparecer no momento que menos se espera. Peço a Deus para que nenhum veículo chegue a atravessar o seu caminho, porque vai cair na beira da estrada desgovernado ou ficará colado ao asfalto como um selo. O jogo se prolonga por quase uma hora, e, numa pequena pausa que fazemos para tomar um pouco de ar, Escobar sai rugindo de dentro das sombras e nos deixa flutuando num mar de fumaça que nos obriga a ficar parados. Demoramos vários minutos para encontrar o caminho, e quando finalmente conseguimos passa por nós emanando algo e ficamos cercados de nuvens escuras e espessas de gás que parecem se multiplicar e aumentar a cada segundo. Sentimos como se o ácido sulfúrico nos queimasse a garganta e subisse pelo nariz para nublar nossa visão e invadir cada dobra do nosso cérebro. Tossimos, e com cada lufada do ar

envenenado que aspiramos, a ardência se multiplica por dez. Atrás de nós, escutamos os guarda-costas gemendo, e ao longe conseguimos escutar as risadas dos ocupantes do carro de James Bond que fugiu a duzentos quilômetros por hora.

Em um dos lados da estrada, não sei como, encontramos uma fonte de água. Os homens de Escobar descem correndo dos carros, xingando e atropelando uns aos outros enquanto brigam por um gole do líquido. Ao vê-los lacrimando, fico distante e, para dar o exemplo, me coloco no último lugar da fila. Em seguida, com as mãos na cintura e a pouca voz que me sobra, grito com toda a raiva de que sou capaz:

— Sejam mais homens, caralho! Pelo visto o único que presta aqui sou eu, uma mulher! Vocês não têm vergonha? Mantenham a dignidade, parecem umas meninas!

Pablo e seus cúmplices chegam até nós e, ao se depararem com essa cena, começam a rir. Várias vezes jura que a culpa foi da copiloto, porque ele só autorizou a jogar a cortina de fumaça, enquanto a bruxa malvada, sem parar de rir, confessa que “apertou por engano o botãozinho de gás lacrimogêneo”. Logo, em tom castrador, ele ordena aos seus homens:

— Mantenham a dignidade, realmente vocês estão parecendo umas mulherzinhas! E deixem a dama passar à frente!

Tossindo e engolindo as lágrimas, digo que cedo o meu lugar às “senhoritas” e que tomarei água quando chegar ao hotel, que está a menos de dois minutos. Acrescento que sua pobre lata-velha é só um gambá fedorento e me despeço.

Em outra de nossas viagens a Medellín, no segundo semestre de 1982, Aníbal me apresenta outro chefe muito diferente de Pablo e seus sócios, chamado Joaquín Builes. “Joaco” parece Pancho Villa, e a sua família é descendente do monsenhor Builes. É riquíssimo, simpaticíssimo e se orgulha também de ser malíssimo, “mas muito mau de verdade, não como Pablito”, e de ter mandado assassinar com seu primo, Miguel Ángel, centenas e centenas e centenas de pessoas, tantas que parecem equivaler a toda a população de alguma cidade antioquenha. Nem Aníbal nem eu acreditamos em uma palavra, mas Builes ri e jura que é verdade.

— Na verdade, Joaco é um fanfarrão — escutarei ele dizer a Pablo mais adiante —, mas é tão, tão mesquinho que prefere perder uma tarde inteira tentando vender a alguém um tapete persa para ganhar mil dólares do que investir esse mesmo tempo e esforço para enviar quinhentos quilos de coca que dão para investir em dez depósitos de tapetes!

Naquele papo divertido com Joaco, Aníbal e o Compositor, descubro que Pablo, ainda jovem, começou uma bem-sucedida carreira política como ladrão de lápides de cemitério. Depois de lixar os nomes dos defuntos, ele e seus sócios as vendiam como novas. E não apenas uma vez, mas várias. Para mim a história parece hilária, porque imagino todos esses velhos *paisas* avaros revirando nas próprias tumbas ao descobrir que seus herdeiros pagaram uma grana por uma lápide que nem sequer era de segunda mão, mas de terceira ou quarta. Também os escuto falando da admiração sobre o indiscutível e muito louvável talento de Escobar de “depenar” em poucas horas carros roubados de qualquer marca e rapidamente vender as peças, como “réplicas com desconto”. Com os meus botões concluo que os enciclopédicos conhecimentos do parlamentar suplente em matéria de mecânica automotora são o que lhe permitiu “encomendar” esse produto “exclusivo, único e totalmente feito à mão” que é o carro de James Bond.

Alguém comenta que nosso novo amigo também foi *gatillero*⁵ nas Guerras de Marlboro, mas, quando pergunto o que isso quer dizer, ninguém sabe me dar uma resposta e todos mudam de assunto. Imagino que deve ser algo como um assaltante de tabacarias — porque mil maços de Marlboro de contrabando definitivamente pesam menos que uma lápide — e deduzo que a vida de Pablito, definitivamente, se parece bastante com o slogan do cigarro Virginia Slims: “*You’ve come a long way, baby!*”⁶.

Alguns dias depois, recebemos um convite dos Ochoa para viajar a Cartagena. Lá nos espera uma das noites mais inesquecíveis que lembro ter vivido. Ficamos hospedados na suíte presidencial do Cartagena Hilton e, depois de jantarmos no melhor restaurante da cidade, nos preparamos para o que Jorge e sua família querem nos dar de presente para cumprir a promessa feita dias antes: um passeio pelas ruas da cidade — a parte

antiga e a nova — em carruagens puxadas por cavalos que mandaram trazer de La Loma.

A cena parece ter sido tirada de *As mil e uma noites* e planejada por um xeiue árabe para o casamento de sua única filha, produzida por um diretor de arte de Hollywood para emoldurar a ostentação de alguma celebração numa imponente fazenda mexicana do século XIX.

As carruagens não são como as de Cartagena, nem como as de Nova York; nem sequer como as de um nobre espanhol passeando pela Feira de Sevilha. Essas têm também dois faróis que revelam um cocheiro uniformizado de forma impecável, mas cada uma das quatro carruagens é puxada por *percherones*⁷ campeões, brancos como a neve, selados e de peito estufado como os da carruagem da Cindelera, orgulhosos até não poder mais de seu porte e de sua esplêndida beleza. Trotando com o mesmo rigor profundo e sensual de 24 bailarinos de flamenco, marcham, sincronizados, por aquelas ruas históricas. Pablo nos informa que cada um dos animais custa 1 milhão de dólares, mas, para mim, desfrutar daquela emoção sublime vale todo o ouro do mundo. A visão vai deixando um rastro de assombro entre os humanos que a contemplam: pessoas que aparecem nas varandas brancas da cidade antiga, turistas fascinados, pobres cocheiros cartaginenses que, boquiabertos, veem desfilar esse espetáculo de ostentação.

Não sei se o espetáculo foi planejado obedecendo unicamente à generosidade de Jorge com o seu sócio e conosco, ou por uma sugestão sutil de Pablo na esperança de seduzir Angelita com algo mais romântico e único, ou para expressar o agradecimento da família Ochoa ao valor, à estratégia e aos resultados mostrados por Escobar por ocasião do sequestro e resgate da irmã de Jorge há um ano. Só sei que nenhum dos grandes magnatas colombianos que conheço nunca poderia encenar um espetáculo tão grandioso para o casamento da própria filha como aquele que o estilo inegável dessa família soube nos presentear nessa noite.

Num outro final de semana prolongado viajamos para a cidade de Santa Marta, localizada no mar do Caribe e berço da lendária *Samaritan Gold*. Lá conhecemos os Dávila, os reis da maconha. Ao contrário dos reis da coca, que, com raras exceções, como os Ochoa, são provenientes da classe pobre ou média baixa, os Dávila pertencem a uma antiga aristocracia proprietária de terras da costa atlântica. E, ao contrário dos traficantes de cocaína, que

em sua maioria não são muito atraentes — ou, como diria Aníbal, “com pinta de condenados” —, quase todos esses homens são altos e bonitos, embora banais; algumas das mulheres da família Dávila se casaram com pessoas como o presidente López Pumarejo, o filho do presidente Turbay e Julio Mario Santo Domingo, o homem mais rico da Colômbia.

Aníbal me explica que o aeroporto de Santa Marta fecha às seis da tarde, mas os Dávila são tão poderosos naquele lugar que à noite abre só para eles. É assim que eles conseguem despachar tranquilamente os aviões carregados com a maconha que tem fama de ser a melhor do mundo. Pergunto como conseguem, e ele me responde dizendo que molham a mão de todo mundo: da torre de controle, da polícia e de um ou outro oficial da Marinha. Como a essa altura já conheço muitos de seus amigos novos-ricos, comento:

— Eu pensava que todos esses *narcos* tinham pista de pouso particular nas suas fazendas...

— Nããão, meu amorzinho. Só os grandes têm! A maconha não é assim tão valiosa e já compete muito com a do Havaí. Nem sonhe que essa regalia está ao alcance de todos, porque para ter uma pista de pouso particular é preciso 1 milhão de autorizações. Você sabe da papelada para emplacar um automóvel neste país, né? Então multiplique a burocracia por cem e, aí sim, você pode colocar um HK num avião; agora multiplique essas dificuldades por outras cem e você consegue uma licença para ter uma pista de voo particular.

Pergunto a ele como Pablo faz, então, para ter uma pista de pouso particular e uma frota de aviões, transportar toneladas de cocaína, trazer girafas e elefantes da África e trazer Rollings e barcos de seis metros de altura como contrabando.

— É que o negócio dele não tem competição. E é o mais rico de todos porque Pablito, meu bem, é um *Jumbo*: domina o sujeito essencial na Diretoria da Aeronáutica Civil, um garoto novo, filho de um de seus primeiros *narcos*... um Uribe primo dos Ochoa... Álvaro Uribe, se não me engano. Por que você acha que todas essas pessoas acabam de financiar a campanha dos candidatos à presidência? Está pensando que foi só para disputar com o novo presidente? Não seja tão inocente!

— Então, que sorte dele que conseguiu esse rapaz! Todos os outros devem estar correndo atrás para ter a mesma sorte.

— A vida é assim, meu amor: a má fama passa, o dinheiro fica em casa!

Aqueles são dias de vinho e rosas, mel e risadas, e amizades encantadoras. Mas, como nada é para sempre, um belo dia as notas daquela música deixam de tocar tão de repente como começaram.

Com a dependência química de Aníbal, que parecia ir num crescendo com cada “pedra” que Pablo lhe dava, as cenas mais embaraçosas e absurdas de ciúmes foram substituindo as declarações públicas de amor e as palavras de ternura. Essas cenas, que antes eram reservadas aos desconhecidos, incluem agora os amigos em comum e se estendem até aos meus fãs. Depois de cada briga, seguida de uma separação de 48 horas, Aníbal se consola com uma de suas ex-namoradas, duas lutadoras de lama e três bailarinas de flamenco. No terceiro dia, me liga implorando para voltar com ele; horas de súplica, dezenas de rosas e uma ou outra lágrima furtiva conseguem vencer a minha resistência... e logo tudo recomeça.

Uma noite, enquanto conversávamos em grupo num bar elegante, meu namorado puxa o revólver e ameaça dois admiradores que queriam apenas um autógrafa meu. Quando, quase uma hora depois, nossos amigos conseguem desarmá-lo, imploro que me acompanhem até minha casa. E dessa vez, quando Aníbal me liga pretendendo justificar o que aconteceu, eu falo:

— Se você deixar a coca hoje mesmo, prometo cuidar de você e te fazer feliz para o resto da vida. Se não, prefiro te deixar a partir de agora.

— Mas, meu amor... Você tem que entender que eu não posso viver sem a “Branca de Neve” e que nunca vou deixá-la!

— Bem, então eu não te amo mais. E terminamos aqui.

E assim, num abrir e fechar de olhos, na primeira semana de janeiro nos despedimos para sempre.

Em 1983, não existem ainda na Colômbia os canais privados de televisão. Cada novo governo concede por licitação os espaços para produtoras particulares conhecidas como “programadoras”, e a TV Impacto — minha sociedade com a conhecida jornalista linha-dura Margot Ricci — recebeu vários espaços em horários AA e B. Mas a Colômbia atravessa uma recessão econômica e as grandes empresas só anunciavam nos horários AAA, quer

dizer, das 19h às 21h30. Um ano depois do início das atividades, por não terem propaganda suficiente para cobrir os custos do Instituto Nacional de Rádio e Televisão, praticamente todas as produtoras pequenas estão quebradas. Margot pede para que nos reunamos para decidir o que vamos fazer, mas ao chegar segunda no escritório a primeira coisa que me diz é:

— É verdade que Aníbal te pegou de surpresa a tiros na sexta?

Respondo que se fosse verdade eu estaria no cemitério ou no hospital, não no escritório.

— Mas é o que Bogotá inteira diz! — exclama num tom como se as palavras dos outros tivessem mais importância do que o que seus olhos estão vendo.

Respondo que não posso mudar a realidade para agradar a toda Bogotá. Mas que, embora não seja verdade que Aníbal tenha atirado, eu me separei para sempre dele e não parei de chorar nos últimos três dias.

— Finalmente? Mas que alívio, que tranquilidade! Agora você pode se preparar para chorar de verdade, porque temos uma dívida equivalente a 100 mil dólares. Do jeito que vamos, em algumas semanas vou ter que vender o apartamento, o carro, o bebê!... Claro que, antes de vender meu filho, vendo você ao beduíno por cinco camelos, porque não sei como vamos sair dessa!

Oito meses antes, respondendo a um convite do governo de Israel, Margot e eu viajamos para esse país e visitamos o Egito para ver as pirâmides. Enquanto estávamos no bazar do Cairo regateando o preço de um colar de turquesas, um beduíno desdentado e esquelético de uns setenta anos, com um cajado de pastor e cheiro de bode, me observava com olhar lascivo, nos cercando nervosamente e tentando chamar a atenção do dono da loja. Depois de trocar umas palavras com o velho, o vendedor se dirigiu a Margot em inglês com o seu sorriso mais radiante:

— O rico senhor deseja dar esse colar à jovem. E não apenas isso: deseja se casar com ela e negociar o dote já! Está disposto a oferecer por ela cinco camelos!

Ofendida pelo montante oferecido, mas me divertindo muito diante da insólita proposta, eu disse a Margot que pedisse por mim pelo menos trinta camelos e advertisse àquela múmia da Quarta Dinastia que a jovem não era virgem: já tinha sido casada, e não uma, mas duas vezes.

Esbravejando que só um xeique teria trinta camelos, o velho, alarmado, perguntou a Margot se era possível que eu já tivesse enterrado dois maridos.

Depois de sorrir compassivamente para o aspirante à minha mão e me avisar para que eu me preparasse para correr, minha sócia se dirigiu ao vendedor com uma expressão triunfante:

— Diga ao rico senhor que ela não enterrou ninguém: que essa juvenzinha de 32 anos já deixou dois maridos vinte anos mais jovens, vinte vezes menos horrorosos e vinte vezes menos pobres que ele.

E saímos correndo, enquanto o velho nos perseguia vociferando em árabe e golpeando o ar com o cajado. Não paramos de rir até chegarmos ao hotel e contemplarmos felizes do nosso quarto, brilhando sob as estrelas, o lendário rio Nilo cor de jade.

A menção ao beduíno me traz à memória um colecionador de dromedários que não é septuagenário, nem raivoso, nem fétido, nem desdentado. E digo a Margot:

— Sabe que conheço alguém com mais de cinco camelos que já salvou a minha vida uma vez e, de repente, poderia salvar também esta empresa?

— Xeique ou dono de circo? — ela pergunta com ironia.

— Xeique com trinta camelos. Mas primeiro devo fazer uma consulta.

Ligo para o Compositor, explico a ele que vão embargar minha empresa com a Margot e que preciso do telefone de Pablo para pedir a publicidade de alguma de suas companhias ou para vender a nossa produtora.

— Bem... a única empresa anunciante que eu conheço associada a Pablo é a Coca-Cola! Mas esse é, justamente, o tipo de problema que ele adora resolver de uma vez só... Fique quietinha aí onde você está, que ele já te liga!

Minutos depois, o telefone toca. Depois de um rápido diálogo, vou para o escritório da minha sócia e, com o meu sorriso mais radiante, digo:

— Margarita: o representante da Câmara Escobar Gaviria está na linha e quer saber se estamos de acordo que envie o seu jato amanhã às três da tarde.

Ao voltar de Medellín, me deparo com um convite para jantar de Olguita e o Compositor. Ela é muito meiga e fina, e ele é o andaluz mais simpático e descontraído do mundo. Ao chegar à sua casa — e quase sem me dar tempo de sentar —, Urza me pergunta se deu tudo certo. Respondo que, graças à agenda publicitária das Bicicletas Osito que Pablo nos ofereceu, vamos poder pagar todas as dívidas da produtora, e que na próxima semana vou voltar para gravar com ele um programa no lixão municipal.

— Bem... por esse dinheiro eu até como lixo! E você vai colocá-lo na televisão? Caramba!

Explico que todo jornalista entrevista semanalmente meia dúzia de congressistas sem graça e que Pablo é um representante da Câmara; suplente, sim, mas parlamentar no fim das contas. E complemento:

— Está em vias de dar 2.500 casas aos “residentes” do lixão e mais algumas aos habitantes das favelas. Se isso não é notícia na Colômbia, eu corto uma de minhas mãos!

Ele quer saber se Pablo colocou a entrevista como condição, e eu digo que não: fui eu quem exigiu fazê-la como condição para aceitar o anunciante, porque ele só queria uma menção de cinco minutos. Explico que sinto tanta gratidão pela generosidade de Pablo e tanta admiração pelo que o projeto Medellín sin Tugurios está fazendo que vou dedicar a ele todo o tempo do meu programa de segunda-feira, das 18h às 19h, que irá ao ar em três semanas.

— Você é corajosa!... E está parecendo que Pablo tem algum interesse em você...

Respondo que para mim só interessa salvar minha empresa e seguir adiante com minha carreira, que é a única coisa que tenho.

— Mas, se Pablo realmente chega a se apaixonar por você e você por ele, como acredito que pode acontecer, não vai ter mais que se preocupar com a sua carreira, nem com seu futuro, nem com essa porra de produtora! E você vai me agradecer pelo resto da vida, acredite...

Rindo, digo que isso não vai acontecer: ainda estou com o coração muito machucado, e Pablo sempre foi fascinado por Ángela.

— Mas você não percebeu que tudo aquilo era brincadeira de criança? Que ela é o tipo de mulher que sempre estará apaixonada por algum jogador de polo? Pablo sabe que Angelita não é para ele, porque não é um imbecil... Ele tem aspirações políticas muito grandes e precisa de uma

mulher de verdade ao seu lado, que seja elegante e saiba falar em público; não de uma modelo ou de uma menina de sua mesma classe social, como era a sua última namorada... Sabia que ele deixou para ela milhões de dólares?... O que não daria para uma princesa como você alguém que quer ser presidente e que aos 33 anos está no caminho de se tornar um dos homens mais ricos do mundo!

Comento que homens muito ricos sempre gostaram de mulheres muito jovens e que eu já tenho 33 anos.

— Mas pare de falar bobagem, que você parece ter 25, caramba! E os multimilionários sempre gostaram de mulheres sensacionais, representativas, não meninas que não sabem falar sobre nada nem fazer amor! Você é um símbolo sexual e ainda tem vinte anos de beleza pela frente. O que mais você quer? Conhece algum homem que se importe com a idade de Sophia Loren, sua boba? Você é a *professional beauty* deste país, uma puro-sangue, algo que Pablo jamais teve! Pô, e eu que achava que você era uma mulher inteligente... — E, para terminar o discurso com chave de ouro, exclama horrorizado: — E se está pensando em se meter no lixo usando Gucci e Valentino, já te aviso que não vai conseguir tirar o cheiro da roupa nem em uma semana! Você nem sonha em como é um lugar assim...

PODE ME PEDIR O QUE QUISER!

O FEDOR É EQUIVALENTE ao de 10 mil cadáveres num campo de batalha depois de três dias de uma derrota histórica. Quilômetros antes de chegar, já é possível senti-lo. O lixão de Medellín não é uma montanha coberta de lixo: é uma montanha feita de milhões e milhões de toneladas de lixo decompondo-se ao mesmo tempo. É o fedor da matéria orgânica acumulada durante décadas em todos os estados de putrefação que precede a liquefação final. É o cheiro dos jatos de gás que acompanham esse processo e brotam por toda parte. É o mau cheiro de tudo o que sobra do mundo animal e vegetal quando se mistura com o mundo dos dejetos químicos. É o bafio da mais completa miséria e das formas mais extremas de pobreza absoluta. É o fedor da injustiça, da corrupção, da arrogância, da indiferença total. Ele impregna cada molécula de oxigênio, e podemos quase ver quando se fixa à nossa pele para invadir os poros até as entranhas e sacudir nossas vísceras. O odor penetrante da morte que a todos aguarda, um perfume perfeito para o dia do Juízo Final.

Começamos a subida pelo mesmo caminho cinza-pálido utilizado pelos caminhões que depositam sua carga na parte superior. Pablo dirige, como sempre. Sinto que me observa, a cada minuto, analisando minhas reações: as do corpo, as do coração, as da mente. Eu sei o que ele pensa, e ele sabe o que estou sentindo: uma olhada rápida nos surpreende, um sorriso o confirma. Sei que com ele ao meu lado vou poder suportar sem problemas tudo o que nos espera; mas, à medida que vamos chegando ao nosso destino, começo a me perguntar se minha assistente, Martita Brugés, e o cinegrafista poderão trabalhar por quatro ou cinco horas nesse ambiente nojento, esse cenário sem ventilação, esse calor enfurnado entre as paredes

metálicas de um dia nublado, opressivo e pesado como não me lembro de ter visto igual.

O odor foi apenas o preâmbulo do espetáculo que faria recuar de vergonha o mais forte dos homens. O inferno de Dante que se abre para nós parece medir vários quilômetros quadrados, e o ponto alto é o espanto em toda a sua magnificência: sobre nós, contra o fundo cinza sujo que ninguém em perfeito juízo ousaria chamar de céu, sobrevoam milhares de urubus e abutres com bicos afiados como navalhas sob os olhos cruéis e penas tão nojentas que já deixaram de ser negras. Numa atitude superior, como se aqui fossem águias, os membros da dinastia reinante nesse submundo avaliam em segundos o nosso estado de saúde para continuar seus banquetes de cavalos cujas vísceras úmidas brilham ao sol. Embaixo, centenas de cães recém-chegados nos recebem mostrando dentes afiados pela fome crônica junto com outros veteranos que, menos magros e mais despreocupados, abanam suas caudas e coçam o escasso pelo invadido por pulgas e carrapatos. A montanha inteira parece estremecer com uma agitação ondulante e frenética: são milhares de ratazanas tão grandes quanto gatos e milhões de ratos de todos os tamanhos. Nuvens de moscas posam em nós, e bandos de pernilongos, mosquitos e *anopheles* celebram a chegada de sangue fresco. Aqui parece haver um paraíso de nutrientes para todas as espécies do submundo animal.

A distância começam a aparecer seres cinzentos, diferentes de todos os outros. Primeiro se aproximam os pequenos curiosos de barriga inchada, cheias de vermes; depois alguns machos de olhar taciturno e, finalmente, algumas fêmeas tão abatidas que só as grávidas parecem estar vivas; felizmente para alguém, quase todas as mais jovens estão. As pardas criaturas parecem brotar de todas as partes, primeiro às dezenas e rapidamente às centenas; vão nos cercando para diminuirmos o passo ou para nos impedir de fugir, e em questão de minutos estamos rodeados. De repente, aquela maré oscilante, oprimida, explode num clamor de alegria, e mil clarões brancos iluminam seus rostos:

— É ele, dom Pablo! Chegou dom Pablo! E vem com a moça da televisão! Eles vão nos filmar para a televisão, dom Pablo?

Agora parecem radiantes de felicidade e de entusiasmo. Todos vêm cumprimentá-lo, abraçá-lo, tocá-lo como se quisessem levar um pedaço dele. À primeira vista, só esse sorriso milagroso separa essas pessoas sujas e

esfomeadas do reino animal que parece catalogá-los como mais uma espécie dentro daquele habitat de bestas, mas nas próximas horas vou aprender com aquelas pessoas uma das lições mais importantes que a vida me preparou.

— Quer ver a minha árvore de Natal, moça? — pergunta uma pequenina puxando a manga da minha blusa de seda.

Imagino que vá me mostrar o galho caído de uma árvore, mas na verdade é uma arvorezinha de Natal, quase nova e *Made in USA*.

Pablo me explica que ali o Natal chega com duas semanas de atraso, que todas as posses daquelas pessoas vêm do lixo e que as sobras e caixas dos ricos são os tesouros e materiais de construção dos mais pobres.

— Eu também quero te mostrar meu presépio! — diz outra menininha. — Finalmente consegui completar!

O menino Jesus é um gigante coxo e torto, a Virgem é de tamanho médio, e são José é pequeno. O burro e o boi de plástico, obviamente, pertencem a referências comerciais de duas lojas diferentes. Tento segurar o riso ao ver essa simpática versão de uma família contemporânea e continuo o meu trajeto.

— Posso te convidar para conhecer a minha casa, dona Virginia? — me diz uma bondosa senhora com a mesma segurança de uma mulher de classe média colombiana.

Imagino uma cabana feita de papelão e lata como as das favelas de Bogotá, mas estou errada: a casa é feita de alvenaria e cimento, e o teto, composto de telhas plásticas. Dentro, a casa tem cozinha e dois quartos, com móveis gastos, mas limpos. Em um deles, o filho de doze anos faz seu dever de casa.

— Por sorte jogaram no lixo o jogo de sala completo. E olha a minha louça: é de modelos diferentes, mas conseguimos utensílios para seis pessoas. Os guardanapos e copos não fazem um jogo, como os da senhora, mas foram de graça!

Sorrio e pergunto se também pegam comida do lixo. Ela responde:

— Ai, não, não! Acabaríamos morrendo. E, em todo caso, os cachorros encontram a comida primeiro. Nós vamos até o mercado e compramos com o fruto de nosso trabalho como recicladores.

Um jovem com cara de líder de banda juvenil, que está com um jeans americano e um moderno par de tênis em perfeito estado, me mostra com orgulho sua corrente de ouro de dezoito quilates; sei que em qualquer joalheria custaria por volta de setecentos dólares e pergunto como fez para achar algo tão valioso, e tão pequeno, entre milhões de toneladas de lixo.

— Pois é, eu encontrei com esta roupa numa sacola de plástico. Não roubei, moça, juro por Deus! Foi alguma mulher furiosa que mandou o cara pra rua com tudo o que tinha e a prataria... É que essas *paisas* são muito bravas, Ave Maria!

— O que vocês já acharam de mais estranho aqui? — pergunto ao grupo de meninos que nos segue.

Trocam olhares e rapidamente respondem em uníssono:

— Um bebê morto! As ratazanas estavam comendo quando chegamos! Também encontramos o cadáver de uma menina violentada, só que muito mais longe, perto da fonte de água, ali por cima — e me indicaram o lugar.

— Mas essas são coisas que gente má que vem de fora faz. As pessoas daqui são muito boas, não é verdade, dom Pablo?

— É, sim: as melhores de todo o mundo! — diz ele, com absoluta convicção e sem o menor traço de paternalismo.

Vinte e quatro anos depois, esqueci quase tudo o que Pablo Escobar me disse naquela entrevista, a primeira que ele concedeu a um meio de comunicação nacional, sobre as 2.500 famílias que moravam naquele inferno. Em algum lugar deve estar o vídeo com suas palavras entusiastas e o meu rosto todo suado. daquelas horas que mudaram para sempre a minha escala de valores materiais que os seres humanos precisam para experimentar um pouco de felicidade, só sobraram as lembranças do coração e a memória do que estava sentindo. Perto da fetidez onipresente, a mão-guia dele no meu antebraço me transmitindo força; histórias daqueles sobreviventes — uns um pouco mais limpos, quase todos meio sujos, orgulhosos de sua habilidade e agradecidos pelo seu destino — sobre a origem de suas humildes posses ou o encontro de seus pequenos tesouros; rostos de mulheres iluminados com a descrição das casas que em breve poderiam chamar de suas; homens entusiasmados com a ideia de recuperar o respeito de uma sociedade que os tinha tratado como escória; crianças iludidas com a perspectiva de poder abandonar aquele lugar e se

transformar em “homens de bem”. Sonhos coletivos de fé num líder que os inspirava e num político que não iria traí-los.

O lugar se contagiou de alegria, e algo parecido com um ar festivo parece flutuar por todo aquele ambiente. Minha impressão inicial de horror foi cedendo espaço para outras emoções e novos raciocínios. O senso de dignidade desses seres humanos, sua coragem, sua nobreza, sua capacidade de sonhar intacta num ambiente que arrastaria qualquer um de nós à mais profunda desesperança e derrota acabaram transformando minha compaixão em admiração. Em alguma parte daquele caminho poeirento, que talvez reencontrarei em outro tempo e espaço, uma infinita ternura por todos eles bate de repente às portas da minha consciência e inunda cada fibra do meu espírito. E já não me importam nem o fedor, nem o susto que tive ao ver aquele lixão, nem como Pablo consegue as suas toneladas de dinheiro, mas as mil e uma formas de magia que alcança com elas. E a sua presença junto a mim apaga, como por encanto, a lembrança de cada homem que amei até então, e apenas ele existe, e ele é meu presente e meu passado e meu futuro, meu todo único.

— O que achou? — me pergunta enquanto descemos até o lugar onde estacionamos os carros.

— Estou profundamente comovida. Foi uma experiência extremamente enriquecedora. Vistos de longe, pareciam viver como animais... De perto, parecem anjos... E você apenas vai tentar devolver a eles a condição humana, não é? Obrigada por me convidar para conhecê-los. E obrigada pelo que você está fazendo por eles.

Há um longo silêncio. Em seguida ele passa os braços em volta dos meus ombros e diz:

— Ninguém fala coisas assim... Você é tão diferente! O que você acha de jantar comigo esta noite?... E como acho que sei o que vai dizer... tive o trabalho de verificar se o salão de beleza está aberto até a hora que você quiser, para que possa tirar do cabelo esse cheiro fedido de gambá...

Digo que ele também fede como um gambazinho, e, rindo feliz, ele me diz que não pode terminar com nada em “inho”, porque é nada mais nada menos que... o **Zorro!**⁸

Nossa entrada no restaurante vai deixando uma sucessão de olhares atônitos e um crescendo de sussurros. Eles nos colocam na mesa mais distante da porta, de onde se pode ver quem entra no lugar. Digo a ele que nunca tinha saído para jantar com um entrevistado, e menos ainda com um político, e ele comenta que sempre há uma primeira vez para tudo. Depois, me olhando fixo e com um sorriso, acrescenta:

— Você sabia que ultimamente, a cada vez que estou triste ou preocupado... fico pensando em você? Eu me lembro de você gritando para todos aqueles homens tão fortes no meio daquela nuvem de gás lacrimogêneo: “Mantenham a dignidade! Vocês não têm vergonha? Parecem umas meninas!”, como se fosse Napoleão em Waterloo... Foi a coisa mais engraçada que já vi em toda a minha vida! Rio sozinho por um bom tempo, e depois...

Enquanto ele faz uma pausa para despertar minha curiosidade, preparo mentalmente uma resposta.

— Fico pensando em você, molhada de água gelada e parecendo uma pantera, com a túnica colada no corpo... e rio de novo por um bom tempo... e me digo que você é, realmente, uma mulher muito... muito... corajosa.

Antes que eu possa responder que nunca ninguém reconheceu em mim essa virtude, ele continua:

— E você tem uma capacidade de gratidão incomum, porque as mulheres bonitas não estão acostumadas a agradecer nada.

Explico que, efetivamente, tenho uma capacidade de gratidão muito grande porque, como não sou bonita, ninguém nunca me deu nada, nem nunca reconheceu nenhuma qualidade em mim. Ele pergunta o que eu sou, então, e respondo que sou uma coleção de defeitos raros que por enquanto não se notam, mas que ao longo do tempo começam a aparecer. Pede a mim que explique por que entrei nessa produtora tendo Margot como sócia.

Explico que em 1981 parecia ser a única opção de independência profissional. Tinha desistido de ser apresentadora do noticiário *24 Horas*, às 19h, porque o diretor, Mauricio Gómez, pretendia me obrigar a me referir ao M-19 como “bando de canalhas” e eu mudava os termos para “grupo guerrilheiro, insurgente, rebelde ou subversivo”. Mauricio me repreendia quase todo dia, ameaçava me despedir e me lembrava de que

eu ganhava o equivalente a 5 mil dólares mensais. Eu respondia que ele podia ser neto do presidente mais arquiconservador da Colômbia e filho de Álvaro Gómez, possivelmente o próximo, mas que agora era jornalista. Um belo dia, eu explodi e abandonei o cargo mais bem pago da televisão e, mesmo sabendo que tinha cometido um erro enorme, morreria antes de reconhecer isso diante de qualquer pessoa.

Ele agradece por minha confiança e pergunta se os “insurgentes, rebeldes ou subversivos” sabem disso. Explico que eles não têm ideia, porque eu nem sequer os conheço; e que, em todo caso, não desisti do meu cargo por simpatias políticas, mas por princípios e por rigor jornalístico e idiomático.

— Porque eles não têm os seus princípios, sequestraram a irmã de Jorge Ochoa, entre outros. Eu sim os conheço muito bem... E agora eles também me conhecem.

Comento que li alguma coisa sobre a libertação e peço que me conte como conseguiram.

— Consegui oitocentos homens para vigiar cada um dos oitocentos telefones públicos de Medellín. Assim, seguimos todos os que fizeram uma ligação às 18h, horário fixado pelos sequestradores para discutir por telefone a forma de pagamento do resgate de 12 milhões de dólares. Às custas de rastreamento em rastreamento, fomos eliminando um a um os inocentes até encontrarmos os guerrilheiros. Localizamos o chefe do bando e sequestramos toda a sua família. Resgatamos Martha Nieves, e os “rebeldes, insurgentes ou subversivos” aprenderam que não devem se meter com a gente.

Impressionada, pergunto como alguém faz para conseguir oitocentas pessoas de confiança.

— É uma simples questão de logística e, mesmo que não tenha sido fácil, era a única maneira. Nos próximos dias, se você me deixar te convidar para conhecer os outros projetos cívicos e sociais, vai entender de onde saiu toda essa gente. Mas esta noite só quero que falemos de você: o que aconteceu com Aníbal? Vocês pareciam tão felizes.

Explico que, por causa dessas “pedras” de coca que ele lhe oferecia, decidi que alguém como eu não podia viver com um viciado. E acrescento que, por uma questão de princípios, não falo de um homem que amei com outro. Ele comenta que essa sim é uma qualidade pouco comum e me

pergunta se é verdade que fui casada com um diretor de cinema argentino vinte anos mais velho. E confesso que, infelizmente, continuo casada com ele:

— Apesar de já termos feito a separação de bens, ele se nega terminantemente a assinar o divórcio, para que eu não possa voltar a me casar. E para ele não ter que se casar com a mulher que agora conhece o pouco com que eu me conformava.

Ele olha para mim em silêncio, como se memorizasse a última frase. Rapidamente se transforma e, num tom que não deixa espaço para qualquer discussão, me indica o que devo fazer:

— Amanhã o seu advogado vai ligar para David Stivel para dizer que ele tem até quarta-feira para assinar o divórcio, ou que sofrerá as consequências. Eu e você nos falamos depois do horário que os cartórios fecharem, e você me conta o que aconteceu.

Com os olhos brilhando pela luz âmbar das velas, pergunto se o Zorro seria capaz de matar o ogro que mantém a princesa trancada na torre. Tomando minha mão entre as suas, ele responde bem sério:

— Só se for um ogro corajoso. Porque eu não gasto chumbo com covardes. Mas por você vale a pena morrer... Ou não, meu amor?

Com essas duas frases finais, e aquela pergunta em seu olhar e o toque de sua pele, soube finalmente que eu e ele estávamos deixando de ser amigos porque estávamos destinados a ser amantes.

Quando me liga na noite de quarta-feira, não tenho boas notícias.

— Quer dizer que não assina... Mas é bem teimoso esse cara, não?... Está disposto a complicar a nossa vida... Que problema mais sério! Mas sim, antes de ver o que vamos fazer para convencê-lo, preciso te perguntar uma coisa: quando você for finalmente uma mulher livre, vai jantar de novo comigo no restaurante do meu amigo “Pelusa” Ocampo?

Respondo que é improvável que até o ano 2000 eu ainda esteja livre, e ele protesta:

— Não, não, não! Eu estou falando de sexta-feira, depois de amanhã, antes que algum outro ogro cruze o meu caminho.

Com um suspiro de resignação, comento que esse tipo de problema não se resolve em 48 horas.

— Depois de amanhã você será uma mulher livre e estará aqui comigo. Boa noite, amor.

Na sexta-feira, quando volto para almoçar em casa depois de passar horas no estúdio editando o programa do lixão, minha empregada me informa que o dr. Hernán Jaramillo ligou três vezes porque precisava falar comigo urgentemente. Quando retorno a ligação, meu advogado exclama:

— Esta manhã, Stivel me ligou desesperado para dizer que tinha que assinar esse bendito divórcio antes do meio-dia, senão estava morto! O pobre homem chegou ao cartório branco como uma cera e tremendo como vara verde; parecia à beira de um infarto, a ponto de quase não poder assinar os papéis. Depois, sem dizer uma palavra, saiu correndo desesperado. Não posso acreditar que você ficou casada três anos com esse covarde! Mas, bem... você é uma mulher livre! Parabéns, e que venha o próximo, mas que desta vez sim seja rico e bom-moço!

Às duas e meia da tarde minha empregada me avisa que seis homens antioquenhos trazem flores, o arranjo não cabe no elevador e pedem autorização para levá-lo pela escada, o que para ela parece muito suspeito. Digo que, na verdade, é possível que não venham de um suspeito, mas de algum criminoso, e peço, para ficarmos tranquilas, que desça bem rápido até a portaria e verifique quem mandou. Um pouco depois, ela sobe e me entrega o cartão:

Para minha Pantera Rainha liberada
Do Zorro. P.

Quando os homens vão embora, diante das mil *cattleyas trianae*, a flor nacional da Colômbia, e de orquídeas de todos os tons de roxo, lavanda, lilás, rosa, com *phalaenopsis* brancas aqui e ali como espumas naquele

imenso mar violeta, minha empregada só consegue comentar, com os braços cruzados e o cenho franzido:

— Eu não gosto nem um pouco desses caras... e suas amigas diriam que essa é a coisa mais exagerada que já viram na vida!

Sei que se eu lhes mostrasse algo tão esplêndido, na verdade, morreriam de inveja e explico que aquele arranjo só pode ter sido feito pelos famosos *silleteiros*⁹ de Medellín, os que vendem na Feira das Flores.

Às três da tarde o telefone toca; sem me dar ao trabalho de verificar quem fala, pergunto onde deixou o revólver. Do outro lado da linha, chego a sentir primeiro uma certa surpresa e, depois, felicidade. Uma gargalhada explode e responde que não sabe do que estou falando. Em seguida pergunta a que horas quero que me pegue no hotel para sairmos para jantar. Olhando o relógio, lembro que o aeroporto de Medellín fecha às seis da tarde e que o último voo dessa sexta-feira deve ter em torno de vinte pessoas na lista de espera.

— Ih, caramba... não me dei conta disso... E eu que tinha a ilusão de festejar a sua liberdade! Que tristeza!... Bem, jantaremos então outro dia, no ano 2000.

E desliga. Cinco minutos depois, o telefone volta a tocar. Desta vez rezo para que não seja uma das minhas amigas quando, sem esperar que ele se identifique, digo que as suas mil orquídeas estão saindo pelas janelas da sala e são a coisa mais linda que já vi na minha vida. E pergunto quanto tempo precisaram para colhê-las.

— São exatamente iguais a você, meu amor. E começaram a colhê-las no... no dia em que te vi com curativos no rosto e nos joelhos, lembra? Bem, só queria te dizer que Pégaso está te esperando desde ontem à noite. Que você pode viajar nele hoje, amanhã, depois, daqui a uma semana, um mês, um ano, porque não vai sair daí enquanto você não entrar nele. Eu só vou esperar... e esperar você.

Esta sim é uma carruagem para uma Cinderela moderna: um Learjet novinho, branco e reluzente, com três pilotos bonitos e sorridentes em vez de seis cavalos brancos. São 17h15, e temos o tempo exato para chegar a Medellín antes de o aeroporto fechar. Eu podia tê-lo feito esperar uma semana ou um mês, mas também estou apaixonada e não sou capaz de esperar nem mais um dia. Enquanto deslizo pelas nuvens, me pergunto se ele me fará sofrer, como alguns homens cruéis, talvez mais ricos que ele,

que amei séculos atrás. Então me lembro das palavras de Françoise Sagan: “É melhor chorar numa Mercedes do que chorar num ônibus”, e digo feliz a mim mesma:

— Então, é melhor chorar num Learjet do que numa Mercedes!

Não há carruagens puxadas por unicórnios, nem cenas à luz da lua sob a Torre Eiffel, nem colares de esmeraldas e rubis, nem show de fogos. Só ele abraçado a mim, confessando que, da primeira vez que me sentiu agarrada a seu corpo naquele rio Claro, soube que não tinha salvado a minha vida para que fosse de outro, mas para que fosse dele, suplicando, rogando, implorando e repetindo várias vezes:

— Pode me pedir o que quiser, tudo o que quiser! Só me diga o que mais deseja! — Como se fosse um deus, e eu dizendo a ele que é apenas um homem e que nem sequer podia parar o tempo para congelar no espaço ou prolongar por um segundo aquela chuva de instantes dourados que a grande generosidade dos deuses quis derramar sobre nós.

Essa noite secreta na fazenda Nápoles é a última da minha inocência e a primeira de sonho. Enquanto ele está dormindo, vou até a varanda e contemplo as estrelas que cintilam sobre toda aquela extensão abissal azul-cobalto. Inundada de felicidade, sorrio lembrando o diálogo de Pilar e María em *Por quem os sinos dobram* e penso nos tremores de terra sob os corpos dos amantes. Depois, dou meia-volta para regressar aos braços daquele que está me esperando, meu universo de carne e osso, o único que eu tenho e o único que existe.

MORTE AOS SEQUESTRADORES!

RETORNO A BOGOTÁ PARA gravar os meus programas de televisão e no fim de semana seguinte estou de volta a Medellín. Essa rotina vai se repetir por quinze meses, os mais felizes da minha vida e, segundo Pablo, os mais plenos da dele. O que ambos ignoram é que esse tempo tão breve vai embarcar os últimos dias perfeitos e leves de cada uma de nossas existências.

— Você tem meus onze aviões e dois helicópteros a seu dispor. E pode me pedir o que você quiser. Tudo, meu amor. Do que você precisa, para começar?

Respondo que só vou precisar de um de seus aviões para trazer a minha assistente e o cinegrafista de novo. Quero fazer algumas tomadas que ficaram faltando e gostaria de lhe fazer algumas perguntas adicionais em outro cenário: talvez num comício político.

Várias vezes ele insiste em querer me dar um presente especial, dizendo que sou a única mulher que na primeira semana não pediu nada a ele. Pede que eu escolha a cobertura mais bonita de Bogotá e a Mercedes que quiser.

— E como eu ia justificá-los ao Imposto de Renda? E aos meus amigos, aos meus colegas e à minha família? Eu me tornaria uma parasita, meu amor. Além disso, não dirijo, porque se tentasse me dariam prisão perpétua na cadeia de motoristas. Obrigada, Pablo, mas tenho um pequeno Mitsubishi com motorista e não preciso de mais do que isso. Os carros nunca me interessaram nem me impressionaram; definitivamente não tenho “coração de garagem”, e neste país um carro de luxo é apenas um convite para o sequestro.

Ele insiste tanto que decido lhe dar duas opções: ou um Pégaso igual ao dele — para o “coração de hangar” que estou estreando — ou 1 milhão de beijos. Ele desata a gargalhar e escolhe a segunda, mas não começa a contar os beijos um a um, mas de cem em cem, logo de mil em mil e, finalmente, de 100 mil em 100 mil. Quando termina em poucos minutos, o acuso de ser um convicto ladrão de beijos e pergunto o que eu posso dar a ele em troca. Depois de pensar alguns segundos, diz que eu poderia ensiná-lo a dar boas entrevistas, porque ao longo de sua vida vai ter que conceder mais de uma; elogia as minhas e pergunta qual é o segredo. Eu respondo que são três: primeiro é ter algo importante, interessante ou original para dizer; também algo engraçado, porque todo mundo gosta de rir. E quanto ao segundo e ao terceiro, por eu ser uma mulher lenta, me recuso terminantemente a falar sobre eles na primeira semana.

Ele aceita o desafio com um sorriso meio malicioso e meio culpado, e jura que, se ensinar a ele meus segredos profissionais, ele também me confiará alguns dos seus.

Com a velocidade de um raio, respondo que o segundo consiste em não responder a tudo o que o jornalista pergunta, mas em dizer o que deseja; mas insisto que para jogar tênis bem é preciso ter anos de prática, quer dizer... anos de fama. Por isso, alguém como ele deveria dar entrevistas apenas para os editores ou diretores dos meios de comunicação — que sabem onde termina a curiosidade e onde começa o insulto — ou para jornalistas amigos.

— Os touros de raça são para bons toureiros, e não para bandarilheiros. Finalmente, como você ainda é o que em Hollywood chamariam de *civilian*, recomendo, por agora, dar entrevistas apenas a um grande jornalista, que conheça alguns de seus segredos profissionais, mas apesar disso te ame com todo o coração. E agora sim você vai me dizer quando deixou de roubar lápides e desmontar carros roubados para começar a exportar “rapé”. Porque é isso que realmente é um marco em sua atividade filantrópica... Não é, meu amor?

Ele olha para mim ofendido e baixa o olhar. Sei que o peguei de surpresa e passei dos limites, e me pergunto se toquei no seu tendão de aquiles muito rápido. Mas sei também que Pablo nunca se apaixonou por uma mulher de sua idade ou da minha classe e que, se vamos nos amar em termos de completa igualdade, deverei ensinar a ele desde o primeiro dia

onde termina a diversão de duas crianças grandes e onde começa a relação entre um homem e uma mulher adultos. A primeira coisa que o faço compreender é que, se quiser se tornar senador, vai ter que se submeter à análise da imprensa, que, no seu caso, será implacável.

— Bom, o que você quer saber? Vamos jogar pingue-pongue, vamos lá... — diz, levantando a cabeça em tom desafiador.

Explico que, quando o programa sobre o lixão for ao ar, todo o país vai se perguntar não apenas como ele fez sua fortuna, mas também qual é o verdadeiro propósito de tanta generosidade. E com uma simples ligação para Medellín qualquer jornalista pode verificar em minutos alguns de seus segredos abertos. Eu o previno de que os donos dos meios de comunicação vão atirar para matar quando ele começar a aparecer com os seus milhões e as suas obras sociais para aqueles que eles deram de comer por um século, e que a sua generosidade vai ser uma bofetada na mesquinha de quase todos os poderes estabelecidos da Colômbia.

— Por sorte você tem uma velocidade mental excelente, Pablo. E pode partir do princípio de que nenhum dos grandes magnatas colombianos poderia confessar toda a verdade sobre a origem de sua fortuna; por isso os super-ricos não dão entrevistas, nem aqui nem em nenhuma parte do mundo. O que te diferencia deles são as dimensões de suas obras sociais, e é a isso que terá que recorrer quando todo mundo cair em cima de você.

Entusiasmado, começa a me contar sua história: quando ainda era uma criança, organizou uma coleta de fundos em massa para construir o colégio do bairro La Paz em Envigado, porque não tinha onde estudar, e o resultado foi um estabelecimento para oitocentos alunos. Ainda pequeno, alugava bicicletas; garoto, revendia carros usados e desde muito novo começou a especular terras na região de Magdalena Medio. Num determinado momento para e me pergunta se acho que tudo isso é mentira; respondo que, ainda que saiba que é verdade, nada disso pode ser a origem de uma fortuna colossal, e peço a ele que me conte o que seus pais faziam. Responde que o pai trabalhava na fazenda do pai de Joaquín Vallejo, conhecido líder industrial, e a mãe era professora no campo.

Recomendo a ele, então, que comece respondendo algo como: “Do meu pai, um honrado camponês antioquenho, aprendi muito cedo a ética do trabalho duro, e da minha mãe, dedicada ao magistério, a importância da solidariedade com os mais fracos”. Mas lembro a ele que, como ninguém

gosta que insultem sua inteligência, deve começar a se preparar para o dia em que, diante de uma câmera e de todo o país, alguma jornalista exibida lhe pergunte: “E quantas lápides de mármore são necessárias para conseguir uma bicicleta nova? Ou, ao contrário: quantas bicicletas de segunda mão podem ser compradas com uma boa lápide de luxo, **Honorável Pai da Pátria**¹⁰?”.

Ele diz que, sem vacilar um segundo, responderia:

— Por que não vai e confere quanto saem ambas e as avalia você mesma e faz as contas? Em seguida, consiga um grupo de jovens que não tenham medo dos defuntos nem do coveiro e se enfiem no cemitério de noite para levar essas lápides de merda que pesam uma tonelada!

E eu exclamo que, diante de argumentos tão lapidários, ela não teria mais opção além de reconhecer seu talento único, sua liderança nata, seu valor heroico e sua força descomunal.

Pablo me pergunta se, caso tivéssemos nos conhecido quando era pobre e anônimo, eu teria me apaixonado por ele, e, rindo, respondo que definitivamente não, nunca teríamos nos conhecido! Ninguém em seu pleno juízo teria a ideia de me apresentar a um homem casado, porque, enquanto ele lixava lápides, eu saía com Gabriel Echavarría, o homem mais bonito da Colômbia e filho de um dos dez mais ricos, e quando ele estava desmontando carros eu já estava saindo com Julio Mario Santo Domingo, solteiro, herdeiro da maior fortuna do país e o mais “bom-moço” de sua geração.

Ele comenta que, se esses são os meus parâmetros, então devo gostar muito dele. E eu confesso que é exatamente por esses padrões de comparação que o amo tanto. Com um carinho e um sorriso de agradecimento, me diz que sou a mulher mais brutalmente honesta que já conheceu, e a mais generosa.

Depois de ensaiar inúmeras vezes as respostas, sérias ou hilárias, que ele daria para justificar publicamente suas doações, seus aviões e, sobretudo, suas girafas, concluímos que Pablo vai precisar de parâmetros contidos na lógica e utilizados há 2.500 anos pelos gregos: porque para justificar sua fortuna terá que esquecer a “especulação de terras na região de Magdalena Medio” e pensar em algo como “investimentos em imóveis na Flórida”, mesmo que ninguém acredite ou, mais adiante, o pressionem

tanto o Dian (Direção de Impostos e Aduanas Internacionais), na Colômbia, como o IRS e o Pentágono, nos Estados Unidos.

— A fama, boa ou má, é para sempre, meu amor. Por que você não conserva, ao menos agora, um perfil discreto e exerce o poder na sombra, como fazem os *capi di tutti capi* de todo mundo? Por que precisa se exhibir se é melhor ser “tetramultimilionário” do que famoso? E na Colômbia a fama só traz muita inveja. Veja o meu caso.

— Você? Mas todas as mulheres deste país queriam estar no seu lugar!

Respondo que outro dia, não hoje, conversaremos sobre isso. E, em seguida, peço para mudarmos de assunto e digo que custo a acreditar que o resgate de Martha Nieves Ochoa foi resolvido apenas às custas de “rastreamento em rastreamento”. Parece se surpreender com a minha franqueza, e me responde que sobre esse assunto também falaremos outro dia.

Peço que me explique o que significa MAS. Baixando o olhar e com um tom de voz cheio de determinação, ele começa a me contar que “Morte aos Sequestradores!” foi fundado em fins de 1981 pelos grandes narcotraficantes e já tem muitos adeptos entre os fazendeiros ricos e alguns órgãos do Estado: o DAS (Departamento Administrativo de Segurança), o B-2 do Exército (Inteligência Militar), o GOES (Grupo Operativo Antiextorsão e Sequestro) e o F2 da polícia. Para que o dinheiro dos ricos não vá para Miami — e o de seus sócios e colegas não tenha que ficar no exterior —, o MAS está decidido a acabar com uma praga que só existe na Colômbia.

— Todos queremos investir o nosso dinheiro no país, mas com essa espada de Dâmocles fica impossível! Por isso não vamos deixar um único sequestrador livre: sempre que capturarmos um, vamos entregar ao Exército para que dê conta dele. Nenhum narcotraficante quer voltar a passar pelo que eu sofri com o sequestro do meu pai, ou pelo que passaram os Ochoa com o de sua irmã, ou a tortura que meu amigo Carlos Lehder de Quindío sofreu na própria pele. Todos estão se reunindo em torno do MAS e de Lehder e fazendo grandes contribuições: já temos um exército de quase 2.500 homens.

Sugiro a ele que a partir de agora, e dado que seus colegas são também agricultores, comerciantes, exportadores ou industriais, trate de se referir a eles sempre como “minha corporação”. Expresso minha preocupação pelo

que aconteceu com seu pai e pergunto se também conseguiu liberá-lo em tempo recorde.

— Sim, sim, o resgatamos são e salvo, graças a Deus. Mais para a frente te conto como.

Já vou aprendendo a deixar para outro dia as perguntas sobre o que parecem ser métodos de resgate de excepcional contundência e eficácia. Mas expresso meu ceticismo sobre a capacidade do MAS de conseguir esses mesmos resultados em cada um dos 3 mil sequestros que acontecem anualmente na Colômbia. Digo que, para acabar com todos os sequestradores, eles teriam que terminar primeiro com vários grupos guerrilheiros que somam mais de 30 mil homens; em cerca de três décadas o Exército não apenas falhará em retê-los, como o número de tropas vai aumentar cada dia mais. Faço com que ele veja que os ricos tradicionais vão ficar felizes com o MAS — por não terem que contribuir com um só centavo, bala ou vida —, enquanto ele vai se responsabilizar pelos custos, os inimigos e os mortos.

Pablo dá de ombros e responde que não se importa com isso, porque a única coisa que lhe interessa é a liderança de sua corporação e o respaldo dela para apoiar um governo que acabe com o Tratado de Extradicação com os Estados Unidos.

— No meu tipo de atividade, todo mundo é rico. Agora quero que você descanse e fique muito bonita para esta noite. Vou convidar dois dos meus sócios, meu primo Gustavo Gaviria e meu cunhado Mario Henao, e um pequeno grupo de amigos. Vou dar uma olhada nos ajustes finais da quadra de futebol que vamos dar de presente na próxima sexta-feira. Lá você vai conhecer toda a minha família. Gustavo é como um irmão para mim; é inteligentíssimo e praticamente quem conduz o negócio. Assim tenho tempo para cuidar das coisas que me interessam de verdade: minhas causas, minhas obras sociais e... suas aulas, amor.

— Qual é o seu próximo objetivo... depois do Senado?

— Por hoje já te contei muitas coisas, e, para completar os milhões de beijos que faltam, você e eu vamos precisar de mil e uma noites. Nos vemos mais tarde, Virginia.

Um pouco depois, escuto o barulho das hélices de seu helicóptero se distanciando daquela vasta extensão de terra que é sua pequena república, e me pergunto como esse homem com coração de leão vai fazer para

combinar todos esses interesses contraditórios e alcançar metas de semelhantes dimensões numa única vida.

— Bem, na sua idade tem todo o tempo pela frente... — Suspiro, observando uma revoada de pássaros que também se perdem num horizonte que parecia não ter limites.

Sei que estou assistindo ao nascimento de uma série de processos que vão dividir em dois a história do meu país, que o homem que amo será o protagonista de muitos deles e que quase ninguém ainda se deu conta disso. Não sei se essa pessoa que Deus ou o destino colocou em meu caminho — tão absolutamente seguro de si, tão ambicioso, tão apaixonado por cada uma de suas causas e por tudo — um dia vai me fazer chorar muito, como me faz rir agora; mas reúne todos os elementos para se transformar num líder formidável. Para minha sorte, não é bonito nem educado, nem um homem do mundo: Pablo é, simples e claramente, fascinante. Eu digo a mim mesma:

— Tem a personalidade mais masculina que já conheci. É um diamante bruto e acho que nunca teve uma mulher como eu; vou tratar de poli-lo e ensinar-lhe tudo o que aprendi. E vou fazer com que precise de mim como de água no deserto.

Meu primeiro encontro com os sócios da família de Pablo acontece nessa noite no terraço da fazenda Nápoles.

Gustavo Gaviria Rivero é impenetrável, silencioso, furtivo, distante. Tão seguro de si como seu primo Pablo Escobar Gaviria, esse campeão de corridas automobilísticas raramente sorri. Embora tenha a mesma idade que nós, é, definitivamente, mais maduro que Pablo. Desde a primeira vez que encontro o olhar daquele homem pequeno e magro de cabelos lisos e bigode fino, tudo me diz que ele não toca no assunto de seu negócio com pessoas de fora. Parece ser um grande observador, e sei que está ali para me avaliar. Minha intuição me faz ver rapidamente que não apenas não está interessado no espetáculo ao qual Pablo aspira, como começa a se preocupar com os gastos exorbitantes do sócio em projetos sociais. Ao contrário do primo, que é liberal, Gustavo é afiliado ao Partido Conservador. Ambos consomem quantidades mínimas de licor, e observo

que também não se interessam pela música nem pela dança: estão todos concentrados no negócio, na política, no poder e no controle.

Uma celebridade refinada relacionada com Holguines, Mosqueras, Sanz de Santamarías, Valenzuelas, Zuletas, Arangos, Caros, Pastranas, Marroquines — e, por profissão, trabalhador do mais seletto setor do poder político e econômico — é a última aquisição em matéria de conexões para esses *capos* recém-chegados ao mundo dos muito ricos e dos ainda mais ambiciosos; por isso, e como se estivessem hipnotizados, nas próximas seis horas nenhum daqueles três homens ousará olhar nem um segundo para outra mesa, para outra mulher, nem para outro homem, nem para qualquer outro lado.

Mario Henao, irmão de Victoria, a esposa de Pablo, é um profundo conhecedor e um amante efusivo de ópera. Reparo que ele quer me impressionar, talvez até me seduzir, com o último assunto no mundo que poderia interessar a Pablo ou Gustavo. E como sei que é também o último aliado a que alguém na minha posição poderia aspirar — sem nenhuma consideração por Caruso, Toscanini ou Maria Callas, a Divina, nem pela lendária paixão das famílias Capone e Gambino por aqueles três deuses —, desvio a conversa direto para as incumbências nas quais Pablo e Gustavo se destacam. Levo horas para conseguir que esse campeão frio baixe a guarda, mas a concentração rende frutos: depois de quase 150 minutos de entrevista obstinada e quase o mesmo tempo de uma aula entusiasmada sobre a forma de conseguir a disciplina e a precisão indispensáveis para controlar um carro que chega a 250 quilômetros por hora — e sobre as decisões de vida ou morte que devem ser tomadas numa fração de segundo para deixar para trás a competição e chegar à meta de ser o primeiro —, ambos sabemos que ganhamos se não o afeto, pelo menos o respeito de um aliado essencial. E eu aprendi de onde Pablo e seu sócio tiram a determinação feroz de ser sempre o número um, passando por cima de quem quer que seja, que parece refletir em todos os aspectos de sua vida.

Ao nosso redor, duas dezenas de mesas estão ocupadas por pessoas de sobrenomes como Moncada ou Galeano, cujos nomes e rostos hoje seria impossível de lembrar. Em torno de meia-noite, dois garotos armados com rifles automáticos de longo alcance chegam até nós suando, abordam os quatro e nos trazem para a realidade que nos cerca.

— A mulher de Fulano está procurando ele — dizem a Pablo —, que está aqui com a namorada. Imagina o problema, patrão! A mulher está uma fera! Chegou com duas amigas e exige que a gente a deixe passar. O que fazemos?

— Diga à senhora que aprenda a ser uma dama. Que nenhuma mulher que se dê ao respeito vai procurar um homem — seja marido, namorado ou amante — em lugar nenhum, e menos ainda de noite. Ela que vá tranquilamente para casa e o espere por lá com a frigideira e o rolo de macarrão, para dar uma surra nele quando chegar. Mas aqui ela não entra.

Os garotos voltam logo em seguida e explicam a Pablo que as mulheres estão decididas a entrar, porque ele as conhece.

— Eu conheço bem esse tipo de fera... — diz ele suspirando, como se de repente tivesse se lembrado de algum episódio que o entristecera profundamente. Assim, sem vacilar nem se sentir inibido pela minha presença, ordena: — Deem dois tiros para o ar bem perto do carro. Se elas passarem pela chancela, podem ameaçá-las. E, se seguirem adiante, disparem para matar sem pensar. Fui claro?

Escutamos quatro tiros. Deduzo que vão reaparecer com, no mínimo, três cadáveres e me pergunto quem será o quarto.

Cerca de vinte minutos depois, os rapazes voltam bufando, despenteados e muito suados. Estão cobertos de arranhões no rosto, nas mãos e nos antebraços.

— Que luta, patrão! Não se assustaram nem com os tiros: nos deram socos, chutes, e vocês tinham que ver as unhas de tigresa! Tivemos que expulsá-las debaixo de ameaças e com a ajuda de outros companheiros. Tomara que esse pobre homem chegue bem bêbado em casa!

— Sim, sim, vocês têm razão. Preparem um quarto para que ele passe a noite aqui! — ordena Pablo ostentando sua solidariedade masculina para com seus sofridos congêneres. — Se não, amanhã vamos ter que enterrá-lo!

— Essas *paisas* são muito bravas, Ave Maria! — dizem com um suspiro de resignação os três anjos que me fazem companhia.

Como *Alice no País das Maravilhas*, continuo conhecendo o mundo de Pablo. Aprendo que muitos homens severíssimos e riquíssimos são tratados pelas suas mulheres literalmente a patadas... e acho que sei por quê. Eu

me pergunto quem é essa outra fera que ele diz conhecer tão bem, e algo me diz que não é sua mulher.

Com um grupo de amigos de Pablo e Gustavo, combinamos um domingo para sair e brincar com o Rolligon. Olhando ao redor enquanto derrubamos arbustos com o trator gigante, sinto falta das risadas dos meus amigos de sete meses antes e sinto certa nostalgia pelas minhas *beautiful people*, aquelas entre as quais sempre vivi e com quem me identifico com facilidade em qualquer lugar do mundo sem importar o idioma. Na verdade não tenho tempo de sentir falta delas porque, ao bater num tronco, uma mancha negra de um metro de diâmetro vem em nossa direção como uma locomotiva zumbindo. Não sei por quê — talvez porque Deus reservou para mim um destino muito singular — numa fração de segundo desço do Rolligon em queda livre, me escondo entre o mato alto e fico tão quieta que só me atrevo a respirar quinze minutos depois.

O que parece ser 1 milhão de vespas agressivas sai a toda atrás daquela dúzia e meia de pessoas que tiram seu sustento do tráfico de cocaína. Milagrosamente, nenhuma me pica. Quando, graças ao meu vestido lilás, os homens de Pablo me encontram uma hora mais tarde, comentam que alguns convidados tiveram que ser hospitalizados.

Nos anos seguintes, eu passaria mil horas a seu lado e talvez mil em seus braços, mas — por razões que só pude compreender o correspondente a um século depois —, a partir daquela tarde, Pablo e eu não voltaríamos mais à Nápoles para nos divertir a sós ou na companhia de amigos naquele lugar onde estive a ponto de morrer três vezes e também de felicidade. Apenas mais uma vez — e para compartilhar o dia mais perfeito da vida dele e da minha — voltaríamos a viver horas despreocupadas naquele paraíso onde um dia ele tinha me arrancado dos braços de um redemoinho porque queria a minha vida para ele e onde, em pouco tempo, tinha decidido também me arrancar dos braços de outro homem para se apoderar dos espaços inexplorados da minha imaginação, dos tempos já esquecidos pela minha memória e de cada centímetro de pele que naquele momento envolvia o meu ser.

Onze anos depois, todos aqueles homens que tinham a idade de Cristo estariam mortos. Esta cronista de Índias sobreviveu a todos, é verdade; mas se alguém quisesse hoje pintar o retrato de *Alice no País das Maravilhas* naquele salão de espelhos, veria refletidas até o infinito reproduções

fragmentadas de várias versões de *O grito*, de Munch, com a mão tapando os ouvidos para não escutar o barulho das motosserras e as súplicas dos torturados, o rugir das bombas e os gemidos dos agonizantes, o disparo dos aviões e os soluços das mães; com a boca aberta no meu próprio uivo impotente que só quase 25 anos depois consegue sair da garganta, e com os olhos abertos pelo terror e o espanto debaixo do céu vermelho de um país incendiado.

Aquela fazenda imensa ainda existe, também é verdade, mas do lugar de sonho onde por um tempo fugaz conhecemos as mais deliciosas expressões de liberdade e de beleza, as mais adoráveis de alegria e de generosidade e todas as de paixão e de ternura, a magia saiu correndo quase tão rápido quanto havia chegado. Daquele céu encantado só sobrou a nostalgia dos sentidos terrestres pelas cores, carícias, olhares e sorrisos. A fazenda Nápoles logo se transformaria no cenário de conspirações lendárias que mudariam para sempre a história do meu país e de suas relações com o mundo, mas — como naquelas primeiras cenas da versão cinematográfica de *Crônica de uma morte anunciada* ou de *A casa dos espíritos* — hoje aquele paraíso amaldiçoado está povoado apenas por fantasmas.

Aqueles homens jovens morreram já faz tempo. E de seus amores e ódios quando ainda não eram fantasmas, de suas causas e utopias, de suas lutas e guerras, de seus triunfos e derrotas, de seus prazeres e dores, seus aliados e rivais, de suas lealdades e traições, de suas vidas e mortes é do que trata o resto desta história que nem em sonhos eu ousaria mudar por um tempo mais breve ou um espaço menos pleno. Tudo começou com um hino simples de texto sublime e ritmo perfeito que certo dia chegou até nós vindo do Sul:

*Se te quero é porque tu és
meu amor, meu cúmplice e tudo
e na rua lado a lado
somos muito mais que dois.*¹¹

(Mario Benedetti, “Te quiero”, *Canções de amor e desamor*.)

SEGUNDA PARTE

OS DIAS DE ESPLENDOR E DE ESPANTO

*Ai, meu Deus, se pudesses
não apenas alojar-te numa árvore dourada
mas também nos terrores do meu coração!*

Poeta ancião citando Robert Frost em *A noite do iguana*

A CARÍCIA DE UM REVÓLVER

PABLO ESCOBAR PERTENCE ao pequeno grupo de meninos privilegiados que desde sua mais tenra infância sabia exatamente o que queria ser quando crescesse. E também o que não queria ser: Pablito nunca sonhou em ser piloto, bombeiro, médico ou policial.

— Eu só queria ser rico, mais rico que os Echavarría de Medellín e mais rico do que qualquer um dos ricos da Colômbia, a qualquer preço e utilizando todos os recursos e cada uma das ferramentas que a vida pusesse à minha disposição. Jurei a mim mesmo que, se aos trinta anos não tivesse 1 milhão de dólares, me mataria. Com um tiro na cabeça — me confessa um dia enquanto entramos no Learjet, estacionado em seu hangar particular do aeroporto de Medellín junto com o resto de sua frota. — Daqui a pouco vou comprar um *Jumbo* para transformá-lo num escritório voador, com vários quartos, banheiros com chuveiro, sala, bar, cozinha e sala de jantar. Uma espécie de iate voador. Assim eu e você poderemos viajar pelo mundo sem que ninguém saiba e possa nos incomodar.

Já no avião, pergunto a ele como vamos fazer para nos movimentarmos incógnitos num palácio aéreo. Responde que na volta eu vou saber porque, de agora em diante, cada vez que nos encontrarmos, terá um nova surpresa que eu nunca conseguirei esquecer. Diz que tem observado algo muito curioso: à medida que ele vai contando para mim os seus segredos, os meus também parecem desfilar pelo meu rosto e, acima de tudo, pelos meus olhos; e acrescenta que, quando explodo de contentamento ao descobrir algo, minha alegria e meu entusiasmo fazem com que ele se sinta como se tivesse acabado de ganhar uma competição automobilística e eu fosse o champanhe.

— Já te disseram que você é a coisa mais borbulhante do mundo, Virginia?

— Sempre! — exclamo feliz, porque sei que, no que diz respeito à falta de modéstia, ambos encontramos a forma perfeita para nossos sapatos. — E de agora em diante vou ter que fechar os olhos quando quiser proteger os meus segredos mais íntimos. Só vai conseguir descobri-los muito lentamente... com um abridor de garrafa especial para Perrier-Jouët Rosé!

Ele responde que isso não vai ser necessário porque, para a próxima surpresa, se propõe a vendar meus olhos e é possível inclusive que tenha que me algemar. Com um largo sorriso, comento que nunca ninguém me vendou ou me algemou e pergunto se ele é, por acaso, um sádico como os que aparecem nos filmes.

— Sou um sádico e depravado mil vezes pior que os dos filmes de terror, ou não te contaram isso, meu amor? — ele sussurra no meu ouvido. Em seguida segura meu rosto com as duas mãos e o olha, como se fosse um poço profundo no qual buscasse saciar seus desejos mais íntimos. Eu o acaricio e digo que somos o casal perfeito, porque sou masoquista. Ele me beija e diz que sempre soube.

Chegado o dia da surpresa, Pablo me busca no hotel por volta das dez horas da noite. Como sempre, um veículo com quatro de seus homens nos segue a uma distância razoável.

— Não posso acreditar que uma mulher como você não saiba dirigir, Virginia — diz, arrancando em grande velocidade. — Hoje em dia essa é uma incapacidade reservada aos deficientes mentais!

Respondo que qualquer motorista analfabeto pode dirigir um ônibus com cinco marchas e que eu, que sou quase cega, não preciso do meu QI de 146 para dirigir um carrinho, mas para colocar 10 mil anos de civilização na cabeça e memorizar noticiários de meia hora em cinco minutos porque não enxergo o TelePrompter. Ele me pergunta em quanto estimo seu QI, e respondo que deve ser cerca de 126, possivelmente.

— Não, senhora: o meu mínimo confirmado é de 156. Não seja tão atrevida!

Digo que esse número ele vai ter que me demonstrar e peço para que baixe a velocidade mental, porque a 180 quilômetros por hora vamos ser dois prodígios mortos prematuramente.

— Já sabemos que nenhum de nós dois tem medo da morte, ou não, sabidinha? Agora você vai ver o que te espera por ser tão autossuficiente. Hoje estou de mau humor e cansado desses guarda-costas que nos perseguem em todos os lugares. Não desgrudam da gente nem um minuto e estão me enchendo a paciência. Acho que só tem uma forma de escapar deles: está vendo o outro lado da estrada, ali embaixo, à minha esquerda? Está com o cinto de segurança apertado, não é? Então se segura, porque em trinta segundos vamos estar ali na direção contrária. Se não der certo, nos vemos em outra vida, Einstein! Um... dois... trêsêsss!

O carro dispara e roda pelo barranco coberto de grama. Depois de dar uma capotada completa seguida de um “salto triplo”, para poucos metros abaixo. Bato forte com a cabeça duas vezes, mas não digo uma palavra. Pablo se recupera em instantes, dá ré cantando pneu e continua a corrida pela pista contrária da estrada, dirigindo como um desesperado em direção a seu apartamento. Em questão de minutos chegamos, entramos na garagem como loucos, a porta se fecha atrás de nós com um clique e o carro freia a seco a poucos milímetros da parede.

— Puufff! — suspira. — Agora sim perdemos os capangas de vista, mas acho que amanhã vou ter que despedir esses rapazes. Imagina o que teria acontecido se alguém como eu tentasse me sequestrar?

Sorrio para mim mesma e fico em silêncio. Estou dolorida e não vou dar o gostinho de dizer o que ele quer ouvir, que alguém com o seu sangue-frio está para nascer. Subimos para a cobertura, que está deserta, e observo uma câmera em frente à entrada do quarto. Sento numa cadeira de baixo espaldar, e ele para na minha frente com os braços cruzados. Em tom ameaçador e com uma expressão gélida no olhar, me diz:

— Pois você já vai ver quem tem o QI mais alto aqui. E quem tem mais colhões, né? E se você reclamar ou fizer um movimento em falso enquanto preparo a surpresa, vou rasgar esse vestido em dois, gravar o que vai acontecer e vender para todos os meios de comunicação. Entendido, Marilyn? E como eu cumpro com o prometido, vamos começar por... vender seus olhos. Acho que vamos precisar também de esparadrapo... — comenta enquanto cantarola “Feelin’ Groovy” de Simon & Garfunkel e coloca uma venda negra em meus olhos, que amarra firme com nó duplo. — E as algemas... onde será que deixei?

— Isso não, Pablo! Tínhamos concordado que você só me vendaria. Acabo de quase quebrar o pescoço, e não tem sentido algemar um peso pluma grogue. E quanto ao fato de me amordaçar, deveria esperar pelo menos que eu reestabeleça a circulação entre a cabeça e o corpo!

— Concedido. Eu só vou te algemar se você pular, porque eu nunca subestimo uma pantera com aspirações de gênio.

— E eu não poderia pular, porque nunca subestimo um criminoso com aspirações de esquizofrênico.

Depois de uma pausa que parece durar uma eternidade, diz de repente:

— Vamos ver se é verdade o fato de que os cegos têm ouvido muito bom...

Escuto o ruído de seus sapatos sobre o tapete e, logo em seguida, a combinação de um cofre que se abre na quarta volta. Depois, o som inconfundível de seis balas entrando no tambor de um revólver, uma após a outra, e o clique da arma ao engatilhar. Tudo fica silencioso. Segundos depois ele está atrás de mim, falando no meu ouvido com uma voz sibilante enquanto me puxa pelo cabelo com a mão esquerda e desliza o cano do revólver em volta do meu pescoço várias vezes:

— Você sabe que as pessoas da minha corporação nos chamam de “os Mágicos” porque fazemos milagres. Como sou o rei desses mágicos, só eu conheço a fórmula secreta para soldar de novo esse corpo que me deixa louco com essa cabecinha que eu adoro. Abracadabra... Vamos imaginar que estamos colocando um colar de diamantes... nesse pescoço de cisne... tão fino... tão frágil que eu poderia quebrá-lo apenas com as mãos... Abracadabra... uma vez... duas... três... O que você sente?

Respondo que os diamantes estão gelados, e machucam, e são muito pequenos para o meu gosto. E que essa não era a promessa que ele tinha feito e, como é improvisada, não vale.

— Entre nós dois vale tudo, meu bem. Você nunca sentiu um revólver na sua pele... essa pele de seda... tão dourada... tão perfeitamente cuidada... sem um arranhão... sem uma cicatriz, não é verdade?

— Cuidado com a venda, porque se ela cai acaba com a surpresa do século, Pablo! Acho que você deveria saber que pratico tiro com a polícia de Bogotá, com uma Smith & Wesson, e que, segundo meu treinador, tenho uma pontaria melhor que muitos oficiais com visão 20 por 20.

Comenta que sou uma caixinha de surpresas, e que uma coisa é um revólver na nossa mão e outra é quando ele está apontado para nossa cabeça na mão de um assassino. Acrescenta que ele também já passou por isso, e pergunta se não é uma experiência absolutamente aterrorizante.

— Claro que não: é absolutamente deliciosa! Oooohhh... que coisa mais maravilhosa... mais divina... — digo, jogando a cabeça para trás e suspirando de prazer enquanto ele desabotoa meu vestido e a arma começa a descer da minha garganta em direção ao coração. — E, de qualquer forma, você é apenas um sádico... não um assassino.

— Isso é o que você pensa, meu amor. Sou um serial killer... Agora me diga por que você gosta tanto. Me surpreenda um pouco... anda!

Lentamente vou dizendo a ele que uma arma de fogo é sempre... uma tentação... uma doce maçã para Eva... um amigo íntimo que nos dá a opção de acabar com tudo... e voar para o céu quando já não há como escapar... ou ao inferno, no caso dos... assassinos confessos.

— O que mais? Continua falando até que eu mande parar... — diz com voz rouca, tirando a parte superior do meu vestido para beijar minha nuca e meus ombros. Obedeço e continuo:

— É silencioso... como o cúmplice perfeito. É mais perigoso que... todos os seus piores inimigos juntos... Quando dispara, soa... me deixe pensar... como... como... as grades da prisão de San Quentin! Sim, sim, as grades de uma prisão gringa têm o som de balas, de manhã, de tarde e de noite. Isso sim deve ser absolutamente aterrorizante, não é, meu amor?

— Então temos essas características, criatura perversa... Agora me diz como ele é... fisicamente... Se você parar, te amordaço a boca e o nariz com esparadrapo, você vai ficar sem respirar e eu não respondo pelo que este simples sádico pode fazer depois! — ordena ao mesmo tempo que começa a me acariciar com a mão esquerda e o revólver vai descendo lentamente em linha reta pelo meu peito, e depois pelo meu diafragma, para passar pela minha cintura em direção ao meu abdômen.

— Parece grande... e acho que é muito masculino... É muito rígido... e muito duro... e tem um canal no meio... mas está frio, porque é metálico.... e não é feito do mesmo material que você, não é?... E agora que você já ouviu o que queria, te juro, Pablo, que se abaixar mais um milímetro de onde a arma está, me levanto dessa cadeira, volto andando para Bogotá e você nunca mais vai me ver.

— Está bem, está bem, está bem! — diz com uma risadinha culpada cheia de resignação. — As maldades que passam pela cabeça de alguém quando tem em mãos um símbolo sexual completamente indefeso... Bom, desmancha-prazeres, vamos continuar... mas te aviso que deve esperar que eu termine meu trabalho com o esparadrapo, porque sou quase tão perfeccionista quanto você.

— E você deve entender que, para alguém como eu, todas essas brincadeiras são, realmente, algo muito elementar. Levo dias esperando a minha surpresa, e aí de você se ela não estiver à altura das minhas expectativas!

Em tom enérgico me diz que ali ele é o único que decide o que é ou não elementar.

— Já sei o que vai me mostrar: sua coleção de armas, porque quer me dar uma! Como as *Bondgirls*, claro! Posso tirar a venda e escolher a mais mortífera e mais bonita?

— Você só vai tirar a venda quando eu mandar! Ou ainda não se deu conta de que o único que manda aqui é o assassino dono do revólver, o sádico dono da câmera, o macho dono da força bruta e o rico dono do território, e não uma pobre mulherzinha de 55 quilos com um QI evidentemente inferior? Você só tem que esperar alguns minutos. Vou cobrir a origem de... esses últimos quatro... e estamos prontos! É para o seu próprio bem: imagina se no futuro alguém te tortura terrivelmente... durante dias e dias... para conseguir alguma informação sobre o que você vai ver daqui a pouco. Ou vai que você se revele uma Mata Hari e, algum dia... me atraícoe?

— São diamantes roubados, meu amor! Milhares e milhares de quilates, é isso!

— Não seja tão otimista! Isso eu nunca te mostraria, porque você roubaria os maiores, comeria, e eu teria que te cortar com essas tesouras para tirar da barriga!

Diante da perspectiva de engasgar com diamantes, não consigo parar de rir. Mas logo me ocorre outra explicação:

— Já sei. Mas como isso não passou pela minha cabeça antes? Vai me mostrar os quilos de coca *made in Colombia* já empacotados para exportação aos Estados Unidos! Vocês fecham com esparadrapo? Finalmente hoje vou saber como são! É verdade que cada um se parece

com um pacote de novecentos gramas de manteiga e vão com a marca “A Rainha”?

— Mas que falta de imaginação! É realmente decepcionante... Qualquer um dos meus sócios, meus homens, meus pilotos, meus clientes podem ver isso, até a DEA. Já disse que o que vou te mostrar você nunca viu, nem nunca verá; ninguém no mundo, tirando você. Bom... já estamos prontos! Agora sim posso me sentar aos pés da minha rainha para ver a reação nessa carinha. Prometo que você nunca vai esquecer esta noite. Um... dois... três: ordeno que você tire a venda!

Há azuis, verdes, vinho, marrons e negros. E, antes que eu possa dar um salto para tentar examiná-los de perto, uma algema de aço se fecha com um “clic” em volta do meu tornozelo direito, e fico presa ao pé de um móvel. Não caio de bruços no chão com cadeira e tudo porque ele me segura no ar. Pablo me espreme em seus braços e me beija várias vezes, rindo sem parar enquanto exclama:

— Eu já sabia que você é um perigo, pantera trapaceira! Você vai me pagar! Se quer vê-los, vai ter que dizer primeiro que me ama como nunca amou ninguém! Ha, ha, ha! Ha, ha, ha! Diga que me adora. Anda, diga já! Se não, não te deixo olhá-los nem de perto, nem de longe!

— Eu não vou dizer o que você quer escutar, mas o que eu quero, entendeu? E é... que você é... você é... você é um gênio, Pablo!... O maior prodígio do submundo! — E com a voz quase sumindo, como se alguém estivesse nos escutando, disparo um turbilhão de perguntas seguidas de pedidos que sei que ele adora: — São todos seus? Quantos são? Quanto custam? Como você conseguiu? Deixa eu ver as fotos e seus nomes! Me dá já a chave dessas algemas, Pablo, elas estão machucando o meu tornozelo. Deixa que esta pobre ceguinha possa olhá-los de perto, não seja tão sádico, eu imploro! Quero tirar o esparadrapo dos nomes de todos os países para vê-los já!

— Não, não e não! Aposto que você, prodígio do alto mundo, nunca poderia acreditar que alguém do meu mundo pudesse ser tão, mas tão popular que catorze nações me concederam cidadania!

— Uau! Agora sim eu sei para que serve tanto dinheiro combinado com um QI criminoso privilegiado... Parece que toda a ONU disputa essa honra!... Mas não vejo em lugar nenhum o dos Estados Unidos, que na sua profissão deveria ser... a prioridade número um, não?

— Bom, meu amor... Roma não se fez em um dia! E 7% dos países do mundo não está mal... para começar... na minha tenra idade. Por ora você só pode ver as fotos. Minhas nacionalidades e nomes, você vai conhecendo à medida que eu for utilizando. Nem eu mesmo ainda sei todos direito.

— Você já se deu conta? Sou a única pessoa de sua total confiança que vai poder te ajudar com a pronúncia correta de cinco idiomas! Com apenas dezessete anos eu já era professora de fonética no Instituto Colombo-Americano. Não sou um tesouro de namorada? Como vamos chegar a um país estrangeiro sem que você possa dizer o seu nome, Pablo? Temos que começar a praticar a pronúncia a partir de agora, para que você não levante suspeitas mais adiante. Você tem que entender que é para o seu próprio bem, amor da minha vida.

— Não e não, e ponto. Por hoje apenas uma última etapa te espera, e depois vem a premiação com champanhe. Esse rosadinho que vem na mais bela de todas as garrafas, não é?

Sem tirar minhas algemas, ele me obriga a me sentar de novo na cadeira e se ajoelha na minha frente, atrás a dupla fileira de passaportes que está sobre o piso a alguns metros de distância. Cobriu com pedaços de esparadrapo os nomes dos países e, nas páginas internas, seus nomes e as datas de nascimento. Assim, como uma criança com brinquedos novos na manhã de 25 de dezembro, começa a me mostrar cada uma das catorze fotografias enquanto eu, hipnotizada, vejo desfilar diante de meus olhos versões inimagináveis, inconcebíveis do rosto do homem que amo:

— Neste, estou com a cabeça raspada. Aqui com óculos e barbinha como um intelectual marxista. Neste outro, com um penteado afro. Que horror, né? Aqui de árabe; um príncipe saudita amigo meu foi quem conseguiu. Para este, eu pinte o cabelo de louro; e para este outro, de ruivo; tive que ir a um salão de beleza onde as mulheres me olhavam como se eu fosse uma bicha. Aqui sim estou usando peruca. Neste estou sem bigode e aqui com a barba cheia. Que tal este, careca, mas com um pouco de cabelo e óculos pequenos como o professor Girassol de Tintin? Genial, não é? Em quase todos estou horrível, mas nem minha mãe me reconheceria! De qual você gosta mais?

— De todos, Pablo, de todos! Você está engraçadíssimo. Nunca tinha visto uma coleção tão sensacional! É a pessoa mais ilegal que alguém pode conhecer na vida, o maior bandido que já pisou na face desta Terra! —

festejo sem parar de rir, enquanto ele devolve seus passaportes onde estavam. — Como dá para ficar entediada com você ou não amar esse seu senso de humor?

Ele fecha o cofre, deixa o revólver no escritório e vem em minha direção. Acaricia meu rosto com grande ternura e, sem dizer uma palavra, tira minhas algemas. Beija o tornozelo — que agora tem uma marca vermelha e grossa — várias vezes. Logo me coloca na cama e massageia suavemente a parte da minha cabeça que bateu no teto do carro.

— Mesmo que você não acredite, o que eu mais gosto no mundo não são nem essa cabeça nem esse corpo tão... multidimensionais — me diz agora com a sua voz cotidiana — e tão machucados! — acrescenta, rindo. — Mas todo esse seu ouro abraçado a mim, assim, como estamos agora.

Surpresa, eu digo que se existe alguém nesse quarto que não tem um grama de ouro sou justamente eu. E ele murmura no meu ouvido que tenho o maior coração de ouro do mundo porque começo sendo o seu desafio e, apesar de todas as provas terríveis que me impõe, nunca reclamo e sempre termino sendo o seu prêmio.

— Como meu coração já está dentro do seu, sei tudo sobre você. E, agora que ambos ganhamos, podemos perder a cabeça juntos, não acha? Abracadabra, minha Maria Antonieta consentida...

Quando dorme, olho o revólver. Está carregado com seis balas. Vou até o terraço e vejo quatro carros com guarda-costas estacionados em cada esquina da rua. Sei que dariam a vida por ele; eu também, sem pensar duas vezes. Fico tranquila e durmo feliz. Quando acordo, ele já foi embora.

DOIS FUTUROS PRESIDENTES E VINTE POEMAS DE AMOR

A SEGUNDA META DE Pablo, depois de juntar uma fortuna colossal, é a de usar seu dinheiro para se transformar no líder político mais popular de todos os tempos. E como não será um ato da mais declarada esquizofrenia, de absoluto delírio de grandeza, do mais absurdo culto à personalidade, de uma extravagância sem precedentes, de um esbanjamento nunca sonhado, exorbitante e, acima de tudo, inútil, aspirar à meta de dar 10 mil casas àqueles que não têm teto e pretender acabar com a fome numa cidade de 1 milhão de habitantes? E, mais ainda, na Colômbia, talvez o país com os magnatas mais mesquinhos e cheios de grandeza de toda a América Latina?

Aqueles que concentram os maiores capitais vivem na eterna dúvida se são amados pelo seu dinheiro; por isso são quase tão inseguros e desconfiados em matéria de amor, como também são as mulheres famosas pela sua beleza, que a toda hora se perguntam se os homens precisam delas realmente como esposas ou namoradas, ou para exibi-las como posse ou troféu de caça. Mas, no caso de Pablo, ele está totalmente convencido de que não é por sua riqueza, mas por ele mesmo que é amado por seus seguidores, por seu exército, por suas mulheres, por seus amigos, por sua família e, obviamente, por mim. Embora tenha razão, me pergunto se sua sensibilidade extrema, associada com o que parece ser uma personalidade patologicamente obsessiva, vai estar preparada para as armadilhas da fama que se aproxima e, principalmente, para a quantidade de oposição que esta vai lhe acarretar num país onde as pessoas, segundo o provérbio, “não morrem de câncer, mas de inveja”.

Vejo Pablo pela segunda vez em público por ocasião da inauguração de uma das quadras de basquete. Como seu movimento político “Civismo em

Marcha” enaltece o entretenimento saudável e ele é apaixonado por esporte, Pablo se propôs a construir quadras em todos os bairros populares de Medellín e de Envigado, o município adjacente onde ele foi criado, e oferecer iluminação para as quadras de futebol de toda a cidade. Quando nos conhecemos, já havia doado para dezenas de quadras. Nessa noite me apresenta à sua família — pessoas de classe média sem um traço de maldade nos rostos muito sérios — e à sua mulher de 23 anos, Victoria Henao, mãe de Juan Pablo, seu filhinho de seis anos. “A Tata”, como todos a chamam, não é bonita, mas seu rosto tem uma expressão digna. Apenas seus brincos — dois solitários de diamante num tamanho nunca visto — podiam entregá-la como a mulher de um dos homens mais ricos do país. Tem o cabelo muito curto, é morena e pequena, e sua timidez evidente contrasta com a desenvoltura dele. Ao contrário de nós dois, que nos sentimos como peixinhos n’água nas multidões, ela não parece gostar muito do evento, e algo me diz que começa a inquietar-se com a crescente popularidade do marido. Ela me cumprimenta friamente e com a mesma desconfiança que observo nos olhos de quase toda a família de Pablo. Olha para ele com absoluta adoração, ele a contempla extasiado, e eu os observo com um sorriso, porque nunca senti ciúme de ninguém. Por sorte, não tenho por Pablo uma paixão excludente ou possessiva; o amo com alma e coração, com o corpo e a cabeça, e com loucura, mas não de uma maneira irracional porque, mais do que dele, gosto muito de mim mesma. E minha perspicácia se pergunta se, depois de oito anos de casamento, aqueles olhares de namorados encantados não obedecem, na verdade, à necessidade de esclarecer em público qualquer dúvida sobre sua relação.

Enquanto estudo sua família com a perspectiva tripla que a intimidade de amante, a objetividade de jornalista e a distância de espectadora me dão, parece que começo a ver uma espécie de enorme sombra que paira sobre a idílica cena familiar e a multidão que se aproxima de Pablo para agradecer os milhares de compras de mercado que ele distribui semanalmente para os pobres. Uma tristeza inexplicável e impregnada de dúvidas, dessas que antecedem as premonições, me envolve rápido, e me pergunto se aquelas cenas triunfalistas com bolas coloridas e música estridente nos alto-falantes podem ser só ilusões, truques pirotécnicos, castelos de cartas. Quando a sombra se afasta, vejo claramente o que ninguém mais parece ter notado: que sobre essa enorme família de Pablo,

enfeitada com roupas novas e joias, produto de uma formidável riqueza recém-nascida, pairam os temores por algo que vem crescendo há muito tempo e que a qualquer momento poderá explodir como um vulcão de proporções bíblicas.

As inquietantes sensações me atravessam e se vão enquanto ele aproveita o calor da multidão, a admiração e os aplausos. Para mim esses são o pão de cada dia, privilégios da minha profissão como apresentadora de televisão e de incontáveis eventos, acostumada desde os 22 anos aos gritos de “Bravo!” de um teatro ou das vaias de um estádio; mas para Pablo são o oxigênio, a única razão da sua existência, os primeiros degraus do caminho até a fama. É evidente que seu caloroso discurso político toca profundamente os corações populares. Ao escutá-lo, as frases de Shakespeare vêm à minha mente com as palavras de Antônio no enterro de Júlio César: “Aos homens sobrevive o mal que fazem, mas o bem quase sempre com seus ossos fica enterrado”. Pergunto a mim mesma qual será o destino dessa mistura de mecenas e bandido, tão jovem e ingênuo, por quem eu também me apaixonei. Saberá jogar bem suas cartas? Aprenderá algum dia a falar em público com um sotaque menos carregado e num tom mais educado? Poderá o meu diamante bruto polir aquele discurso mais simples para transmitir uma mensagem potente que transcenda a província? Conseguirá encontrar uma forma de paixão mais controlada para obter o que propõe, e uma ainda mais inteligente para poder manter o proposto? Passados vários minutos, a felicidade que inunda todas aquelas famílias de recursos escassos me contagia com suas ilusões e esperanças. Dou graças a Deus pela existência do único benfeitor laico em grande escala que a Colômbia pôde ver desde que tenho memória e, cheia de entusiasmo, me uno às comemorações populares.

O programa sobre o lixo causa uma comoção nacional. Todos os meus colegas querem entrevistar Pablo Escobar para averiguar de onde sai o dinheiro de um representante da Câmara interino de 33 anos que parece contar com recursos inesgotáveis, somados a uma generosidade nunca vista e com uma inquietante liderança política, produto da insólita mistura de dinheiro e bom coração. Muitos querem saber também qual é a natureza de sua relação com uma estrela de TV da sociedade que sempre protegeu cuidadosamente sua vida privada. Nego terminantemente qualquer romance com um homem casado e aconselho Pablo a não conceder

entrevistas até depois do teste que me proponho a fazer com ele frente a uma câmera num estúdio de televisão. Ele aceita, mas relutante.

— Na próxima semana vou te convidar para o Primeiro Fórum contra a Extradicação, aqui em Medellín — me conta. — E na seguinte, em Barranquilla, vai conhecer os homens mais importantes da minha corporação, que agora também são os mais ricos do país. Quase todos fazem parte do MAS e estão decididos a acabar com essa monstruosidade a qualquer preço. A sangue e fogo, se for necessário.

Faço com que perceba que uma linguagem tão belicosa pode criar muitos inimigos na etapa inicial de sua ascendente carreira política. E o aconselho a estudar *A arte da guerra*, de Sun Tzu, para aprender mais sobre tática e paciência. Ensino algumas máximas do sábio chinês, como “Nunca ataque quando estiver em ascensão”, e ele comenta que, quando se trata de estratégia, adapta as suas rapidamente às necessidades do momento e, como os livros o cansam terrivelmente, é para aprender todas essas coisas sem ter que estudá-las que conta comigo, que leio vorazmente desde pequena. Sabe que é a última coisa que uma mulher apaixonada e desejável quer escutar e, por isso, continua num tom festivo:

— Aposto que não consegue adivinhar qual é o apelido que coloquei em você para que me avisem pelo rádio quando chega ao aeroporto? Pois é, nada mais, nada menos que... “Belisario Betancur!”, como o presidente da República, para que você entre por cima no submundo! Não pode reclamar, minha V.V.!

E ri com essa brincadeira que me desarma, que apaga de uma vez por todas as minhas preocupações e me faz derreter em seus braços como se eu fosse um sorvete de caramelo com baunilha e pedacinhos de chocolate abandonado ao ar livre numa tarde de verão.

As pessoas que viajam comigo no avião formam um grupo cada vez mais heterogêneo. Um acabou de falar com Kim Il-sung, na Coreia do Norte. O outro veio da mais recente reunião dos Países Não Alinhados. Um terceiro conhece Petra Nelly, a fundadora do Partido Verde alemão, que Pablo quer tentar convidar para conhecer seu zoológico e suas obras sociais, e o que está mais adiante é amigo íntimo de Yasser Arafat. Já nos escritórios de Pablo e Gustavo, o azul substitui o vermelho, os óculos escuros estão em toda parte, e o tom de verde não é exatamente o dos ecologistas europeus: aquele grupo é formado pelo F2 da polícia, o paraguaio é próximo ao filho

ou ao gênero de Stroessner, os outros são generais mexicanos de três estrelas, os com malas são vendedores de armas israelenses e os que estão no fundo vieram da Libéria. A vida de Pablo nesses primeiros meses de 1983 parece uma Assembleia Permanente das Nações Unidas. E eu vou aprendendo que o homem que amo, mais do que talento para se disfarçar e comprar nacionalidades, tem uma atitude camaleônica para adaptar seu ideário político ao do público consumidor: da mais extrema-esquerda para a assistência aos pobres, os partidos políticos, os meios de comunicação e a exportação; à mais arrepiante e repressiva direita para defender sua família, seu negócio, seus bens e seus interesses perante sócios multimilionários ou aliados de farda, e ambos os extremos para exibir — para a mulher-desafio por quem se apaixonou — seus dotes de titereiro da história, no controle perfeito dos fios multicoloridos do formidável estratagema que está armando. Ele a escolheu como observadora de seus processos evolutivos e possível cúmplice de sua existência para que possa observar como nele confluem todas as formas de poder masculino e, ao transformá-la em testemunha excepcional de sua capacidade de subjugar outros homens, está descobrindo também sua capacidade para seduzir outras mulheres.

O Primeiro Fórum contra a Extradicação acontece em Medellín. Pablo me convida a sentar à mesa principal com o sacerdote Elías Lopera, que está à sua direita. É ali que escuto pela primeira vez seu discurso nacionalista entusiasta contra aquele ato jurídico. Com o tempo, a luta contra a extradicação vai se transformar em sua obsessão, sua causa e seu destino, no calvário de toda uma nação — milhões de compatriotas e milhares de vítimas — e na cruz de sua vida e da minha. Na Colômbia, onde a justiça quase sempre demora vinte anos ou mais para chegar — quando chega, porque no caminho é vendida frequentemente ao melhor licitante —, o sistema é projetado para proteger o criminoso e desgastar a vítima, o que quer dizer que alguém com os recursos financeiros de Pablo está destinado a aproveitar pelo resto de seus dias a mais vil impunidade. Mas uma nuvem negra acaba de aparecer não apenas em seu horizonte, mas no de toda a sua corporação: a possibilidade de que o governo dos Estados Unidos venha a solicitar o pedido de extradicação de qualquer acusado colombiano para ser julgado pelos delitos binacionais, num país

que conta com um sistema judicial eficiente, prisões de alta segurança, sentenças de prisão perpétua e pena de morte.

Naquele Primeiro Fórum, Pablo se dirige a seus conterrâneos em uma linguagem muito mais belicosa do que a que eu conhecia. Não vacila a voz ao atacar ferozmente o promissor líder político Luis Carlos Galán, um candidato importante à presidência da República, por tê-lo removido das listas de seu movimento, Renovação Liberal, cuja principal bandeira era a luta contra a corrupção. O que Pablo não perdoará enquanto viver é que, depois de conhecer a verdadeira origem de sua fortuna em 1982, Galán tenha notificado sua expulsão, embora sem mencionar Escobar pelo nome, diante de milhares de pessoas reunidas no Parque Berrío, em Medellín.

Eu conheci Luis Carlos Galán doze anos antes, na casa de uma das mulheres mais simpáticas que levo na lembrança, a bela e elegante Lily Urdinola de Cali. Eu tinha 21 anos e havia acabado de me divorciar de Fernando Borrero Caicedo, um arquiteto muito parecido com Omar Sharif e 25 anos mais velho do que eu. Lily tinha se separado do dono de um engenho de açúcar no Vale do Cauca e agora tinha três pretendentes. Uma noite chamou a todos para jantarem juntos e pediu a mim e a seu irmão Antonio que a ajudássemos a escolher entre um milionário suíço dono de uma rede de padarias, um judeu rico com uma cadeia de lojas de roupa e um jovem tímido de nariz aquilino e olhos claros enormes cujo único capital parecia ser um futuro político brilhante. Mesmo que naquela noite nenhum de nós tenha votado em Luis Carlos Galán, poucos meses depois, aos 26 anos, o jovem silencioso com olhar cristalino se transformaria no ministro mais jovem da história. Nunca contei a Pablo sobre essa “derrota”; mas me arrependeria para o resto da vida por não ter dado meu voto para Luis Carlos naquela noite porque, se Lily tivesse se deixado cortejar por ele, entre nós duas certamente teríamos resolvido esse bendito problema com Pablo, e milhares de mortes e milhões de horrores teriam sido evitados.

A fotografia de nós dois no Primeiro Fórum contra a Extradicação se torna a primeira de centenas que vão documentar aqueles meses iniciais da parte mais conhecida da nossa relação. Alguns meses depois, a revista *Semana* vai utilizá-la para ilustrar seu artigo sobre “O Robin Hood *paisa*”, e, a partir daquele generoso epíteto, Pablo começará a construir sua lenda, primeiro na Colômbia e depois no resto do mundo. Durante todos os nossos

próximos encontros, depois de me cumprimentar com um beijo e um abraço seguido de duas voltas no ar, ele sempre me perguntará:

— O que dizem em Bogotá de Reagan e de mim?

E eu contarei em detalhes o que todos acham dele, porque o que dizem do presidente Reagan só interessa a Nancy, astróloga de sua esposa, e aos congressistas republicanos de Washington e Delaware.

Para o Segundo Fórum contra a Extradicação, viajamos para Barranquilla e nos hospedamos na suíte presidencial de um enorme hotel recém-inaugurado; não no El Prado, que sempre foi um dos meus favoritos. Pablo só gosta quando tudo é moderno, e eu só gosto quando tudo é elegante, e sempre discutiremos pelo que ele considera “de estilo antiquado” e o que eu qualifico “de estilo mágico”. O evento tem como cenário a esplêndida casa de Iván Lafaurie, belamente decorada por minha amiga Silvia Gómez, que também cuidou da decoração de todos os meus apartamentos desde que tenho 21 anos.

Nessa ocasião, nenhum meio de comunicação foi convidado. Pablo me explica que o mais pobre dos participantes tem 10 milhões de dólares, enquanto as fortunas de seus sócios — os três irmãos Ochoa e Gonzalo Rodríguez Gacha, “o Mexicano” — somam com a dele e a de Gustavo Gaviria vários bilhões de dólares e superam com folga as dos tradicionais magnatas da Colômbia. Ele me informa que quase todos os empregados são membros do MAS, e eu leio na expressão de muitos rostos o transtorno pela presença de uma conhecida jornalista televisiva no fórum.

— Hoje você será testemunha de uma declaração de guerra histórica. Onde você prefere se sentar? Na primeira fila embaixo, olhando para mim e os chefes do meu movimento que você já conheceu em Medellín? Ou na mesa principal, observando os quatrocentos homens que vão banhar este país em sangue se o Tratado de Extradicação for aprovado?

Como já estou me acostumando com sua terminologia napoleônica, escolho ficar na extrema direita da mesa principal, não para conhecer essas quatro centenas de novos multimilionários que num futuro poderiam substituir no poder — e, inclusive, guilhotinar — minhas amigadas e ex-namorados da oligarquia tradicional (o que me produz emoções conflitantes, que vão desde o mais profundo temor até o mais delicioso deleite), mas para tentar ler nesse mar de rostos duros e desconfiados o que realmente pensam do homem que amo. Sem que eu saiba, nessa noite

estrelada e naquela mansão próxima ao mar do Caribe, rodeada de jardins, estou assistindo como uma testemunha excepcional, única mulher e possível futura cronista da história, ao batismo de fogo do narcoparamilitarismo colombiano.

Quando terminam os discursos e o fórum se encerra, desço do palco e me dirijo para a piscina. Pablo ficou conversando com os anfitriões e com seus sócios, que o parabenizam efusivamente. Uma nuvem de curiosos me rodeia, e vários empregados me perguntam o que estou fazendo ali. Um homem com aspecto de fazendeiro e tradicional criador de gado da costa — com um sobrenome como Lecompte, Lemaitre ou Pavejeau —, encorajado pelo rum ou pelo uísque, diz em voz alta para que todos possam escutá-lo:

— Eu estou é muito velho para que um menino como este venha me dizer em quem devo votar! Eu sou um godo [membro do Partido Conservador], retrógrado e atrasado, daqueles das antigas e da vida inteira, e eu voto em Álvaro Gómez e ponto! Este sim é um cara sério, não é como esse malandro Santofimio! De onde saiu esse *parvenue* Escobar para vir me dar ordens? Por acaso pensa que tem mais dinheiro e vacas que eu, ou o quê?

— Agora que sei que com o dinheiro da coca um cara pode conseguir sair com uma estrela da televisão, vou deixar Magola, minha mulher, para me casar com a atriz Amparito Grisales! — outro se gaba às minhas costas.

— Será que essa pobre moça sabe que o cara foi *gatillero* e tem na conta mais de duzentos mortos? — debocha em voz baixa um terceiro para um grupo que celebra suas palavras com risadinhas nervosas antes de sair rapidamente.

— Dona Virginia — chama minha atenção um homem mais velho que parece escutar com desgosto os anteriores —, meu filho foi sequestrado pelas Farc há mais de três anos. Que Deus abençoe Escobar e Lehder e a todos esses senhores tão corajosos e decididos! É de gente como eles que este país estava precisando, porque nosso Exército é muito pobre para lutar sozinho contra essa guerrilha enriquecida pelo sequestro. Agora que estamos nos unindo, sei que posso sonhar em voltar a ver meu filho antes de morrer. E que ele vai poder abraçar sua esposa e conhecer, finalmente, meu neto!

Pablo me apresenta a Gonzalo Rodríguez Gacha, o Mexicano, que está acompanhado de alguns *esmeralderos* de Boyacá. Recebe cumprimentos calorosos de quase todos os assistentes, e ficamos conversando um pouco com seus amigos e sócios. Quando voltamos para o hotel, não digo nada sobre o que escutei e só comento com ele que alguns dos participantes — como pessoas de direita que evidentemente são — parecem sentir uma profunda desconfiança por alguém tão liberal como Santofimio, seu candidato.

— Espera até que sequestrem um filho de cada um, e que o primeiro da corporação seja extraditado, e vai ver como correm para votar em quem nós indicarmos!

Depois de ter sido expulso do movimento de Luis Carlos Galán, Escobar se uniu ao senador Alberto Santofimio, chefe liberal do Departamento de Tolima. Santofimio é muito próximo do ex-presidente Alfonso López Michelsen, de cuja sogra é primo. Gloria Valencia de Castaño, “a primeira-dama da televisão colombiana”, é a filha não reconhecida de um tio de Santofimio, e sua filha única, Pilar Castaño, é casada com Felipe López Caballero, o editor da revista *Semana*.

Nas eleições presidencial e senatorial colombianas, o fluxo de votos santofimistas constitui parte substancial do total obtido pelo candidato do Partido Liberal, que supera o Conservador em número de eleitores e presidentes eleitos. Santofimio é carismático e tem fama de ser, além de um excelente orador em praça pública, o político mais hábil, ambicioso e sagaz do país. Tem cerca de quarenta anos e se alinha como um candidato importante à presidência da República. É um homem de baixa estatura e tem aparência robusta, de rosto satisfeito e quase sempre sorridente. Nunca fomos amigos, mas sinto uma simpatia por ele e sempre o chamei de Alberto. (Em 1983, socialmente todo mundo me chama de Virginia, e eu me dirijo às personalidades pelo primeiro nome; só chamo de “doutor” àqueles de quem prefiro conservar certa distância e “senhor presidente” aos chefes de Estado. Em 2006, depois de vinte anos de ostracismo, as pessoas me chamarão de “senhora”, e eu chamarei todo mundo de “doutora” ou de “doutor”, e os ex-presidentes, ao me verem ao longe, tentarão desaparecer.)

Poucos meses antes de nos conhecermos, Escobar e Santofimio assistiram com outros congressistas colombianos à posse do presidente do

governo espanhol, o socialista Felipe González, cujo homem de confiança, Enrique Sarasola, é casado com uma colombiana. Eu tinha entrevistado González na televisão em 1981 e conheci Sarasola em Madri, durante minha primeira viagem de lua de mel. Com uma expressão terrivelmente séria, Pablo me descreveu a cena em que os outros parlamentares da comitiva pediam cocaína de presente numa discoteca madrilenha e ele reagia se sentindo insultado. E eu confirmei o que já sabia: que o Rei da Coca parece detestar, tanto quanto eu, o produto de exportação com o qual está construindo um império livre de impostos. A única pessoa a quem Pablo deu de presente pedras de cocaína sem que sequer tenha pedido foi o ex-namorado de sua namorada, e não o fez exatamente por razões filantrópicas ou humanitárias.

Como em 1983 os senadores liberais Galán e Santofimio são as duas opções mais seguras de mudança geracional para o período presidencial de 1986-1990, Pablo e Alberto se tornaram aliados amargos contra a candidatura presidencial de Luis Carlos Galán. Escobar me confessou que, para as eleições parlamentares de *mitaca*¹² em 1984, está investindo milhões na campanha política de Santofimio. Tento convencê-lo de que já está na hora de chamar o favorecido de suas doações pelo primeiro nome, como faz Julio Mario Santo Domingo com Alfonso López, mas Pablo sempre chamará seu candidato de “doutor”. Nos anos seguintes, “o Santo” será o eterno elo entre Escobar e toda a sua corporação com a classe política, a burocracia, o Partido Liberal e, acima de tudo, com a Casa López, incluindo os setores das Forças Armadas, porque outro primo de Santofimio, casado com a filha de Gilberto Rodríguez Orejuela, é filho de um conhecido general do Exército.

Hoje estou radiante de felicidade. Pablo vem para as sessões do Congresso em Bogotá e, finalmente, vai conhecer meu apartamento. E disse que traz outra surpresa! A pétala de cada rosa está perfeita e todo o resto também: minha bossa nova preferida no som, o champanhe rosé no freezer, meu perfume favorito, o vestido de Paris e os *Vinte poemas de amor* de Pablo Neruda sobre a mesa de centro. Clara, minha melhor amiga na época, veio de Cali, porque vende antiguidades e quer mostrar a Pablo um Cristo do

século XVIII dado para o padre Elías Lopera. Por enquanto só ela, Margot, Martita e os sócios de Pablo sabem de nossa relação.

Toca a campainha, e desço como louca as escadinhas que separam o estúdio e os três quartos da parte social do meu apartamento que tem 220 metros quadrados. Ao chegar à sala, encontro não apenas o candidato e seu patrocinador, mas também meia dúzia de guarda-costas que me examinam da cabeça aos pés com olhar insolente, antes de descer do elevador para esperar seu chefe na garagem ou na entrada do edifício. O elevador volta a subir com outra dúzia de homens e volta a descer com a metade. A cena se repete três vezes, e três vezes Pablo percebe o desgosto em meu rosto. Tudo em minha expressão de censura o adverte de que esta será a primeira e última vez na vida que vou permitir que entre com escolta ou desconhecidos no lugar onde vamos nos encontrar ou onde estou esperando por ele.

Ao longo dos anos verei Pablo umas 220 vezes, quase oitenta delas rodeado por um exército de amigos, seguidores, empregados e guarda-costas. Mas a partir daquele dia ele vai chegar a nossos apartamentos e a minhas suítes completamente só, e ao chegar às casas de campo ordenará a seus homens que desapareçam antes que possam me ver. Nessa noite ele entendeu rapidamente que, para visitar a mulher que ama — e que também é uma diva —, um homem casado não pode agir como um general, mas deve se comportar como um simples apaixonado. E também que o primeiro reconhecimento que um amante deve ao outro é uma confiança quase cega. Pelo resto dos nossos dias juntos sempre vou agradecer a ele com gestos, nunca com palavras, sua aceitação tácita das condições impostas nessa noite com apenas aquelas três olhadas.

Clara e eu cumprimentamos Gustavo Gaviria, Jorge Ochoa e seus irmãos, Gonzalo, o Mexicano, Pelusa Ocampo, dono do restaurante onde às vezes jantamos, Guillo Ángel e seu irmão Juan Gonzalo, e Evaristo Porras, entre outros. Este último parece bastante assustado porque a mandíbula treme, mas Pablo me explica que o homem consumiu cocaína em quantidades industriais. Como Aníbal Turbay nunca bateu os dentes, concluo que Evaristo deve ter “mandado” pelo menos 250 gramas de cocaína para o organismo. Depois de repreendê-lo a sós, Pablo pede que ele lhe entregue uma fita de vídeo, se despede e o empurra suavemente para o elevador como se fosse uma criança advertida, ordenando que volte

ao hotel e nos espere ali. Em seguida me diz que devemos ver a gravação juntos porque quer me pedir um favor em caráter de urgência. Deixo que Clara se encarregue dos convidados e subimos até o estúdio.

Cada vez que nos vemos, Pablo e eu passamos seis, oito ou mais horas juntos, e ele já tem me confiado alguns princípios gerais de seu negócio. Nessa noite me explica que Leticia, capital do Amazonas colombiano, se tornou uma cidade essencial para o trânsito da pasta de coca que sai do Peru e da Bolívia em direção à Colômbia, e que Porras é o homem de sua organização no sudeste do país. E me explica que, para justificar sua fortuna para o fisco, Evaristo comprou três vezes o tíquete vencedor da loteria do Gordo, e por isso ele tem a fama de ser o homem mais sortudo do mundo!

Ligamos a televisão, e a figura de um jovem que conversa com Porras sobre o que parece ser um negócio de questões agrícolas aparece na tela; as imagens noturnas estão borradas, e os diálogos também não são claros. Pablo me diz que se trata de Rodrigo Lara, braço direito de Luis Carlos Galán e, portanto, seu archi-inimigo. Ele me explica que o que Evaristo está tirando de um pacote é um cheque de 1 milhão de pesos — cerca de 20 mil dólares na época —, fruto de um suborno, e confessa que a armação foi cuidadosamente planejada por ele, seu sócio e o *cameraman*. Quando terminamos de ver a fita, Pablo me pede para denunciar Lara Bonilla em meu programa de televisão *Ao ataque!*. E eu me nego. Redonda e terminantemente.

— Eu também teria que denunciar Alberto, que está aqui, por receber de você quantias de dinheiro muito maiores; e Jairo Ortega, seu principal aliado na Câmara, e sabe-se lá mais quantos! O que você acharia se amanhã me entregasse o dinheiro do Cristo que a Clara trouxe e alguém me gravasse recebendo para poder dizer que foi produto de um negócio com cocaína, só porque foi você que me deu? Ao longo da minha vida já fui vítima de mil calúnias e por isso nunca uso meu microfone para prejudicar ninguém. Como vou saber se Lara não está fazendo um negócio lícito com Porras, ainda mais quando me diz que isso foi uma armação planejada por vocês? Precisa entender que uma coisa é eu exibir no meu programa aquele lixão infernal e suas impressionantes obras sociais, e outra é me transformar em cúmplice de armações para atacar seus inimigos, sejam inocentes ou culpados. Eu quero ser seu anjo da guarda, amor. Peça

para outra pessoa fazer esse favor para você, alguém que queira ser sua bruxa.

Pablo me observa assombrado e baixa o olhar em silêncio; como vejo que não quer me enfrentar, continuo: digo que eu o entendo como ninguém, porque também sou do grupo dos que nunca perdoam e nunca se esquecem, mas que se todos decidíssemos um dia acabar com aqueles que nos prejudicaram, o mundo ficaria sem habitantes em segundos. Tento convencê-lo de que com a sorte que tem nos negócios, na família, na política e no amor, deveria se considerar o homem mais afortunado da Terra, e peço que esqueça esse espinho que tem enterrado no coração e que vai acabar gangrenando sua alma.

Ele fica de pé com um salto. Me toma em seus braços e me balança longamente. Não há nada, nada no mundo que possa me fazer sentir mais feliz porque, desde o dia em que Pablo salvou minha vida, esses braços me transmitem toda a segurança e proteção que uma mulher pode ansiar. Ele me beija na testa, cheira o meu perfume, passa suas mãos nas minhas costas várias vezes e diz que não quer me perder porque precisa de mim a seu lado para um monte de coisas. Depois, me olhando nos olhos com um sorriso, diz:

— Você tem toda a razão. Desculpa! Vamos voltar à sala. — E é como se minha alma voltasse ao meu corpo. Penso que eu e ele estamos crescendo juntos, como dois pés de bambu.

Muitos anos depois, me perguntarei se por trás daqueles longos silêncios cabisbaixos de Pablo havia realmente essa sede de vingança da qual me falava sempre, ou apenas pressentimentos assustadores e inconfessáveis. Não seriam, por acaso, premonições que antecipavam o futuro que nos alcançava como uma locomotiva desgovernada, sem que pudéssemos fazer nada para evitá-lo, detê-lo ou desviar seu curso?

Quando descemos, todos estão felizes, e Clara e Santofimio recitam em dupla os versos mais famosos dos *Vinte poemas de amor*, de Neruda:

*Gosto de ti quando calas porque estás como ausente,
e me ouves de longe, e a minha voz não te toca*

Em noites como esta eu a tive em meus braços.

Beijei-a tantas vezes sob o céu infinito

*Posso escrever os versos mais tristes essa noite.
Pensar que não a tenho. Sentir que a perdi.*

*Já não a amo, é verdade, mas quanto a amei.
É tão curto o amor, e é tão longo o esquecimento.*

*Minha voz procurava o vento para tocar o seu ouvido.
De outro. Será de outro. Como antes dos meus beijos.¹³*

Pablo e eu interrompemos a dupla e pedimos que nos deixem escolher os nossos.

— Me dedica este — digo a ele, rindo: — “Para meu coração basta teu peito, para tua liberdade bastam minhas asas”. Suas 24 asas, as dos onze aviões e as duas do Jumbo!

— Então é isso que você quer, bandida, fugir de mim? Nem sonhe! E quem disse que eu só quero o seu peito? Eu te quero por completo, e o seu verso é este: “Como te sentem minha meus sonhos solitários!” — e o repete várias vezes. — E este outro: “Tens os olhos profundos onde a noite alea, frescos braços de flor e regaço de rosa”. Dedico esses dois, com autógrafo e tudo!

Depois de assinar com seu nome, diz que agora quer me dar um poema seu que seja exclusivamente para mim. Depois de pensar uns segundos, escreve:

*Virginia:
Não penses que se não te chamo,
Não sinto muitas saudades.
Não penses que se não te vejo,
Não sinto tua ausência.
Pablo Escobar G.*

Tantos NÃOS me soam estranhos, mas guardo o comentário para mim; enalteço sua rapidez mental e agradeço o presente com meu sorriso mais

radiante. Santofimio também me dedica o livro: “Virginia: Para você, a voz discreta, a figura altiva, a (duas palavras ilegíveis) do nosso Pablo. AS”.

Por volta das oito horas da noite, os *capi di tutti capi* se despedem porque precisam comparecer a um compromisso social “de muito, muito alto nível”. Clara está feliz porque vendeu o Cristo para Pablo por 10 mil dólares, e escreveu no livro de poemas que não vê a hora de vê-lo transformado em presidente da República. Quando ela sai e seus sócios já desceram, Pablo me confessa que todo o seu grupo está indo agora para o apartamento do ex-presidente Alfonso López Michelsen e de sua mulher Cecilia Caballero de López, mas me implora que não comente isso com ninguém.

— A coisa é por aí, meu amor! Por que você se preocupa com esses galanistas, se tem acesso ao presidente mais poderoso, mais influente, mais inteligente, mais rico e, acima de tudo, mais prático deste país? Não pense mais em Galán nem em Lara. Só siga adiante com o Civismo em Marcha e Medellín sin Tugurios, que a Bíblia diz: “É por suas obras que serás conhecido”.

Ele me pergunta se vou acompanhá-los nas campanhas políticas, e, com um beijo, eu digo que para isso pode contar comigo. Sempre.

— Vamos começar nesta semana. Quero que você saiba que não posso te ligar diariamente para dizer as loucuras que me passam pela cabeça, porque meus telefones estão grampeados. Mas penso em você o tempo inteiro. Não esqueça nunca, Virginia, que “Não te pareces com ninguém desde que eu te **amo**”.¹⁴

A AMANTE DO LIBERTADOR

É DIA 28 DE abril de 1983, e estou em meu escritório quando recebo um telefonema de Pablo. Ele anuncia que vai me dar uma notícia de transcendência histórica, mas me pede para que não divulgue nem conte para nenhum meio de comunicação; só a Margot, se eu quiser. Com um tom de animação fora do normal, Escobar me informa que o avião de Jaime Bateman Cayón, chefe do movimento guerrilheiro M-19, caiu no Tapón del Darién enquanto voava de Medellín para a Cidade do Panamá. Pergunto como ele soube da notícia, e me diz que ele sabe de tudo o que acontece no aeroporto de Medellín. Mas, complementa, a morte de Bateman é só uma parte da novidade em primeira mão que em algumas horas estará em todos os noticiários internacionais: a outra é que o líder subversivo levava uma mala com 600 mil dólares em espécie e que ela não está em lugar nenhum. Expresso a minha confusão pelo que ele está me dizendo porque como alguém vai saber, poucas horas depois de acontecer um desastre aéreo numa das florestas mais densas do planeta, se uma mala está ou não entre os restos de um avião ou junto a um dos cadáveres incinerados? Do outro lado da linha, Escobar ri com malícia e comenta que ele sabe perfeitamente do que está falando pela simples razão de que um de seus aviões já localizou os restos de Bateman!

— Pablo, encontrar aviões acidentados no meio da floresta leva semanas, quando não meses. Esses seus pilotos são, definitivamente, uns prodígios!

— É verdade, meu amor! E, como você é outro, te deixo as informações para que você ligue os pontos! Manda um beijo para Margot e Martita, e nos vemos no sábado.

O governo colombiano demoraria nove meses para recuperar os corpos. Com a morte de Bateman, descobriu-se que a conta do M-19 num banco panamenho estava no nome da mãe do fundador, Ernestina Cayón de Bateman, defensora importante da causa dos direitos humanos. Ela e os líderes do grupo logo se enfrentariam numa batalha amarga por 1 milhão de dólares depositados por seu filho no Panamá. Anos depois, um banqueiro equatoriano escolhido como mediador ou intermediário ficaria com quase todo o dinheiro.

Pablo e eu não voltaríamos a falar sobre a misteriosa maleta. Mas uma das lições mais valiosas que aprendi do único ladrão de lápides e mecânico de automóveis *Summa Cum Laude* dono da frota aérea que conheci em toda a minha vida é que os aviões pequenos e os helicópteros das pessoas muito controversas e com muitos inimigos raramente caem por falhas técnicas de origem divina, mas quase sempre por falhas de origem humana. Daí a importância do “de rastreamento em rastreamento”. Sobre aqueles 600 mil dólares — o valor que tinha há 25 anos —, hoje só poderia citar o famoso ditado estrangeiro que diz: “Se faz *quac, quac* como um pato, nada como um pato e caminha como um pato... é um pato!”.

Ao movimento de Santofimio foi se juntando um sem-número de senadores e representantes que incluem muitos conhecidos meus de Bogotá, como María Elena de Crovo, uma das melhores amigas do ex-presidente López, Ernesto Lucena Quevedo, Consuelo Salgar de Montejo, prima em primeiro grau do meu pai, e Jorge Durán Silva, “o Vereador do Povo” e meu vizinho do quinto andar. Por muitos finais de semana fizemos campanha, e ao nosso grupo de *santofimistas* se juntaram os líderes ou “caciques” liberais e *lopistas* de cada região que visitamos.

Certo dia, escuto gargalhadas sonoras às minhas costas e pergunto a Lucena qual é a piada. Muito relutante, me conta que Durán Silva debocha de mim em público dizendo que Escobar manda seu avião cada vez que quer dormir comigo. Sem me desconcertar, e sem me virar, exclamo bem alto para que todos possam ouvir:

— Esses caras de hoje não sabem nada sobre as mulheres! Sou eu que peço o maior dos onze aviões cada vez que quero dormir com seu dono!

Segue um silêncio sepulcral. Depois de uma breve pausa, acrescento:

— Como esses coitados são inocentes! — E saio.

O que meu vizinho parece ignorar é que todos os homens apaixonados escutam, antes de qualquer pessoa, a mulher que dorme com eles. Escobar não é uma exceção. Pablo e eu estamos conscientes de que, pela natureza do negócio que alimenta a campanha *santofimista* e pela minha condição de mulher famosa, estamos expostos a todo tipo de gozações e críticas e por isso temos que nos proteger ferozmente. Como ele tem um império para cuidar e não pode estar presente em todas as campanhas e comícios políticos, nos vemos quase sempre na noite do dia seguinte, e eu lhe passo um relatório detalhado de tudo o que aconteceu no dia. Quando comento sobre o que o Vereador do Povo disse, reage como um leão:

— E por que outro motivo eu mandaria um jato que consome milhares de dólares em combustível para a mulher que adoro, se ela mora em outra cidade? Para que uma beleza como você venha me dar aulas de catolicismo? Por acaso você é santa María Goretti? Esse miserável fica semanas me pedindo dinheiro... Agora não verá um centavo meu enquanto viver! E se chegar a menos de quinhentos metros de mim, peço para meus homens o afastarem a pontapés e ordeno que o castrem! Por ser bicha! E por ser grosso!

À medida que a campanha avança, começo a me dar conta da impressionante influência que Santofimio exerce sobre Pablo. Já na noite em que lemos os *Vinte poemas de amor*, eu tinha escutado dizerem várias vezes que Luis Carlos Galán era o único obstáculo entre eles e o poder. Nesse momento ficou completamente claro para mim que não só Santofimio está decidido a ser o próximo presidente da República, como Pablo se propõe a ser seu sucessor no trono de Bolívar. Nenhum dos dois faz o menor esforço para disfarçar suas intenções de acabar com o *galanismo* a qualquer preço. Seus discursos ardentes têm, mais do que qualquer conteúdo programático, ataques virulentos contra Galán, “por ter dividido o Partido Liberal, que sempre tinha chegado unido às eleições, o que custou a presidência ao exímio dr. Alfonso López Michelsen, o homem mais preparado do país e um dos mais ilustres do continente!”. Consideram Galán um “traidor da pátria, por defender um Tratado de Extradicação que entrega os filhos das mães colombianas a uma potência imperialista, e a ninguém menos que aos mesmos gringos que nos tiraram o Panamá porque outro apátrida o vendeu para Teddy Roosevelt por um punhado de moedas!”. E todo mundo grita:

— Abaixo o imperialismo ianque, e que viva para sempre o glorioso Partido Liberal! Santofimio para presidente em 86 e Escobar em 90! Pablito sim é um patriota que não se deixa influenciar pelos gringos nem pela oligarquia, porque tem mais dinheiro que todos esses exploradores juntos! Escuta o nosso pedido, Pablo Escobar Gaviria, você que saiu das entranhas deste povo sofrido, e que o Senhor e a Virgem o protejam! E protejam também você, Virginia, para que da próxima vez nos traga todos os artistas da televisão, que também são povo! E viva a Colômbia, caralho!

E eu também pronuncio discursos, quase sempre falo antes do candidato, e também vou com sete pedras na mão contra a oligarquia.

— Eu sim conheço por dentro e sei como empobrecem a nação quatro famílias para as quais só importa dividir entre elas as embaixadas e o espaço publicitário do Estado! É fato que existe muita guerrilha, mas, graças a Deus, Santofimio e Pablito são democratas e vão chegar ao poder por meio das urnas para ocupar o trono do Libertador e transformar em realidade o sonho de uma América Latina unida, forte e digna! E vivam as mães da Colômbia e a Pátria Mãe, que vai chorar lágrimas de sangue no dia em que extraditarem o primeiro dos seus filhos!

— Você está falando como Evita Perón! — me diz Lucena.

— Meus parabéns! — os outros também me cumprimentam e, como sei que tudo o que digo é verdade, acredito. Quando conto isso a Pablo numa noite junto à lareira do meu apartamento, ele sorri orgulhoso e fica calado. Depois de um tempo, me pergunta qual é a personalidade americana de que mais gosto. Sem vacilar um segundo, respondo que é o Libertador. Com a maior seriedade, me diz:

— Assim é melhor, porque nem você nem eu gostamos muito de Perón, não é? E eu já estou cansado, meu amor... Mas como você é tão corajosa, seu destino na minha vida vai ser outro: você vai ser a minha Manuelita. E repito no seu ouvido, bem devagar, para que nunca se esqueça: Você... Virginia... vai... ser... minha Manuelita.

Logo em seguida, aquele filho de professora começará a repassar todos os detalhes da conspiração setembrina na qual Manuela Sáenz, amante equatoriana de Simón Bolívar, salvou sua vida. Confesso que desde meus tempos de colegial não tinha voltado a pensar naquela bela e valorosa mulher. Sei que Pablo não é nenhum Libertador, e que ninguém em juízo perfeito poderia ter uma reação diferente que a de rir diante da imagem

que ele tem de si mesmo ou da desproporção de seus sonhos e ambições. Mas, por mais absurdo que pareça à luz dos horrores que viriam depois, nunca deixei de agradecer pela homenagem e pelo profundo amor implícitos naquela idealização, a máxima possível de nós dois como casal. Enquanto viver, levarei no coração o som da voz de Pablo Escobar com essas seis palavras e a grandeza desse minúsculo instante de ternura.

Na Colômbia, toda pessoa que é alguém em alguma parte do país é primo em primeiro, segundo, quarto ou oitavo grau do resto. Por isso não me surpreendo quando uma noite, depois de suas inaugurações de quadras esportivas, Pablo me apresenta ao ex-prefeito de Medellín, cuja mãe é prima do pai dos Ochoa; ele o chama de “o dr. Varito”, e eu simpatizo imediatamente com ele porque penso que é um dos poucos amigos de Pablo com aparência de gente decente e, que eu me lembre, o único com cara de intelectual. Foi diretor da Aeronáutica Civil entre 1980 e 1982 e agora, aos 32 anos, todos conjecturam que terá uma brilhante carreira política e mais de um se aventura a dizer que, inclusive, poderia chegar algum dia ao Senado. Ele se chama Álvaro Uribe Vélez, e Pablo o idolatra.

— Meu negócio e o dos meus sócios são o transporte, a 5 mil dólares por quilo segurado — me explica Pablo em seguida —, e estão construídos sobre uma só base: as pistas de aterrissagem e os aviões e helicópteros. Esse bendito rapaz, com a ajuda do subdiretor César Villegas, nos concedeu dezenas de licenças para as primeiras e centenas para os segundos. Sem pistas e aviões, ainda estaríamos trazendo a pasta de coca em pneus da Bolívia e nadando até Miami para levar a mercadoria até os gringos. É graças a ele que estou inteirado de tudo o que acontece na Aeronáutica Civil em Bogotá e no aeroporto de Medellín, porque seu sucessor foi treinado para nos ajudar em tudo o que for possível. Por isso é que a direção da Aeronáutica é uma das cotas de poder que nós e Santo exigimos a ambos os candidatos nas eleições passadas. Seu pai, Arturo, é um dos nossos, e se um dia algo chegar a ser um obstáculo para Santofimio e para mim no caminho da presidência, esse rapaz seria meu candidato. Mesmo com essa carinha de seminarista, é um lutador fortíssimo.

Em junho desse ano, o pai de Alvarito morre numa tentativa de sequestro das Farc, e seu irmão Santiago é ferido. Como o helicóptero

familiar dos Uribe sofreu avarias, Pablo empresta um dos seus para levar o corpo de sua fazenda até Medellín. Durante vários dias fica profundamente triste. Numa noite em que está com o humor lá embaixo, me confessa:

— É verdade que o narcotráfico é uma mina de ouro, e por isso dizem que “Não existe ex-gay nem ex-narcotraficante”. Mas é um negócio para machos, meu amor, porque é um desfile de mortos, e mortos e mais mortos. Aqueles que chamam de “dinheiro fácil” o que se ganha com cocaína não sabem nada do nosso mundo, nem o conhecem por dentro como você está conhecendo. Se algo acontecer comigo, quero que você conte a minha história. Mas primeiro tenho que saber se você tem capacidade de transmitir tudo o que penso e sinto.

Pablo sempre sofreu de uma estranha condição: soube quem seriam seus inimigos antes que desferissem o primeiro golpe, e de tudo o que ia acontecer à sua volta nos anos seguintes e para que servia cada pessoa que cruzava seu caminho. A partir daquela noite, nossos felizes e apaixonados encontros no hotel são seguidos quase sempre de reuniões de trabalho.

— Para a semana que vem, quero que você me descreva o que viu e sentiu no lixão.

No sábado seguinte, entrego a ele seis páginas manuscritas. Ele as lê cuidadosamente e exclama:

— Mas... dá vontade de sair correndo com um lenço na boca para não vomitar! Você sabe escrever com as entranhas, não é?

— Essa é a ideia, Pablo... Eu escrevo com as vísceras; as tripas serão as suas.

Uma semana depois, me pede para descrever o que sinto quando ele... faz amor comigo. No nosso encontro seguinte entrego cinco páginas e meia e fico observando, sem tirar os olhos dele nem por um segundo, enquanto devora o manuscrito.

— Mas... é a coisa mais escandalosa que já li na minha vida! Se eu não odiasse tanto os gays, diria que dá vontade de ser mulher... Vão colocar você no *Index* do Vaticano. Isso realmente... produz ereções em série!

— Essa é a ideia, Pablo.... E... não precisa me dizer isso.

Na terceira vez, me pede que descreva o que sentiria se me anunciassem sua morte. Oito dias depois, entrego a ele um manuscrito de

sete páginas e dessa vez, enquanto lê, eu olho em silêncio pela janela para os morros que estão a distância.

— Mas... que horror é esse?... Que dor mais aflita!... Você pensa que me ama tanto assim, Virginia?... Se minha mãe lesse isso, ia chorar para o resto da vida...

— Essa é a ideia, Pablo...

Pergunta se realmente sinto tudo o que escrevi. Respondo que é apenas uma parte do que tenho no coração desde que o conheci.

— Então vamos falar de muitas coisas, mas aí de você se começar a me criticar e me julgar! Você deve saber que eu não sou nenhum São Francisco de Assis, entendeu?

Raras vezes faço perguntas, deixo que seja ele a escolher o tema sobre o qual quer conversar. Agora me entregou sua confiança, e fui aprendendo a reconhecer os limites mais extremos de seu território, a não tentar descobrir aquilo cuja resposta possa ser “outro dia te conto” e a não emitir juízos de valor. Descubro que, como quase todos aqueles que estão no *Death Row* [pavilhão dos condenados a morte nos Estados Unidos], Pablo tem uma explicação perfeitamente racional, e uma justificativa moral insuperável, para cada uma de suas ações à margem da lei: segundo ele, os seres humanos refinados e com imaginação precisam de todo tipo de prazeres, e ele é, simplesmente, o provedor de um deles. Explica que se esses não fossem castigados pelas religiões e pelos moralistas, como aconteceu com o álcool durante a Lei Seca, que só deixou policiais mortos e recessão econômica, seu negócio não seria ilegal, pagaria um enorme volume de impostos e gringos e colombianos se entenderiam às mil maravilhas.

— Você, que é uma hedonista e uma livre-pensadora, entende perfeitamente que os governos deveriam viver e deixar viver, ou não? Que, se fizessem isso, não haveria tanta corrupção, nem tantas viúvas e tantos órfãos, nem tanta gente presa. Todas essas vidas perdidas são um desperdício para a sociedade e caríssimas para o Estado. Você vai ver que algum dia as drogas vão ser legalizadas... Mas, bom... enquanto esse dia não chega, vou te mostrar que todo mundo tem um preço.

Em seguida, tira uma carteira de cheques emitidos em nome de Ernesto Samper Pizano, o chefe da campanha presidencial de Alfonso López Michelsen.

— Esse é do presidente mais poderoso, mais inteligente e mais preparado do país. E o mais independente, porque López não se submete aos gringos!

— São cerca de... 600 mil dólares. Só isso? É esse o valor do presidente mais rico da Colômbia? Eu se fosse ele teria te pedido... pelo menos uns 3 milhões, Pablo!

— Bom... digamos que é... a cota inicial, meu amor, porque a derrocada desse Tratado de Extradicação vai demorar! Quer levar essas cópias?

— Não, não, de jeito nenhum! Nunca poderia mostrá-las a ninguém, porque simpatizo com todos que estão ao seu lado. E todos os que estão medianamente bem informados sabem também que Ernesto Samper é o escolhido de Alfonso López para ser presidente da Colômbia... Quando crescer e amadurecer, porque é um ano mais novo que nós dois.

Recomendo que ele estude os discursos de Jorge Eliécer Gaitán, não só pela entonação de voz como pelo conteúdo programático. O único líder popular de dimensões titânicas que a Colômbia teve em toda a sua história foi assassinado em Bogotá em 9 de abril de 1948, quando estava a ponto de alcançar a presidência, por Juan Roa Sierra, um homem a serviço de interesses obscuros que logo foi horivelmente linchado por multidões revoltadas. Durante dias, elas arrastaram pelas ruas seu cadáver mutilado e incendiaram o centro da cidade e as casas dos presidentes, sem distinção de partido. Meu tio-avô Alejandro Vallejo Varela, escritor e amigo próximo de Gaitán, estava ao seu lado quando Roa disparou, e na clínica em que ele morreu minutos depois. As semanas seguintes, que passariam para a história como o Bogotazo, se transformaram numa orgia de sangue, fogo e franco-atiradores bêbados, pilhagem de todo comércio, assassinatos indiscriminados e milhares de cadáveres que se empilhavam no cemitério porque ninguém se atrevia a enterrá-los. Durante aqueles dias de espanto, o único estadista colombiano, Alberto Lleras Camargo, se refugiou na casa dos seus melhores amigos, Eduardo Jaramillo Vallejo e Amparo Vallejo de Jaramillo, a elegante irmã de meu pai. Foi à morte de Gaitán que se seguiu a época de crueldade sem limites conhecida como a Violência dos Anos Cinquenta. Depois de ver em minha adolescência as fotos do que os homens fazem nas guerras com o corpo das mulheres e seus filhos, vomitei

durante dias e jurei que nunca botaria filhos no mundo para que não vivessem naquele país de bárbaros, monstros e selvagens.

Conversamos de coisas como essas uma noite com Gloria Gaitán Jaramillo, a filha do ilustre chefe, enquanto jantamos com suas filhas María e Catalina, duas meninas adoráveis e muito parisienses, donas de mentes inquisitivas herdadas de uma mãe brilhante, um avô mítico e uma avó, parente minha, aristocrata. Dias antes, ao descobrir que Virginia Vallejo procurava um disco ou uma fita cassete com os discursos do pai dela, Gloria saiu de seu escritório no Centro Jorge Eliécer Gaitán, em Bogotá, para me perguntar, com seu sorriso encantador, sobre as razões de meu interesse. Com meu ex-marido peronista socialista, grande amigo do milionário banqueiro judeu dos **Montoneros**¹⁵ argentinos, aprendi que se existe alguma coisa que faça bater um coração revolucionário é um magnata que simpatize com sua causa. Conteí a Gloria que o Robin Hood *paísa* — como Gaitán, filho de professora — me pediu os discursos do pai dela para ver se, depois de estudá-los minuciosamente e com minha ajuda, poderia aprender a usar a voz de tal forma que possa despertar nas massas populares algo parecido com o que Gaitán, como líder, inspirava. Depois de uma hora de conversa entusiasta sobre a Democracia Participativa e uma visita às instalações do Centro e do Exploratório ainda em construção, Glória me convida para jantar com suas filhas na sexta-feira seguinte.

A filha de Gaitán é uma mulher refinada e com grande habilidade culinária, e, enquanto degustamos a comida deliciosa que ela preparou, vou contando que Pablo Escobar financiou parte da campanha presidencial de Alfonso López e que seus sócios conservadores, Gustavo Gaviria e Gonzalo Rodríguez, fizeram algo similar com a do presidente Betancur. Gloria conhece quase todos os caudilhos socialistas do mundo e líderes da resistência de muitos países. Entre muitas coisas, me conta que foi amante de Salvador Allende, o presidente chileno assassinado, e embaixadora de López Michelsen ante Nicolae Ceausescu (o ditador romeno), e que é uma grande amiga íntima de Fidel Castro. Não sei se porque acredita em reencarnação e no conceito de tempo circular, Gloria tem uma curiosidade particular pelos nascidos em 1949, ano seguinte ao assassinato do seu pai. Pablo e eu a convidamos para ir a Medellín, e ela aceita encantada. Por várias horas a escutamos hipnotizados enquanto ela analisa a história da Colômbia à luz da ausência onipresente de seu pai, da

perda irreparável de sua vida, do vazio que nenhum outro líder colombiano poderá preencher porque todos os que o seguiram carecem não apenas de sua integridade, seu valor e sua grandeza, como também de seu magnetismo; da capacidade de transmitir sua fé no povo a auditórios comovidos, sem distinção de classe, gênero ou idade; da potência vibrante daquela voz treinada para vender seu ideário com as doses perfeitas de razão e paixão; da força formidável que Gaitán conseguia imprimir em cada um de seus gestos; e do poder que emanava daquela presença masculina, imponente e memorável como de nenhuma outra.

Enquanto voamos de volta para Bogotá no jato de Pablo, pergunto a Gloria qual é sua opinião sobre ele. Depois de algumas frases educadas de reconhecimento por sua ambição e sua curiosidade existencial, suas enormes obras sociais e suas generosas intenções, sua paixão e sua generosidade comigo, ela me diz com enorme carinho e aberta franqueza:

— Olha, Virgie: Pablo tem um grande defeito, ele não olha nos olhos. E pessoas que desviam o olhar para o chão quando falam, ou estão escondendo algo porque são falsas, ou não são sinceras. Em todo caso, vocês dois são tão lindos juntos! Parecem Bonnie e Clyde!

Gloria é a mulher mais inteligente e astuta que já conheci. Com Margot e Clara, donas de percepções excepcionais, será uma das três únicas pessoas que apresentei a Pablo em toda a sua vida, e pelos seis anos seguintes seremos excelentes amigas. Da impressionante lucidez dessa virginiana e, no horóscopo chinês, nativa do boi — coincidentemente os mesmos signos que os meus —, vou aprendendo lentamente que a verdadeira inteligência é feita, entre muitas outras coisas, não só de uma profunda capacidade de análise e um rigoroso senso de classificação ou de uma velocidade mental privilegiada, como a de Pablo Escobar, mas, acima de tudo, de estratégia. E, embora Gloria me escute dizer várias vezes que o pior negócio que fiz na vida foi trocar inocência por lucidez, com o tempo vou rever as minhas palavras e compreenderei que não apenas foi o melhor, mas também o único que podia fazer.

Quando Escobar me pergunta sobre o conceito que a filha de Gaitán faz dele, conto primeiro o que sei que quer ouvir e depois o que sei que devo transmitir: e insisto no tema da tática e da imperiosa necessidade de dividir por zonas os votantes antioquenhos por municípios, bairros, quarteirões e casas. Finalmente — pela primeira vez e por alguma razão

inexplicável —, falo do corpo baleado e nu de Bonnie Parker no chão do necrotério, exibido junto ao de Clyde diante das câmeras da imprensa.

Diante de outra lareira, Pablo me abraçará e sorrirá com infinita ternura enquanto me encara com o rosto sério e os olhos muito tristes. Depois de alguns segundos, me dará um beijo na testa e palmadinhas no ombro, que fazem com que eu me sinta confortada. Depois, e suspirando em silêncio, desviará seu olhar para as chamas. Entre as muitas coisas que ele e eu sempre saberemos e que nunca diremos com palavras, é que, para todos aqueles que têm os genes do poder correndo nas veias, eu sou apenas uma diva burguesa e ele, só um bandido multimilionário.

Acredito que sou uma das poucas que raras vezes pensam no dinheiro de Pablo; mas muito em breve conhecerei as verdadeiras dimensões da fortuna do homem que amo como nunca amei nenhum outro e que entendo melhor do que ninguém no mundo.

NOS BRAÇOS DO DEMÔNIO

PABLO E EU MADRUGAMOS, coisa rara para ambos, porque ele quer que eu conheça seu filhinho Juan Pablo, que ficou no hotel Tequendama aos cuidados de seus guarda-costas e já deve ter acordado. Quando descemos do meu quarto para o elevador e passamos pelo estúdio, ele para um pouco para olhar com a luz do dia os jardins dos meus vizinhos. O meu apartamento ocupa todo o sexto andar e tem uma linda vista. Pergunta de quem é a enorme casa que ocupa todo o quarteirão em frente. Digo que é de Sonia Gutt e Carlos Haime, chefe do Grupo Moris Gutt. A família judia mais rica da Colômbia.

— Pois dessa janela — às custas de rastreamento em rastreamento — eu poderia sequestrá-los em uns... seis meses!

— Não, não poderia, Pablo. Vivem no sul da França, criando cavalos que correm como os de Agha Khan, e quase nunca vêm à Colômbia.

Em seguida pergunta de quem são os campos tão bem cuidados que vemos ao fundo. E digo que são da residência do embaixador americano.

— Pois daqui eu poderia... atirar nele com uma bazuca e transformá-lo em átomos!

Estupefata, digo que de todas as pessoas que algum dia já olharam por essa janela só ele a considerou como a torre de vigília de alguma fortaleza medieval.

— Ah, meu amor, é que não existe nada, nada no mundo que eu goste mais do que fazer maldades! Se você as planejar cuidadosamente, todas se materializam!

Com um sorriso de incredulidade, o pego pelo braço para retirá-lo da janela. Já no elevador, digo que tem que me prometer que vai começar a pensar como um futuro presidente da República e deixar de pensar como

presidente do crime organizado. Com outro sorriso brincalhão, me promete que vai tentar.

Juan Pablo Escobar é adorável e usa óculos. Conto a ele que na sua idade eu também não enxergava bem e que quando me colocaram óculos me transformei na primeira aluna da classe. Olho para Pablo e completo que foi nessa época que meu QI começou a aumentar num ritmo acelerado. Digo a ele que seu pai também é o número um nas corridas de carros e lanchas, e em tudo, e que vai ser um homem muito, muito importante. Pergunto se ele gostaria de ter um trem elétrico bem longo, com locomotiva que apita e muitos vagões. Responde que adoraria, e digo que quando eu tinha sete anos era louca para ter um, mas que as meninas não podiam ter trens, e por isso é tão melhor ser menino. Quando nos despedimos e vejo o homem que amo afastando-se pelo corredor do hotel de mãos dadas com aquela criança feliz, penso que se parecem com Charlie Chaplin e *The Kid* naquela comovente cena que é uma das minhas favoritas do cinema de todos os tempos.

Poucos dias depois, o diretor da Caracol Radio, Yamid Amat, me liga para pedir o telefone do Robin Hood *paísa*. Deseja entrevistá-lo, e eu transmito a Pablo sua mensagem.

— Não vai dizer a ele que acordo às onze horas! Diga que das seis às nove — a hora do noticiário — eu... tenho aulas de francês, e das nove às onze horas... faço ginástica!

Aconselho que faça Amat esperar cerca de duas semanas. Também, que vá preparando uma resposta original e vaga para qualquer tentativa de Amat averiguar a natureza da nossa relação. Pablo concede a entrevista e, quando os jornalistas perguntam com quem gostaria de ir para a cama, responde que com Margaret Thatcher! Tão logo o programa termina, ele me chama para saber a minha opinião e, claro, a minha reação sobre sua declaração de amor pública à mulher mais poderosa do planeta. Depois de analisar a reportagem, eu o parabenizo efusivamente:

— Está aprendendo a jogar no meu time, amor, e está fazendo isso muito bem! Você tem superado o mestre, e pode ficar certo de que a frase sobre Thatcher vai ficar para a história!

Ambos sabemos que qualquer “homem mais rico da Colômbia”, e qualquer homem menos corajoso que ele, responderia alarmado “O senhor está me ofendendo!”, ou alguma bobagem como “Eu só faço amor com

minha distinta e respeitável cônjuge, a mãe dos meus cinco filhos!”. Depois de repetir que “Thatcher é para o público e você, só você” para mim, Pablo se despede até sábado. Estou muito feliz: não disse Sophia Loren, nem Bo Derek, nem a Miss Universo, mas, sobretudo, não disse “a minha adorada esposa”.

Escobar volta a ser notícia quando assiste pela primeira vez às sessões do Congresso e os policiais do Capitólio não o deixam entrar. Mas não por culpa da mentalidade criminoso, ou de seu criminoso paletó de linho bege, mas porque não usa gravata.

— Mas, agente, você não percebe que é o famoso Robin Hood *paisa*?
— protesta alguém do séquito.

— Robin Hood *paisa* ou Robin Hood da costa, aqui sem gravata só entram as mulheres!

Parlamentares de todos os partidos voam para oferecer sua própria gravata a Pablo. Ele pega a de um de seus acompanhantes. No dia seguinte, todos os meios de comunicação comentam a história.

“Meu Pablito superstar!”, fico pensando com um sorriso.

Algumas semanas depois, estou em Nova York. Primeiro compro na FAO Schwartz, talvez a melhor loja de brinquedos do mundo, um trenzinho de 2 mil dólares para o menino, como aquele que eu sempre quis ter. Em seguida vou andando pela Quinta Avenida pensando num presente realmente útil para o pai, que já tem quem compre para ele gravatas e possui, além do mais, aviõezinhos, barquinhos, um tratorzinho, um carrinho de James Bond e girafinhas a granel. Ao passar em frente a um mostruário com artigos elétricos pouco comuns, paro. Entro na loja e, depois de estudar as ofertas de produtos, observo os árabes donos do lugar: têm, sem dúvida nenhuma, cara de serem homens de negócios. Pergunto para aquele que parece ser o administrador se sabe de algum lugar onde se possa comprar equipamentos para interceptar telefones. Num outro país, claro. *Not in America*, Deus me livre! Sorri e me pergunta de quantas linhas estaríamos falando. Eu o levo para um canto e digo que de todo o edifício do *Secret Service* de um país tropical, porque amo o líder da Resistência, que aspira ser presidente, tem muitos inimigos e precisa se proteger deles e da oposição. Diz que um anjo como eu não poderia apreciar o que ele pode me oferecer. Respondo que eu não, mas nosso movimento, sim. Pergunta se poderíamos pagar 50 mil dólares. Digo que

claro. Duzentos mil dólares. Digo que também. Seiscentos mil dólares. Digo que obviamente, mas que para cifras dessas dimensões estaríamos falando de produtos diversos de alta tecnologia. Chama quem parece ser seu pai e dono do negócio e diz a ele, roendo as unhas, algumas frases terminadas numa palavra em árabe que soa como *Watergate*. Ambos sorriem radiantes, e eu o faço de maneira apreciativa. Olham para os lados e logo me convidam para entrar na parte dos fundos. Então me informam que têm acesso a todo tipo de equipamentos descartados pelo FBI e também pelo Pentágono. Primeiro com frases cuidadosamente medidas, e depois com claro entusiasmo, vão me contando que têm a capacidade de nos oferecer coisas como uma pasta para decifrar 1 milhão de códigos em dezenas de idiomas, óculos e telescópios de visão noturna e ventosas que se colocam na parede e servem para escutar conversas no cômodo vizinho; em um hotel, por exemplo. Mas, antes de tudo, um equipamento para interceptar mil linhas telefônicas simultaneamente — que teria sido o sonho da campanha de reeleição de Richard Nixon e custa 1 milhão de dólares — e outros que garantem a não interceptação telefônica. Mas primeiro querem saber se a Resistência tem dinheiro vivo. Como sei perfeitamente que o único problema do Movimento é o excesso de liquidez no território americano, respondo com um sorriso cinematográfico que esse tipo de coisa o secretário de nosso líder resolve, porque só passei por ali para comprar um espelhinho de aumento com luz. Digo que em alguns dias entrarão em contato com eles e volto correndo ao hotel para telefonar para Pablo.

— Mas você é um tesouro de namorada! De que céu você desceu? Te idolatro! — exclama num estado terrível de animação. — Meu sócio, mr. Molina, vai no próximo voo para Nova York!

Já vou aprendendo a jogar na sua quadra. Mas avanço só até aí, porque, como não sou futebolista, prefiro deixar as finalizações e os gols para os profissionais.

A gratidão de Pablo é, e sempre será, meu melhor presente; sua paixão será o segundo. De volta a Medellín, e enquanto me cobre de elogios e carícias, diz que decidiu me confessar a verdadeira razão de sua carreira política. É, simples e claramente, a imunidade parlamentar: um senador ou representante não pode ser detido pela polícia, nem pela promotoria, nem pelas Forças Armadas, nem pelos órgãos de inteligência do Estado. Mas

não me faz essa confissão porque sou o seu “tesouro de namorada” ou seu anjo da guarda, sua professora de entrevistas ou sua futura biógrafa, mas porque *El Espectador*, jornal galanista inflexível, tem reconstruído acontecimento por acontecimento o percurso do seu passado. E debaixo de tanta lápide roubada encontrou dois mortos que clamam por justiça: os agentes do DAS (Departamento Administrativo de Segurança) que capturaram, e depois mandaram para a cadeia, Escobar e seu primo Gustavo em 1976 com um de seus primeiros carregamentos de cocaína pura na fronteira colombo-equatoriana.

Pablo já conhece minha capacidade de compaixão por todas as formas de sofrimento humano. E, à medida que vai contando os detalhes daquela tragédia que marcou sua vida, me dou conta de que está observando minhas reações.

— Quando me colocaram naquele avião em Medellín para cumprir minha pena em Pasto e me virei, algemado, para me despedir da minha mãe e da minha mulher, de quinze anos, grávida de Juan Pablo, que ficaram lá embaixo chorando, jurei que nunca mais deixaria que me colocassem num avião com destino à prisão, e muito menos num avião da DEA! Por isso comecei a carreira política: para que possam dar uma ordem de captura a um congressista, é preciso que primeiro tirem dele a imunidade parlamentar. E neste país esse tipo de processo leva entre seis e doze meses.

Em seguida acrescenta que, graças ao dinheiro e às ameaças que dividiram a esquerda e a direita, ele e Gustavo conseguiram sair do presídio três meses depois. Mas em 1977 os mesmos agentes os recapturaram e obrigaram a implorar por suas vidas, de joelhos e com os braços abertos, e ele e o sócio escaparam de morrer só porque ofereceram a eles uma quantia enorme em suborno. Depois de entregar o dinheiro, e apesar da oposição de Gustavo, Escobar matou os dois detetives do DAS com as próprias mãos.

— Mandeí chumbo nos dois até me cansar! Do contrário, eles teriam nos extorquido pelo resto da vida! E jurei ao juiz que deu a minha sentença que ele sempre andaria de ônibus: cada vez que ele compra um carro, eu estrago a vela! Não há inimigo pequeno, meu amor; por isso nunca os subestimo e acabo com eles antes que cresçam.

É a primeira vez que o escuto dizer “mandei chumbo”. Outros dizem “pipoquei”, e pessoas como eu, “disparei a granel”. Como sei o que significa, pergunto no seu mesmo idioma:

— E você também mandou chumbo nos sequestradores do seu pai? E nos de Martha Nieves Ochoa? — Sem esperar resposta, e sem dissimular a ironia, continuo: — No fim, os mortos são dois, vinte ou são duzentos, meu amor?

Ele se transforma por inteiro. Sua expressão endurece de imediato, e agarra meu rosto com as duas mãos. Sacode minha cabeça, tentando me transmitir uma impotência e uma dor que um homem nunca poderia confessar a uma mulher, e menos ainda um homem como ele a uma mulher como eu. Contempla meu rosto com expressão de angústia, como se fosse um sonho líquido que estivesse escapando por entre seus dedos para sempre. Em seguida, com uma mistura de rugido e gemido que parece sair da garganta de um leão ferido, vocifera:

— Mas você não está se dando conta de que já descobriram que sou um assassino? E que não vão me deixar em paz? E que jamais poderei ser presidente? E antes que eu te responda, você vai me responder agora: por acaso, quando provarem tudo isso, você vai me deixar, Virginia?

Confesso que para um anjo pego de surpresa de repente se ver nas mãos ensanguentadas de um assassino ou ter os lábios quentes de um demônio sobre os seus pode ser uma experiência aterradora. Mas a dança da vida e da morte é a mais voluptuosa e erótica de todas, e, entre os braços salvadores de um demônio que o arrancou do abraço da morte para devolvê-lo à vida, o pobre anjo se vê de repente envolto numa gostosa sensação, de tão perversa e sublime ambivalência que, finalmente, cai rendido; por ter sido arrastado em êxtase ao Céu é devolvido à Terra, castigado. E aquele anjo, já condenado à pecadora forma humana, acaba sussurrando no ouvido daquele demônio perdoado que nunca o deixará e que ele estará para sempre em seu corpo, como agora, e em seu coração e sua mente e sua existência até o dia em que morra completamente. E aquele assassino, já confortado e com o rosto ainda mergulhado no meu pescoço úmido de lágrimas, também se rende por completo e termina confessando:

— Você nem sonha o quanto te adoro... Sim, eu também acabei com os sequestradores do meu pai, e com muito mais prazer! E todo mundo já

sabe que ninguém, ninguém voltará a me extorquir nem a tocar em mim e na minha família. E que qualquer pessoa que tiver o mínimo poder de me prejudicar vai ter que escolher entre prata ou chumbo. O que não dariam todos esses ricos do país para poder matar com as próprias mãos o sequestrador do pai ou do filho? Não é verdade, meu amor?

— Sim, sim... claro que dariam tudo!... E em quantos dos sequestradores de Martha Nieves você mandou chumbo? — pergunto, agora mais tranquila.

— Falamos disso outro dia, porque é algo muito mais complicado. Isso é com o M-19... Por hoje já é suficiente, amor.

Durante um longo tempo permanecemos abraçados em completo silêncio. Ambos achamos que sabemos o que o outro está pensando. De repente, me lembro de perguntar a ele:

— Por que você sempre usa tênis, Pablo?

Ele levanta a cabeça e, depois de pensar uns segundos, fica de pé em um salto, protestando:

— Por acaso você pensa que sou apenas o seu Pablo Neruda?... Não, não, Virginia! Eu sou também... seu Pablo Navalha!

E outra vez parece radiante de felicidade, e minhas lágrimas desaparecem como por encanto e se transformam em risadas enquanto ele canta e dança para mim com um de seus tênis em cada mão:

*Usa um chapéu médio de abas grandes lá oh
e tênis pois se houver problema sai voando oh!
Um carro passa muito devagar pela avenida,
não tem marca, mas todos sabem que é da polícia.*

Rubén Blades diz, naquela apologia da impunidade feita em ritmo de salsa, que “a vida te reserva surpresas e surpresas te reserva a vida”. E como a nossa foi se transformando numa montanha-russa, em junho de 1983 um juiz do tribunal superior de Medellín solicita à Honorable Câmara de Representantes que retire a imunidade parlamentar do congressista Pablo Emilio Escobar Gaviria por seu possível vínculo com a morte dos agentes Vasco Urquijo e Hernández Patiño, do DAS.

UM LORDE E UM DRUG LORD

EU TINHA CONHECIDO MINHA primeira versão do Homem Mais Rico da Colômbia em 1972, no Palácio Presidencial; eu tinha 22 anos, e ele, que era divorciado, 48. Dias antes, meu primeiro amante me confessou ser o segundo homem mais rico da Colômbia. Mas, umas semanas depois, ao ver aquela sorridente reencarnação de Tyrone Power, que o diminuto secretário do presidente me apresentou como Julio Mario Santo Domingo — e este ao me ver em *pantaloncitos calientes*¹⁶ por baixo de um casaco que chegava até o meu tornozelo —, não apenas voaram faíscas, como o resto é história: a partir desse momento, e durante os próximos doze anos da minha vida, meu namorado e amante secreto seria sempre aquele que ocupava o trono do Homem mais Rico da Colômbia.

No fundo, os homens excepcionalmente ricos e poderosos são seres tão solitários quanto as mulheres famosas com seu glamour e *sex appeal*. Tudo o que elas querem encontrar nos braços de um grande magnata é a ilusão de proteção ou segurança, e o que eles sonham em ter nos braços delas por um instante fugaz é a ilusão de ter toda essa beleza colada a seu corpo antes que ela fuja e se transforme em parte de seu passado. O homem mais rico do país, que na Colômbia é sempre o mais mesquinho, tem duas vantagens como namorado e amante, que não têm nada a ver com dinheiro: a primeira é que um grande magnata tem pavor de sua esposa e da imprensa e, portanto, é o único homem que não exhibe um símbolo sexual como um troféu de caça e não fala indiscrições diante de seus amigos; a segunda é que, diante da mulher que ele está seduzindo ou daquela pela qual está apaixonado, exhibe como um pavão real conhecimentos enciclopédicos sobre o exercício e a manipulação do poder, sempre e quando ela divide os mesmos códigos de classe social que ele. Do

contrário, não teriam do que rir juntos, e a risada cúmplice é o maior de todos os afrodisíacos.

Estamos em janeiro de 1982. Todos os meus ex sabem que deixei “o argentino pobre e feio com quem tinha me casado num bom momento em 1978 e que, como bom judeu do teatro, se apaixonou pela corista!”. Quem mais se diverte com essa frase é o meu “judeu Rothschild”, mas quem me liga hoje, satisfeito da vida, é Julio Mario Santo Domingo.

— Como você é a única mulher colombiana que pode ser apresentada em qualquer parte do mundo, quero que conheça meu grande amigo David Metcalfe. Não é riquíssimo, nem um Adonis; mas, perto daquilo com que você estava casada, é multimilionário e parece o Gary Cooper. É um amante lendário em dois continentes, e eu estive pensando que é o que você precisa, agora que se livrou do seu marido. Esse é o homem que serve para você, boneca, antes que você se apaixone por outro sem-vergonha pobre!

Santo Domingo, o magnata colombiano da cerveja, me explica que Metcalfe é neto do lorde Curzon de Kedelston, vice-rei da Índia e o segundo homem do Império britânico durante o reinado da rainha Vitória na Inglaterra. Que a filha de Curzon, lady Alexandra, e seu marido “Fruity” Metcalfe tiveram como padrinhos de casamento os Mountbatten, últimos vice-reis da Índia. Que “Fruity” e “Baba” Metcalfe, por sua vez, foram os padrinhos de casamento do duque de Windsor depois de ele abdicar do trono britânico para se casar com a americana Wallis Simpson, que já tinha se divorciado duas vezes. Que Eduardo VIII, o Duque, a quem sua família chamava David, foi padrinho de batismo do filho de seus melhores amigos e que, quando seu pai morreu, David Metcalfe herdou o anel e as abotoaduras com o escudo do duque de Windsor quando ainda era príncipe de Gales. Acrescenta que Metcalfe é amigo de todas as pessoas mais ricas do mundo, caça com a realeza inglesa e o rei da Espanha e é um dos homens mais populares da alta sociedade internacional.

— Vai te buscar na sexta para um jantar no meu apartamento, e você verá como vai adorá-lo. Tchau, minha bonequinha dos sonhos, linda e maravilhosa!

Quando David está entrando na sala, minha mãe está saindo, e eu os apresento. No dia seguinte, ela vai me dizer:

— Esse homem com dois metros de altura, de gravata preta e sapatos de verniz, é o mais elegante do mundo. Parece um dos primos da rainha Elizabeth.

Olhando para mim com um sorriso encantador, aquele inglês quase calvo e perfeitamente bronzeado, de ombros larguíssimos e mãos e pés enormes, rosto anguloso e bastante enrugado, óculos de observador sobre um enorme nariz aquilino, olhos acinzentados, sábios e bondosos, embora um pouco frios, com oitocentos anos de pedigree e 55 de idade, acrescenta que “Mario” contou a ele que sou o sonho de qualquer homem. Digo que é verdade e que, segundo nosso amigo, ele também é o sonho de qualquer mulher. E mudo de assunto porque a verdade é que Metcalfe, como se diz na Colômbia, não me inspira nenhum mau pensamento. Concordo com a máxima de Brigitte Bardot: “A única qualidade de um amante perfeito é que goste de mim fisicamente”. E nós que somos amantes dos animais sabemos que, na hora da verdade, o anel do príncipe de Gales no dedo, o *staff* de seis pessoas na Belgravia e o Van Gogh na sala de jantar não são suficientes.

Entre as máximas absolutas do elegante e arrogante lorde Curzon estavam algumas que ninguém em perfeito juízo ousaria discutir, como: “Um senhor não se veste com peças cor de café na cidade” e “Um cavalheiro nunca toma sopa no almoço”.

Já se passaram dezoito meses, e estamos em meados de 1983. O Homem mais Rico da Colômbia não é nem um lorde inglês, nem um cavalheiro nativo. Não acorda para chamar os seus ambiciosos escravos às seis da manhã, mas os seus tenebrosos “homens de confiança” às onze. Toma sopa, e de feijão, em seu *brunch* cotidiano, e nem sequer se apresenta nas sessões do Congresso num terno cor de café, mas de paletó bege. Não sabe que diabos é “risca de giz” ou “príncipe de Gales” e vive usando tênis e jeans. Tem 33 anos, não 59, e não tem muita ideia de quem é Santo Domingo porque, como é dono de uma pequena república, só lhe interessam os presidentes que financia e os ditadores que cooperam com ele em tudo. Num país onde nenhum dos magnatas mesquinhos tem ainda o próprio avião, ele coloca uma frota aérea à minha disposição. Despachou no ano anterior setenta toneladas de coca — mas este ano se propõe a dobrar a produção —, e sua organização controla 80% do mercado mundial. Mede 1,70 metro e não tem tempo para se bronzear. Embora não

seja tão feio como **Tirocerto**,¹⁷ o chefe das Farc, se convenceu de que se parece um pouco com Elvis Presley. Nunca se importou com a rainha Vitória, mas com a rainha de Caquetá, de Putumayo ou do Amazonas. Faz amor como um jovem camponês, mas acha que é um garanhão, e só tem uma coisa em comum com os quatro homens mais ricos da Colômbia: eu. E eu o adoro. Porque ele me adora, e porque é a coisa mais divertida e excitante que já pisou na face da Terra, e porque não é pão-duro, mas esplêndido.

— Pablo, tenho medo de entrar nos Estados Unidos com essa quantidade de dinheiro... — disse a ele antes de minha primeira viagem de compras a Nova York.

— Mas para o governo americano não importa o dinheiro que entra no país e sim o que sai, meu amor! Uma vez cheguei em Washington com 1 milhão de dólares numa maleta, e me deram uma escolta policial com a desculpa de que não me assaltassem a caminho do banco! Para mim, você acredita? Mas aí de você se te pegam tirando mais de 2 mil dólares em dinheiro vivo, mesmo que a lei gringa diga que são 10 mil! Declare sempre todo o dinheiro na entrada do país. Pode gastá-lo ou depositá-lo na sua conta bancária de 2 mil em 2 mil dólares, mas nunca, nunca, nunca passe pela sua cabeça trazê-lo de volta. Se os “Federicos” [os federais, o FBI] te pegam com dinheiro vivo, te dão mil anos de cadeia, porque a lavagem de dinheiro é um crime muito mais grave que o próprio tráfico de narcóticos. Sou uma autoridade moral em todos esses assuntos. Depois não diga que não avisei.

Agora sempre levo em minhas viagens um maço com 10 mil dólares divididos entre uma caixa de lenços de papel e cada uma das minhas três malas Gucci e outro em minha bolsa de mão da Louis Vuitton, e declaro o dinheiro na entrada do país. Quando o pessoal da alfândega me pergunta se assaltei um banco, invariavelmente respondo:

— Os dólares foram comprados no mercado negro, porque é assim que temos que fazer em toda a América Latina, já que a moeda é o peso. Os lenços de papel são porque não paro de chorar. E faço muitas viagens por ano porque sou jornalista de TV, olha só todas essas capas de revista.

E o funcionário invariavelmente responde:

— Pode passar, beleza, e me liga da próxima vez que estiver triste!

E eu passo como uma rainha e vou até a limusine de Robalino, que está sempre me esperando, e ao chegar ao hotel — depois de passar no lobby ou no elevador por algum Rothschild, Guinness ou Agnelli, ou pela comitiva de algum príncipe saudita, por uma primeira-dama francesa ou por um ditador africano —, joga os lenços de papel no lixo e entro feliz no banho de espuma para pensar na minha *shopping list* do dia seguinte, na qual já trabalhei arduamente durante as três horas em que fiquei em minha poltrona na primeira classe do avião enquanto tomava champanhe rosé e repetia os *blinis* de caviar, porque agora o Pégaso do meu amante está quase sempre ocupado levando milhares de quilos de coca para a ilha de Cayo Norman, nas Bahamas, que é propriedade do seu amigo Carlitos Lehder e ponto de passagem obrigatória de outra rainha — a branquinha que se aspira — até as ilhas da Flórida.

Toda mulher civilizada e brutalmente honesta confessará que um dos maiores prazeres que existem na face da Terra é sair para fazer compras na Quinta Avenida em Nova York com um orçamento esplêndido, sobretudo se ela já teve a seus pés os quatro magnatas que hoje somam uma fortuna de 12 bilhões de dólares e nem sequer mandavam flores.

E, a cada regresso à Colômbia, aí está meu Pablo Navalha — outra vez “coroadado” — com o Pégaso ou o resto da frota, suas aspirações políticas baseadas nas de milhões de fãs gringos agradecidos e felizes, sua adoração, sua paixão e toda a sua louca e terrível necessidade de estar comigo. E o Valentino e o Chanel que rolam pelo chão, e as sapatilhas de crocodilo da Cinderela que voam pelos ares e qualquer suíte ou cabana são o mesmo paraíso terreno para o abraço da morte ou a dança demoníaca, porque o passado de um apaixonado que age como um imperador e paga uma sucessão de *shopping sprees* é tão irrelevante como o de Marilyn Monroe e o de Brigitte Bardot na cama de algum homem rico.

Mas o problema com o passado de muitos homens excepcionalmente ricos são os delitos que estão dispostos a cometer hoje e amanhã para encobrir seus crimes e suas indiscrições de ontem. Horrorizada com as revelações sobre Pablo Escobar, Margot Ricci destruiu todas as cópias do programa sobre o lixão e me avisou que não quer saber nada nem sobre Pablo, nem sobre mim. Vendemos a produtora de televisão, já livre das dívidas, para seu namorado Jaime, um homem bondoso que morreria um pouco depois, e ela se casa com Juan Gossaín, diretor da RCN, a rede de

rádio do magnata de refrigerantes, Carlos Ardila, cuja mulher é ex-esposa de Aníbal Turbay.

O Robin Hood *paísa* aprendeu a dominar os meios de comunicação, compete comigo pelas capas de revista e aproveita a boa maré de sua recém-adquirida fama. Quando Adriana, a filha de Luis Carlos Sarmiento, o magnata bancário e da construção, é sequestrada, peço a Pablo que ponha seu exército de mil homens à disposição de Sarmiento; não apenas por questão de princípios, mas porque ele deve começar a semear dívidas de gratidão com as pessoas decentes e mais poderosas do establishment. Muito emocionado, Luis Carlos me diz que as negociações para a liberação de sua filha já estão muito adiantadas, mas que sempre agradecerá o gesto generoso de Escobar.

A vida de Pablo dá uma reviravolta no dia em que o presidente Betancur nomeia como seu ministro da Justiça Rodrigo Lara, o senhor do negócio agropecuário com Evaristo Porras, o triplo ganhador da loteria do Gordo. Imediatamente, o alto funcionário acusa Escobar de narcotráfico e de vínculos com o MAS. Seus seguidores, que se sentem traídos por Betancur, exibem no Congresso da República o cheque de 1 milhão de pesos de Evaristo. E o ministro que representa o Novo Liberalismo de Luis Carlos Galán bate de frente como uma locomotiva: a Câmara de Representantes tira a imunidade parlamentar de Pablo, um juiz de Medellín expede sua ordem de captura pela morte dos agentes do DAS, o governo americano revoga seu visto de turista e o governo colombiano confisca os animais de seu zoológico por serem contrabandeados. Quando eles são comprados em leilão, Pablo volta a adquiri-los através de seus testas de ferro porque, com exceção dos Ochoa e do Mexicano, ninguém num país pobre como esse tem onde colocá-los para pastar nem tem um veterinário para os milhares de animais exóticos e, sobretudo, rios e mananciais próprios para os elefantes e duas dezenas de hipopótamos quase tão territorialistas quanto o dono.

Pablo me suplica que não fique alarmada diante de sua avalanche de problemas e tenta me convencer de que sua vida sempre foi agitada desse jeito. Ou é um grande ator ou é o homem mais seguro de si mesmo que já conheci. Apenas não resta a menor dúvida de que é um estrategista formidável e conta com recursos praticamente inesgotáveis tanto para sua defesa como para os mais fulminantes contra-ataques, porque seu dinheiro

entra aos montes. Nunca pergunto como lava dinheiro; mas às vezes, principalmente quando vê que estou preocupada, me dá algumas pistas sobre as dimensões de sua renda: tem mais de duzentos apartamentos de luxo na Flórida, as notas de cem dólares chegam em pacotes à fazenda Nápoles camufladas entre eletrodomésticos, e o dinheiro vivo que entra no país dá para financiar as campanhas presidenciais de todos os partidos políticos até o ano 2000.

Por causa da ordem de captura, Pablo entra na semiclandestinidade. A necessidade do toque um do outro aumentou na mesma medida da perseguição e da interceptação telefônica, e, como nenhum dos dois faz confissões a ninguém, ambos precisam cada vez mais da voz do amante como interlocutor. Mas cada um de nossos encontros agora demanda um cuidadoso planejamento logístico, e já não podemos nos ver todos os fins de semana, muito menos no hotel Intercontinental.

Com o passar dos meses e o aumento da confiança, também comecei a escutar dele e de Santofimio uma linguagem muito mais belicosa. Não é difícil que Santofimio diga na minha presença coisas como:

— Não se ganham guerras pela metade, Pablo. Só ficam os ganhadores e os perdedores, não meio vencedores e meio vencidos. Para ser mais eficiente, você vai ter que cortar muitas cabeças; ou, em todo caso, as mais visíveis.

E Escobar indefectivelmente responde:

— Sim, doutor. Se eles continuarem nos sacaneando, vamos ter que mandar muito chumbo para que aprendam a nos respeitar.

No decorrer da campanha pelo Departamento de Tolima, terra natal e reduto político de Santofimio, o candidato de Pablo começa a me abraçar na presença de seus líderes locais de uma forma que me incomoda muito. Mas, quando os “caciques” vão embora, ele se transforma e fica todo concentrado no negócio: devo ajudá-lo a convencer meu amante a aumentar as contribuições para sua campanha, porque o dinheiro que ele dá não é suficiente e ele é a única opção como senador e presidente que garante a Pablo não apenas o fim do Tratado de Extradicação como a possibilidade de enterrar completamente seu passado.

Quando volto a Medellín estou uma fera e, antes que Pablo possa me dar o primeiro beijo, começo a contar detalhes dos eventos das duas

últimas semanas, com a voz num crescendo de denúncias, referências, acusações e perguntas sem resposta:

— Organizei para ele um coquetel para recolher fundos para sua campanha, com os líderes de todos os bairros populares de Bogotá. Coloquei 150 curiosos no meu apartamento só porque você me pediu. Santofimio chegou depois das onze da noite, ficou quinze minutos, saiu correndo e, no dia seguinte, nem sequer me ligou para dizer um “obrigado”. Um porco sem classe, ingrato e duas caras! Ele pouco se importa com esse pobre povo! Você vai acabar com seu idealismo e vai ficar igual a ele! Aqui, no seu território e diante das pessoas que você conhece, ele nunca teria se atrevido a me abraçar em público da maneira como fez em Tolima! Por acaso você se dá conta do preço que já estou pagando por expor minha imagem limpa a serviço dos interesses de vocês, para que agora um Iago desses, se é que você sabe quem é Iago, tenha a pretensão de me usar da pior forma diante de toda essa tropa de bandidos provincianos que acreditam que um delinquente sem escrúpulos como ele é um Deus?

Uma parede invisível parece cair do teto para se colocar entre nós dois. Pablo se transforma numa pedra e fica imóvel, paralisado. Olha para mim atônito e se senta. Em seguida, com os cotovelos sobre as pernas, a cabeça entre as mãos e o olhar cravado no chão, me diz, com voz gelada e palavras cuidadosamente medidas:

— Virginia, com dor no coração tenho que te dizer que esse homem que você chama de porco ingrato é a minha ligação com toda a classe política deste país, de Alfonso López para baixo, setores das Forças Armadas e dos órgãos de segurança que não estão conosco no MAS. Nunca vou poder me livrar dele, porque é exatamente a sua falta de escrúpulos que o faz ser tão infalível para alguém como eu. E, de fato, não sei quem é Iago, mas se você diz que ele e Santofimio se parecem, deve ser verdade.

Todo o respeito que tenho por ele se faz em pedaços, como um espelho que acaba de receber um tiro. Assolada pela dor e desfeita em lágrimas, pergunto:

— Por acaso esse rato de esgoto está me sugerindo que já está na hora de eu começar a considerar outras opções... porque você já encontrou as suas, meu amor? É isso que ele quer dizer com esse monte de abraços em público, não é?

Pablo se levanta e olha pela janela. Em seguida, com um suspiro, me diz:

— Você e eu já somos grandinhos, Virginia. E livres. Os dois podem considerar todas as opções que quiserem.

Pela primeira vez em toda a minha existência, e sem me importar se posso perder para sempre o homem que mais amei na minha vida inteira, faço uma cena de ciúme. Sem conseguir me controlar e dando socos no ar a cada frase, grito:

— Então você virou um babaca, Pablo Escobar! Eu quero que você saiba que, quando eu te trocar por outro, não vai ser por um porco pobre como o seu candidato pedinte. Você nem sonha como estou mal acostumada quando o assunto é homem! Posso ter o homem mais rico e mais bonito, e não preciso pagar por isso, como você! Trato os reis como peões e os peões como reis e, quando eu te trocar por um porco, ele vai ser mais rico que você! E por alguém que também queira ser presidente! Não, melhor, que queira ser um ditador, sim senhor! E você, que nunca me subestimou, sabe que isso é exatamente o que vou fazer: vou te trocar por um ditador, mas não como Rojas Pinilla! Não como ele, mas como... como... como Trujillo! Ou como Perón! Como algum desses dois, juro por Deus, Pablito!

Ao escutar esta última frase, ele explode numa gargalhada. Vira e, sem parar de rir, vem na minha direção. Agarra meus braços para impedir que eu bata em seu peito e os coloca em volta do seu pescoço. Logo me pega firme pela cintura e me aperta contra seu corpo, me dizendo:

— O problema desse seu marido é que vai precisar que eu o financie. E, quando ele mandar você para negociar o dinheiro, vamos chifrá-lo sem parar, ou não? Seu outro problema... é que os dois únicos porcos tão ricos como eu são Jorge Ochoa e o Mexicano... e nenhum dos dois faz o seu tipo, ou faz? Você não vê que eu sou a única opção para alguém como você? E, por outro lado, você é minha, porque onde vou conseguir uma fonte de diversão que me faça rir tanto... e com esse coração? E outra Manuelita... com esse QI de Einstein? E outra Evita... com esse corpo de Marilyn, hein?... E você vai me deixar justo agora, à mercê dos meus inimigos poderosos que começaram essa perseguição implacável contra mim... que vai acabar com a minha morte prematura e a minha pobre humanidade debaixo de alguma lápide horrível? Jura que não vai me trocar

por um Idi Amin Dada, que me extradite... ou me corte em pedaços! Jura, meu adorado tormento, por tudo que é mais sagrado! E o que você mais quer... sou eu, não é verdade?

— E em quanto tempo propõe que eu te troque, então? — digo, procurando um lenço de papel.

— Ahhh... dentro de uns... cem anos. Não, melhor sessenta, para você não achar que é um exagero!

— Pois eu não te dou mais que dez anos de prazo! — respondo, enxugando as lágrimas. — E você está parecendo o Agostinho de Hipona, que antes de se transformar em doutor pela Igreja rezava: “Senhor, faça-me casto, mas ainda não!”. E já te aviso que, agora sim, vou fazer a limpa em todas as lojas da Quinta Avenida! Desta vez eu vou esvaziar todas elas!

Ele me olha com profunda gratidão e, respirando aliviado, me diz com um sorriso:

— Ué, então vá saqueá-las sempre que quiser, minha pantera idolatrada, sempre e quando me prometer que nunca, nunca vamos voltar a falar dessas coisas. — Em seguida, ri e pergunta: — Com que idade esse santo se tornou impotente, você que sabe tudo?

Diante da perspectiva de um guarda-roupa Chanel ou Valentino, que mulher normal se importaria se Santofimio é falso? Seco minhas últimas lágrimas, respondo que aos quarenta anos e aviso que nunca mais voltarei às campanhas políticas. Dizendo que a única ausência importante é a da minha cabeça em seu travesseiro e a de todo o resto do meu corpo, ele começa a me acariciar, e, enquanto enumera cada uma das possíveis ausências, restam apenas as minhas presenças e o presente dele.

Pablo parece ter esquecido que eu nunca perdoo e, no que diz respeito ao sexo oposto, qualquer uma das minhas opções é muito mais interessante que todas as dele juntas. E, no momento seguinte, dou meu braço a torcer e aceito o convite que eu tinha recusado várias vezes durante os dezoito meses anteriores: uma passagem de primeira classe para Nova York, uma suíte enorme no The Pierre e os braços ardentes e elegantes de David Patrick Metcalfe. E, no dia seguinte, quando saio para fazer compras de 30 mil dólares na Saks Fifth Avenue, deixo as bolsas na limusine de Robalino e entro na Saint Patrick’s para acender uma velinha ao santo patrono da Irlanda e outra para a Virgem de Guadalupe, protetora dos generais da Revolução Mexicana que foram meus antepassados. E,

mesmo que leve no coração para o resto da vida a nostalgia por algo que se perdeu para sempre naquela noite de porcos e ditadores, nunca mais voltarei a me importar com a modelo de uma noite ou com a rainha de algum concurso e, muito menos, com um par de lésbicas em alguma jacuzzi em Envigado.

Certo dia, na Livraria Central dos meus amigos Hans e Lily Ungar, me encontro com meu primeiro diretor de televisão, o agora ex-chanceler Carlos Lemos Simmonds. Ele me diz que eu deveria voltar para o rádio e me recomenda o Grupo Radial Colombiano, agora a quarta rede do país, que está formando uma equipe de estrelas e pertence à família Rodríguez Orejuela de Cali, dona de bancos, redes de farmácias, laboratórios de produtos de beleza, Chrysler da Colômbia e dezenas de empresas.

— São *low profile*. Gilberto Rodríguez é inteligentíssimo e está a caminho de se transformar no homem mais rico deste país. Além disso, é um grande cavalheiro.

Poucas semanas depois, recebo uma oferta de trabalho do Grupo Radial. Fico positivamente surpresa e, como as referências de Carlos Lemos foram tão generosas, aceito o emprego encantada. Meu primeiro trabalho é cobrir a Feira de Cali e o Reinado da Cana-de-Açúcar na última semana de dezembro e na primeira de janeiro. Pablo está passando as férias na fazenda Nápoles com toda a sua família e me mandou um presente de Natal, um maravilhoso relógio de ouro da Cartier com uma pulseira dupla de diamantes. Comprou o relógio da namorada de Joaco Builes, que é uma ótima negociante e vende joias aos narcotraficantes de Medellín. Mas Beatriz me avisa:

— Virgi: não pode passar nunca pela sua cabeça, mas nunca mesmo, levar esse relógio para a Cartier de Nova York para consertarem! Confesso que esses relógios que eu e Joaco vendemos são roubados. Eles poderiam confiscá-lo e prender você. Depois não diga que não avisei. Em todo caso, Pablo se convenceu que dar relógios de presente traz muita sorte!

Uma noite estou jantando em Cali com Francisco Castro, o jovem e bonito presidente do Banco do Ocidente, o mais rentável de todos os de Luis Carlos Sarmiento. Quando dois senhores entram no restaurante, o lugar fica em silêncio, todos se viram para olhar e uma dúzia de garçons corre para atendê-los. Em voz baixa e cheia de desprezo, “Paquico” Castro me diz:

— Esses são os irmãos Rodríguez Orejuela, os reis da coca no Vale, uma dupla de mafiosos asquerosos, imundos. Mesmo que cada um tenha 1 bilhão de dólares e cem empresas, são o tipo de cliente que Luis Carlos mandaria expulsar de seus bancos a pancadas!

Fico surpresa, e não porque a notícia chega até mim através de alguém com fama de ser um menino prodígio em questões financeiras, mas porque penso que a essa altura, depois de conhecer por nome todos os que participam da corporação de Pablo, é realmente estranho que eu nunca tenha ouvido o nome desses dois. No dia seguinte, o diretor da emissora me informa que Gilberto Rodríguez e sua mulher querem me conhecer, e me convidam para ir à suíte presidencial do hotel Intercontinental, sua base de operações durante a Feira, para me entregar pessoalmente meus ingressos na primeira fila das touradas. (Numa praça de touros, a primeira fila é a terceira, atrás da contrabarreira e da barreira. Esta última fica diretamente sobre o vão onde ficam os toureiros, suas equipes, os fazendeiros e os jornalistas homens; nunca as mulheres, porque supostamente dão azar e porque às vezes os touros saltam do vão e correm ou chifram tudo o que veem pela frente.)

A aparência de Rodríguez Orejuela é muito diferente da dos grandes chefes de tráfico de Medellín, e nele o sutil substitui tudo o que é óbvio nos primeiros. Parece um homem de negócios comum, e em qualquer outro lugar que não fosse Cali passaria completamente despercebido. É muito cortês e educado, como são todos os homens ricos com as mulheres bonitas, e há nele certo toque malicioso e desconfiado que mimetiza perfeitamente outro que, aos olhos de um observador menos perspicaz, poderia se confundir com timidez ou até um discreto sinal de elegância. Eu diria que ele tem um pouco mais de quarenta anos; não é alto, seu rosto e seus ombros são arredondados e lhe falta a presença masculina que Pablo tem. A verdade é que tanto Pablo Escobar como Julio Mario Santo Domingo têm aquilo que na costa colombiana chamam *mandarria*, palavra cuja sonoridade única diz tudo; quando um dos dois entra num lugar, tudo em seus gestos e atitudes parece exclamar: “Chegou o rei do mundo, o homem mais rico da Colômbia! Abram alas! E ai de quem atravessar meu caminho, porque eu sou um perigo ambulante e hoje acordei de mau humor!”.

A mulher de Rodríguez tem por volta de 37 anos; seu rosto é bem comum e tem marcas de acne da juventude. É mais alta que nós dois, e sob sua túnica estampada em tons de verde insinua-se uma bela silhueta, como a de quase todas as mulheres do Vale do Cauca. Tem olhos de lince, e cada sinal que enviam parece indicar que seu marido não move um dedo sem a sua autorização.

Sempre acreditei que por trás de todo homem excepcionalmente rico há uma grande cúmplice ou grande escrava.

“Esta não é a Tata de Escobar...”, penso, “esta é ‘a Fera’ de Rodríguez, e parece ser a general do General!”

Em meu retorno a Bogotá, sou surpreendida por uma ligação de Gilberto, que me convida para assistir à tourada acompanhada pelos comentaristas esportivos do Grupo Radial. Respondo:

— Obrigada, mas lembre-se que só me sento na primeira fileira, quer dizer, na fila dos pobres da praça de touros, quando estou numa feira trabalhando como escrava explorada pela rede de rádio de uma família presidencial ou de algum banqueiro com centenas de farmácias. Isso quer dizer que, como sou cega, o único lugar de onde vejo, e onde me vejo, é na barreira. Até domingo!

Depois da tourada, o grupo me deixa em casa. Em questão de dias, Myriam de Rodríguez me liga para me perguntar por que fui à tourada com seu marido. Muito chateada, respondo que ela deve perguntar ao dono do Grupo Radial Colombiano por que ele enviou os comentaristas esportivos e o editor internacional para cobrir a temporada de touradas. E, antes de desligar o telefone, lhe dou uma sugestão:

— Da próxima vez, peça para eles te levem também, com seu microfone, claro, para ver por que, quando Silverio toureia, ninguém troca nem por um trono sua cadeira à sombra na barreira!

Em seguida me pergunto por que não finquei mais bandarilhas nessa fera. Por que não lhe disse que eu nunca poderia me interessar por seu marido, nunca mesmo em toda a minha vida? Por acaso ele ainda não lhe contou que amo loucamente seu concorrente, que é muito mais rico do que ele, que também é bem casado, que me adora e não vê a hora de voltar de sua fazenda para se derreter em meus braços? Que vai ser presidente com passado ou ditador sem prontuário e que, goste ela ou não, é o único, o verdadeiro, o indiscutível Rei Universal da Cocaína? Por que não lhe

perguntei que porcentagem do mercado por acaso o seu Gilberto tem — se ano passado Pablo tinha 80% e neste ano está dobrando a produção —, para dar a ela o gostinho de me responder: “Pois o meu marido tem os outros 80% do mercado, igualzinho ao seu amante!”?

Quando a raiva passa, começo a me lembrar daqueles quatro magnatas do establishment: inteligências privilegiadas, corações de pedra, incapacidade para qualquer forma de compaixão, lendária capacidade de vingança. Logo, e com um sorriso saído de algum recôndito do meu coração, lembro também de seus dotes como encantadores de serpente, seus sorrisos, suas fraquezas, seus ódios, seus segredos, suas lições... toda essa capacidade de trabalho, essa paixão, essa ambição, essa visão... seu poder de sedução, seus presidentes...

Como reagiriam se soubessem que Pablo Escobar aspira à presidência? Se ele se aposentasse de seu negócio... qual deles poderia chegar a ser um bom aliado? E qual seria seu rival e qual seria seu inimigo? Qual poderia se tornar um perigo mortal para Pablo? Bom... acho que nenhum, porque todos já sabem que ele tem mais dinheiro, mais astúcia e mais colhões... e 25 anos a menos... Em todo caso, Maquiavel disse: “Temos que ter os amigos perto e os inimigos mais perto ainda”.

E penso que não é o corpo das mulheres que passa pelas mãos dos homens, mas a cabeça dos homens que passa pelas mãos das mulheres.

O SÉTIMO HOMEM MAIS RICO DO MUNDO

O PRIMEIRO ABRAÇO COM duas voltas no ar em 1984 é acompanhado de uma notícia que cai na minha cabeça como cem baldes de água gelada: Pablo pensa em deixar a política e quer saber o que acho, para comparar com a opinião de sua família, seus sócios e, obviamente, seu candidato.

Respondo que não preciso ser um Einstein para saber o que todos eles pensam e imploro que, pela primeira vez na vida, mande todos para o inferno e pense só nele. Peço que não desista diante do ministro Lara, do galanismo, do governo, nem da opinião pública, nem dos gringos. E peço que lembre à sua família de onde vêm os diamantes e as Mercedes, os Boteros e os Picassos. Aconselho que, em vez de atacar de frente o Tratado de Extradicação e investir milhões em políticos, inicie em Bogotá obras sociais das mesmas dimensões de Medellín sin Tugurios, para que sua popularidade o proteja a ponto de torná-lo intocável, e que comece a pensar em se aposentar do negócio ou deixá-lo nas mãos de seus sócios, que são leais e firmes como rochas.

— Ou por acaso você acredita que a sua vai ser a única futura dinastia neste país que tem dois mortos como lastro, hein? A única diferença entre vocês é que aos 34 anos você já tem 1 bilhão ou 2 bilhões de dólares! E no país da compra de votos você não está inventando nada de novo, só que paga esses votos com casas e quadras esportivas em vez de sanduíches! Nunca vou entender por que Belisario Betancur nomeou como ministro da Justiça o inimigo mortal das pessoas que financiaram boa parte das campanhas presidenciais. Alfonso López nunca teria cometido uma estupidez dessas. Você não precisa de Santofimio para nada, e pare de chamá-lo de “doutor”, porque pessoas como eu e você chamam de doutor alguém como Álvaro Gómez, não como Alberto!

Pablo nunca perde a calma. Pablo nunca reclama. E Pablo nunca me interrompe quando estou furiosa. E já aprendeu que só me calo e me acalmo completamente quando ele me toma em seus braços, e por isso age comigo como um adestrador que sussurra coisas nos ouvidos dos cavalos até que fiquem tranquilos. Ele faz isso desde o dia em que confessei que, se colassem meu corpo ao dele com Super Bonder no inferno para toda a eternidade, eu não ficaria chateada e me sentiria no paraíso, e ele respondeu que essa era a declaração de amor mais perfeita de todos os tempos. Nesta noite, admite que ele e seu candidato já se acertaram para uma separação oficial, mesmo que por debaixo dos panos a cooperação continue, porque agora, mais do que nunca, os dotes de persuasão de Santofimio para com os outros congressistas são imprescindíveis para ajudar toda a sua corporação a derrubar o Tratado de Extradicação. Ele me explica que há outro motivo de peso pelo qual decidiu, por ora, deixar a política para os profissionais: a rota de Cayo Norman com Carlos Lehder está tendo sérios problemas e, mais cedo ou mais tarde, vai cair, porque seu sócio está se transformando aos poucos num drogado megalomaníaco e causando todo tipo de problemas ao governo de Lynden Pindling, nas Bahamas.

— Já entrei em contato com os sandinistas, que estão desesperados por dinheiro e me ofereceram o que eu quiser para usar a Nicarágua como escala e base para a distribuição da mercadoria até Miami. Em algumas semanas, eu e você vamos juntos para Manágua e vamos estreitar um dos meus passaportes. Quero que você conheça a Junta e me diga qual é sua opinião sobre eles. Você tem razão em tudo o que me falou, mas tem que entender que acima da política está o meu negócio e que tenho que continuar organizando tudo até que seja fisicamente impossível explorá-lo mais. Aí, sim, posso pensar em me aposentar, para voltar ao Congresso quando toda essa confusão tiver passado. Você vai ver como em seis meses as coisas começam a entrar nos eixos. Você sabe que vejo os problemas surgir com meses de antecedência e que, quando aparecem, já tenho a solução cuidadosamente planejada e pronta para entrar em ação. Tudo, menos a morte, se ajeita com dinheiro. E o meu dinheiro chega aos montes, amor.

Eu pergunto como os fundadores do MAS fazem para se entender com um governo comunista tão próximo aos grupos guerrilheiros da Colômbia.

Ele me responde que quando estivermos lá vou entender tudo. Fico, finalmente, tranquila. Duas semanas depois, Pablo anuncia sua aposentadoria da política e penso que, já que é provisório e não definitivo, é uma decisão acertada porque vai tirá-lo do olho do furacão público.

Nas semanas seguintes, estamos extremamente felizes. Nossa relação é conhecida apenas por seus sócios, três amigas minhas e algumas pessoas que trabalham para ele: Fáber, o secretário — um homem muito bom, encarregado sempre de me buscar e levar ao aeroporto —, e seus três homens de absoluta confiança: Otto, Juan e Aguilar. Pablo e eu negamos veementemente qualquer romance, em consideração à sua mulher e à minha carreira, que está ascendendo: *O show das estrelas*, meu programa aos sábados às oito da noite, é visto em vários países e tem 53 pontos de audiência, porque em 1984 a Colômbia só tem três canais de televisão e o canal oficial não é visto por ninguém. Meu outro programa, *Revista de segunda-feira*, tira audiência nesse dia do noticiário que Andrés Pastrana Arango apresenta no canal concorrente, dizem que é porque cruzo as pernas de forma muito sensual. Por esse motivo, a Meias Di Lido, propriedade da família Kaplan, de Caracas e Miami, me contratou para um segundo comercial em Veneza, depois de ter conquistado 61% do mercado nacional. Para ir a Veneza, coloquei como condição para a Di Lido os honorários equivalentes aos das cem modelos mais bem pagas do país juntas, passagens na primeira classe e uma suíte no Cipriani ou no Gritti Palace. Feliz, digo a Pablo que, depois de Veneza, os Kaplan vão ter que me pagar como uma estrela de cinema num país sem indústria cinematográfica! E ele sorri, porque sabe que alguns anos antes recebi uma oferta de um produtor de Hollywood que colocou à minha disposição um bangalô em Bel Air, o hotel preferido da princesa Grace Kelly em Beverly Hills e um filme com Michel Landon, Priscilla Presley e Jürgen Prochnow, oferta que tive que declinar por ordem fulminante de Margot:

— No fim das contas você quer ser uma jornalista séria ou uma artista de cinema? Você vai me deixar falida com essa produtora, agora que finalmente estamos deixando de ser pobres?

Uma manhã, por volta das onze horas, Pablo chega de surpresa em meu apartamento. Ele me diz que vem se despedir porque vai para o Panamá e para a Nicarágua, mas que não pode me levar com ele. As pessoas que trabalham para ele no acordo com a Junta Sandinista pediram que por

motivo nenhum viaje acompanhado de uma jornalista de televisão. Ele me explica que só vai ficar uma semana e promete que na volta faremos uma viagem juntos, talvez para Cuba para conhecer Fidel Castro. Não acredito numa única palavra dele, menos ainda quando me propõe que, em sua ausência, eu vá fazer compras e não fique triste pela mudança de planos. Fico furiosa, mas não reclamo: Nova York é definitivamente muito mais chique que Manágua, e o The Pierre é outro paraíso na Terra. Não apenas porque fica a uma quadra e meia de Bergdorf Goodman, mas porque a vingança é doce.

A cena na suíte enorme, uma semana depois, é surrealista: numa linha telefônica, em seu quarto, está David rindo ao telefone com “Sonny”, o duque de Marlborough. Na outra, em meu quarto, estou eu, rindo ao telefone com Pablito, o Rei da Coca, que me pede para comprar todos os exemplares da revista *Forbes* antes que ela se esgote porque ele acaba de ser eleito o sétimo homem mais rico do mundo! E, quando ambos desligam, ali, no salãozinho do meio, está Julio Mario, o Rei da Cerveja, gargalhando porque Metcalfe vai ser *waistcoated*! (Entre os mafiosos de famílias ilustres — Genovese, Bonnano, Gambino, Lucchese e Maranzano —, existe uma tendência única de vestir seus inimigos com coletes de concreto líquido e esperar pacientemente que solidifiquem antes de jogá-los no fundo do mar, dentro do que se poderia definir como “estilo nova-iorquino de desaparecer com as pessoas” ou a versão contemporânea de “prender uma pedra de moinho no pescoço” dos eleitos por suas namoradas para colocar neles, com ou sem razão, chifres dignos do Rei dos Alces.)

Julio Mario me pergunta se são, realmente, tão ricos “todos esses peões” que são meus amigos. Respondo que agora são as pessoas mais ricas do mundo, e ele comenta que devo ter ficado louca de fazer tantas compras. E, como os donos de tantos títulos estão hoje tão felizes, deixo Metcalfe e Santo Domingo rindo de meio mundo e desço para comprar cigarros. Compro todas as revistas *Forbes* que encontro. Subo e, sem dizer uma palavra, dou um exemplar para cada um, aberto na página com a lista dos mais ricos do ano. Os Ochoa ocupam o sexto lugar, e Pablo Escobar, o sétimo.

— Então o concorrente tem 3 bilhões... — diz David. — Pois essa quantidade de dinheiro deveria servir não apenas para comprar girafas,

pagar o *The Dirt* (o Sujo) e financiar suas compras, mas sim para viver com um pouquinho mais de estilo, como Stavros Niarchos!

— Você devia ter um filho com ele, boneca! — completa Julio Mario.
— Não está ficando mais nova, não é? Está na hora!

David reage horrorizado e exclama que eu “nunca seria esse tipo de mulher!”.

Olho para Julio Mario e, para que David não entenda, falo em espanhol:

— Sim, se não tive filhos com você, que era lindo, por que vou ter justamente com “esse peão”? E não esqueça que sempre serei 26 anos mais nova que você.

Comento que ambos estão com um pouquinho de inveja porque agora os novos magnatas colombianos têm cacife mundial e não simplesmente local. E porque meus amigos são uns meninos da mesma idade que eu e uns peões inteligentíssimos.

— Meu Deus, *darling*! — exclama David, com uma charmosa bofetada no ar soando como lorde Curzon ao descobrir que Pablo toma sopa no *brunch*. — Inteligente é Henry Kissinger!

— A verdade é que, agora sim, acredito que você é o mais corajoso dos homens! — diz Julio Mario às gargalhadas. — Ai, que susto, David! Começa logo a contar os dias antes que Junior Corleone te coloque um colete!

Parece que, agora que meus homens preferidos me olham com novos olhos, esse é o dia mais feliz da minha vida. E digo a mim mesma que Deus sabe o que faz e por isso estou aqui, rindo com eles e com todas as minhas sacolas de compras em meu quarto, e não olhando para a cara de “Abacaxi”¹⁸ Noriega ou para Danielito Ortega.

Uns dias depois, estou de volta aos braços de Pablo, e, por diferentes razões, ambos estamos festejando. E mesmo que o Rei da Coca seja, junto com o neto do Vice-Rei da Índia, o mais corajoso dos homens, na hora da verdade é tão humano como qualquer Rei da Cerveja.

— Ai, que susto, meu amor! Eu estava lá, sozinho, com todos aqueles caras feios vestidos de uniforme militar... pensando que podiam me jogar no mar porque disse a eles que ninguém no mundo tem 50 milhões de dólares líquidos, você acredita? Isso era o que todos esses filhos da puta queriam pedir “de adiantamento”! Só essa mixaria, o que você acha? Os

comunistas acreditam que dinheiro dá em árvore ou o quê? E estávamos num jardim que tinha um murinho branco de mais ou menos um metro de altura, e eu olhava várias vezes para ele calculando se podia pular e sair correndo até o meu avião, antes que pudessem me sequestrar e me vender para os gringos. E pensava o tempo todo: “Por que eu não trouxe a minha beleza adorada que me faz tanta falta? Este lugar tem umas mulheres tão feias!...”. Bem, o importante é que já estamos juntos, que baixaram o preço para um valor bem inferior e que já tenho essa rota no caso de os gringos começarem a pressionar Noriega, que é dos nossos desde que nos ajudou como mediador no sequestro de Martha Nieves Ochoa, mas pode mudar de lado porque sempre trabalha com quem paga melhor. E como foi em Nova York?

— E são os sandinistas que vão te apresentar a Fidel Castro? — pergunto antes de responder.

— Sim, só que mais adiante, depois de verem se nos entendemos.

— E para que você quer conhecer Fidel Castro?

— Porque sua ilha está mais perto do arquipélago da Flórida que qualquer outra. E agora que já sabemos que podemos pagar o preço dos ditadores comunistas...

— Sim, mas este sim é inteligente e rico; não bronco e pobre, como esses sandinistas. Não conte com ele para nada, Pablo, porque Fidel não tem os gringos por perto: ele tem os gringos nas ilhas e lá dentro, em Guantánamo!

Mudo de assunto e conto que, enquanto almoçava com uma amiga no Le Cirque, me encontrei com Santo Domingo e um lorde inglês conhecido meu. Que tinham escutado algo sobre nós e estavam mortos de curiosidade pela matéria da *Forbes*. Que os dois me perguntaram sobre ele, e vi que ficaram com um pouquinho de inveja dos seus 3 bilhões. E que Julio Mario teve a cara de pau de me sugerir que tivesse um herdeiro. Agora você me pergunta o que respondi:

— Que logo ele, que me deu de presente a autobiografia de Fernando Mazuera, sabia perfeitamente que várias gerações de mulheres muito bonitas da minha família tiveram a precaução de se casar sempre antes de ter filhos. E que você já estava muito bem casado.

Pablo fica pensando um momento enquanto processa a informação. Não percebo o nervo que toquei até que ele comece a falar:

— Isso foi muito, mas muito bom, meu amor... E agora vou te contar uma história que nunca contei a nenhuma mulher... É que, antes de te conhecer, a pessoa que eu mais amei na vida se chamava Wendy... Sim, como a de Peter Pan, e não ria. E Wendy Chavarriaga não era uma leoa, não, não e não. Era uma alcateia! Cada vez que pensava que eu estava com outra, batia no meu carro, cortava a porta com serra, me atacava com marteladas, chutes, ameaçava me matar, arrancar a minha pele e me esquartejar, me dizia todos os palavrões do pior vocabulário espanhol, colombiano e *chibcha*... e eu aguentava tudo, tudo, porque eu a adorava e a idolatrava. Bem, eu simplesmente morria pela Wendy! E ela ia para Nova York com umas dez amigas, nunca sozinha, como você, e eu pagava tudo o que elas queriam. Mas, apesar das minhas advertências, um dia ficou grávida. E foi ao cabeleireiro onde minha mulher estava e gritou, triunfante: “Este sim é filho do amor e não do dever, como o seu!”.

“No dia seguinte mandei quatro dos meus homens procurá-la. Eles a levaram arrastada até um veterinário, e eu mandei fazer um aborto sem anestesia. Nunca mais voltei a vê-la e, a partir desse dia, não senti falta dela nem por um segundo. Graças a Deus você, sim, é uma princesa. E perto da Wendy, e por mais que me chute às vezes, você é o meu oásis, Virginia.”

Fico muda. Fico gelada. Fico espantada. Um calafrio me percorre enquanto digo:

— Sim, Graças a Deus não me chamo Wendy e meu sobrenome não é Chavarriaga.

Algo da minha adoração por ele começa a morrer nessa noite depois de escutar aquela história horrível, dolorosa como um punhal no coração de qualquer mulher com entranhas. E penso que Deus sabe o que faz e me alegro de saber até onde pode chegar esse homem tão corajoso com os assuntos gerais e tão monstruoso com as exceções. Em silêncio, me pergunto se algum dia toda essa veia de crueldade poderia se voltar também contra mim; mas digo a mim mesma que é impossível, porque sou o oposto daquela pobre garota e por esse motivo ele me chama de sua “doce pantera”.

Pablo está que não cabe em si por seu sétimo lugar na lista da *Forbes*. Quando concede uma entrevista no rádio, diz que nenhum deles tem uma quantia igual em dinheiro e que nem sequer sabem o valor de tudo isso em pesos! Que essas são as fortunas de Santo Domingo e Ardila e que a *Forbes* confundiu os dois com eles! E que se tivesse 3 bilhões de dólares daria 2,9 bilhões aos pobres e deixaria só 100 milhões para que sua família pudesse viver tranquila por um século!

É claro que para Pablo os pesos não interessam; mas porque sabe mais de dólares do que qualquer banqueiro suíço. E não apenas falamos sempre em dólares: como falamos em dezenas, centenas e milhares de milhões de dólares. Primeiro, porque seu negócio é feito nessa moeda, que em 1984 é ainda uma das mais sólidas do mundo. E, segundo, porque ambos temos absoluta convicção de que as estimativas em pesos não são confiáveis a médio e longo prazo, porque as desvalorizações constantes da moeda colombiana, que chegam a 35% ao ano, fazem com que todos os cálculos com filas de zeros à direita se distorçam com o passar do tempo: 1 milhão de pesos — uma grande quantia em dinheiro em 1974 — vai ser uma quantidade insignificante em 1994, ao passo que nesses vinte anos 1 milhão de dólares sofre uma desvalorização de cerca de 50%.

Uma semana depois, Pablo anuncia que me trouxe um presente: ele está escondido em alguma parte de seu corpo e eu devo procurá-lo muito, mas muito lentamente. Como abre os braços e está de mãos vazias, imagino que deve ser algo pequeno e muito valioso, talvez uma esmeralda “gota de azeite” ou um rubi “sangue de pombo”. Fica muito imóvel e calado enquanto começo a procurar desde o couro cabeludo e, à medida que vou percorrendo cada centímetro do seu corpo com meus dedos, começo a despi-lo. Primeiro tiro a camisa, depois o cinto, a calça... e nada! Ao chegar aos pés, e depois de tirar os sapatos, vejo escondida na meia uma Beretta 9 mm com coronha de marfim, marcada com suas quatro iniciais e totalmente carregada.

— Olha só o que temos aqui. Pois agora é minha vez, senhor parlamentar suplente, e vou me vingar da noite do revólver. Mãos ao alto!

Numa fração de segundo, ele salta sobre mim. E torce meu braço, me desarma e coloca a pistola na minha boca. Fico pensando que ele descobriu sobre David e vai me matar.

— Desta vez não é um jogo, Virginia, e eu trouxe a arma porque você vai precisar. O salvo-conduto está em meu nome, e é um empréstimo, entendeu? No caso de você ter que usá-la, quero que saiba que eu tenho o melhor serviço de lavagem de tapetes do país: não deixo uma única gota de sangue. E agora você vai saber a verdade, meu amor: eu não vou ser parlamentar, nem presidente, nem nada disso. Muito em breve você vai se transformar na mulher de um guerreiro, e eu vim te explicar o que os órgãos de segurança vão fazer com você no dia em que aparecerem por aqui perguntando por mim. Vou te ensinar, também, como dar um tiro em si mesma para que morra na hora, não desfigurada ou paraplégica. Você pode ter uma ótima pontaria fazendo tiro ao alvo, mas, se você não perde o medo de matar, um especialista te desarma em segundos. E a primeira coisa que esses carniceiros vão fazer é arrancar a sua roupa... e você é... a coisa mais linda do mundo, não é verdade, meu amor?... Por isso, vá tirar já esse vestido de 2 mil ou 3 mil dólares antes que eu o deixe em farrapos, e venha até o banheiro e pare na frente de todos esses espelhos de corpo inteiro. Eu disse imediatamente! O que você está esperando?

Obedeço, porque não vou deixar que despedace um Saint Laurent, porque sinto um grande alívio e uma enorme curiosidade e, na verdade, porque sempre amei esses olhares inflamados que precedem todas as suas carícias. Pablo descarrega a Beretta e se posiciona atrás de mim. Ele me diz que, se alguém saca uma arma para matar, deve fazê-lo com a cabeça completamente fria para ter controle total. Em seguida me ensina como devo posicionar os pés e as pernas, o tronco e os braços, os ombros e a cabeça quando se está diante de vários homens mas protegida por uma arma de fogo. Depois me mostra qual deve ser a expressão dos olhos, da boca, de todo o rosto e qual é a linguagem corporal. Por último me explica o que devo sentir, como devo pensar, o que eles vão tentar fazer. Com um brilho estranho no olhar, vai me indicando qual devo matar primeiro se forem dois, se três ou quatro e estiverem desarmados ou a uma distância prudente. Porque, se forem cinco ou mais e estiverem armados ou se aproximarem, devo me dar um tiro antes de cair nas mãos deles. E me ensina o que fazer neste último caso: como colocar os dedos e para onde, exatamente, apontar o cano. Aperta o gatilho várias vezes, e várias vezes torce meu braço até que eu não aguente mais de dor, e eu aprendo a não me deixar desarmar. Enquanto observo naqueles espelhos a imagem dos

nossos corpos nus lutando pelo controle da arma, não posso deixar de pensar nos lançadores de disco atenienses e nos lutadores espartanos. Como ele é cem vezes mais forte do que eu, me domina uma e outra vez enquanto vai usando sem compaixão toda aquela coreografia como uma montanha-russa para me obrigar a sentir o terror, a perder o medo, a exercer o controle, a imaginar a dor... a morrer de amor. De repente, joga a Beretta no chão e me pega pelo cabelo com a mão esquerda enquanto a parte final daquela lição começa a desfilar agora por seus lábios e meus ouvidos, por sua outra mão e pela minha pele: são as narrações sem fim, com as mais detalhadas descrições, das formas mais anormais de tortura, inimagináveis, das arrepiantes modalidades de que o suplício pode se revestir; trato de silenciá-lo, de tapar meus ouvidos com os dedos para não escutá-lo, mas ele segura meus dois braços e cobre a minha boca com a mão enquanto continua sem parar um segundo. Quando termina de recitar todo aquele castigo sonhado por um inquisidor beneditino, todo aquele sofrimento desenhado pela mente depravada de algum militar sul-americano durante a operação Condor, esse demônio que me rouba e me devolve a vida, esse homem que me mima e me ama como ninguém jamais poderá fazê-lo, me diz ao pé do ouvido com voz sibilante que tudo aquilo é apenas uma parte do que me espera se eu não aprender a me defender dos seus inimigos, a odiá-los com a mesma ferocidade que ele, a matá-los sem vacilar quando atravessarem meu caminho e a não duvidar nem por um segundo que eu também tenho capacidade para acabar com eles no dia em que se atreverem a me procurar para saber dele.

Depois de dois minutos de silêncio celestial, pergunto a ele por que sabe tanto sobre essas coisas. Ainda exausto, me responde:

— Porque na minha vida tive que apertar muita gente... muito sequestrador. Por isso, meu amor.

Depois de outros dois minutos de um repouso idílico, pergunto a ele quanta gente. Após uma pausa e com um suspiro, ele me responde com a maior tranquilidade que... cerca de duzentas pessoas. Depois de outros dois minutos, pergunto a ele quantos desses duzentos “restaram”. Após outra pausa e com outro suspiro, me responde que “muitos, muitos”. Dessa vez não espero uma pausa para perguntar o que aconteceu com todos os que ficaram vivos. E dessa vez Escobar não me responde. Então, me levanto do lugar onde sempre terminam nossas batalhas de campo, recolho

as balas e carrego a Beretta. Levo-a até o meu cofre, tiro a cópia das chaves do elevador particular que leva diretamente ao meu apartamento, volto com a arma em uma mão e o chaveiro na outra e o entrego a ele.

— Nunca dei isso para ninguém, Pablo. Se algum dia você não tiver mais para onde ir, sempre poderá se esconder aqui. Ninguém em sã consciência teria a ideia de vir te procurar na minha casa; talvez venham por mim, mas não por você. Aqui dentro desse coraçõzinho está a combinação do meu cofre; nele você encontrará sempre sua pistola quando eu estiver fora da cidade, porque a partir de hoje estará sempre comigo e não vou me separar dela, apenas para tomar um voo comercial. Agora você tem que me dizer que nome quer que eu coloque na portaria para que te deixem entrar na garagem e para que possa subir quando eu não estiver.

Um carinho terno e um grande silêncio, a tristeza profunda em seu olhar de sempre e duas palavras impossíveis de esquecer respondem agora à gratidão infinita que deposito nas mãos daquele homem formidável, único e terrível. Ele me dá uma pistola, e eu entrego a ele um coração de ouro. E quando, ao nos despedirmos, não fico com duas, mas com duzentas almas disputando minha compaixão e minha razão, algum demônio interno diz para a minha consciência que, se os amantes que têm as respostas replicassem sempre as perguntas dos amantes que conhecem as verdades, o mundo inteiro se congelaria em alguns instantes.

“Se quiser matar uma ave, corte a árvore onde ela faz o ninho”, reza o provérbio. E em março de 1984 cai a “Tranquilândia”, o maior laboratório de processamento de drogas do mundo. A cidadela nas florestas de Yará foi rastreada por um satélite norte-americano, e o governo dos Estados Unidos passou a informação ao ministro Lara e à polícia colombiana. O conjunto de catorze laboratórios que se estendem ao longo de quinhentos hectares produz 3,5 mil quilos de cocaína por semana e conta com pistas de aterrissagem para levar a droga diretamente para o exterior, estradas próprias e instalações cômodas para quase trezentos trabalhadores. Catorze toneladas de coca são jogadas no rio Yará pela polícia, e são apreendidos sete aviões, um helicóptero, veículos, armas e quase 12 mil cilindros de insumos para o processamento da pasta de coca em cocaína pura.

Vejo Pablo alguns dias antes de viajar para Veneza. Está sorridente e tranquilo. Ele me conta que os laboratórios da Tranquilândia e da Villa Coca eram de Jorge e de Gonzalo, não dele, e que as perdas reais são apenas uma parte das cifras reportadas pela polícia. Pablo explica que todos eles aprenderam uma valiosa lição: a partir de agora as “cozinhas” nas matas vão ser móveis e nas zonas guerrilheiras e pagarão propina aos grupos de rebeldes. Em todo caso, a mercadoria perdida é só de 10% e, diante dos 90% que se conseguem, irrelevante: a cada quilo, seus clientes deixam 5 mil dólares pelo transporte com seguro, e para cada quilo próprio — porque não é necessário pagar transporte, já que os aviões e as rotas são seus — deixa um resultado financeiro de mais que o dobro, depois de descontar todos os gastos com pilotos, combustível e pagamentos para as autoridades que cooperam com eles em cada país, que são conhecidas em sua corporação pelo nome de “a rota”. Nos carregamentos de várias toneladas, a tripulação chega a ganhar até 1 milhão de dólares por viagem, assim, se caírem nas mãos da lei, e no caso de os subornos não darem certo, seus pilotos podem contratar os melhores advogados e pagar fiança sem ter que ligar para a Colômbia. Vou aprendendo que, com exceção dos Estados Unidos e do Canadá, as propinas sempre funcionam. As pessoas essenciais da rota são o ditador ou governante, o comandante da Força Aérea ou da polícia, ou o chefe da alfândega do país tropical onde o avião faz escala para abastecer. Todos, químicos, “cozinheiros”, vigias, pilotos, contadores, ganham salários extravagantes para não roubar, não delatar seus superiores na organização, nem entregar as rotas. Pablo quase sempre usa a palavra *mercadoria*, não *cocaína*, e me conta essas coisas para que eu fique tranquila e deixe de me preocupar tanto com o rumo que está tomando a implacável perseguição do ministro Lara Bonilla.

Como agora vou para a Itália, meu orçamento para compras é de 100 mil dólares. Peço uma licença do Grupo Radial, deixo programas de televisão gravados para três semanas e vou feliz para Veneza, a cidade mais esplendorosa que os comerciantes mais ricos da história puderam construir na face da Terra e sobre as águas do mar.

No início de abril de 1984, tudo no meu mundo é quase perfeito: meu jovem amante é talvez o mais impressionante negociante de seu tempo, e, graças a ele, também me sinto a mulher mais feliz, mimada e bonita da Terra. Primeiro passo por Roma para comprar as roupas do comercial que

vamos gravar em Veneza. Hoje saí do salão de beleza de Sergio Russo e me pergunto por que nunca pude ficar assim na Colômbia; com certeza porque essa aparência ia me custar centenas de dólares, uma parte insignificante do preço da minha roupa de Odicini e da bolsa e dos sapatos de crocodilo.

Depois de Pablo, nada me faz mais feliz do que os olhares das pessoas enquanto caminho por alguma rua principal de uma cidade europeia com lojas de luxo de um lado e de outro entre dois homens bonitos, elegantíssimos, risonhos e orgulhosos, com impecáveis blazers azul-marinho e anéis com brasões nos dedos. Nesse dia perfeito, vou pelo meio da Via Condotti com Alfonso Giraldo y Tobón e com Franco, conde Antamoro de Céspedes. Alfonso é um playboy lendário e o homem mais adorável e refinado que a Colômbia já produziu. Esbanjou uma enorme fortuna feita com Caspidosán, um produto para caspa inventado por seu pai, dançando com Soraya, imperatriz da Pérsia que era como um devaneio, e farreando com príncipes como Johannes von Thurn und Taxis, o mais rico de todo o Sacro Império Romano Germânico, “Princy” Baroda, da Índia, e Raimondo Orsini d’Aragona, do papado. Depois de ter cursos intensivos sobre mulheres com Porfirio Rubirosa — primogênito de Trujillo e, por isso, um dos homens mais ricos de sua época —, Alfonso vive agora em sua cidade favorita e numa ala de um *palazzo*, propriedade de Orsini. Franco, por sua vez, é sócio de um banco particular em Genebra e neto de Carlos Manuel Céspedes, o líder que tocou a campanha de liberdade em Cuba e o primeiro dos grandes proprietários de terras a libertar todos os seus escravos. Meus dois velhos amigos me fazem rir sem parar, me colocam apelidos carinhosos e são incrivelmente generosos com suas palavras. Franco exclama:

— Aos 34 anos você está impressionantemente jovem, Cartagenetta, porque a melhor idade das mulheres belas são os quarenta anos. O que uma mulher como você faz morando na Colômbia? Uma criatura tão luminosa precisa urgentemente de um marido rico, bom-moço, com título e que seja um grande amante!

— Amanhã — diz Alfonso — você vai jantar com um jogador de polo que é o homem mais belo de Roma para que ele te convide no domingo para visitar o Polo Club, onde estão os homens mais bonitos da Itália. Isso

sim é *eye candy*, Amorosa! Já disse aos meus amigos que a mulher mais bonita da Colômbia vinha a Roma, e todos estão loucos para te conhecer!

Sorrio feliz porque, finalmente, também tenho um título! E rio por dentro porque adoro com toda a minha alma o sétimo homem mais rico do mundo, tenho um amante alternativo à altura de Porfirio Rubirosa e ainda não perdi a cabeça pelo jogador de polo mais lindo da Colômbia. E como Alfonso tem um gosto perfeito para tudo o que houve e há no mundo, peço a ele que me acompanhe até a Battistoni para comprar camisas e a Gucci para adquirir os mais divinos sapatos e jaquetas de couro para “um potro indomável que só usa jeans e tênis para supervisionar, de chicote na mão, centenas de pôneis e mil cuidadores de cavalos em sua fazenda”. Quando Aldo Gucci entra em sua loja, Alfonso nos apresenta e, muito sorridente, me acusa de ter gastado 25 mil dólares em bolsas de crocodilo; mesmo que tenham sido só 5 mil, o proprietário, encantado, volta minutos depois com dois *foulards* de presente, um com cavaleiros de polo e outro com flores que tenho até hoje.

Viajo para Veneza com meia dúzia de malas carregadas de tesouros e me instalo em minha suíte do Gritti Palace. Feliz, percorro a cidade, compro cristal de Murano, e um bronze que Pablo me encomendou para Tata, e me arrumo para a gravação do comercial. Tudo foi planejado até o último detalhe, mas trabalhar no Gran Canal é simplesmente impossível: como uso um espetacular terno branco da Léonard com flores, um grande chapéu de palha, minhas turquesas com diamantes e estou com as pernas cruzadas num ângulo perfeito, cada vez que os barcos de turistas veem as câmeras, seis ou sete deles nos rodeiam. Gritando “*Un’attrice, vieni! Un’attrice!*”, o guia me aponta e dezenas de japoneses vêm em nossa direção para tirar fotos e pedir meu autógrafo. No início, isso tudo me diverte muito. Mas, depois de cem tentativas que se prolongam por quase três dias, decidimos filmar num *canaletto* [canal menor] com uma pontezinha sobre a qual um *ragazzo* com roupas medievais me joga uma rosa, que recebo com um sorriso e um beijo no ar; conseguir o *bello ragazzo biondo* [belo rapaz loiro] foi outro drama, porque em Veneza todo mundo vive do turismo e um modelo loiro cobra milhares de dólares. No final tudo saiu bem, e com o tempo meu comercial veneziano se transformará num dos mais memoráveis de toda a história da publicidade colombiana. Pelo resto da minha vida, e por culpa daquela viagem inesquecível e dos

meus honorários elevados, meus colegas dirão desdenhosamente que fui “só uma modelo”. As más línguas daquele país dirão inclusive que, para cortar os custos das passagens e do hotel, a Alas Publicidad teve que reconstruir sobre o rio Grande de la Magdalena uma grande parte de Veneza!

Pablo me ligou duas vezes por semana para me dizer que tudo está bem e que as coisas já estão mais tranquilas. Hoje estou de volta e contando as horas para vê-lo, para podermos nos jogar nos braços um do outro e dizermos quanto sentimos saudades, para entregar a ele seus presentes e dizer como a vida é generosa comigo e como as pessoas são maravilhosas quando estou fora da Colômbia, porque brilhar radiante de felicidade não é pecado nem crime capital em outros países. E sei que ele vai sorrir para mim com enorme ternura enquanto me contempla orgulhoso, porque me entende como ninguém e conhece como nenhum outro o poder que a inveja tem de nos fazer mal.

Depois de quase um mês de ausência, e em meio a tantos motivos de comemoração e alegria, quem poderia imaginar as dimensões da ira e do ódio dos donos de uma cidadela de quinhentos hectares diante de sua perda? E diante do descuido de perder cerca de catorze ou dezessete toneladas de coca e 40 mil a 50 mil dólares por quilo nas ruas dos Estados Unidos, mais os aviões, os insumos e todo o resto? Como eu poderia adivinhar que a Tranquilândia também pertencia a Pablo e que o valor das perdas chegava a quase 1 bilhão de dólares naquela época, ou seja, por volta de 2,5 bilhões de dólares de hoje?

E o tiro que arrebenta no dia seguinte à minha chegada a Bogotá e ressoa em cada canto da Colômbia e em todos os noticiários e jornais do planeta. Estoura na minha cabeça, e a minha felicidade vai voando em átomos, e minhas ilusões são feitas em pedaços. Explode em meus ouvidos, e meu mundo se destrói em instantes e meus sonhos viram cacos. E sei que nada mais voltará a ser como antes. Que enquanto eu viver não conhecerei outro dia de felicidade completa. Que quem mais amei na minha vida deixou de viver e nos condenou só a sobreviver. Que a partir de hoje o ser mais livre da Terra será apenas um eterno fugitivo da justiça. Que o homem que amo será só um eterno desertor até o dia em que o capturarem ou a noite em que o matarem.

Por que naquele dia da Beretta não me dei conta de que ele pretendia matar o ministro da Justiça? Por que fui para a Itália em vez de ficar do seu lado oferecendo 1 milhão de argumentos para impedir que cometesse tamanha estupidez? Por que ele está rodeado apenas por imbecis que não veem as consequências de seus atos e de assassinos de aluguel que obedecem a tudo o que pede como se ele fosse um deus? E por que você me castiga assim, Senhor, se eu nunca fiz mal a ninguém? E por que a vida é tão cruel e tudo é tão fugaz e nada dura? E por que você o colocou no meu caminho para que ele fosse minha cruz, se ele já tinha família e mulheres, e sócios e políticos, e seguidores e exército, enquanto eu não tinha ninguém e nunca tive nada?

No funeral de Rodrigo Lara Bonilla, o presidente Belisario Betancur anuncia a assinatura do Tratado de Extradicação com os Estados Unidos, que entrará em vigor *ipso facto*. Várias vezes observo na tela da TV o rosto da jovem viúva Nancy Lara, tão banhado em lágrimas como o meu. Duas horas depois, Pablo me liga. Ele me suplica para que não fale, que não o interrompa e memorize cada uma de suas palavras.

— Você sabe que vão colocar esse morto na minha conta e que tenho que ir embora agora do país. Vou estar bem longe e não vou poder escrever nem telefonar para você, porque, a partir de agora, você será a mulher mais vigiada da Colômbia. Não se separe daquele marfim que eu te dei de presente e pratique tudo o que te ensinei. Não confie em ninguém, muito menos em amigas e jornalistas. Se perguntarem por mim, você vai dizer, sem exceção, que não me vê há quase um ano e que estou na Austrália. Deixe os presentes na casa da namorada do meu amigo, que eu mando buscar essa mala depois. Se não puder voltar à Colômbia, mandarei coisas para você quando tudo se acalmar. E você já vai ver que depois de um tempo tudo se acalma. Não esqueça que eu te amo com todo o meu coração e que vou sentir saudades todos os dias. Até logo, Virginia.

“Vá com Deus, minha vida. Vá com Deus, meu amor”, canta Connie Francis naquela despedida comovente que, sem saber por quê, emociona cada fibra do meu coração desde que sou pequena. Mas... como eu poderia enviar a Deus um assassino desses, sabendo que meu idealista morreu e que em seu lugar nasceu um vingador sem entranhas? Com a consciência de que tudo em meu líder popular morreu e que nasceu aquele guerreiro sem uma gota de compaixão?

Só sei que sou apenas uma mulher, impotente. Que a partir de agora ele será cada vez mais um estranho para mim, cada dia menos meu... Que estará cada vez mais ausente, cada dia mais longe... Que sua capacidade de defesa o fará cada vez menos misericordioso, sua sede de vingança cada dia mais implacável... E que de hoje em diante cada um de seus mortos será também meu, e que carregar todos eles talvez seja o meu único destino.

“COCAINE BLUES”

NAS SEMANAS SEGUINTEs AO assassinato de Rodrigo Lara Bonilla acontecem centenas de detenções e invasões, confisco de aviões, helicópteros, iates e carros de luxo. Pela primeira vez na história da Colômbia, todos que dirigem uma Mercedes pela cidade ou uma Ferrari pela estrada são detidos como suspeitos, tirados do carro com insultos em tom bélico e revistados de forma inclemente pela polícia; e dessa vez não serve para nada a proverbial “cartada” com notas de valor elevado, porque o Exército está em toda parte. Os colombianos que pagam impostos dizem orgulhosamente que, por fim, o país está mudando e tanta corrupção vai acabar, porque já não aguentávamos mais, estávamos nos *mexicanizando* e a imagem da Colômbia estava no chão. Os grandes chefes do tráfico fogem em debandada para algum lugar que, há rumores, poderia ser o Panamá, porque é lá que guardam dinheiro para que não seja confiscado pelos gringos. As pessoas dão por certo que os Estados Unidos vão nos invadir para instalar uma base naval na costa Pacífica, porque o canal do Panamá está secando e é preciso pensar em sua substituição e em desobstruir o Darién para construir a rodovia Panamericana do Alasca até a Patagônia; e também uma base militar na costa Atlântica, igualzinha a Guantánamo, porque a guerrilha está ganhando tanta força que nossos vizinhos (que vergonha!) já dizem que seus países estão se *colombianizando*. A nação está encorajada, os ânimos, aquecidos, e todos entendem que as pessoas decentes são a favor de ambas as bases, porque os 60% contrários a elas são ou narcotraficantes ou comunistas.

Por várias semanas, minha vida se transforma num autêntico inferno: a cada meia hora alguma pessoa não identificada liga para me dizer todas as coisas que nunca poderia gritar para Pablo, muito parecidas com as que ele

me recitou naquela noite da Beretta e dos espelhos. Com o tempo, vou me acostumando aos insultos e às ameaças e a passar meus dias sem saber nada sobre ele: também deixo de chorar, vou me tornando mais forte e penso que assim é até melhor, porque esse assassino não me convinha e talvez seja melhor que fique na Austrália criando ovelhas e deixe os colombianos, que são as pessoas mais trabalhadoras e boas do mundo, viver em paz. E como a vida é muito curta, e no final só nos resta o que comemos e quanto dançamos, para provar a mim mesma que parei de sofrer por Pablo, vou para o Rio de Janeiro e para Salvador, com David Metcalfe, para comer moqueca baiana e escutar Gal Costa, Caetano Veloso, Maria Bethania, Gilberto Gil e todos os outros prodígios daquele subcontinente criado no céu por algum Deus misericordioso para as pessoas mais hedonistas da Terra. Visitamos a cidade dos artistas e dos pensadores do Brasil, que está recém-pintada de todas as cores pelo sucesso de *Dona Flor e seus dois maridos*, filme com Sônia Braga, a quem acabo de entrevistar para um de meus programas de televisão. David está estupendo no seu *resort wear*, seus blazers da Saville Row e suas calças rosa, coral e amarelo-canário, de Palm Beach, e na “cidade maravilhosa cheia de encantos mil” estreio todas as cangas e biquínis que comprei na Itália, me sinto como a Garota de Ipanema e contemplo a Lagoa Rodrigo de Freitas brilhando sob o céu estrelado da noite carioca. Não sambo porque o sócio da White’s de dois metros de altura e 22 anos mais velho que eu talvez se prontifique a beber caipirinhas e caipiríssimas, mas se recusa terminantemente a dançar samba, salsa, *reggae*, *valenatto* e todos esses ritmos hispânicos dos latino-americanos da minha geração. Por poucos dias, me sinto no paraíso e penso que finalmente, depois de chorar um rio de lágrimas por Pablo e outro por mim, um pelos mortos de Pablo e outro pelo país de ambos, a vida volta a sorrir para mim.

No fim de alguns meses, tudo volta ao normal. Começa-se a dizer que a OEA [Organização dos Estados Americanos] endossou a Colômbia e se opôs à invasão porque já tinham uma Guantánamo, e duas não seriam convenientes para a estabilidade dos hemisférios, e porque quem aguentaria todos os ecologistas europeus se a floresta tropical de Darién fosse destruída com argumentos imperialistas disfarçados de livre-comércio! A totalidade do país, sem exceção — guerrilha, estudantes, trabalhadores, classe média, burguesia e serviço doméstico —, celebra o

fato de que os ianques ficaram decepcionados, e os grandes empresários começam a voltar ao país para se posicionarem à frente de seus bancos, suas redes de farmácias e seus times de futebol.

E quem melhor para conhecer a verdade sobre tudo o que está acontecendo com Pablo e seu mundo do que Gilberto Rodríguez Orejuela, seu emérito colega e amo e senhor de dezenas de jornalistas? Graças a Deus, os Rodríguez não são inimigos do establishment, mas amigos de toda elite burocrática e política. Não têm as mãos manchadas de sangue nem torturam as pessoas; bom, há rumores de que há muitos anos participaram de um sequestro de alguns suíços em Cali, mas isso foi há tanto tempo que já deixou de ser verdade. Gilberto não guarda seu dinheiro em baldes debaixo da terra, como Pablo e o Mexicano, mas em seus próprios bancos. Não mata ministros, mas é amigo íntimo de Belisario Betancur. Ele é chamado de “o Estrategista” porque tem o cérebro de um jogador de xadrez e não de um serial killer. Não se veste de linho bege em Bogotá, mas de azul-marinho. Não usa tênis porque não é Pedro Navalha, mas Bottega Veneta porque é John Gotti. E, ultimamente, todos os meus companheiros de trabalho comentam em voz baixa que, como todos os donos da Tranquilândia levaram esse golpe de bilhões de dólares, Gilberto Rodríguez se transformou no homem mais rico da Colômbia.

Rodríguez passa cada vez mais tempo em Bogotá e sempre que vem me convida para ir ao seu escritório do Grupo Radial para que lhe conte tudo o que está acontecendo, porque diz que é um homem simples que vem da província e não está muito por dentro do que se passa na capital. É claro que Gilberto sabe de tudo, porque seus três melhores amigos são Rodolfo González García, Eduardo Mestre Sarmiento e Hernán Beltz Peralta, a nata da classe política colombiana. Todos os parlamentares do Vale do Cauca e alguns de um grande número de outros departamentos telefonam, e ele atende uma pessoa a cada dez ou quinze minutos. Os nomes desfilam pelos meus ouvidos enquanto eu o observo, sentada no sofá que fica em frente à sua mesa. O que Gilberto quer me mostrar, na realidade, é que ele sim é elegante, popular e poderoso, e compra ministros e senadores aos montes; que meu amante é só um fugitivo da justiça e que agora ele se tornou o poder por trás do trono na Colômbia. A toda pessoa que liga para pedir dinheiro — e ele é o único para quem ligam —, responde afirmativamente. Ele me explica que envia aos seus amigos 100% do valor

prometido; para aqueles com os quais não simpatiza dá 10% e, uma vez que conhece o seu preço, lhes promete que vão ganhar o resto num outro dia. Ao presidente Alfonso López Michelsen — a quem Gilberto Rodríguez idolatra por ser o dono do que ele descreve como “a inteligência mais formidável, completa e perversa do país” —, dá de presente passagens de primeira classe para a Europa. E o presidente López e sua esposa Cecilia Caballero sempre estão viajando para Londres, Paris e Bucareste com o objetivo de receber injeções de procaína e se consultar com a famosa gerontóloga Anita Aslan, cujos pacientes têm a fama de manter um estado perfeito de saúde, de conservação, de atenção e de lucidez até os princípios do segundo século.

Gilberto é fortemente de esquerda porque quando era criança teve que fugir da violência conservadora de sua Tolima natal, região arrozeira e cafeeira, e se radicou no Vale do Cauca, região açucareira. Ao contrário de Escobar e dos Ochoa, em Antioquia, no Vale toda a polícia é parceira dele, assim como os órgãos de segurança e o Exército. Gilberto e eu falamos de tudo, mas nunca tocamos no nome de Pablo, nem mesmo se o assunto for o *Guernica*, de Picasso, ou o “Novo canto de amor a Stalingrado”, de Neruda. Escobar e Rodríguez são polos opostos em quase tudo. Quando Pablo me vê, só tem uma coisa em mente: tirar o meu vestido; as oito horas de conversa vão vir muito depois. Quando Gilberto me olha, ao contrário, só tem uma coisa na cabeça: a namorada de Escobar. E quando eu observo Gilberto, só tenho uma coisa em mente: o rival de Pablo. Se Pablo é o drama, Gilberto é a comédia, um encantador de serpentes e uma fonte de diversão com um de seus sapatos italianos no submundo e o outro no establishment. E, de uns tempos para cá, ambos falamos a mesma língua: não apenas adoramos rir juntos e somos “o homem importante e rico” e “a mulher famosa e bonita” mais bem informados do país, mas também cada um simpatiza com a causa do outro e a compaixão que sentimos é em via dupla.

— Mas como alguém poderia ter como amante uma beleza, rainha e deusa como você? Uma mulher como você é para casar, para viver junto cada dia, para não voltar a olhar para nenhuma outra na vida! E pensar que ele já está casado... e com uma fera! Isso é como viver com Kid Pambelé, com socos durante o dia, e com Pelé, com chutes à noite. Você nem sonha, nem chega a imaginar, minha querida, o que é ter que suportar todo

dia uma fera que leva alguém para o caminho da amargura, enquanto a sociedade e todos os banqueiros fustigam com o chicote do desprezo, como se a pessoa fosse um pária. Graças a Deus que você me entende. Os ricos também choram, não pense o contrário. Você definitivamente é um remanso de paz!

A outra diferença fundamental entre Pablo e Gilberto é que o homem que ainda amo, e que me faz tanta falta, nunca me subestimou. Pablo não diminui minha inteligência e não faz gentilezas comigo apenas quando me vê abatida, sofrendo por conta de suas coisas, mesmo que eu nunca me atreva a falar delas. Pablo nunca aceitaria uma derrota; de ninguém, nem sequer da mulher amada. Pablo não fala mal de seus cúmplices, exceto dos galanistas, seus inimigos mortais. Pablo sempre manda no dia seguinte 100% do dinheiro que promete e nunca pede recibo. Pablo não fala de coisas pequenas e nunca baixa a guarda com ninguém, principalmente comigo, porque para ele e para mim nada é suficiente: tudo deveria ser melhor, mil vezes maior, o auge, o máximo. Tudo em nosso mundo, em nossa relação, nossa linguagem, nossas conversas, é macro. Somos um par perfeito como elementares e terrenos, como sonhadores e ambiciosos, como terríveis e insaciáveis, e o único problema que temos são os códigos éticos que se chocam eternamente. E eu lhe digo que a crueldade da evolução não deixa de me espantar e que foi por isso que Deus Filho veio à Terra, para nos ensinar a ter compaixão. Depois de uma discussão bizantina, eu o convenci de que sua dimensão do presente deve ser de cem anos porque, para um protagonista da História, como ele, viver sempre na definição convencional de algo que não existe, sem analisar as causas ou prever as consequências, é perigosíssimo. Pablo e eu não paramos de nos surpreender, de nos sacudir, de nos contradizer, de nos enfrentar, de nos escandalizar mutuamente, de nos levar até o limite antes de devolver ao outro a realidade depois de tê-lo feito se sentir brevemente como um todo-poderoso deus humano para o qual não há nada impossível. Porque não existe nada, nada no mundo que faça um ego pulsar mais do que encontrar com outra pessoa do mesmo tamanho, sempre e quando ela seja do gênero oposto e um dos dois termine com o corpo do outro palpitando sob o seu.

Uma noite, Gilberto Rodríguez me convida para a celebração de uma vitória histórica do América de Cali, o time de futebol de seu irmão Miguel. Este último é um homem amável e cavalheiresco, sério e sem um

traço da encantadora malícia que caracteriza seu irmão mais velho. Meu instinto me diz que lhe faltam também as inquietudes intelectuais de Gilberto, que são muitas e mais da ordem artística e existencial do que histórica e política, como as de Pablo. Entrevisto Miguel Rodríguez, converso com ele alguns minutos para saber sua reação à minha presença — porque tenho certeza de que Gilberto (o eloquente) já deve ter falado de mim para ele — e posamos para os fotógrafos. Conheço os filhos do primeiro casamento de Gilberto, todos muito educados comigo, e me despeço. Ele insiste em me acompanhar até o carro e eu insisto que não é necessário, porque sei que, ao ver meu Mitsubishi, a família Rodríguez vai marcar o único gol que ficou faltando.

— Mas que carro lindo, minha rainha! — observa triunfante, como se estivesse diante de um Rolls-Royce Silver Ghost.

— Não diga bobagem, que não é a carruagem da Cinderela. É um carrinho de jornalista explorada pelo Grupo Radial Colombiano. E, além disso... acho que está na hora de te confessar que... não tenho “coração de garagem”, mas de hangar. Na verdade... são três hangares, não um.

— Uuuuiiii! E quem ocupa esse triplo hangar neste momento, rainha?

— Um homem que está na Austrália e que não demora a voltar.

— Mas... por acaso você não sabia que esse homem voltou há pouco tempo? E que toda a sua frota está em apenas um hangar... o da polícia?! E... quando você vai para Cali, meu amor?... Vamos ver se, finalmente, você e eu podemos sair para jantar uma noite?

Respondo que em Bogotá existem restaurantes desde o período colonial, mas no sábado vou estar em Cali comprando antiguidades para uma amiga, Clara, e me despeço.

Não paro de chorar até sábado às sete da noite, porque Clara já sabe, por Beatriz, a namorada de Joaco, vizinha da irmã de Pablo, que ele voltou ao país e foi direto para a jacuzzi com uma dessas vagabundas ou as inevitáveis modelos usuárias de maconha que andam em dupla. Penso que graças a Deus Gilberto não parece se interessar por lésbicas, nem pela *Samaritan Gold* cultivada pelos Dávila, nem é fugitivo da justiça e que é, definitivamente, o Rei Absoluto e Coroado do Vale do Cauca. E como eu trato os reis como peões e os peões como reis, e eu e ele temos passado duzentas horas conversando e rindo de tudo o que é humano e divino, de política e finanças, de música e literatura, de filosofia e religião, com o

primeiro gole de uísque lhe peço que, na sua condição de importador de insumos e químico *Summa Cum Laude*, não de banqueiro emérito ou nenhuma dessas bobagens, falemos, finalmente, do mundo real:

— Qual é a fórmula da cocaína, Gilberto?

Ele sente o golpe e imediatamente reage com um largo sorriso.

— Mas... como você ficou mafiosa, meu amor! E por acaso, durante todo esse tempo... não te deram cursos intensivos? Do que você falava, então, com esse australiano? Contavam carneirinhos ou o quê?

— Não, da Teoria da Relatividade, que expliquei passo a passo até ele ver estrelinhas e que ele finalmente entendeu! E nunca, nunca mais volte a me perguntar sobre esse psicopata porque, por questão de princípios, nunca falo de um homem que amei com outro. Vamos ver a sua receita de cozinha... e prometo não vendê-la a ninguém por menos de 100 milhões de dólares...

— Sim... ele nunca aceitou que nesse negócio, como em tudo na vida, às vezes se ganha e às vezes se perde. Que nos roubam duzentos quilos aqui... trezentos ali.... e a gente acaba se resignando... porque o que podemos fazer? Ele, ao contrário, cada vez que roubam cinco quilos deixa cinco mortos! Nesse ritmo, vai acabar com toda a humanidade!

Logo em seguida, me dá um curso intensivo de química: tanto de pasta de coca, como de ácido sulfúrico, de permanganato de potássio, de éter, de acetona etc. etc. Quando termina, me diz:

— Bem, amor, já que ambos estamos falando o mesmo idioma... vou te propor um negócio perfeitamente lícito, para que você se torne multimilionária. Como você se dá com Gonzalo, o Mexicano?

Respondo que todos os grandes chefes do tráfico me respeitam, que fui a única estrela de televisão presente nos Fóruns contra a Extradicação, que mais cedo ou mais tarde essa posição vai custar a minha carreira e que foi por isso que aceitei trabalhar para o Grupo Radial Colombiano.

— É o único paraquedas que vou ter no dia em que me tirarem os outros programas... e minha tragédia é que eu sempre sei o que vai acontecer.

— Não, não, Virginia! Nem pense nisso, porque uma rainha como você não nasceu para se preocupar com essas bobagens! Olha: como estou passando cada vez mais tempo em Bogotá e Gonzalo mora lá, eu gostaria que me ajudasse a convencê-lo de que o mais conveniente para ele, depois

desse golpe que acabam de acertar neles em Yará, é trabalhar conosco, porque somos os maiores importadores de produtos químicos do país. Ele de fato é inteligente, porque em Los Angeles há 1 milhão de mexicanos desesperados para trabalhar no que quer que seja e esses sim são as pessoas mais boas e honradas do mundo! Os que levam a mercadoria do Mexicano e não roubam um grama. Ao contrário de seu amigo, o senhor de Miami, que tem que trabalhar com todos esses *Marielitos*¹⁹ — os assassinos, estupradores e ladrões que Fidel Castro mandou para os gringos em 1980 —, e eles negociam sempre da pior maneira. Por isso esse homem ficou louco assim! Eu não sou tão ambicioso, nem quero ganhar todas: me conformo com o mercado de Wall Street e o dos ricos da Studio 54; com isso tenho dinheiro para viver tranquilo o resto da minha vida. Coisas que temos que fazer pelos filhos, querida...

Eu sei como pensam e agem Pablo Escobar, Gustavo Gaviria, Jorge Ochoa e Gonzalo Rodríguez: como um só bloco de concreto, agora mais que nunca, já que têm todo mundo em cima. Como o meu negócio não é a venda de insumos químicos, mas a minha paixão pela coleção, o processamento, a classificação e o armazenamento de todo tipo de dados úteis e inúteis, não deixo passar a oportunidade de ouro e peço para ter um encontro com Gonzalo.

O Mexicano me recebe na sede campestre do Club Millonarios, seu time de futebol. Sai e me pede para esperá-lo, porque está recebendo alguns generais em seu escritório e não quer que eles me vejam. Passeio pelos jardins que são belíssimos e cheios de lagoas com patos e passo meu tempo estudando o comportamento do macho dominante com seus rivais e com as patas. Espero pacientemente até que todo mundo tenha ido embora e Gonzalo fique livre para conversar comigo. Os sócios de Pablo me trataram sempre com um enorme carinho, e adoro vê-lo sorrir quando digo que simpatizo mais com todos eles do que o próprio Pablo. Gonzalo me conta que já não pode conversar tranquilo nem mesmo em seus escritórios, porque qualquer pessoa poderia colocar uma escuta. É um homem terrível que começou sua carreira nos *bas-fonds* e no mundo dos *esmeralderos* e, do seu lado, Pablo parece a duquesa de Alba. É dois anos mais velho que todos nós, bem moreno, magro e com 1,70 metro de altura, silencioso, ambicioso e muito desconfiado. Tem dezessete fazendas nas Planícies Orientais colombianas que fazem fronteira com a Venezuela, e,

mesmo que de valor muito inferior, algumas são maiores em tamanho que Nápoles. Como todo proprietário de terras colombiano, é anticomunista ferrenho e odeia a guerrilha, que vive do sequestro e do roubo de gado; por essa razão, o Exército é sempre bem recebido em suas propriedades com uma suculenta *ternera a la llanera*²⁰ e botas para os soldados, que sempre usam umas esburacadas por falta de verba. Quando transmito a ele a mensagem de Gilberto, o Mexicano fica pensativo por um bom tempo e em seguida me diz:

— Não sei o que está acontecendo com Pablo e com você, Virginia... Eu não posso me meter em nada porque ele é meu amigo, mas esse homem ficou louco desde que te conheceu. Pessoalmente, acredito que não se atreve a aparecer depois do que aconteceu... Mas você tem que entender que esse golpe que nos deram foi monumental, de um tamanho que ninguém perdoa... E isso não podia ficar assim, porque é preciso impor respeito.

Logo em seguida, começa a me contar tudo o que vem acontecendo no Panamá e me explica por que, com a ajuda do ex-presidente Alfonso López, as coisas vão começar a se organizar mais rápido. Completa a história dizendo que vários aviões deles já estão a salvo em determinados países da América Central, porque é para esse tipo de coisa que serve ter o diretor da Aeronáutica Civil na palma da mão. Eu conto das ameaças diárias que estou recebendo depois da morte do ministro Lara e do horror que vivo, e ele se oferece para colocar homens à minha disposição para rastrear as chamadas e eliminar as pessoas que estão me afligindo. Quando respondo que só com os mortos de Pablo já fico aflita, que lamentavelmente sou daquelas que preferem ser vítimas a algozes e que, talvez por isso, compreendo perfeitamente aqueles que, num país como o nosso, fazem justiça com as próprias mãos, ele me diz que sempre poderei contar com ele, mais ainda quando Pablo não estiver, porque vai me agradecer a vida inteira o programa sobre Medellín sin Tugurios e minha presença nos Fóruns contra a Extradicação. Eu comento que seu amigo nunca me agradeceu por nada, e ele responde de maneira categórica e com uma voz que vai aumentando o tom a cada frase:

— Não disse nada para você porque é muito orgulhoso e depois que te conquistou pensa que é o rei do mundo! Mas me falou muitas vezes do seu valor e da sua lealdade. Esse homem realmente precisa de você, Virgina,

porque você é a única mulher educada e adulta que ele teve na vida e a única que coloca ele em seu lugar. Ou você acha que vai ter outra mulher da sua casta que aposte tudo num bandido como ele, sem pedir nada em troca?... Mas, mudando de assunto... como você pode ser tão ingênua? Por acaso você não sabe que Gilberto Rodríguez é o inimigo mais declarado que Pablo Escobar tem? Como esse miserável pôde escalar uma princesa como você para negociar com mafiosos como ele? Se quer ser meu sócio, que suje as mãos de sangue no MAS, mate sequestradores e comunistas e deixe já de ter ares de grandeza, porque ele é no fundo um “índio melhorado” como todos nós, um entregador de farmácia de bicicleta! Ao contrário dele, eu sim sei qual é meu território e quem são meus sócios! Diga a ele que tenho insumos até o ano 3000 e que esse tipo de negócio não é para um anjo como você, mas para filhos da puta como ele, só que com mais colhões como são os homens de Pablo Escobar! Quero que você saiba que não penso em contar para o meu amigo uma só palavra desta reunião. Mas lembre ao “Estrategista” que não há nada, nada, nada mais perigoso para um homem na vida que botar chifres em Pablo Escobar!

Gonzalo sabe perfeitamente que eu também não poderia dizer nada disso a Gilberto. Agradeço a ele por seu tempo e sua confiança, e me despeço. Acabo de aprender uma das mais valiosas lições dos últimos anos: que a poderosíssima corporação do narcotráfico está mais profundamente dividida do que qualquer um poderia imaginar, e que, esteja Pablo onde estiver, os mais fortes sempre o apoiarão.

Nunca entendi como Escobar fazia para despertar essa grande lealdade e essa admiração de outros homens fortes. Encontrei Gonzalo três ou quatro vezes na vida e, quando o mataram em 1989, percebi que Pablo tinha os dias de vida contados. Dizem que era outro psicopata, que acabou com todo um partido político de esquerda e que foi um dos maiores monstros que a Colômbia já viu em sua história. Tudo isso, e muito mais, é dolorosamente verdade. Mas, verdade seja dita, devo dizer também que aquele homem feiíssimo, aquele desalmado que nos anos 1980, com a ajuda do Exército e dos órgãos de segurança, mandou para o céu centenas de almas da **União Patriótica**²¹ além de seus candidatos presidenciais, tinha uma qualidade que raras vezes encontrei na Colômbia: caráter. Gonzalo Rodríguez Gacha sabia ser um bom amigo; e “Gacha”, como o

chamavam para ressaltar sua condição de bastardo, era um homem de princípios.

Quando volto ao meu apartamento, ligo para Luis Carlos Sarmiento Angulo. Aviso a ele que o presidente de seu Banco do Ocidente, sediado em Cali, se recusa terminantemente a abrir contas para a família Rodríguez Orejuela, agora a mais rica do Vale do Cauca, com uma fortuna de bilhões de dólares e dezenas de companhias legítimas entre as quais estão o Banco dos Trabalhadores, o First Interamericas Bank do Panamá e várias centenas de farmácias.

— O quêêêê? — ruge o homem mais rico do establishment colombiano.

Vejo Gilberto novamente em Cali, porque ele se convenceu de que meu telefone tem escuta e que estou sendo muito vigiada. Digo a ele que tenho uma boa e uma má notícia. A segunda é que Gonzalo agradeceu sua oferta, mas que tem insumos até o ano 3000.

— Então mandou dizer para eu ir para o inferno... E te explicou que ele era sócio dos *paisas* e não meu, não é verdade? E claro que disse que sou uma bicha porque não sou membro do MAS... Quanto tempo vocês conversaram?

Respondo que quinze minutos, porque ele estava muito ocupado. Gilberto exclama:

— Não minta para mim, minha linda, que com um tesouro de informação como você, qualquer um fala por três horas quando está com vontade! Ninguém fala quinze minutos com você! O que mais ele disse?

— Bem, disse que ele entende que você e Miguel são muito liberais para matar comunistas... e que ele respeita as diferenças ideológicas... e que você, que é um homem brilhante, sabe o que quero dizer... e que ele ficou com pena de ver que uma princesa como eu tenha que passar esse recado a você. Mas a boa notícia é que Luis Carlos Sarmiento não vê motivo para que suas farmácias não possam ser clientes de seus bancos! Conteí a ele que você pagaria o imposto até o último centavo (você e eu sabemos que não é por patriotismo, não é verdade?) e isso o impressionou porque ele é o maior contribuinte do país. Minha humilde teoria é que, quanto mais magnatas pagarem impostos de verdade, mais vão aliviar as cargas tributárias de todos; mas o problema é que, com exceção de vocês, que agora são os homens mais ricos da Colômbia, os outros, ao ouvir isso,

urram “*Vade retro, Satanás!*”. Sarmiento mandou dizer que te recebe quando você quiser.

— Mas você realmente é uma menina prodígio! Você deve ser a namorada dos sonhos! Não, não, namorada, não: você nasceu para coisas muito mais importantes, meu amor!

— Sim, eu nasci para ser arcanjo da guarda. Para fazer favores sem pedir nada em troca, não negócios de insumos, Gilberto. Alguém como eu entende perfeitamente que ninguém pode ter 2 bilhões de dólares num único banco; e, agora que você está indo pelo bom caminho, que não passe pela sua cabeça se meter no MAS com meus amigos *paisas*. Nunca.

Como a ocasião pede uma comemoração, vamos dançar na discoteca de Miguel. Nessa noite Gilberto bebe muito, e me dou conta de que o álcool o transforma e ele perde completamente o autocontrole. De volta ao hotel Intercontinental, insiste em me acompanhar até meu quarto. Eu me sinto muito desconfortável enquanto atravessamos o lobby, porque todos o conhecem em Cali e todos no país me conhecem. Quando chegamos à minha porta, insiste várias vezes em abri-la. Ele me empurra para dentro do quarto, e o resto é história: por causa de um par de chifres em Pablo Escobar, acaba de começar a Guerra de Troia.

Depois de alguns dias, Gilberto vem a Bogotá. Pede desculpas pelo que aconteceu, diz que não se lembra de nada e digo que graças a Deus eu também não, o que é totalmente mentira, porque tenho uma memória de elefante até para as coisas mais difíceis de memorizar. Ele me diz que, para provar como sou importante para ele, quer me convidar para acompanhá-lo ao Panamá numa reunião com o ex-presidente Alfonso López. E me pergunta se eu o conheço.

— Claro. Com 22 anos, Julio Santo Domingo já me colocava na mesa principal da campanha presidencial com o presidente López e o presidente Turbay. E como Pablo Escobar também me colocou na mesa principal dos Fóruns contra a Extradicação, nos quais você brilhou por sua ausência, acho que sou a pessoa perfeita para cobrir essa notícia.

No Panamá, conheço os diretores das empresas de Gilberto e seus sócios. Parece que os convocou para um conclave de cardeais, e nenhum se chama Alfonso López Michelsen. Os primeiros são uma dúzia de homens de classe média, e os segundos parecem experts em contabilidade e finanças. Não posso deixar de pensar que aqueles que rodeiam Pablo

sempre estão falando de política, enquanto aqueles à volta de Gilberto só falam de negócios. A última coisa que poderia passar pela minha cabeça é que ele os tenha chamado para se exhibir comigo, mas a única certeza é que na minha volta para Bogotá, quatro dias depois, me deparo com a versão original da história que vai me perseguir nos próximos 25 anos da minha vida e vai custar a minha carreira. Em minha ausência, Jorge Barón Televisón, produtor de *O show das estrelas*, recebeu uma dúzia de ligações, de alguém cuja voz só podia ser a minha, pedindo desculpas por não poder participar das gravações programadas, porque meu rosto tinha sido cortado de uma forma terrível com uma lâmina de barbear por ordem da esposa de Pablo Escobar para tirar de mim uma caminhonete SUV preta que seu marido havia me dado de presente! Quando entro no estúdio de gravação usando um vestido longo, perfeitamente bronzada e radiante, escuto os assistentes e técnicos comentando em voz baixa que acabo de chegar do Rio de Janeiro, onde fiz uma cirurgia plástica no fim de semana e o famoso cirurgião Ivo Pitanguy fez milagres para salvar meu rosto porque para os milhões de Pablo não existe nada impossível. Todo o país se diverte com as inúmeras versões da história e os diversos modelos e cores do automóvel que perdi (outros falam de uma fabulosa coleção de joias), e quase todas as minhas colegas de imprensa e as senhoras da alta sociedade lamentam o fato de Ivo e eu sermos tão amigos desde que ele operou meu nariz em 1982, porque me deixou parecendo “mais jovem e melhor do que antes”.

Levo muitos dias para me dar conta de que uma cruel estrategista matou uma revoada de pássaros com apenas um tiro: mesmo não tendo apanhado, levado chutes e ficado desfigurada, apenas na fantasia de uma mulher possuída pela maldade, a história foi comprada por jornalistas do *El Tiempo* e do *El Espacio*; cem colegas de profissão, com os quais nunca saí para tomar um café, e 1 milhão de mulheres convencidas de que a juventude e a beleza são compradas nos consultórios de cirurgias plásticas. Assim, fui transformada na protagonista de um dos escândalos mais sórdidos, ao passo que a inocente esposa de Pablo Escobar tornou-se uma perigosíssima e vingativa criminosa e ele, um imbecil que permite que sua namorada perca, na base da porrada, os presentes que ganhou, e um covarde que não moveu um dedo para impedir uma coisa dessas e para punir os culpados.

Uma noite, estou voltando para casa após fazer o lançamento de um produto para uma agência de publicidade. Depois de me examinar com lupa durante cinco horas, todo mundo concluiu que com meu longo branco de Mary Mc Fadden e com o cabelo preso pareço muito melhor que nas duas últimas semanas. Ao entrar em meu apartamento, me surpreendo ao ver a luz da sala acesa. Eu me aproximo e lá está ele, olhando meus álbuns de fotografia e se dizendo aliviado de me ver intacta e inteira. Feliz da vida, como se não tivesse assassinado o ministro Lara. Sorridente, como se eu não tivesse passado meses ouvindo ameaças de tortura e estupro e quinze dias desmentindo histórias de surras e desfigurações. Feliz, como se não tivesse passado um século desde a última vez que nos vimos. Radiante, como se entre 8 milhões de adultos colombianos fosse meu único pretendente. Alerta, como se eu fosse sua Penélope esperando saudosa a volta de Odisseu e tivesse a obrigação de voar para me derreter em seus braços como um sorvete de maracujá com pedaços de cereja, só porque ele sai todos os dias nos jornais e nas capas de revista com aquela cara de vilão de filme, de assassino, de psicopata, de extraditável e de fugitivo do Cárcere Modelo de Bogotá!

Imediatamente me dou conta de que ele não sabe nada do meu *affair* fugaz com Gilberto, porque não há no seu olhar nem um traço de censura; só admiração e a mais absoluta adoração. Também imediatamente ele se dá conta de que eu não sou a mesma de antes. E cai na tentação de recorrer a argumentos elementares que nunca usou comigo: que sou a coisa mais linda que ele já viu em toda a sua vida, que nunca podia imaginar que com um vestido longo e o cabelo preso eu pudesse me parecer com uma deusa descida do Olimpo etc. etc. Eu me sirvo um drinque enorme e respondo que exatamente por ser assim e por falar ainda melhor eu consegui viver toda a minha vida. Ele me diz que andou olhando todas as revistas e se perguntando por que em nenhuma das cinco dezenas de capas em que estou apareço como sou na realidade. Comento que, como as revistas colombianas não têm orçamento para pagar Hernán Díaz — que é um gênio da fotografia com um gosto perfeito —, a revista *Semana* começou com a moda de colocar assassinos em série na capa e os está transformando em mitos contemporâneos.

Seu rosto vai se apagando à medida que continuo sem parar:

— Como foi no Panamá com o pai do dono da revista? É verdade que sua corporação vai entregar aviões e rotas e investir fortunas no país, se Belisario Betancur deixar para trás a ideia de extradição? E como sugeriu a Alfonso López que controlassem a inflação que nos consome com essa injeçãozinha de capitais que juntos somam mais do que toda a dívida externa?

— Quem te contou tudo isso? E quem está te ligando a cada quinze minutos e a essa hora, Virginia?

Digo a ele para esperarmos a próxima ligação para que, se tivermos sorte, ele possa escutar uma sessão de tortura completa. Com a voz mais persuasiva, me diz que não devo me preocupar, porque as ameaças só podem ser de um monte de galanistas inofensivos. Como não digo uma palavra, muda rapidamente de assunto e de tom.

— Você deu para quem as coisas que trouxe de Roma para mim? Beatriz disse que você não deixou nada com ela e que Clara é testemunha.

Fico admirada, arrasada.

— Mas era só o que me faltava, Pablo! Dessa vez os meus presentes para você chegaram a mais de 10 mil dólares. Creio que, a essa altura, já conhece minha generosidade e minha integridade, mas se quiser questioná-las está liberado. O que é todo esse terror, essa maldição? E pensar que antes de ir para Roma dei de presente para cada uma dessas bruxas mil dólares em compras na Saks! Acreditaram que você tinha ido embora para sempre... ou que eu e você não íamos voltar a nos falar... e, como ambas são comerciantes, roubaram sua mala para vender as coisas e o bronze, sabe-se lá Deus por quanto!

Pede que eu não diga nada a elas porque, para segurança de ambos, ninguém pode saber que ele voltou e que nos vimos. Completa que já está na hora de aceitar que alguém como eu não pode ter amigas e que pessoas como Clara e Beatriz são capazes de fazer qualquer coisa por 10 mil dólares. Em seguida, abre uma mala e joga no chão uma dúzia e meia de fitas cassete. E me avisa que são as minhas conversas gravadas pelo F2 da polícia, que trabalha para ele; mas que não pode escutar porque estão danificadas. Como vê que nem acredito, nem me surpreendo, nem me alarmo, e que estou muito esgotada emocionalmente para me aborrecer mais, pergunta com voz ameaçadora:

— Quem é o marido dessa “mafiosa” que está ligando para todos os meios de comunicação para dizer que minha mulher te desfigurou? Porque eu e você sabemos perfeitamente que essas não são coisas das riquinhas de Bogotá, mas da mulher de algum mafioso!

— Acho que são só os galanistas, Pablo... E não se subestime tanto, porque meu amante, por princípio, é, foi e sempre será O Homem Mais Rico da Colômbia, não “algum mafioso”! Pode pedir as fitas originais ao F2 para averiguar como ele se chama. Fico feliz em saber que você chegou bem. Levei cinco horas suportando os mais refinados insultos disfarçados de adulação e estou muito cansada. Boa noite.

Digo que não quero vê-lo nunca mais na vida. Em silêncio, subo para meu quarto e às minhas costas escuto o elevador descendo. Para não pensar no que aconteceu nessa noite, coloco no meu aparelho de som minhas músicas favoritas e jogo na banheira todos os sais de banho que encontro. Fecho os olhos, pensando que foi uma sorte que ele tivesse me visto pela última vez com um vestido longo, e não de pijama e rolinhos no cabelo. Eu me pergunto por que diabos eu precisava de um mafioso desses, um assassino em série, e me respondo que não precisava dele para nada, nada que não fosse me ajudar no suicídio, claro!... Mas... Por que, então, estou chorando assim... enquanto escuto Sarah Vaughan cantando “Smoke Gets in Your Eyes” e Shirley Bassey em “Something”?... E me digo que é só porque estou condenada a não poder confiar em ninguém, à mais absoluta solidão, a viver rodeada de cobras... Sim, porque isso é o que são essas jornalistas gordas, e essas socialites eternamente em dieta, e esses homens rejeitados, e essas duas ladras que eu acreditava que eram as minhas melhores amigas.

Um objeto cai pesadamente na banheira. Faz *splash*, e eu abro os olhos aterrorizada. E ali, flutuando entre uma nuvem de esplendor e espumas, está *Virgie Linda I*, um barquinho lindo, com as velas e as listras e o nome em letras brancas.

— É o seu primeiro iate, e se você não me disser o nome desse mafioso, eu tiro ele de você já! Não... melhor, te afogo nessa banheira... sim... Pena que essa parede não me deixa ficar de frente para os seus pés, para agarrar e ir levantando os dois juntos... devagar... bem devagarinho... sem que você possa fazer nada. Não... isso molharia esse penteado tão elegante, e todos nós queremos que na foto póstuma no *El Espacio* você

apareça bem e divina ao lado desses outros cadáveres jorrando sangue, com um título que diga... hummm... “Adeus à deusa!”. Você gosta desse? Melhor do que... “Morta por uma mafiosa!”, ou não? O que posso fazer para que você me diga quem é esse filho da puta, para eu cortá-lo em pedaços? E para mandar cortar a cara da mulher dele, para que aprenda a não se meter com a minha namorada? E com a minha esposa!

— Muito bem, Pablo! Assim é que se fala! Vamos procurar juntos essa mafiosa galanista por toda a Colômbia para poder deixá-la como se fosse um quebra-cabeça, sim senhor! E a namorada do cara também! — exclamo, balançando os punhos no alto sem poder conter um ataque de riso enquanto tento alcançar o meu veleirinho.

Furioso, ele me tira com uma mão e com a outra agarra o aparelho de som. Fica ajoelhado junto à banheira e diz que não está brincando, que voltou só para me eletrocutar, mesmo que vá se arrepender pelo resto da vida. Enquanto penso que esse homem que tenho diante de mim, com os braços de um crucificado e o medo estampado em cada centímetro de sua expressão de ter me perdido para outro, é a coisa mais cômica e patética que eu me lembro de já ter visto, pareço ver nesse olhar algo daquele mesmo desespero que só ele, entre quatro dezenas de pessoas, viu nos meus olhos naquele dia do redemoinho. Subitamente, e por mais que eu diga que o passado e o futuro são as únicas coisas que existem, me dou conta de que ele é o único que enche de presente a minha existência, o único que a preenche e a contém, o único que justifica cada um dos sofrimentos do passado e todos os que ainda possam me esperar. Eu me aproximo dele, puxando sua camisa para colocar meus braços no seu pescoço, e digo:

— Olha, Pablo, por que não nos eletrocutamos juntos... e você e eu vamos para o céu, de uma vez por todas... pela eternidade?

Ele chega a cambalear, e por um momento acho que vai cair na banheira com o rádio, o banco e tudo. Em segundos, deixa tudo cair no chão, me tira da água, jura que só podem recebê-lo no inferno, me envolve com a toalha e começa a me esfregar com fúria. E como se não fosse comigo, eu também começo a cantar para ele a minha versão traduzida e cadenciada de “Fever”, que está tocando agora, enquanto admiro os pequenos detalhes do brinquedo dos meus sonhos e digo que o *Virgie Linda II* sim vai ter que ser digno de uma mafiosa e medir pelo menos cem

pés... Então, em busca de recuperar cada instante do nosso presente perdido, todas as fantasias daquele seu demônio e todos os pesadelos daquele meu pobre arcanjo voltam ao começo no compasso de “Cocaine Blues” e essas canções masculinas de Johnny Cash para assassinos convictos que eu não tenho a menor intenção de traduzir para ele, porque como alguém poderia nesse momento cantar para Pablo Escobar no seu idioma:

*I shot a man in Reno just to watch him **die?**²²*

ESSE PORCO NÃO É MAIS RICO QUE EU!

“PREFERIMOS UM CAIXÃO NA Colômbia a uma cela nos Estados Unidos!”, rugem por todos os lados as mensagens de um grupo insurgente que acabou de nascer: “os Extraditáveis”. Ainda que os meios de comunicação afirmem que os nomes de seus membros são desconhecidos, a identidade de seus fundadores, a profissão comum de todos eles, sua comprovada capacidade de vingança e o somatório dos capitais que os respaldam são conhecidos até o último município do último canto da Colômbia e até o último ignorante do povoado. O que detonou a declaração de guerra foi a ação do novo ministro da Justiça, o galanista Enrique Parejo: a poucos dias de sua posse para substituir Rodrigo Lara, Parejo assinou a extradição de Carlos Lehder e de Hernán Botero, banqueiro e principal acionista da equipe de futebol do Atlético Nacional, solicitada pela justiça norte-americana por ter lavado mais de 50 milhões de dólares. Lehder foge do país, mas Botero é extraditado. Todas as partidas de futebol são canceladas em sinal de luto, e sua foto, algemado nas mãos e nos pés e arrastado pelos agentes do FBI, se torna o símbolo da causa nacionalista dos Extraditáveis.

Gilberto Rodríguez e Jorge Ochoa foram viver na Espanha com suas famílias. Gilberto me disse que eles dois pensam em se aposentar do negócio para investir grande parte de seus capitais na Europa, que vai sentir muito a minha falta e que gostaria de voltar a me ver logo. Sabe que, possivelmente, sou a única mulher e jornalista com quem é possível falar tranquilamente de sua atividade, de seus colegas e dos problemas corporativos com a absoluta certeza de que nunca vai cometer uma indiscrição. A verdade é que, agora que conheço as vulnerabilidades de sua profissão, a última coisa que eu faria seria incitar divisões ou contribuir para as desavenças que já existem. Sou perfeitamente consciente de que,

num momento tão crítico para todos eles, qualquer ato de deslealdade poderia até me custar a vida; por isso, minha relação com todo esse mundo se baseia num código autoimposto de *Omertà*,²³ no melhor estilo Cosa Nostra. Vejo Gilberto partir com a ponta da saudade que sentimos pelos afetos, não pelos amores, porque nunca fomos amantes. Mesmo que diga a ele que também vou sentir falta das nossas longas conversas, a verdade é que não consigo perdoá-lo por ter manipulado aquele casinho fugaz que tivemos com doses tão imperdoáveis de indiscrição para alguém com seus talentos.

Nos meses seguintes, Pablo e eu retornamos à alegria dos nossos primeiros tempos, mas, como agora cada um de nossos encontros pede um cuidadoso planejamento logístico, aproveitamos cada momento que podemos passar juntos para sermos profunda, intensa e completamente felizes. Os aviões em que viajo são alugados, e só os homens que me buscam no aeroporto, armados com rifles R-16 dobráveis, sabem que vou me encontrar com ele. Como vivo a menos de cem metros dos jardins da residência do embaixador americano em Bogotá, Pablo se preocupa muito que a DEA possa estar me vigiando, ou que eu possa cair nas mãos dos órgãos de inteligência; por isso, e para deixá-lo tranquilo, nunca pergunto a seus pilotos ou a seus homens aonde estão me levando ou onde ele está escondido. Nossos encontros acontecem de noite, em casinhas que parecem estar eternamente em construção ou têm acabamentos rudimentares, nas quais chegamos depois de percorrermos por muitas horas caminhos horríveis, cheios de lodo e buracos. À medida que vamos nos aproximando de nosso destino final, começo a ver, dos dois lados, guaritas de segurança, e os rapazes me dizem que nos dirigimos a uma das muitas casas de campo que Pablo tem espalhadas por toda a Antioquia; como na saída sempre chegamos na estrada em cinco minutos, eu concluo que tudo está projetado para dificultar o acesso até torná-lo impossível e para facilitar a fuga para Pablo, caso ele esteja cercado. Só um tempo depois fiquei sabendo que muitas dessas construções incipientes estavam localizadas dentro da própria fazenda Nápoles, porque era o único lugar da Terra onde ele se sentia completamente seguro e onde preparava os esconderijos que serviam para seu refúgio durante a longa sucessão de guerras que, ele já sabia e eu já pressentia, seriam o único destino para o tempo de vida que ainda restava a ele.

Ainda que não digamos um ao outro, ambos sabemos que cada um desses encontros poderia ser o último. Todos têm um gosto de despedida final, e quando o vejo partir fico, por muito tempo, imersa numa tristeza profunda, pensando no que seria de mim se o matassem. Ainda tenho esperança de que ele se aposente do negócio e chegue a algum tipo de acordo com o governo e os norte-americanos. Sinto falta de Fáber — o secretário que me pegava no aeroporto e quase sempre era o encarregado de me levar dinheiro nas vésperas de minhas viagens —, mas Pablo me explica que seu fiel empregado é um homem bom e que agora ele precisa viver rodeado de jovens que não tenham medo de matar, porque já fizeram isso muitíssimas vezes. Os dois rapazes que me pegam e me escoltam de volta ao aeroporto mudam em cada um de nossos encontros. Todos nós estamos armados, eu com a minha Beretta, Pablo com uma metralhadora MP-5 ou uma pistola alemã e os rapazes com submetralhadoras MiniUzi e rifles AR-15 e AK-47, os mesmos usados pela guerrilha.

Eu o espero sempre dentro da casinha, com a pistola num bolso e o salvo-conduto em outro, e em silêncio absoluto. Quando escuto os jipes chegarem, apago a luz e olho por alguma janela para me certificar de que não seja a Dijín — polícia secreta —, o DAS ou o Exército, porque Pablo me ensinou que, caso seja um deles, devo me dar um tiro antes de ser interrogada. O que ele não sabe é que eu também me preparei para atirar nele caso o prendam na minha frente, porque sei que em menos de 24 horas estará numa cela da qual não sairá nunca mais e prefiro tirar sua vida com minhas próprias mãos a vê-lo extraditado.

Só relaxo quando o vejo chegar em meio a um pequeno exército de homens que imediatamente desaparecem; logo tudo volta a ficar no mais completo silêncio e só se escutam o canto dos grilos e o sussurro da brisa na folhagem. Parece que, com exceção dos dois que me levam e me trazem, nenhum dos quinze ou vinte homens sabe que ele vai me ver, mas da minha janela começo a identificar aqueles que, mais para a frente, se transformariam em seus assassinos mercenários mais reconhecidos, batizados na Colômbia como sicários e pelos veículos de comunicação e jornalistas pagos por Pablo como a “Ala Militar do cartel de Medellín”. Na verdade, seus homens de confiança são só um pequeno bando de assassinos oriundos das Comunas, ou bairros marginais de Medellín, armados com rifles e metralhadoras e com capacidade de subcontratar

outros entre centenas de milhares de jovens descontentes que crescem em meio a um ódio visceral contra a sociedade, têm Escobar como seu ídolo e símbolo de luta anti-imperialista e estão dispostos a qualquer coisa para trabalhar com ele, com a secreta esperança de se contagiar com o lendário sucesso financeiro do “Patrão”. Alguns de seus sicários têm rostos terríveis, e outros, como **Pinina**,²⁴ carinhas sorridentes e angelicais. Pablo não tem tenentes nem confidentes, porque, embora goste muito deles, não confia totalmente em ninguém. Está consciente de que um mercenário, por mais bem pago que seja, sempre venderá a mão armada, a informação, o coração e a alma ao melhor pagador, ainda mais num negócio tão rentável como o dele. Com um traço de tristeza, me confessa um dia que, diante da eventualidade de sua morte, todos certamente vão mudar de lado para acompanhar aquele que o matou. Em mais de uma ocasião eu o escutei dizer:

— Eu não falo das minhas “cozinhas” aos contadores, nem de contabilidade com os “cozinheiros”. Não falo dos políticos com os pilotos, nem com Santofimio das minhas rotas. Nunca falo da minha namorada com a família nem com os meus homens, e nunca falaria com você nem sobre os problemas da minha família, nem sobre as missões dos meninos.

A “Ala Financeira do cartel de Medellín” — que soa como um complexo tecido de bancos e corporações nas Bahamas, nas ilhas Cayman e em Luxemburgo — é formada simplesmente por seu irmão “Osito” Escobar, mr. Molina, Carlos Aguilar, conhecido como “o Sujo”, alguns contadores de notas e outra meia dúzia de homens de confiança encarregados de empacotar os maços de dinheiro entre os eletrodomésticos em Miami. Lavar 100 milhões de dólares é, definitivamente, muitíssimo mais complicado do que colocá-los entre duzentos congeladores, geladeiras e televisores e despachá-los dos Estados Unidos para a Colômbia, onde a famosa amabilidade dos funcionários da alfândega facilita as coisas e reduz um dos piores vícios do Estado colombiano: a “tramitologia”. Resta dizer que os trâmites são para os bobos, ou seja, para os honestos; porque quem disse que os ricos tinham que entrar na fila e preencher a papelada, ou abrir as malas e caixas com suas importações na alfândega como se fossem contrabandistas?

Em meio a uma dúzia dos grandes chefes do tráfico, só Gilberto Rodríguez, que sonha que seus filhos algum dia possam ser reconhecidos

pela sociedade como filhos de empresário e não de narcotraficante, paga até o último centavo os impostos de seus negócios legítimos e precisa de bancos tradicionais. No caso de Pablo e Gonzalo, tais instituições servem unicamente para se justificar diante do fisco, mediante uma ou outra empresa registrada, a aquisição de propriedades, aviões e veículos. E para o dinheiro sério, e as compras de armas, girafas e brinquedos de luxo, ambos morrem de rir com os banqueiros locais e também com os suíços: têm fazendas de 2,5 mil a 10 mil hectares, com pistas de pouso, e sabem que os baldes foram inventados para guardar dinheiro debaixo da própria terra, retirá-lo numa emergência sem ter que pedir permissão a nenhum gerentezinho de banco e gastá-lo para comprar proteção, se encher de apetrechos para qualquer guerra eventual e para se divertir muito, sem tantas explicações ao fisco.

Aqueles são dias em que o pobre diretor-geral da Polícia de Bogotá ganha por volta de 5 mil dólares mensais e que a pobre polícia de alguns povoados em territórios semisselvagens ganha entre 20 mil e 50 mil e não precisa se preocupar com a pensão por invalidez, a velhice e a morte, nem em fazer carreira na instituição ou bobagens como essas. Todas aquelas zonas que foram esquecidas pelo governo central durante séculos começam a se desenvolver num ritmo vertiginoso e a encher-se de discotecas com luzes multicoloridas e garotas alegres, em muitas das quais dialogam democraticamente o comandante da polícia com o narcotraficante da região, o capitão do Exército com o chefe paramilitar e o prefeito do povoado com o chefe dos guerrilheiros, que, segundo os jornais de Bogotá, amanhecem se matando uns aos outros por razões policiais e militares, ideológicas ou nacionalistas, legais ou judiciais, quando na verdade o fizeram por razões étlicas exacerbadas pelo livre-arbítrio de algum objetivo comum de fraude, ou por confianças traídas dentro dos tipos de acordos financeiros que nunca poderiam ser registrados em cartórios. Todo mundo no sudeste do país toma uísque Royal Salute, os povoados se enchem de “narco-Toyotas” e as pessoas que vivem no meio da selva se divertem mais do que nas discotecas de “Pelusa” Ocampo, em Medellín, e Miguel Rodríguez, em Cali. E é, definitivamente, mais feliz do que em Bogotá, onde chove o tempo todo e as pessoas vivem histéricas com os engarrafamentos, as filas nas instituições estatais, os *raponeros*²⁵ de relógios, bolsas e brincos e os milhares de ônibus que soltam fumaça preta

de dia e branca à noite. Outro problema com a capital é que, como Bogotá não é a selva, ali o narcotráfico é sim um tabu e os *narcos* não são aceitos socialmente, não porque são ilegais (quem se importa com isso!), mas porque são oriundos de classes baixas, moreninhos, baixinhos, feinhos, exibidos, cheios de correntes e pulseiras de ouro e com um anel de diamante no dedo anelar ou no mindinho. O que sim é aceito e muito bem-visto em Bogotá, como em toda metrópole que se preze, é o consumo de pedras de cocaína pura entre as classes altas, que também começou a fazer incursões pelo baseado e pelo crack, porque com as drogas acontece o mesmo que com a prostituição e o aborto: é de muito mau gosto produzi-los ou oferecê-los, mas perfeitamente aceitável consumi-los.

A namorada secreta do Rei da Coca, fundador e alma dos Extraditáveis, também pratica tiro com os oficiais do posto policial El Castillo e frequenta, cada vez mais elegante, o palácio presidencial, os coquetéis das embaixadas e os casamentos de seus primos no Jockey Clube de Bogotá e no Club Colombia de Cali. Quando uma torneira estoura às três horas da manhã em seu apartamento e os jatos de água disparam em todas as direções ameaçando inundá-lo, quatro viaturas de bombeiros chegam em menos de três minutos fazendo um barulho horrível, tocam as sirenes na residência do embaixador americano, seus vizinhos pensam que foi assaltada novamente, escapa de morrer afogada e ela, com uma gabardine da Burberry sobre o *negligée*, autografa para seus heroicos salvadores até as quatro e meia da manhã.

Outra noite, alguém muito importante a apanha em seu carrinho para jantar, e, quando sua amiga pergunta o que são todos aqueles rolos de tecido vermelho e preto que estão na parte traseira do carro, ela responde:

— É que, como você tem bom gosto e um senso exacerbado de geometria, queria que me desse sua opinião sobre a nova bandeira do JEGA, o grupo de guerrilha urbana mais forte de todos os tempos!

Todo mundo que é bem informado sabe que algumas das mulheres mais interessantes, atraentes e importantes dos meios de comunicação são namoradas dos comandantes do M-19, mas nenhuma de nós fala dessas coisas porque todas foram educadas nos métodos de suplício em cadeia da Santa Inquisição e, por isso, preferimos manter uma distância respeitosa. Em 1984 nos meios de comunicação colombianos há mulheres lindíssimas, algumas de classe alta e outras poucas realmente corajosas. Os

homens, ao contrário, são jornalistas, atores ou locutores insuportáveis, presunçosos, arquiconservadores, bem feios, de classe média média ou média baixa, e nem a elas nem a mim passaria pela cabeça sair com algum deles; o que todos têm — e também meus companheiros da Junta Diretiva na Associação Colombiana de Locutores — são as vozes profissionais mais bonitas e completas que já escutei em qualquer país de língua espanhola. Nenhuma das minhas colegas me pergunta por Pablo Escobar, nem eu pergunto a elas pelos comandantes Antonio Navarro ou Carlos Pizarro porque deduzo que, a partir do sequestro de Martha Nieves Ochoa, os Extraditáveis e o M-19 devem se odiar até a morte; mas presumo que elas contam tudo a seus namorados, como eu conto tudo ao meu. Pablo ri com a história dos bombeiros por um bom tempo, mas logo fica muito sério e me pergunta alarmado:

— E onde estava a Beretta enquanto você assinava autógrafos para duas dezenas de homens no *negligée* de Montenapoleone?

Respondo que no bolso da gabardine que coloquei por cima, e ele me pede que não insulte sua inteligência porque sabe perfeitamente que, quando estou em Bogotá, mantenho a arma guardada no cofre. Prometo a ele que a partir de agora vou dormir com ela debaixo do travesseiro, e ele só se acalma quando juro várias vezes enquanto o cubro de beijos. Mesmo que tenham nos batizado de “Coca-Cola” — porque Pablo fornece o produto e eu a embalagem da sociedade —, a verdade é que quase ninguém sabe dessa etapa clandestina da nossa relação e, para todo mundo que pretende descobrir sobre ele, digo que deixei de vê-lo há séculos; nunca pergunto o que ele responde, porque não me arrisco a escutar de sua boca alguma frase que possa me causar dor, e Pablo acha que as mulheres sofrem muito mais do que os homens. E eu lhe digo que é verdade, mas só nas guerras, porque na vida cotidiana é mais fácil ser mulher do que homem. Nós sempre sabemos o que temos que fazer: cuidar das crianças, cuidar dos homens, cuidar dos velhos, cuidar dos animais, cuidar das plantas ou do jardim e cuidar da nossa casa. Com uma expressão cheia de compaixão por seu gênero, completo que “ser homem é muito mais difícil e um desafio cotidiano”, para tirar algo dessa maldita superioridade de gênero que ele tem, porque Pablo só admira outros homens. É possível contar as mulheres que realmente respeita nos dedos, e, mesmo que nunca me confesse, sei que subdivide o sexo feminino em

três categorias: as da família, as únicas que ama mesmo que o chateiem muito; as bonitas, que o divertem muito e para quem sempre paga pelo amor de uma noite antes de lhes dizer adeus por razões de segurança; e o resto, que são as “feias” ou as “covardes”, indiferentes para ele. Como eu venho de uma família de outra classe e não me impressiono muito com ele porque não é alto, nem bonito, nem elegante, nem inteligente; como sou uma mulher-mulher e o faço rir e estou longe de estar desfigurada; como sou “sua pantera”, ando armada e o protejo com a minha vida; como falo com ele das coisas que os homens falam e na mesma linguagem deles, acho que ele me colocou numa espécie de limbo afetivo junto com Maggie Thatcher, nem um pouco feminino, mas definitivamente a 180 graus do seu universo masculino.

Para ele, depois de sua família, o mais sagrado são seus sócios. Mesmo que nunca reconheça, me parece que os homens de sua família, com exceção de seu primo Gustavo e de Osito, o cansam por serem tão convencionais. Muito mais excitantes são seus amigos Gonzalo, Jorge e o louco do Lehder, tão audazes, ricos, hedonistas, arrojados e inescrupulosos quanto ele. Sei que a partida de Jorge Ochoa, o qual Pablo considera como um irmão, foi um golpe horrível para ele, talvez porque nunca volte ao país. Com exceção de Lehder, nenhum deles teve a extradição solicitada porque os Estados Unidos ainda não têm provas concretas que os identifiquem como narcotraficantes. Tudo está a ponto de mudar.

Depois de algumas semanas de felicidade idílica, Pablo me confessa que deve voltar à Nicarágua. Estou convencida de que os sandinistas lhe trazem má sorte e, por isso, trato de dissuadi-lo recorrendo a todos os argumentos que me passam pela cabeça. Digo que uma coisa é que eles sejam comunistas e ele narcotraficante, e outra é que os inimigos jurados do Tio Sam estejam juntando a ideologia dos primeiros com os bilhões de dólares do segundo. Insisto que os gringos pouco se importam com as ditaduras marxistas desde que não os desafiem muito e sejam pobres; mas as enriquecidas pelo narcotráfico, e vizinhas deles e de Fidel Castro, com o tempo se transformam num desafio cada vez mais inaceitável. Também insisto que ele não pode arriscar sua vida, seu negócio e sua tranquilidade mental por Hernán Botero e Carlos Lehder, e ele me responde, ofendidíssimo, que a causa de todos e cada um dos extraditáveis colombianos, grandes e pequenos, ricos ou pobres, é, foi e será também a

dele enquanto viver. Ele me promete que em pouco tempo estará de volta e vamos poder nos ver, ou talvez nos encontrar muito em breve em algum lugar da América Central para passar uns dias juntos. Antes de se despedir, me recomenda novamente que eu tenha muito cuidado com meus telefonemas, com as amigas e com a sua pistola. Dessa vez, quando o vejo partir sozinho, não apenas fico triste como terrivelmente preocupada por seus devaneios simultâneos com a extrema-esquerda e a extrema-direita, me perguntando qual dos dois grupos de guerrilheiros colombianos vai servir melhor para o acordo com os sandinistas, porque, sempre que tentei tocar no assunto, ele me respondeu que quando chegar o momento eu vou saber. O começo da resposta não apenas chega da maneira mais inesperada, como imediatamente noto que o que está em jogo é muitíssimo mais complexo do que parecia à primeira vista.

Ele se chama Frederico Vaughan, e suas fotos com Escobar e Rodríguez Gacha carregando sete toneladas e meia de coca num avião numa pista do governo “nica” dão a volta ao mundo. Um dos pilotos da organização, agora batizada de “cartel de Medellín” pelos americanos, caiu nas mãos da DEA. Esta prometeu ajudar a reduzir sua sentença ao mínimo se ele voltasse para a Nicarágua como se nada tivesse acontecido com câmeras ocultas na fuselagem do avião, para que, com base nas provas fotográficas obtidas, os Estados Unidos pudessem logo demonstrar que Pablo Escobar e seus sócios são narcotraficantes e apresentar um pedido oficial de sua extradição para o governo colombiano. Mas para os norte-americanos há em tudo isso algo muitíssimo mais importante do que jogar Escobar, Ochoa, Lehder e Rodríguez Gacha num calabouço e passar a chave: a prova de que a Junta Sandinista está envolvida com o tráfico de entorpecentes, o que moralmente justificaria algum tipo de intervenção militar numa zona do mundo que está se transformando rapidamente em foco de ameaça para eles e num claro cinturão de governos ditatoriais, comunistas, militares e corruptos que cedo ou tarde poderiam contaminar todo o resto e gerar imigrações massivas para os Estados Unidos. No caso do México, o eterno Partido Revolucionário Institucional, PRI, é simpatizante declarado de Fidel Castro e de alguns dos governantes mais de esquerda do mundo; e aquela nação com a identidade cultural mais forte de toda a América Latina, “tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos”, também está se transformando em rota obrigatória do

narcotráfico e enriquecendo da noite para o dia não apenas os grandes chefes astecas do tráfico, uma polícia com fama de ser uma das mais corruptas da Terra, como também as Forças Armadas.

Com as fotos de Pablo e Gonzalo na Nicarágua, começa-se a escrever o primeiro capítulo do caso Irán-Contras e o princípio do fim da era do general Manuel Antonio Noriega no Panamá. Ao vê-las em todos os jornais do mundo, dou graças a Deus por Pablo não ter me levado com ele para a Nicarágua em sua primeira viagem, nem depois do assassinato do ministro Lara e, sobretudo, agora. Como está começando a usar um discurso cada vez mais antiamericano contra um governo republicano, tenho o profundo temor de que com o tempo o homem que amo se transforme num dos mais procurados do mundo, porque, ainda que sua maior qualidade seja a capacidade única de antecipar tudo o que acontece com ele e preparar a mais contundente defesa e a mais agressiva ofensiva, seu pior defeito é uma total carência de humildade para reconhecer e corrigir seus erros e uma incapacidade ainda maior para medir as consequências de seus atos.

Certo dia, Gloria Gaitán me anuncia que vai me visitar com o jornalista Valerio Riva, que veio de Roma. Chegam à minha casa com cinegrafistas, vão acendendo luzes, e, quase sem me consultar, o italiano começa a me entrevistar para a televisão de seu país. Em seguida, me transmite o interesse dos produtores Mario e Vittorio Cecchi Gori — os mais poderosos da Itália junto com dom Dino de Laurentis — de fazer um filme sobre a vida de Pablo Escobar. Fico de responder tão logo Pablo chegue da Austrália e de me encontrar com Riva e os produtores em Roma, para onde pretendo viajar em breve. Sim, para Roma e Madri, porque, enquanto os dias de separação vão se transformando em outros dois meses sem ouvir falar nada sobre Pablo, decidi que dessa vez estou cheia e não vou esperar que ele se canse “desses caras feios com uniforme” ou da vagabunda da vez. E acabo de aceitar o convite de Gilberto Rodríguez para ir à Europa, que sente muito minha falta e não pode falar comigo por telefone. Porque com quem mais ele vai falar em Madri de “Abacaxi” Noriega e de Daniel Ortega, de Joseph Conrad e de Stefan Zweig, do M-19 e das Farc, de Pedro, o Grande, e de Toscanini, do Mexicano e do PRI, de suas obras de arte favoritas — Sophia Loren e todos os quadros de Renoir —, do convicto banqueiro Jaime Michelsen e de Alfonso López Michelsen, de Kid Pambelé e de Pelé, de Belisario Betancur e da Fera e da forma correta

de comer aspargos? E com quem mais eu vou falar de Carlos Lehder, do piloto Barry Seals, da CIA e de outra série de assuntos que tenho guardados, sem se perder ao me escutar?

Alguns dias antes de partir, passo na frente da Raad Automóveis, propriedade do meu amigo Teddy Raad, de quem Aníbal Turbay e eu tínhamos sido padrinhos de casamento. Assim como o pintor Fernando Botero, o decorador Santiago Medina e o vendedor de helicópteros e quadros Byron López, os Raad ficaram riquíssimos vendendo produtos de luxo para a nova classe emergente, neste caso Mercedes, BMWs, Porches, Audis, Maserattis e Ferraris. Desço para admirar algumas ofertas de 250 mil dólares para cima, e pergunto a Teddy de quanto em quanto tempo vende um carro desses.

— Vendo uma Mercedes por dia, Virgie! Outro assunto é me pagarem! Mas quem vai dizer a esses caras que eles não podem pagar um carro fiado, se cada vez que ganham a recompensa por um carregamento vêm no dia seguinte comprar meia dúzia? Olha, acaba de chegar um dos nossos melhores clientes, Hugo Valencia, de Cali.

Hugo é o arquétipo e a encarnação do mafiosinho desprezado por todas as classes altas e pessoas honestas da Colômbia: tem por volta de 25 anos e olhar insolente; a pele é muito morena, é perfeitamente seguro de si mesmo e mede 1,60 metro; tem sete cordões de ouro no pescoço, quatro pulseiras e diamantes enormes nos dois mindinhos. Parece feliz da vida, é exibido e simpaticíssimo, e vou com a cara dele desde o primeiro momento. E mais ainda no segundo, quando diz:

— Mas você é superelegante, Virginia! Já vai para Roma? Porque a verdade é que... estou precisando urgentemente de alguém com um gosto perfeito para convencer o dono da Brioni a mandar um alfaiate para Cali com 1 milhão de amostras e para tirar minhas medidas, porque quero mandar fazer para mim uns duzentos ternos e umas trezentas camisas. Você ficaria ofendida se te adiantasse 10 mil dólares para ter esse incômodo? E, a propósito, quem te fornece essas joias com as quais você sai nas capas de revista? Porque quero comprar toneladas para todas as minhas namoradas, que são lindas! Claro que não tanto como você...

Com prazer, aceito encantada fazer esse favor a ele e prometo trazer de presente vários pares de sapatos da Gucci. E, como quero ver todo mundo feliz, esqueço o roubo da maleta de Pablo e mando Hugo até Clara e

Beatriz para que elas o ajudem a cobrir suas namoradas de diamantes e rubis e ganhem nesses trâmites uma pequena fortuna. Todas nós ficamos impressionadas com ele e com seu enorme ego e o batizamos “o Menino”. Outro que fica fascinado por Hugo e seus milhões líquidos é o jovem presidente do Banco do Ocidente, que considerava a família real do Vale “mafiosos imundos”. Quando o Menino se transforma em amigo do brilhante banqueiro, este decide que, para a sua filial panamenha, Hugo Valencia é sim um empresário de êxito e não “um narcotraficante nojentão” com bancos concorrentes na Colômbia e no Panamá, como Gilberto Rodríguez.

Antes de ir a Madri, passo por Roma para a reunião com Valerio Riva e os produtores da Cecchi Gori. Esses não aparecem em lugar nenhum, mas o aspirante a roteirista do filme sobre “o Robin Hood colombiano” me convida para um almoço dominical na casa de campo de Marina Lante della Rovere, que diz ser muito amiga do presidente Turbay, o tio de Aníbal que agora é embaixador da Colômbia na Santa Sé.

No dia seguinte, Alfonso Giraldo me aponta horrorizado um dos principais jornais da cidade, onde comentam minha entrevista para a televisão na qual Valerio Riva me apresentou como “amante dos poderosos latino-americanos”. E, quando vamos fazer compras novamente pela Via Condotti, Via Borgognona e Via Frattina, meu amigo de alma, católico convertido e fervoroso, me implora que eu confesse todos os meus pecados:

— Amada, diga quem são. Porque, se os seus quatro namorados que eu conheço são poderosos, eu sou o cardeal de Brunei! Não vai me dizer que o rapaz das centenas de pôneis e dos mil cuidadores de cavalos vem a ser o da manada de girafas, do rebanho de elefantes e do exército particular! Acho que você está indo pelo caminho da perdição e que devemos sair para almoçar urgentemente com um príncipe como o meu amigo Giuseppe, em cujo *palazzo* de Palermo foi filmado *O leopardo* e onde a rainha Elizabeth se hospeda quando vai para a Sicília.

Rindo, explico a ele que, como tenho o toque de Midas para os produtos que recomendo, as revistas que me colocam na capa e os homens que amo, meus ex-namorados se transformaram nos cinco homens mais ricos da Colômbia, o que não é culpa minha, mas da ambição deles. E para deixá-lo mais calmo, asseguro-lhe que já deixei esse bárbaro dos pôneis e

do zoológico e que o dono de dois bancos está me esperando em Madri com seu sócio, outro multimilionário que cria *percherones* e outros puro-sangues e cuja família é, segundo a *Forbes* e a *Fortune*, a sexta mais rica do mundo.

— Não se pode esperar nada mais chique, Poncho!

Ele me pergunta se os ternos da Brioni são para o banqueiro, porque os homens elegantes sempre se vestiram de Saville Row.

— Não, não, não. Deixe esses alfaiates ingleses para Sonny Malborough, Westminster e Julio Mario. Esse é só um favor que prometi para um bebê de Cali bem novo-rico e cheio de namoradinhas de quinze anos, totalmente diferente daquele potro indomável para quem não importavam a roupa de luxo, os relógios de ouro e todas as coisas que ele dizia serem “de veado”.

Quando falo ao gerente e administrador da Brioni da generosidade do Menino — e suas centenas de colegas —, da lendária beleza das mulheres calenhas, da queda das modelos pelos italianos que trabalham no mundo da alta-costura, dos elegantíssimos donos de engenho de açúcar do Vale do Cauco, das discotecas de salsa em Cali e do clima do município vizinho de Pance, os olhos dele saltam, me diz que Nossa Senhora apareceu para ele, me dá um monte de presentes e reserva uma passagem na primeira classe da Alitalia para o dia seguinte.

Almoço com Alfonso e o príncipe San Vincenzo no terraço do Hassler, de onde vemos Roma ao meio-dia envolta num halo dourado que flutua sobre o eterno céu cor-de-rosa antigo. Na entrada do restaurante estão todas as irmãs Fendi festejando felizes o aniversário de uma delas. Perguntar a um príncipe siciliano pela Cosa Nostra é como perguntar a um alemão por Hitler ou a um colombiano por Pablo Escobar, e decido conversar com Alfonso e Giuseppe sobre Lucchino Visconti e a filmagem de *O leopardo*. Quando nos despedimos, o encantador príncipe me convida para viajar pela Emilia Romanha no fim de semana, digo a ele que lamentavelmente tenho que estar na sexta-feira em Madri porque na semana seguinte devo voltar ao trabalho.

E na sexta já estou jantando com Gilberto e Jorge Ochoa no Zalacaín, que em 1984 é o melhor restaurante de Madri. Ambos estão felizes de me ver tão radiante, de escutar as minhas histórias e de saber que recusei o convite de um príncipe para estar com eles. E eu estou feliz de saber que

se aposentaram do negócio e estão pensando em investir seus intermináveis capitais em coisas chiques, como a criação de touros de lide e as construções em Marbella, e não em hipopótamos e exércitos de mil sicários armados com fuzis AR-15. O nome do rival do primeiro e sócio do segundo nunca é mencionado, como se ele simplesmente não existisse. Mas, por alguma razão que não sabia explicar, sua presença paira sobre as toalhas de mesa e todo aquele ambiente luxuoso como algo inquietante que, se chegasse a se materializar, poderia colocar todos nós num acelerador de partículas e produzir uma fissão nuclear.

No fim de semana vamos almoçar leitãozinho junto à fortaleza de Segovia, e Gilberto me aponta uma janela pequeniníssima a centenas de metros de altura de onde, séculos atrás, um príncipezinho caiu dos braços de uma escrava moura e, instantes depois, a moça se jogou atrás do bebê. Fico triste a tarde toda, pensando nos terrores que assaltaram o coração daquela pobre criatura antes de se lançar ao vazio. No domingo, os executivos de Gilberto me levam para Toledo para ver *O enterro do conde Ordaz*, de El Greco, uma de minhas obras de arte preferidas no país onde estão os melhores pintores da Terra. Volto a ficar triste e nem sei o porquê. Nessa noite Gilberto e eu jantamos sozinhos, e ele me pergunta sobre minha carreira. Respondo que na Colômbia a fama e a beleza só geram doses monstruosas de inveja cujos canais de expressão são quase sempre os meios de comunicação e as ameaças telefônicas de outros loucos de maldade. Ele comenta que sentiu muito minha falta e tem precisado profundamente da mulher com quem pode falar de tudo e em “colombiano”. Toma minha mão e diz que queria que eu estivesse por perto não em Madri, mas em Paris, porque adora a Cidade Luz mais do que todas as outras e porque nunca pensou que alguém com uma origem tão modesta como a dele poderia chegar a conhecê-la.

— Eu não te desperto muita paixão, mas, como nos entendemos tão bem, com o tempo você e eu poderíamos chegar a nos apaixonar e, inclusive, ter algo mais sério. Você poderia ter seu próprio negócio, e passaríamos os finais de semana juntos. O que você acha?

A verdade é que a proposta me pega de surpresa, mas também é verdade que ele e eu nos entendemos muito bem. E não apenas o centro de Paris é, definitivamente, mil vezes mais bonito que todos os bairros elegantes de Bogotá, como também, nos mais múltiplos sentidos, a Cidade

Luz está a anos-luz da cidade da Eterna Primavera: Medellín. Lentamente começo a responder, quer dizer, a enumerar minhas condições para me transformar na amante parisiense de um dos homens mais ricos da América Latina — sem sacrificar minha liberdade — e as razões para cada uma delas: não viveria num apartamentinho com um carrinho, porque para isso posso me casar com qualquer ministro colombiano enfadonho com cobertura, Mercedes e escoltas, ou com qualquer marido francês de classe média; ele ia ter que me mimar, como fazem os homens excepcionalmente ricos de todas as partes do mundo com as mulheres representativas das quais sentem orgulho em público e mais ainda em particular, porque meu refinamento poderia encher a vida dele de alegria sem muito esforço e minhas amizades de alta classe poderiam ser inacreditavelmente úteis para abrir muitas portas; se chegássemos a nos apaixonar, faria com que ele se sentisse como um rei a cada dia que passássemos juntos e não iria se aborrecer um minuto da sua vida; mas, se um dia ele decidisse me deixar, eu levaria unicamente as joias e, se eu decidisse deixá-lo para me casar com outro, levaria unicamente meu guarda-roupa de alta-costura, requisito *sine qua non* em Paris para a mulher de um homem que quer ser levado a sério.

Com um sorriso cheio de gratidão — porque ninguém no mundo poderia oferecer a um homem com mais de 1 bilhão de dólares condições mais amplas e generosas —, ele responde que, logo que terminar de se instalar na Espanha e conseguir tomar todas as decisões de investimentos, voltaremos a nos ver, porque o mais complicado para ele é a transferência de seus capitais, e não pode me ligar para falar de problemas no meu número. Quando nos despedimos, com uma enorme ilusão de nos encontrarmos em breve, me recomenda que retire urgentemente minhas economias do First Interamericas Bank do Panamá, porque os americanos estão pressionando o general Noriega e a qualquer momento vão fechar o banco e congelar todos os ativos.

Sigo seu conselho antes que isso de fato aconteça, e duas semanas depois viajo para Zurich, para consultar o Oráculo de Delfos sobre a oferta de Gilberto, porque a verdade é que fui pega de surpresa e quero saber a opinião de alguém que conhece todas as regras do jogo da alta sociedade internacional. Ao ver David Metcalfe chegar à nossa suíte do Baur au Lac carregado de botas, Wellingtons, rifles e munições, pergunto como se

organiza “um terrorista de White’s” como ele para viajar por todo o mundo disfarçado de assassino de faísões. Ele ri feliz com minha definição e me explica que vai caçar com o rei da Espanha, que é um homem absolutamente adorável e não tão rígido como os da realeza inglesa. Quando explico a ele as razões pelas quais aceitei seu convite dessa vez, protesta horrorizado:

— Mas você ficou louca? Vai se transformar numa mulher mantida por um Dom? Por acaso você acha que toda Paris não vai saber no dia seguinte como esse cara fez fortuna? O que você tem que fazer, *darling*, é ir já para Miami ou Nova York para conseguir trabalho num desses canais de televisão em espanhol!

Pergunto a ele como se sentiria se a mulher com quem fala o mesmo idioma, que não para de fazê-lo sorrir e é dona de 1 bilhão de dólares se oferecesse para mantê-lo em Paris num *hôtel particulier* decorado como a casa de uma duquesa e com um orçamento decente para aquisições de obras de arte na Sotheby’s e na Christie’s, um Bentley com motorista, o chef mais exigente e as flores mais lindas, as melhores mesas nos restaurantes de luxo, os ingressos perfeitos para os concertos e a ópera, as viagens de sonho para os lugares mais exóticos...

— Beemmm... eu também sou humano! Quem não morreria para ter tudo isso? — responde com um desses risinhos de quem foi pego com a boca na botija.

— Você percebe? Parece a princesa Margarita admirando no seu dedo o diamante de Elizabeth Taylor: “Já não parece tão vulgar, não é verdade, Alteza?”.

Enquanto jantamos no restaurante que está do outro lado da pontezinha de Baur au Lac, conto a ele que Gilberto é dono de vários laboratórios e que eu sempre sonhei com um negócio de cosméticos à moda sul-americana. Completo que com minha determinação e minha credibilidade em questões de beleza eu poderia construir possivelmente algo de muito êxito. Com o rosto muito sério e um pouco triste, ele comenta que eu obviamente sei para que serve alguém com 1 bilhão de dólares, mas que um Dom como esse jamais saberia para que serve uma mulher como eu.

Na manhã seguinte, no café da manhã, ele me dá o *Zeitung*, porque só lê o seu *Times*, de Londres, o *Wall Street Journal* e o *The Economist*.

— Acho que são seus amigos. Você não imagina a sorte que tem, *darling*!

Lá estão — em todos os jornais suíços, americanos e ingleses — as fotografias de Jorge Ochoa e Gilberto Rodríguez. Foram detidos com suas esposas em Madri e possivelmente serão extraditados para os Estados Unidos.

Eu me despeço de David, pego um avião para Madri e vou até a prisão de Carabanchel. Na entrada, me perguntam qual é minha relação com os dois detentos e digo que sou uma jornalista colombiana. Não me permitem entrar, e, de volta ao hotel, os executivos de Gilberto me dizem que devo voltar imediatamente para a Colômbia, antes que as autoridades espanholas me detenham para fazer todo tipo de perguntas.

Meia dúzia de policiais e agentes seguem cada um dos meus passos no aeroporto, e só fico tranquila quando entro no avião. A verdade é que o champanhe rosé é um paliativo para quase todas as tragédias e chorar na primeira classe é melhor do que chorar na classe econômica. E, para o consolo de qualquer choradeira, um homem elegantíssimo que parece a cópia do 007 dos primeiros filmes de James Bond se senta ao meu lado. Alguns minutos depois, me oferece um lenço enquanto me pergunta timidamente:

— Por que você está chorando assim, bela?

Pelas próximas oito horas, aquela estupenda versão madrilenha de Sean Connery aos quarenta anos me dará um curso intensivo sobre os grupos econômicos March e Fierro, com os quais trabalha — os maiores da Espanha —, e me transformo numa grande autoridade em fluxo de capitais, ações, bônus, desperdícios e propriedades em Madri, Marbella e Puerto Banús, Construções e Contratos, as irmãs Koplowitz, o rei, Cayetana de Alba, Heini e Tita Thyssen, Felipe González, Isabel Preysler, Enrique Sarasola, os toureiros, a Alhambra, o canto flamenco, o ETA e os últimos preços de Picasso.

Chego ao meu apartamento e olho as minhas secretárias eletrônicas. Cem ameaças de morte numa delas e alguém que desliga o telefone dezenas de vezes no número que só três pessoas conhecem. Para evitar ter que pensar no final horrível dessa viagem, decido dormir, mas deixo ambos os telefones conectados para o caso de ter alguma notícia sobre Gilberto.

— Por onde você andou? — pergunta do outro lado da linha a voz que eu não escutava há quase onze semanas e cujo dono fala como se fosse o meu.

— Deixa eu pensar... — respondo meio dormindo. — Na sexta estava em Roma no Hassler e depois jantei com um siciliano; príncipe, que não é amigo seu. No sábado eu estava no Baur au Lac, em Zurich, consultando um lorde inglês, não um *drug lord*, sobre o meu possível reposicionamento na Europa. Na segunda, eu estava no Villa Magna de Madri, analisando e considerando essa possibilidade. Na terça, estava chorando nas portas de Carabanchel, porque eu já não poderia me instalar em Paris como Deus manda. Como não me deixaram entrar, na quarta estava num avião da Iberia, me hidratando com Perrier Jouët para me recuperar dos litros de lágrimas derramadas. E ontem, para não me suicidar com tanta tragédia, dancei a noite inteira com um homem igualzinho ao James Bond. Estou morta de cansaço e vou continuar dormindo. Adeus.

Ele tem seis ou sete telefones, e nunca fala mais de três minutos em cada um. Quando diz “câmbio” e desliga, sei que vai voltar a ligar em alguns minutos.

— Mas que vida de conto de fadas, princesa! Está tentando me dizer que agora você pode ter um homem mais nobre ou bom-moço porque acaba de perder os dois mais ricos?

— Só um deles, porque eu e você nos perdemos faz tempo; desde que você foi viver em *Sandiland* com alguma vagabunda. E o que estou tentando dizer é que tenho andado com uma agenda social muito agitada, que estou terrivelmente triste e só quero dormir.

Volta a me ligar por volta das três da tarde.

— Já organizei tudo para te buscarem. Se você não vier de boa vontade, te trazem arrastada de robe e tudo. Não se esqueça que tenho as suas chaves.

— E não se esqueça que eu tenho o seu marfim. Mato todos e digo que foi em legítima defesa. Adeus.

Quinze minutos depois, agora recorrendo ao seu tom persuasivo de sempre, me diz que alguns amigos dele muito importantes querem me conhecer. Na nossa senha secreta — feita com os nomes dos animais de seu zoológico e com números —, me dá a entender que vai me apresentar a Tirocerto, chefe das Farc, e a outros comandantes guerrilheiros.

Respondo que todo mundo, pobre ou rico, de esquerda e de direita, de cima e de baixo, sonha em conhecer as estrelas da televisão, e desligo. Mas, quando na quinta ligação me deixa claro que ele e seus sócios estão trabalhando a todo vapor com o governo espanhol para que seu melhor amigo e “meu amante” não sejam enviados para cima (Estados Unidos), mas para baixo (Colômbia), e que quer me contar os detalhes pessoalmente porque por telefone não pode, decido que a vingança é doce.

— Não é meu amante... mas ia ser. E vou para lá.

Escuto o silêncio do outro lado da linha e sei que acertei em cheio. Ele me avisa:

— Está chovendo a cântaros. Traga as suas botas pantaneiras e uma *ruana*, o.k.? Aqui não é Paris, meu amor. É a selva.

Sugiro que deixemos a reunião para o dia seguinte, porque ainda estou com *jet lag* e não quero me molhar.

— Não, não, não. Já te vi encharcada no rio, com baldes de água, no mar, na lama... banhada na banheira, no chuveiro, em lágrimas... e agora um pouco de água limpa não vai te fazer mal, princesa. Até a noite.

Decido que para conhecer Tirocerto não devo ir de *ruana*, mas com uma parca da Hermés. E de *foulard* na cabeça e bolsa Louis Vuitton, para ver que cara ele vai fazer. E de Wellingtons, não de botas de guerrilheira, para que veja que eu não sou nenhuma comunista.

Nunca estive num acampamento de guerrilheiros, mas este parece estar deserto. Só se escuta um rádio, mas muito longe, a centenas de metros dali.

— Deve ser porque esses guerrilheiros dormem cedo para madrugar e roubar o gado, pegar os sequestradores ainda dormindo e tirar a coca de Pablo no seu território antes que amanheça e a polícia chegue — concluo.

— Os velhos madrugam, claro, e Tirocerto já deve ter em torno de 65 anos...

Os dois desconhecidos me deixam na entrada de uma casinha em construção e em seguida desaparecem. A primeira coisa que faço é observar o lugar, com a mão no bolso da minha parca, para verificar que, efetivamente, não tem ninguém. A pequena porta branca é muito rudimentar, fechada com cadeado. Entro e vejo que o quarto tem por volta de doze ou quinze metros quadrados e é revestido com ladrilhos, cimento e telhas de plástico. É noite, e o lugar está frio e escuro, mas consigo ver um

colchão no chão, um travesseiro que parece novo e um cobertor de lã marrom. Estudo o lugar e acho que vejo um rádio, uma lanterna, uma camisa, uma pequena metralhadora pendurada na minha frente e uma lâmpada de querosene apagada. Quando me inclino em direção à mesinha para tentar acendê-la com meu isqueiro de ouro, um homem salta das sombras atrás de mim e me aperta o pescoço com o braço direito. Acho que vai quebrá-lo, enquanto me agarra pela cintura com o esquerdo e me aperta contra ele.

— Olha como durmo, quase a céu aberto! Olha como vivem os que lutam por uma causa enquanto as princesas viajam pela Europa com os meus inimigos! Olhe bem, Virginia — diz, soltando-me e acendendo a lâmpada —, porque é isso, e não o hotel Ritz de Paris, a última coisa que você vai ver na sua vida!

— Você escolheu viver assim, Pablo, como Che Guevara na selva boliviana, só que ele não tinha 3 bilhões de dólares. Ninguém te obrigou, eu e você nos separamos há muito tempo! Agora me diga o que você quer de mim e por que está sem camisa com esse frio, porque eu não vim passar a noite contigo, nem dormir nesse colchão com carrapatos!

— Claro que não veio dormir comigo. E já vai saber para que veio, meu amor, porque a mulher do *Capo di Tutti Capi* não vai botar chifres nele com o inimigo na frente dos seus amigos.

— E não se chifra a *Diva di Tutti Divi* com modelos diante de todo o seu público. E pare de me chamar de “sua mulher” porque eu não sou a Tata!

— Então, minha diva, se não tirar já todos e um por um desses milhares de dólares que tem sobre o corpo, chamo meus homens para que eles os arranquem diante de todos e cortem com navalhas.

— Faça isso, Pablo, porque é a única coisa que falta você fazer! E, se me matar, vai me fazer um grande favor, porque a verdade é que eu nunca gostei muito da vida e não vou sentir falta dela. E se você me desfigurar, nenhuma mulher vai voltar a se aproximar de você nunca mais. Anda, pode chamar os duzentos homens! O que está esperando?

Ele arranca minha parca, rasga minha blusa, me joga sobre aquele enorme colchão branco com listras azuis, me agita como uma boneca de pano, tenta obstruir minha respiração e começa a me violentar enquanto geme e urra como uma fera.

— Você me disse que um dia ia me trocar por outro porco tão rico como eu... mas por que você tinha que escolher esse... justamente esse? Quer que eu te conte o que falo de você para os meus amigos?... Amanhã mesmo esse presidiário patético vai saber que você voltou comigo, no dia seguinte ao que você estava chorando por ele!... E na prisão, isso sim é duro! O Mexicano me confessou tudo há uns dias... porque verifiquei as fitas do F2 e perguntei por que você tinha ligado para ele... não queria dizer nada, mas teve que abrir a boca. Eu não podia acreditar que esse porco desse veado mandou você se encontrar com meu sócio... você... minha namorada... para sujar a minha princesa com esses negócios... a minha princesa encantada... E essa bruxa que ele tem como mulher foi a mafiosa que deu os telefonemas para as emissoras... não é verdade, meu amor? Mas como foi que eu não me dei conta?... Quem mais seria senão ela?... Enquanto eu me dispunha a me matar e a arrebentar minha alma por todos eles, esse covarde carreirista pretendia roubar minha namorada, meu melhor amigo, meu sócio, meus territórios e até meu presidente! Levar você com ele para Paris... que tal?... Se ele não estivesse na prisão com Jorge, eu pagaria esses espanhóis para entregá-lo aos gringos! Não sabe como eu te odeio, Virginia, como tenho sonhado em te matar todos esses dias! Eu te adorava, e você acabou com tudo! Por que eu não deixei você se afogar? Olha, isso é o que se sente quando está se afogando: sinta agora! Espero que você goste, meu amor, porque agora sim você vai morrer nos meus braços! Olhe para mim, porque quero ver essa cara de deusa soltando seu último suspiro! Morre, porque hoje sim você vai para o inferno comigo em cima e dentro de você!

Várias vezes coloca o travesseiro no meu rosto. Várias vezes tapa meu nariz com os dedos e a boca com as mãos. Várias vezes aperta meu pescoço. Nessa noite eu conheço todas as formas possíveis de asfixia. Faço um esforço sobre-humano para não morrer e outro 1 milhão de vezes maior para não começar a chorar. Por um instante, posso ver a luz no fim do túnel dos moribundos, mas no último segundo ele me faz voltar à vida para me deixar tomar ar enquanto escuto sua voz cada vez mais longe exigindo que eu grite, que implore pela minha vida, que suplique. Como não respondo às suas perguntas, não digo uma palavra, não olho para ele, enlouquece. De repente deixo de lutar e sofrer porque já não sei se estou viva ou morta, e deixo também de me perguntar do que é feita aquela

grossa camada de líquido viscoso e escorregadio que nos une e nos separa — se é de suor ou de umidade ou de lágrimas —, e quando estou a ponto de perder os sentidos e ele terminou de me castigar, de me insultar, de me torturar, de me humilhar, de me odiar, de me amar, de se vingar do outro homem ou do que tenha sido todo aquele terror, chego a ouvir sua voz em algum ponto, nem perto nem longe, que me diz:

— Você está horrível! Graças a Deus nunca mais vou voltar a te ver e, a partir de hoje, vou me relacionar apenas com garotinhas e putas! Vou organizar sua viagem. Volto em uma hora, e aí de você se não estiver pronta: mando te jogarem na selva do jeito que está.

Quando a vida começa a voltar ao meu corpo, me olho no espelho para me certificar de que ainda existo e ver se mudei de rosto, como naquela tarde em que perdi a virgindade. Sim, vejo que estou horrível; mas sei que não é culpa da minha pele nem do meu rosto, mas do meu choro e da barba dele. Quando volta, eu já me recuperei quase por completo, e inclusive acredito ver um brilho de reconhecimento num olhar fugaz dele. No tempo que passou decidi que, como hoje vou sair da vida dele para sempre, vou ser eu a dizer a última palavra. E preparei mentalmente uma despedida que nenhum homem poderia esquecer, e menos ainda um cujo desafio cotidiano é o de ser o mais macho do mundo, em cada uma das 24 horas do dia.

Ele caminha lentamente e se senta no colchão, apoia os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça entre as mãos, e com aquele gesto já me diz tudo. Eu também compreendo, mas como memorizo quase tudo o que escuto e sinto, e não posso esquecer nada, mesmo se quisesse, sei que nunca vou poder perdoá-lo. Estou sentada numa cadeira de diretor e o observo de cima, com minha bota esquerda cruzada sobre a coxa direita. Agora ele se encosta na parede e contempla o vazio. Eu faço a mesma coisa, pensando como é curioso que os olhares de um homem e uma mulher que se amaram loucamente e se respeitaram profundamente formem sempre um ângulo perfeito de 45 graus quando se preparam para dizer adeus, porque nunca se posicionam frente a frente. Como a vingança é um prato que se serve frio, decido escolher o meu tom de voz mais doce para perguntar por uma criança recém-nascida:

— Como está a sua Manuelita, Pablo?

— É a coisa mais linda do mundo. Mas você não tem nenhum direito de me perguntar dela.

— E por que você botou na sua filha o nome que, em outros tempos, você queria para mim?

— Porque ela se chama Manuela, não Manuelita.

Com parte da autoestima recuperada, e já sem medo de perdê-lo, porque hoje é ele que está me perdendo, lembro-lhe o motivo da visita:

— É verdade que estão trabalhando com Enrique Sarasola para mandá-los à Colômbia?

— Sim, mas não é assunto para a imprensa. São coisas internas das famílias da minha corporação.

Depois das duas perguntas de cortesia, começo o ataque segundo o planejado:

— Sabe, Pablo?... Ensinaaram para mim que uma mulher honesta deve ter apenas um casaco de pele... e o único que eu tive em toda a minha vida, comprei com o meu dinheiro há cinco anos.

— Pois a minha mulher tem frigoríficos inteiros com dezenas de casacos de pele, e é muito mais honesta do que você. Se pretende que a essa altura eu te dê um novo, está ficando louca! — grita surpreso, levantando a cabeça e me olhando com absoluto desprezo.

Como essa era, exatamente, a resposta que eu esperava, continuo:

— E também se deveria ensinar a uma mulher que um homem honesto não deve ter mais do que um avião... Por isso, nunca mais vou me apaixonar por um homem com frota aérea, Pablo. Eles são terrivelmente cruéis.

— Não há muitos, meu amor. Ou, só para saber... quantos somos?

— São três. Ou você achava que foi o primeiro?... A experiência me ensinou que... a única coisa, única, que desespera um magnata desses é a possibilidade de que o troquem por seu rival. Porque se tortura várias vezes... imaginando a mulher que ele amou e que o amou... na cama com o outro... debochando de suas carências... rindo de suas... falências...

— Mas você ainda não sabia que é exatamente por isso que eu gosto das meninas inocentes, Virginia? — me diz com um olhar triunfante. — Nunca te contei que me atraem porque não têm padrões de comparação nem com magnatas, nem com ninguém?

Com um profundo suspiro de resignação, pego a minha bolsa de viagem e fico de pé. Em seguida — como Manolete a ponto de dar o golpe final num *miura*²⁶ com a mais calculada precisão e com um tom de voz que ensaiei mentalmente várias vezes —, digo a Pablo Escobar o que sei que nenhuma mulher lhe disse ou dirá enquanto viver:

— Então... você vai ver que... tampouco existem muitas mulheres com os meus padrões, meu amor. E o que eu sempre quis te dizer, sem medo de me enganar, é que você gosta de meninas, não porque elas não tenham padrões de comparação com outros magnatas... mas porque não têm padrões de comparação com... símbolos sexuais. Adeus, Pablito.

Nem sequer me dou ao trabalho de esperar para ver sua reação e saio daquele lugar horrível sentindo uma alegria que substitui brevemente toda a raiva que tenho dentro de mim, misturada com a mais inexplicável sensação de liberdade. Depois de caminhar quase duzentos metros debaixo da chuva que começou a cair, consigo ver Aguilar e Pinina que me esperam com os rostos sorridentes de sempre. Às minhas costas, escuto o característico assobio do “Patrão”, e imagino seu gesto ao mandá-los transmitir instruções aos seis homens encarregados do complicado processo de me levar de volta para casa. Dessa vez não me acompanha com seu braço em volta dos meus ombros, nem se despede de mim com um beijo na testa. Até chegar em casa não solto a minha mão da Beretta que tenho dentro do bolso; só quando a guardo em seu lugar, me dou conta de que foi a única coisa que ele não me tirou.

Alguns dias depois, *Os trabalhos do homem*, um dos programas que em tempo recorde se tornou um dos líderes de audiência na TV colombiana, me dedica uma hora completa para falar da minha vida como apresentadora de televisão. Peço à vendedora de joias que me empreste as mais chamativas e, em algum momento da entrevista, me pronuncio contra a extradição. Tão logo o programa termina, toca o telefone. É Gonzalo, o Mexicano, para expressar a sua mais profunda gratidão em nome dos Extraditáveis; me diz que sou a mulher mais corajosa que já conheceu. No dia seguinte, Gustavo Gaviria liga para elogiar meu caráter usando termos similares. Respondo a eles que é o mínimo que eu podia fazer para prestar uma solidariedade básica a Jorge e a Gilberto. A diretora me diz que foi o programa mais assistido em todo o ano; mas nem Pablo, nem as famílias Ochoa e Rodríguez Orejuela dizem uma palavra.

Jorge Barón me avisa que tomou a decisão de não renovar meu contrato de *O show das estrelas* pelo terceiro ano consecutivo, segundo o que foi combinado. A única explicação que dá é que o público liga a televisão para ver os cantores, e não a mim. O programa tem uma média de 54 pontos de audiência, o mais alto de toda a história da emissora porque ainda não existia na Colômbia a televisão a cabo; é visto em vários países e, embora ele me pague apenas mil dólares mensais e me custe milhares em vestuário, representa para mim milhares mais em campanhas para agências de publicidade. Aviso a Barón que ele pode se esquecer de seu mercado internacional. Em poucas semanas, todos os canais estrangeiros cancelam os contratos, mas ele compensa as perdas se associando aos empresários de futebol da sua Tolima natal em negócios que movimentam cifras milionárias e que, com o tempo, vão ser investigados pelo Gabinete da Procuradoria-Geral. Quando em 1990 a Procuradoria me chama para fazer uma declaração no processo contra Jorge Barón por enriquecimento ilícito, só poderei afirmar sob juramento que a única conversa de caráter pessoal que tive com aquele indivíduo em toda a minha vida durou exatamente dez minutos. Queria averiguar a minha relação afetiva com Pablo Escobar e — quando respondi que nossa amizade era estritamente política — Barón me avisou que meu contrato estava cancelado porque sua produtora não tinha condições de continuar me pagando mil dólares mensais. Sei perfeitamente que aquele diretor tão feio e vulgar não sacrificou as audiências norte-americanas para economizar essa miséria: seus novos sócios, simplesmente, exigiram a minha cabeça.

Todos esses acontecimentos daquele ano horrível de 1984 acabariam me transformando no catalizador de uma longa e complexa série de processos históricos que terminariam com os protagonistas desta história ou no cemitério, ou arruinados ou na prisão, e tudo por culpa da lei cármica de causa e efeito pela qual sempre tive tanto respeito e um temor reverencial. Talvez tenha sido com essa mesma admiração, ou quiçá o mesmo espanto, que um amado poeta sufi do século XIII resumiu em duas ações esquisitas e em só onze palavras sua visão cósmica de crime e castigo, para estremecermos com a síntese perfeita da mais absoluta compaixão ou, talvez, nos inspirarmos com sua forma mais sublime:

“Arrancas a pétala de um lírio e farás uma estrela cintilar”.

SOB O CÉU DE NÁPOLES

ESTE AVIÃO TEM O tamanho dos onze de Pablo Escobar juntos, e o homem que desce dele, rodeado por sua tripulação e quatro casais de jovens, parece um imperador. Tem 65 anos, caminha como se fosse o rei do mundo e carrega um bebê de alguns meses nos braços.

É o início de 1985, e estou no aeroporto de Bogotá partindo com duas dezenas de pessoas convidadas a ir a Miami e Caracas para o lançamento de *O amor nos tempos do cólera*, livro mais recente do Prêmio Nobel Gabriel García Márquez, e de *Mestres da literatura universal*. As duas obras vão ser distribuídas pela Bloque de Armas, da Venezuela, e nós, os convidados de sua filial colombiana e da editora, vamos embarcar com os diretores locais do chefe da imprensa latino-americana que viajarão conosco, e vários que vieram apenas para cumprimentar o chefe. Armando de Armas distribui grande parte dos livros publicados no idioma espanhol e é dono de dezenas de revistas, além de jornais e emissoras na Venezuela. O bebê não é seu neto, mas o último de seus muitos filhos, e ao que parece a mãe ficou em Caracas.

Já no avião, De Armas se dá conta de que sou a apresentadora de televisão mais conhecida na Colômbia e de que a edição da *Cosmopolitan* em que estou na capa se esgotou no primeiro dia. Um pouco antes da decolagem, recebe uma ligação; quando volta a seu assento, me olha, e em segundos entendo o que foi, exatamente, que algum de seus oficiosos executivos que ficam em terra lhe avisou. É evidente que esse homem trinta anos mais velho que eu não tem medo de nada, mas também é verdade que nenhuma mulher que use uma roupa de 3 mil dólares, acessórios de crocodilo comprados por 5 mil e joias de 30 mil ou 40 mil poderia levar um “carregamento” de drogas, e menos ainda uma mulher

conhecida por 20 milhões de pessoas que viaja com três malas no maior avião particular de toda a América Latina para passar cinco dias em Miami e Caracas. Com a primeira taça de champanhe Cristal rosé peço a Armando a capa da *Bazaar*, “a única que falta na minha coleção”, e ele, provando que qualquer coisa que digam sobre uma mulher como eu o deixa despreocupado, responde: “Concedido!”. Na primeira meia hora, e diante de uma dúzia de pessoas que não se deram conta de nada, as regras do jogo de uma amizade estranha e conflituosa que durará anos se fixam.

Chegamos a Miami, e De Armas é uma modelo espetacular que viaja conosco entram num Rolls-Royce cor de ameixa que o espera no passadiço do avião. Nessa noite, numa mesa grande presidida por ele, descubro por seus indiscretos executivos que Carolina Herrera, marca que é propriedade do Bloque de Armas e tem o mesmo nome de sua elegante compatriota, gera perdas consideráveis. A estilista, que eu havia conhecido recentemente num jantar dos condes Crespi, em Nova York, é casada com Reinaldo Herrera, cuja amizade com todas as pessoas mais ricas e elegantes do mundo é inestimável para alguém tão poderoso e ambicioso como Armando. Para demonstrar que não estou navalhada nem desfigurada, De Armas pede à famosa fotógrafa de moda Iran Issa-Khan, prima do Xá da Pérsia, que a foto de capa fique em primeiríssimo plano. Mesmo com ela demorando horas e horas para fazer a foto de capa, o resultado final me deixa terrivelmente desiludida porque, mesmo elegante, esse rosto tão sério não se parece em nada comigo. Já em Caracas, e depois de uma longa conversa longe do resto do grupo, De Armas diz que está se apaixonando por mim e quer que voltemos a nos ver o mais breve possível.

Armando não liga para mim diariamente, não: liga de manhã, de tarde e de noite. Ele me acorda às seis horas da manhã, e eu não reclamo. Às três da tarde, quer saber com quem almocei — porque tenho convites quase todos os dias — e entre as sete e as oito da noite volta a me ligar para dar boa-noite, porque tem o hábito de se levantar às três da manhã, hora em que nós, jovens incansáveis, estamos nos deitando. O problema é que essa é, justamente, a hora escolhida pelo violador psicopata extraditável para ligar implorando o meu perdão e, ainda, para verificar se estou em casa e sozinha ou nos braços do cupido. Desligo o telefone, dizendo a mim mesma “para quem não queria uma frota, estou com duas” e que, com essa

disparidade geracional de horários, esses dois homens, que moram um em Caracas e o outro em Medellín, vão acabar me enlouquecendo.

Agora trabalho no noticiário do meio-dia, o único na Colômbia que quis me contratar como apresentadora. Com um esforço sobre-humano e um orçamento infra-humano, conseguimos subir a audiência de quatro pontos para catorze, o que não garante ao jornalista veterano Arturo Abella, seu diretor e proprietário, o pagamento dos custos do *Inravisión*.²⁷ Meu romance com Pablo é um segredo conhecido por poucos entre nossas duas corporações, mas, na verdade, não é conhecido da opinião pública, nem do gênero de senhoras bogotanas ou europeias com as quais almoço no Pajares Salinas ou no La Fragata, e, em todo caso, ambos sempre negamos categoricamente o romance. Nos últimos dois anos, tenho pedido aos colegas de mais confiança para que não se refiram a Escobar como “narcotraficante”, mas como “ex-parlamentar”, e quase todos aceitaram a contragosto, talvez com a secreta esperança de que algum dia Pablo lhes conceda algo além de uma entrevista.

A cada semana, recebo uma serenata com *mariachis*. No dia seguinte, um estrangulador não identificado liga para dizer que o mérito é do Mexicano, uma autoridade mundial em música rancheira, que o assessorou, porque ele gosta mesmo é de rock pesado e não entende muito dessas “coisas folclóricas”. Eu desligo. A próxima estratégia é apelar para a minha profunda compaixão pelos pobres e todos os que sofrem: “Olha que agora eu só tenho oito aviõezinhos, me tiraram o resto!”, reclama, e envia oitenta orquídeas para acompanhar essa frase. Desligo sem dizer uma palavra. Em seguida: “Olha, só me sobraram seis aviõezinhos!”, acompanhada de sessenta flores de outra cor. Jogo com ódio o pobre telefone no chão, me perguntando de que são feitos esses aparelhos para comprar ações da empresa que os fabrica. Na semana seguinte é: “Vê que agora sou um menino pobre, com apenas quatro aviõezinhos?”, e me envia quarenta orquídeas asiáticas, como se eu não soubesse que os que não estão no hangar da polícia estão no Panamá, na Costa Rica e na Nicarágua. Ou como se eu ignorasse que ele tem recursos para comprar outros aviões e ainda me dar de presente alguma joia com rubi ou esmeralda em vez de tanta *Cattleya trianae*²⁸ patriótica. E dá-lhe “Cucurrucucú Paloma” e “Tres meses sin verte, mujer” e “María bonita” e todo o repertório de José Alfredo

Jiménez, Lola Beltrán, Agustín Lara e Jorge Negrete. Várias vezes, digo a mim mesma:

— Para que uma mulher como eu precisa de um estuprador com frota aérea quando tem aos seus pés justamente um homem honesto com apenas um avião e cem revistas que sempre está rodeado de gente linda, subsidia Reinaldo e Carolina Herrera e me liga três vezes por dia para me dizer que é louco por mim?

— Imagine se você se transforma na chefe da Carolina! — David ri, complementando o que eu disse, falando de Londres.

Armando me informa que um canal de Miami está procurando uma apresentadora para lançar seu noticiário e que gostariam de fazer um teste comigo. Viajo, faço uma apresentação impecável, e me dizem que em alguns meses vão me avisar se fui a escolhida. Nessa noite, janto com Cristina Saralegui, que trabalha para Armando, e com o seu marido, Marcos Ávila, que está feliz porque sua banda, liderada por Gloria Estefan, se transformou na sensação do momento graças a “La Conga”. Depois de vários meses de cortejo por telefone, aceito finalmente o convite de Armando para ir ao México. Dessa vez viajamos sozinhos e no aeroporto temos um tapete vermelho estendido desde o passadiço do avião até a porta da alfândega, como se fôssemos o presidente e a primeira-dama do Grupo Andino. Como os super-ricos não são parados na alfândega de lugar algum, a menos que sejam estrelas de rock suspeitas de alguma “inspiração alucinada”, nos dirigimos, junto com outra nuvem de executivos, até as instalações mexicanas de seu império. De uma sacada interior, vejo o que parece ser um supermercado de milhares de livros e revistas reunidos em torres e torres de metros de altura. Pergunto o que é tudo aquilo, e Armando me responde que são os títulos que vão ser distribuídos essa semana.

— Em uma semana!? — pergunto quase escandalizada. — E quanto você ganha com cada livro?

— Cinquenta por cento. O escritor ganha entre 10% e 15%...

— Uau! Então é melhor ser você do que García Márquez ou Hemingway!

Chegamos à suíte presidencial do Sheraton María Isabel, que tem dois quartos, e ali o czar da distribuição me declara o verdadeiro propósito de todo o seu amor: quer me encher de filhos, porque adora crianças e me

escolheu para ser a afortunada mãe, certamente, dos mais mimados de sua fecunda existência, na qual ao lado dos filhos do seu casamento coexistem uma dúzia proveniente de relações extraconjugais.

— Pode me pedir o que quiser! Você vai poder viver como uma rainha o resto da sua vida! — me diz feliz, me olhando como se eu fosse uma vaca Holstein campeã da feira agropecuária.

Respondo que também adoro crianças, mas não teria bastardos nem de Carlos V, rei da Espanha e imperador da Alemanha, nem de Luís XVI, o rei Sol. Pergunta se eu me casaria com ele e se, casados, teríamos filhos. Depois de examinar seu rosto, digo que casada também não, mas que certamente passaríamos bons momentos juntos.

Fica furioso e começa a repetir o que sempre foi dito de mim na imprensa:

— Já tinham me contado que você odeia crianças e não queria ter filhos para não estragar o corpo! E você me trouxe má sorte, porque acaba de começar uma greve!

— Pois se até amanhã você não me der uma passagem para voltar à Colômbia, vou me unir aos piquetes dos grevistas e gritar “Abaixo a exploração estrangeira!” diante de todas as câmeras de televisão. Não quero saber de magnatas com frota nem com avião: são todos tiranos! Adeus, Armando.

Uma semana depois, ele me liga às seis da manhã de Caracas para dizer que passou pela Colômbia para me ver depois de resolver a greve, mas que teve que sair correndo porque Pablo Escobar tentou sequestrá-lo.

— Pablo Escobar tem 3 bilhões de dólares, não 300 milhões como você. Tem 35 anos, como eu, e não 65 como você. Tem uma dúzia de aviões e não um, como você. Não confunda Escobar com Tirocerto, porque, pela lógica básica, quem teria que estar pensando em sequestrar Pablo é você, não o contrário. E pare de me ligar a essa hora porque eu me levanto às dez, como ele, e não às três da manhã como você!

— É por isso que não queria ser a mãe dos meus filhos! Continua apaixonada pelo Rei da Coca! Meus executivos já tinham me dito que você era amante desse criminoso!

Respondo que, se eu fosse amante do sétimo homem mais rico do mundo, não teria colocado nunca os pés em seu avião — nem em janeiro

com o seu grupo de convidados, nem muito menos para ir ao México com ele — e me despeço.

Não acredito numa palavra da suposta tentativa de sequestro. Dois dias depois, recebo dez orquídeas, um recorte de jornal com a minha foto preferida e um bilhetinho de alguém que diz ser um homem com apenas um aviãozinho que não pode passar o resto da vida sem voltar a ver meu rosto em seu travesseiro. Volta a ligar e desligo, e no momento seguinte decido que já está na hora de deixar de sofrer com tanto perseguidor maníaco e voltar à tranquilidade dos valores tradicionais: no Fountainbleu de Miami, David Metcalfe me espera com um guarda-sol e um *rum punch*; e no dia seguinte chega Julio Mario Santo Domingo, que, ao me ver, me abraça e dá duas voltas no ar comigo, exclamando:

— Olha, David! Ela sim é uma mulher de verdade! Voltou, voltou! Está de regresso do mundo dos homens mais ricos do planeta para o dos mais pobres, como nós! — E, enquanto David nos observa com o que parece ser o primeiro acesso de ciúme de toda a sua vida, Julio Mario canta, rindo:

*Hellooo, Dolly! It's so good to have you back where you belong!
You're looking sweeeelll, Dolly, we can teeelll, Dolly...²⁹*

No táxi até o aeroporto onde vamos pegar o voo de volta pela Avianca, a companhia aérea de Santo Domingo, ele e David estão felizes debochando das pacientes de Ivo Pitanguy que são amigas de ambos. Julio Mario diz que, como David fez com que ele economizasse uma fortuna porque pagou a conta de seu quarto, está tão contente que “ficaria neste táxi maravilhoso rindo com nós dois pelo resto de sua vida”. Ao chegar a Bogotá, me despeço e os vejo partir em alta velocidade entre uma dúzia e meia de carros com o exército de guarda-costas que os esperavam na porta do avião. Também não passam pela alfândega, e alguém que trabalha para o Grupo Santo Domingo pega meu passaporte e me conduz rapidamente até outro automóvel. Penso que pessoas como Julio Mario e Armando — não como Pablo e Gilberto — são os verdadeiros donos do mundo.

Poucos dias depois, um jornalista que conheço me implora para recebê-lo porque quer me pedir um grande favor, com a maior discrição. Digo que tenho um jantar *black tie*, mas que o atendo com o maior prazer. Ele se

chama Édgar Artunduaga, foi diretor do *El Espacio*, o jornal vespertino dos cadáveres sangrentos, e com o tempo se transformará num Pai da Pátria. Pede que eu suplique a Pablo para ajudá-lo economicamente, porque, como consequência do apoio que lhe prestou para a divulgação do vídeo com o cheque de Evaristo Porras para Rodrigo Lara, ninguém quer contratá-lo e sua situação é crítica. Explico a ele que dezenas de jornalistas já me pediram favores similares e sempre os mando diretamente ao escritório de Pablo para que ele decida o que fazer. Nem me interessa conhecer a penúria de meus colegas, nem eu gosto de agir como intermediária para esse tipo de contribuição. Mas em seu caso farei uma exceção, porque o que ele me conta não só me comove profundamente como parece requerer uma solução urgente.

Pablo sabe que nunca telefono para um homem que me interesse romanticamente, nem sequer para retornar suas ligações. Quando disco seu número particular, ele mesmo atende, e imediatamente me dou conta de que está feliz em me escutar. Mas, quando digo que Artunduaga está na minha frente e explico o motivo de ter me procurado, ele começa a urrar como um louco possuído e pela primeira vez na vida me chama de “senhora”.

— Tire já esse rato de bueiro da sua casa antes que ele contamine tudo! Ligo em quinze minutos e, se ele ainda estiver aí, peço emprestados três homens do Mexicano, que mora a dez quadras da sua casa, para que eles cheguem aí e encham esse cara de porrada!

Não sei se Artunduaga consegue escutar os uivos e xingamentos de Pablo do outro lado da linha: ele o rebaixa a víbora, chantagista, canalha, hiena, extorsivo, marginal de meia-tigela. Eu me sinto terrivelmente desconfortável e, quando desligo, só consigo dizer que Escobar se chateou porque não tem o costume de tratar comigo assuntos como pagamentos a terceiros. Acrescento que, se ele tiver interesse, posso falar no dia seguinte com Arturo Abella para ver se o nomeia editor de política. Para levantar seu moral, digo que sei que o diretor vai aceitá-lo feliz porque, ao que parece, está negociando a venda de um pacote de ações do noticiário para investidores muito ricos.

Quando Pablo volta a ligar, já fui para o jantar com David Metcalfe, onde me encontro com o presidente López, que me pergunta quem é esse inglês altíssimo que me acompanha; digo que é neto do lorde Curzon e

afilhado de Eduardo VIII, e os apresento. No dia seguinte, Arturo Abella me diz que o novo proprietário do noticiário, Fernando Carrillo, deseja nos convidar para jantar com ele no Pajares Salinas e quer conhecer Artunduaga para decidir sobre sua contratação. Ele me conta que Carrillo, acionista principal do time de futebol Santa Fe, de Bogotá, é amigo íntimo de pessoas tão distintas quanto César Villegas, braço direito de Álvaro Uribe na Aeronáutica Civil, e Tirocerto; e complementa que Carrillo se ofereceu para emprestar o helicóptero para que uma colega e eu entrevistemos o lendário chefe de guerrilha no acampamento das Farc. Algo me diz para não tocar nesse assunto na frente de Artunduaga, e, algumas horas depois, me despeço deles porque calculo que David já deve ter saído de um jantar de negócios e estará me esperando para nos vermos antes de seu regresso a Londres.

Abella me liga para pedir que passe no seu escritório, em vez de ir ao estúdio, porque tem uma notícia para mim. Ao chegar, me entrega uma carta de demissão e me informa que Artunduaga convenceu Carrillo a cancelar meu contrato e nomeá-lo apresentador do noticiário. Não posso acreditar nos meus olhos e nos meus ouvidos! Arturo me agradece o aumento de quase dez pontos de audiência enquanto estive em frente às câmeras, me explica que os custos do governo o arruinaram e, com lágrimas nos olhos, explica que não teve outro remédio além de vender a totalidade do noticiário a “esses barões do futebol”. Ao nos despedirmos, faço a previsão de que o noticiário vai terminar em seis meses porque ninguém liga a televisão, menos ainda na hora do almoço, para ver a cara de Édgar Artunduaga, que o homem chamado Pablo Escobar qualifica de “rato de bueiro”. (Antes do fim do ano, o noticiário irá à bancarrota, e Carrillo perderá todo o seu investimento multimilionário no pagamento das dívidas.)

Um violinista solitário toca em frente à minha janela “Por una cabeza”, meu tango favorito. Toca três vezes consecutivas e, em seguida, desaparece. Dois dias depois, Pablo volta a me ligar.

— Soube que viram você descer de um avião da Avianca com Santo Domingo e um estrangeiro. Eu não sou dono de empresa de aviação como ele, mas tenho meu próprio avião desde trinta anos de idade! Você sabe que não posso ir até Bogotá para te ver; mas vamos deixar já de bobagem, que a vida é muito curta e esse presidiário já não importa mais nada. Mal

posso esperar para ver essa cabecinha que está por trás do seu belo rosto, e não tenho a menor intenção de te deixar ficar com outro, ponto! Se você não embarcar já no último avião que me sobra — para me contar por que você está sem emprego —, no dia em que decidir me ver vai ter que comprar uma passagem da Avianca com Santo Domingo, e esse velho unha de fome vai ficar cem dólares mais rico com o seu dinheiro!

Eu nunca tinha escutado um argumento tão contundente. Pablo pode ser o homem mais procurado do mundo, mas as condições da relação são impostas por mim. E exclamo, feliz:

— Vou para aí. Mas ai de você se não estiver me esperando no aeroporto: volto com o primeiro carrinho de bagagem que encontrar!

O avião é pequeno, e só um jovem piloto e eu viajamos. Depois de um tempo, começa a cair um aguaceiro torrencial, e de repente ficamos sem rádio. A visibilidade é zero, e, com uma inexplicável sensação de paz, me preparo mental e espiritualmente para a possibilidade de morrer. Por um momento me lembro do avião de Jaime Bateman. O rapaz me pede para que me sente no lugar do copiloto, porque quatro olhos veem melhor do que dois. Pergunto a ele se poderíamos aterrissar depois das seis da tarde, quando o aeroporto de Medellín já está fechado e a possibilidade de colidirmos com outro avião é mínima, e ele me responde que é isso, justamente, que quer fazer. Quando o tempo fica mais limpo e conseguimos localizar visualmente a pista, aterrissamos sem problema.

Sei que Pablo não pode sequer se aproximar do aeroporto, mas dois homens me esperam no lugar de sempre para me levar primeiro ao escritório e verificar se ninguém me seguiu. Se o negócio de Armando de Armas parece um supermercado, o de “Armando Guerra”, e do primo e sócio de Pablo, parece um restaurante de *fast-food* na hora do almoço. Gustavo Gaviria alterna sua alegria em me ver de volta ao *excitement* dos valores em dinheiro não tradicionais com a gestão por telefone do que parece ser uma crise originada pelo excesso de demanda.

— Que bom que você voltou, Virginia! Hoje isso aqui está uma loucura... O que aconteceu com os setecentos quilos do Negro, hein?... Estou despachando meia dúzia de aviões, alugados, claro... Os quatrocentos da Mona, Nossa Senhora! Se não chegam, essa mulher me capa amanhã!... Pablo está que não se aguenta, mas não vai dizer que eu te contei... Os seiscentos de Yáider, prestem atenção!... Como você faz

para parecer sempre tão descansada, hein?... A cota de Yáider está *full*?... Você não imagina o estresse dessa profissão... Mas isso sim é uma tragédia, meu irmão!... É que esse trabalho dá de comer a 100 mil pessoas, e indiretamente a 1 milhão... Trate de conseguir outro avião, caralho!... Você não faz ideia da nossa responsabilidade com toda essa gente... Mas acabaram os aviões neste país ou o quê? Vamos ter que alugar o Jumbo de Santo Domingo!... E a satisfação de poder servir à clientela dele... Ai, meu Deus! O que vamos fazer com os 250 de Pitufín, que acabei esquecendo porque é um cliente novo?!... Olha, chegaram para te buscar, Virginia... Esse desgraçado do meu primo é um homem de sorte, não um pobre escravo como eu!

Finalmente entendo por que Pablo me mandou esse aviãozinho. Não era o último que ele tinha: era o último que havia em toda a Colômbia! E no trajeto vou pensando nos grupos econômicos dos magnatas que geram mil ou 2 mil empregos cada um e dão de comer a 10 mil pessoas, e me pergunto se cifras como as que Gustavo acaba de me dar não acabam por alterar a nossa escala de valores... Um milhão de pessoas... Depois de umas duas horas de estrada, três automóveis saem do nada e nos cercam. Horrorizada, penso que estão me sequestrando ou que a Dijín me seguiu. Alguém pega minha mala e exige que eu entre em outro veículo. Depois de alguns segundos de pânico, vejo que é Pablo quem o dirige! Ele me beija feliz e, como um louco, vai em direção à fazenda Nápoles enquanto diz:

— A única coisa que me faltava depois de todos esses meses era que você se transformasse em Amelia Earhart! O piloto disse que em nenhum momento você reclamou e que transmitiu a ele total paz e tranquilidade. Obrigado, meu amor. Você vai ver: não permito que os aviões alugados aterrissem na minha pista porque as minhas medidas de segurança são cada vez mais estritas. Você não imagina como tenho que tomar cuidado agora e me assegurar de que não estejam te seguindo! Agora sim vamos aproveitar que você não precisa trabalhar para passar muitos dias juntos e recuperar o tempo que perdemos com toda essa bobagem, não é? Você me promete que vai esquecer o ano passado e não vamos falar sobre nada disso?

Digo que não consigo esquecer nada, mas que faz tempo que deixei de pensar naquilo tudo. Mais tarde, e já nos seus braços, pergunto a ele se não estamos parecendo Charlotte Rampling e Dirk Bogarde em *O porteiro*

da noite e conto a história: anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, uma bela mulher de uns trinta anos se casou com um maestro. Certo dia, Bogarde, o guarda que a violentava no campo de concentração, assiste a um concerto do famoso músico. Rampling e Bogarde se esbarram e se reconhecem, e a partir desse instante começa entre a elegantíssima senhora e um agora respeitável ex-nazista uma relação com a mais obsessiva e perversa dependência sexual. Não conto a Pablo que agora os papéis de vítima e algoz se invertem, porque seria algo muito sofisticado para a mente criminosa de quem paga para dormir com adolescentes que o fazem lembrar da esposa, por quem se apaixonou quando ela tinha treze anos e ainda era esbelta.

— Mas que filmes mais horríveis você já viu... — responde. — Não, não, meu amor, você nunca foi infiel aos seus maridos e eu não sou um estuprador nazi! Amanhã vou te levar para o lugar mais lindo do mundo para que você veja o paraíso na Terra. Descobri esse lugar recentemente e nunca o revelei a ninguém. Sei que sou um demônio... e que não pude me controlar... mas agora só quero te fazer feliz, imensamente feliz. Eu te prometo.

Ele me pede que conte todos os detalhes do que aconteceu com Jorge Barón e Arturo Abella. Ele me escuta em completo silêncio, e, à medida que vou explicando a minha versão das últimas coisas que aconteceram, o seu rosto vai se ofuscando.

— Acho que foi uma vingança de Ernesto Samper por sua denúncia pública dos cheques que você girou em nome dele para a campanha presidencial de Alfonso López. Samper mandou Artunduaga, que é puxa-saco de ambos, averiguar se era verdade que eu fazia os trâmites para subornar jornalistas, como fofocam as minhas colegas gordas e feias que dariam qualquer coisa para voar no seu jatinho ou se enfiar na sua cama e se fazem passar por minhas amigas para tentar saber sobre nós e ficam na vontade, porque eu nunca falo de você com ninguém. Como você mandou dizer que não daria um peso a ele, Artunduaga avisou a Samper que você e eu continuamos nos vendo, quer dizer, que você continuava me contando tudo. Ernesto Samper pediu um favor ao seu amigo íntimo César Villegas; Villegas pediu esse favor a seu amigo íntimo Fernando Carrillo, que comprou de Abella 100% das ações do noticiário. Samper e Artunduaga me deixaram sem trabalho, um porque você deu um monte de dinheiro e o

outro porque você não deu dinheiro nenhum. Não sei o que você faz para conhecer as pessoas, Pablo, mas você nunca se engana! E deixe logo de contar tanto com a sua corporação, porque todos esses caras têm mais inveja de você do que todas as jornalistas têm de mim porque nunca poderão inspirar o amor de um magnata.

Pablo me diz que pode falar com Carrillo, que é só mais um cliente do Mexicano, para que despeça Artunduaga e me devolva o meu cargo.

Agradeço, mas peço que entenda que eu não poderia voltar à televisão como se fosse uma cota sua: fiz minha carreira sozinha, às custas de talento, elegância e independência e nunca fui cota política de ninguém, nem nunca saí com ninguém desse meio para tomar café. Faço com que veja quão inacreditável é que, agora que sua corporação está se apoderando da minha, os mafiosos de quinta categoria estão se aliando aos políticos, que o *Capo de Tutti Capi* comprou e denunciou, para pedir a minha cabeça na atividade que me deu de comer por treze anos.

— Estão se vingando de você, Pablo, mas não é interessante para você enfrentar por minha causa esse bandido infeliz que o dr. Varito deixou para vocês na Aeronáutica. Presta atenção, que, se um sócio insignificante do Mexicano e um camarada do Alvarito podem me fazer isso, o que mais pode esperar do resto dessa corporação ingrata que você chefia e defende com sua vida? Em todo caso, quero te contar que estou quase certa de que vão me escolher como apresentadora do noticiário de um canal em Miami que está perto de ser inaugurado. Aqueles que viram minha gravação dizem que nesse momento sou talvez a melhor apresentadora de língua espanhola. E acho que devo ir embora da Colômbia antes que seja muito tarde.

— Mas o que você está dizendo? Como vai me deixar, agora que voltou, meu amor? Você vai ver que não vão demorar a te chamar para outros programas. Como você vai morar em Miami se não dirige e um canal hispânico não vai te dar um motorista? Você vai ver que vão escolher uma cubana! Se você for embora, eu morro: sou capaz de pedir para ser extraditado para que você vá me visitar na prisão de Miami! E o que os jornais da Flórida vão dizer quando descobrirem que uma estrela de televisão visita todo domingo esse pobre presidiário? Seria um escândalo, te tirariam do canal, te deportariam para a Colômbia e nos separariam para sempre! Nós dois sairíamos perdendo, você não percebe, meu amor? Você

vai ver que amanhã mesmo estará curada de tanto sofrimento... A partir de agora você e eu vamos ser muito felizes e nunca vai te faltar nada. Juro por tudo o que mais amo: a minha filha Manuela!

O passeio ao ar livre no dia seguinte, com as únicas 24 horas de felicidade perfeita que conheci em toda a minha vida enquanto morei na Colômbia, começa ao meio-dia numa máquina espetacular conduzida por um dos melhores motociclistas do mundo. No início, vou agarrada ao seu corpo com os dois braços como se estivesse colada a ele com Super Bonder, com o cabelo ao vento e os olhos fechados pelo terror e o espanto; mas, depois de uma hora, me sinto mais tranquila e só me agarro ocasionalmente à sua camisa e ao seu cinto para contemplar, com os olhos completamente abertos, tudo aquilo que ele ainda não quis dividir com ninguém.

O lugar mais lindo que Deus já criou na face da Terra dá para ser visto de uma colina coberta por um pasto perfeito, nem muito alto, nem muito baixo, que não apenas permite que nos protejamos do sol tropical, mas também nos oculta. À sombra de uma árvore de tamanho médio, a temperatura daquele dia é também perfeita, e nem sequer uma leve brisa ocasional, que nos fizesse lembrar que o tempo não parou para contentar os dois amantes, poderia alterá-la. São quase 360 graus de planícies quilométricas, verdes como um veludo jade, com pontos de água aqui e ali que brilham ao sol. Não há um rastro de seres humanos, um caminho, uma casinha ou um som de animais domésticos. Não há sinais de que 10 mil anos de civilização nos precederam ou existiram. Vamos descobrindo tudo juntos, apontando coisas aqui e ali, e decidimos que poderíamos estar no primeiro dia da criação e ser Adão e Eva no paraíso terrestre. Falamos do destino cruel daquele casal, e comento que, se Deus existe, deve ser um sádico porque maldisse a humanidade para fazê-la sofrer sem necessidade e a fez cruel para obrigá-la a evoluir. Pergunto a Pablo se tudo aquilo que se estende até o horizonte é parte da fazenda Nápoles ou uma nova aquisição. Ele sorri e responde que nada é realmente dele; em seguida, olhando para o horizonte, acrescenta que Deus o encarregou de cuidar de tudo aquilo, deixar tudo intacto e proteger os animais. Fica pensando um momento e em seguida me pergunta:

— Você acredita de verdade que somos malditos? Acha que eu nasci maldito, como Judas... ou como Hitler? E como você poderia ser maldita,

se parece um anjo?

Respondo que às vezes sou uma diabinha e por isso tenho chifres. Como sorri, e antes que lhe ocorram ideias recíprocas, completo que enquanto estivermos condenados a sobreviver seremos malditos e nenhum ser vivo sob o céu pode escapar desse destino. Contemplando toda aquela beleza, algo me vem à cabeça.

— Você conhece a letra de “Imagine”, de John Lennon? Ele deve ter escrito num momento assim... e num lugar como este... mas, diferentemente da canção, vale a pena matar ou morrer por tudo isso que estamos vendo, não é verdade, Pablo?

— É verdade. E por todo esse céu também... e tenho que cuidar dele porque acredito que a partir de agora não vou poder mais sair muito daqui...

As últimas palavras me partem o coração. E, para que ele não se dê conta, digo que com todos esses passaportes que ele tem deveria ir embora já da Colômbia e viver fora do país como um rei e com uma nova identidade.

— Para quê, meu amor? Aqui falo o meu próprio idioma, aqui mando e aqui posso comprar quase todo mundo. Tenho o negócio mais rentável do planeta e vivo no paraíso na Terra. E aqui, em cima de toda a minha terra e debaixo de todo o meu céu, tenho você comigo. Onde mais vou conseguir que a mulher mais bonita do país me ame como você e me diga as coisas que me diz? Onde, me diz, onde, se quando eu morrer a única coisa que vou levar da Terra para o inferno é a visão de toda essa perfeição, contigo no epicentro de 360 graus multiplicados por 1 trilhão de trilhões?

Sou apenas um ser humano, e a verdade é que a visão de uma ternura dessas dimensões cura instantaneamente o coração mais machucado. Naquele dia de maio, tudo é transparente, o ar é diáfano e a pele não mente. Olhando extasiada para aquele céu, uma coisa me passa pela cabeça.

— Sabe como vou chamar o romance que vou escrever um dia com a sua história, quando eu e você estivermos velhos e pendurarmos as chuteiras? *O céu dos malditos!*

— Ai, não! Que nome mais horrível, Virginia! Soa como uma tragédia grega! Não me faça uma armadilha como essa, que estamos trabalhando na minha biografia.

— Mas você não se dá conta de que qualquer jornalista poderia escrever sua biografia se ele se esforçasse? A sua história, Pablo, é outra coisa: é a história de todas as formas de poder que dirigem este país com o dedo mindinho. Acho que eu poderia escrevê-la, porque conheço as histórias da sua corporação e a pequena história das famílias presidenciais... e as de todo o resto.

— Por que você não me conta todas essas coisas nos próximos dias?

— O que você me daria em troca?

Fica pensando um momento e em seguida, com um suspiro e uma carícia na minha bochecha, me diz:

— Você seria testemunha de coisas que ninguém mais vai saber, porque... se eu chegar a morrer antes de você... talvez você possa contar muitas verdades. Olhe ao redor. Como você é muito distraída e nunca sabe onde está, acho que posso te confessar que tudo isso é meu. E mais além do horizonte também, e por isso não tenho fronteiras fracas. Agora olhe para cima: o que você vê?

— O céu... e os pássaros... e uma nuvem ali, olha! O enorme pedaço de céu que Deus te emprestou para que protegesse tudo o que está embaixo e para cuidar de ti...

— Não, meu amor. Você é uma poeta, eu sou um realista: tudo isso que estamos vendo acima de nós se chama espaço aéreo do governo colombiano! Se eu não derrubar a extradição, esse vai ser o meu problema. Por isso acredito que tenho que ir pensando em conseguir urgentemente um míssil...

— Um míssil? Mas você está sonhando como Genghis Khan, Pablo! Promete que não vai falar dessas coisas com ninguém mais, porque vão achar que você ficou louco! Bom... no caso de consegui-lo, porque com o seu dinheiro se pode comprar tudo e com a sua pista de aterrissagem você pode trazê-lo para casa, acho que não te adiantaria muito, meu amor. Que eu saiba, um míssil não é recarregável... Agora olha: vamos imaginar que com um, ou com dez, você acabe com todos os aviões da Força Aérea que vierem a invadir o seu espaço aéreo, o que você vai fazer com os aviões dos gringos que invadirem no dia seguinte e dispararem cem mísseis sem deixar um átomo do paraíso?

Ele fica calado por um momento. Em seguida, quase pensando em voz alta, comenta, muito sério:

— Sim... eu teria que acabar de uma vez com um alvo que valesse a pena...

— Deixa de pensar em tanta loucura. Sai mais fácil e mais barato pagar 40% de colombianos na miséria para que votem em Pablo para presidente e derrubem a extradição! E vou ser testemunha de quê, e quando?

— Sim... você tem razão... melhor esquecer. E as surpresas não podem ser antecipadas, meu amor.

Já deixamos de ser um e voltamos a ser dois; como Adão e Eva, sentimos frio e nos cobrimos. Ele fica absorto, contemplando aquele espaço aéreo com as mãos entrelaçadas debaixo da nuca. Eu fico absorta, contemplando aquele céu de malditos com a cabeça recostada sobre o seu peito. Ele sonha com o seu míssil, eu com o meu livro; ele trabalha na sua partida de xadrez, eu armo e rearmo o meu quebra-cabeça. Agora nossos corpos formam um T, e digo a mim mesma que somos imensamente felizes, que toda essa perfeição será também a visão do paraíso que levarei ao céu quando morrer. Mas... como pode haver um céu para mim se ele não vai estar ali comigo?

Nos meses seguintes, Pablo e eu nos vemos uma ou duas vezes por semana. A cada 48 horas, me mudam de lugar e aprendo a ser mais obsessiva com a segurança do que ele. Escrevo sem parar e, como não vejo televisão nem escuto rádio ou leio jornais, ignoro que ele tenha assassinado Tulio Manuel Castro Gil, o juiz que abriu um processo contra ele pela morte de Rodrigo Lara Bonilla. Depois que ele lê o que escrevo e faz observações precisas, queimamos os manuscritos. Pouco a pouco, vou ensinando tudo o que aprendi sobre os três grandes poderes que existem na Colômbia e o *modus operandi* das famílias mais ricas do país, e tento fazê-lo ver que, com a quantidade de dinheiro e terras que possui, deve começar a pensar em critérios mais “dinásticos”.

— Quando a gente conhece, sabe que alguns deles são tão mesquinhos e tão cruéis que ao lado deles você é um ser humano decente, Pablo; e quando você ouve isso eu te peço, por favor, para não se ofender. Se não fosse por essa guerrilha sanguinária e a falta de grandeza, as famílias presidenciais e os grupos econômicos teriam esmagado esse pobre povo recentemente. Por mais que detestemos, ela é a única coisa que nos assusta e nos freia. Todos eles, absolutamente todos, carregam crimes e mortos nas costas: os deles, os dos seus pais durante a Violência, os dos

avós proprietários de terras, os dos bisavôs escravocratas ou os dos tataravós inquisidores e *encomenderos*.³⁰ Pois jogue bem as suas cartas, amor, pois, mesmo que você já tenha vivido muito, ainda é um menino e está em tempo de corrigir quase todos os seus erros, porque é mais rico, mais esperto e mais corajoso que todos eles juntos. Pensa que você ainda tem meio século de vida pela frente para fazer o amor e não a guerra por este pobre país. Não cometa mais erros porque eles custam caro, Pablo, e me use para o que sirvo, que eu e você somos como um par de seios e dois colhões!

Como uma esponja, ele me escuta e absorve, analisa e questiona, compara e memoriza, digere e processa, seleciona e descarta, classifica e arquiva. Escrevendo para mim, corrigindo para ele, vou guardando no coração as memórias e os diálogos daqueles dias, os últimos felizes que passaremos juntos antes que o nosso universo de 360 graus exploda primeiro em pedaços de 180, depois em mil e, finalmente, em 1 milhão de átomos que nunca mais poderão se encontrar ou sequer reconhecer-se porque a vida é cruel e imprevisível e “o Senhor opera das maneiras mais misteriosas”.

— Santofimio chega amanhã — Pablo me anuncia uma noite. — Falta dizer que vai me pedir toneladas de dinheiro para as eleições presidenciais do próximo ano, e quero te implorar para que esteja presente na reunião e faça um esforço sobre-humano para dissimular toda essa antipatia que sente por ele. Santofimio diz para todo mundo que não me vê desde 1983, e eu quero que fique claro que está mentindo. Por quê? Ainda não sei, Virginia, mas preciso de você por perto. Peço que não comente com ninguém, apenas escute, observe e fique quieta.

— Você sabe que ficar calada para mim é impossível, Pablo. Você vai ter que me dar um Oscar para fazer isso!

No dia seguinte, nos encontramos numa das enormes casas que Pablo e Gustavo alugam e mudam constantemente. É noite, e como sempre estamos sós, porque os guarda-costas saem quando chega gente importante. Enquanto Pablo fala ao telefone, pela porta que está à minha esquerda vejo chegar Santofimio com a camisa vermelha que costuma usar nas manifestações políticas. Quando me vê, vacila, mas imediatamente se dá conta de que é muito tarde. Entra no pequeno escritório e me cumprimenta com um beijo. Pablo pede que o esperemos na sala porque

está terminando de resolver um assunto de negócios; alguém traz uísques e desaparece.

Santofimio pergunta quando cheguei, e respondo que já faz alguns dias. Parece surpreso e pergunta as razões da minha ausência na televisão. Conto que eu, como ele, também paguei um preço muito alto por minha relação com Pablo. Gustavo se junta a nós, e sei que, quando chegar o momento, sua missão será me resgatar para que Pablo e o “doutor” possam falar de finanças. Faltam escassos dez meses para as eleições presidenciais de 1986 nas quais se considera praticamente vencedor o candidato oficial do liberalismo, Virgilio Barco, um engenheiro do MIT de família rica e tradicional, casado com uma norte-americana. Os outros dois candidatos são Álvaro Gómez, do Partido Conservador — homem brilhante e detestado pela esquerda, não tanto por culpa dele, mas de seu pai e da Violência —, e Luis Carlos Galán, do Novo Liberalismo, a dissidência do partido majoritário sobre o qual reinam os ex-presidentes López e Turbay. Depois de escutar pacientemente as previsões de Pablo e do “Santo” sobre a votação dos municípios aldeãos em Medellín, e antes de me retirar e deixá-los dissertando sobre a coisa de que mais gostam, decido levar a conversa para o assunto que mais detestam:

— Arturo Abella comentou comigo recentemente que, segundo uma das suas “fontes de alta fidelidade”, Luis Carlos Galán considera a hipótese de ceder o lugar a Barco para que não o acusem de dividir o partido pela segunda vez. Galán poderia, inclusive, se unir ao oficialismo para ajudar Barco a ter um triunfo esmagador frente aos conservadores e em 1990, já com a gratidão e o respaldo dos ex-presidentes liberais, não teria um rival à altura para a presidência.

— Então a fonte de Abella está completamente louca! O Partido Liberal nunca vai perdoar Galán! — bradam Escobar e Santofimio quase em uníssono. — Por acaso não viu que em todas as pesquisas está em terceiro lugar, a anos-luz de Álvaro Gómez? Galán está acabado, e Virgilio Barco não precisa de seus quatro votos para nada!

— Sim, sim, já sei; mas a política é o reino de Ripley. Galán está acabado agora, porque enfrentou sozinho toda a maquinaria do Partido Liberal. Mas em 1989, e já com ela toda por trás, vocês vão ter que ir pensando no que vão fazer, porque Ernesto Samper ainda está muito verde e novinho para ser presidente em 1990; tem apenas 34 anos...

— Prefiro financiar Galán a financiar esse duplo filho da puta! — grita Pablo.

— Mas Galán te extradita no dia seguinte da posse — comenta Santofimio, irritado. — Se você o elimina, ao contrário, vai colocar o país de joelhos! E você tem que convencê-lo disso, Virginia...

— Não, Alberto. Se vocês eliminam Galán, no dia seguinte vão extraditar a ambos. Nem sequer pensem nisso, que já passamos por isso com Rodrigo Lara! O que estou tentando fazer vocês entenderem é que para o ano de 1990 vocês vão ter que pensar em outro candidato.

— Galán já está acabado, e para as eleições de 1990 ainda faltam cinco anos, meu amor — me diz Pablo com uma impaciência visível. — O que temos que começar a fazer é manipular Barco, e foi para isso que o doutor veio...

— Vem, Virginia, que eu quero te mostrar os últimos diamantes que chegaram — propõe seu primo.

Eu me despeço de Santofimio e fico de ver Pablo no dia seguinte. Enquanto Gustavo tira os enormes estojos da caixa-forte, me diz:

— Toda essa mania de política me enche a paciência, Virginia, e, além disso, eu sou conservador! O que eu gosto é do negócio, dos carros de corrida, das motocicletas e dos meus brilhantes. Olha essas belezas... o que você acha?

Digo que também detesto todos esses políticos, mas, infelizmente, a extradição depende deles; e, com a extradição vigente, a única de todos nós que vai ficar aqui sou eu.

— Deus queira que Barco seja mais razoável que Betancur, porque, se ele dá a Galán o Ministério da Justiça, não quero nem pensar na guerra que vai começar!

E fico admirando aquelas centenas de anéis que brilham numa interminável sucessão de bandejas de veludo negro de trinta por quarenta centímetros. É evidente que Gustavo prefere os diamantes e as geladeiras com maços de dinheiro e os baldes debaixo da terra. Eu nunca ambicionei ter joias nem pinturas valiosíssimas, mas, enquanto olho tudo aquilo, não deixo de me perguntar com certa tristeza por que, se a lenda diz que “os diamantes são eternos”, esse homem com 3 bilhões de dólares que está ali fora e diz que me ama, me deseja e precisa tanto de mim nunca me disse para escolher um. Um que seja.

AQUELE PALÁCIO EM CHAMAS

PABLO ESCOBAR É O dono da mente mais moderna que já conheci. Um verdadeiro expert em geopolítica caribenha, que construiu em menos de uma década a indústria mais rentável de todos os tempos e agora a controla com punho de ferro, como se fosse uma autêntica corporação multinacional. Combina um excepcional talento para visualizar o futuro com uma espécie de sabedoria antiga que permite que resolva em questão de segundos todas as coisas práticas ou urgentes da vida e ter sempre à mão soluções imediatas para cada problema, do tipo que para outro ser humano seriam não só inconcebíveis como quase impossíveis de pôr em prática.

Pablo só sente verdadeira paixão por uma coisa: o exercício do poder em benefício de seus interesses. Tudo em sua vida cumpre essa finalidade, e isso, obviamente, me inclui. Como o amo e o crítico nas mesmas proporções — e como nunca me entrego completamente —, sou para ele um desafio permanente, e por isso ensaia comigo no nível individual essa mesma sedução que no nível coletivo começou a botar em prática num país que ele enxerga, trata e pretende utilizar como se fosse só mais uma extensão da sua fazenda Nápoles. Sou não só a única mulher de sua idade que terá em toda a sua existência, como também a única livre-pensadora e educada e, pelos motivos da minha profissão, serei sempre para ele a sua amante por trás das câmeras. Quando precisa medir a possível reação dos outros ao seu discurso político, me utiliza friamente como interlocutora — mistura de advogado de defesa, fiscal, testemunha, juiz e público —, consciente de que, enquanto ele seduz a mulher-troféu, a mulher-câmera o está analisando, questionando, catalogando e quase certamente comparando com outros do mesmo tamanho que ele.

Escobar é um dos homens mais implacáveis que a história de uma nação onde os homens com frequência se alimentam do ódio, da inveja e da vingança já viu; mas, à medida que o tempo passa e o amor vai se transformando, começo a vê-lo como um menino grande que carrega uma cruz cada vez mais pesada, feita das responsabilidades imaginárias e delirantes daqueles cuja ambição conduz à obsessão por controlar absolutamente tudo, suas circunstâncias, seu entorno, seu destino e, inclusive, todos os seres humanos que possam fazer parte de seu passado, seu presente e seu futuro.

Meu amante não é apenas um dos homens mais bem informados do país, mas, como bom filho de professora, é no fundo um moralista e, diante daqueles pelos quais quer ser amado e respeitado, exibe um rigoroso código ético. Cada semana alguém quer marcar um encontro comigo para oferecer a ele, através de mim, as propriedades mais fabulosas pelos preços mais irrisórios; com um sorriso e um carinho, Pablo infalivelmente responde “Não”. Um exemplo claro de suas razões é sua resposta ao intermediário do ministro Carlos Arturo Marulanda:

— Ele pediu para te oferecer 12 mil hectares no sul de Cesar por apenas 12 milhões de dólares. Bellacruz não faz limite exatamente com Nápoles, mas, com algumas compras adicionais de pouco valor aqui e ali — digo, apontando os mapas que me deixaram —, você pode juntá-las e construir no centro do país um corredor gigantesco que te leva até a costa e a Venezuela. Em pouco tempo isso vai ter um valor muito superior, porque todos nós sabemos que, com a demanda de sua corporação, os preços da terra e das propriedades na Colômbia vão chegar às nuvens.

— Muralanda é cunhado de Enrique Sarasola. Diga ao emissário que sei que Bellacruz é a maior fazenda do país depois de algumas do Mexicano nos Llanos, onde a terra não vale nada, mas que não dou nem 1 milhão de dólares por ela porque não sou um desalmado como o pai do ministro. É claro que vai valer o dobro, meu amor! Mas primeiro vai ter que procurar um outro cara sem escrúpulos, como ele e o irmão, para tirar dali os descendentes de toda essa pobre gente a quem o pai dele expulsou dos seus terrenos a sangue e fogo, se aproveitando do caos da Violência.

Ele me explica que em Bellacruz está começando a estourar um barril de pólvora que mais cedo ou mais tarde vai terminar num massacre. O pai do ministro, Alberto Marulanda Grillo, comprou os primeiros 6 mil

hectares nos anos 1940 e foi dobrando o tamanho do latifúndio com a ajuda de *chulavitas*, policiais que incendiavam ranchos, violentavam, torturavam e assassinavam para quem quer que contratasse seus serviços. A irmã de Carlos Arturo Marulanda é casada com Enrique Sarasola, vinculado à sociedade espanhola Ateinsa, de Alberto Cortina, Alberto Alcocer e José Entrecanales. Sarasola, amigo próximo de Felipe González, ganhou 19,6 milhões de dólares de comissão e conseguiu a concessão do chamado “Contrato de engenharia do século”, o metrô de Medellín, o Consórcio Hispano-Alemão Metromed e os seus sócios, entre eles a Ateinsa. Diego Londoño White, gerente do projeto do metrô, grande amigo de Pablo e dono, com seu irmão Santiago, das mansões que ele e Gustavo utilizam como escritórios, foi o encarregado de negociar o contrato e fazer os trâmites das generosas comissões. Segundo uma testemunha da exploração e da voracidade do grupo chefiado por Sarasola, a concessão do metrô — na qual receberam honorários extravagantes desde alguns advogados colombianos de sobrenome Puyo Vasco até o espião alemão Werner Mauss —, “mais do que uma licitação por um contrato de engenharia civil, parecia um filme de gângsteres”, conceito que um social-democrata como Pablo Escobar parece compartilhar plenamente.

O barril de pólvora na fazenda do cunhado de Enrique Sarasola explodiria em 1996, sendo Carlos Alberto Marulanda embaixador da União Europeia durante o governo de Ernesto Samper Pizano. Por ação de esquadrões como os dos *chulavitas* usados por seu pai meio século antes, quase quatro centenas de famílias camponesas seriam obrigadas a fugir de Bellacruz depois do incêndio de suas casas e da tortura e do assassinato de seus líderes na presença do Exército. Marulanda, acusado de formação de grupos paramilitares e violações dos direitos humanos, seria detido na Espanha em 2001 e extraditado para a Colômbia em 2002. Duas semanas depois, seria libertado com base no fato de que os delitos tinham sido cometidos pelos grupos paramilitares que operavam em Cesar, e não pelo milionário amigo do presidente. Para a Anistia Internacional, o que aconteceu na fazenda Bellacruz constitui um dos episódios de impunidade mais absurdos da história recente da Colômbia. Diego Londoño White, como seu irmão Santiago, seria assassinado posteriormente; e quase todos os demais beneficiários da exploração do metrô e dos crimes de Bellacruz,

ou seus descendentes, desfrutam hoje dos mais dourados exílios em Madri e Paris.

— Acho que chegou a hora de te apresentar aos amigos que fizeram o meu contato com os sandinistas — me diz Pablo ao nos despedirmos uns dias depois, antes de minha volta a Bogotá. — Estamos preparando algo muito importante, e quero que você diga qual é a sua opinião sobre eles. Se as coisas acontecerem como o planejado, vamos poder viver em paz. Por segurança, desta vez nem sequer posso te ligar: em uns quinze ou dez dias, nem antes, nem depois, um piloto vai ligar para te chamar para almoçar num restaurante X. Essa é a senha, e você decide quando vai querer viajar dentro dos próximos dois dias.

Em Bogotá, encontro uma carta do canal de televisão de Miami. Desejam realizar um segundo teste e discutir um possível contrato. O salário é de 5 mil dólares mensais, e devo estar todos os dias no estúdio às cinco horas da manhã para me maquiar antes de apresentar várias emissões. Poucos dias depois, Armando de Armas me liga para me dizer que essa oferta é a melhor oportunidade de reiniciar minha carreira por cima, e insiste para eu não perdê-la. Respondo que na Colômbia eu ganhava o mesmo em 1980 no noticiário *24 Horas* por uma única apresentação diária às sete da noite. O que não posso confessar — nem a ele nem a ninguém — é o meu medo de que, no momento em que alguém envie a um jornal de Miami minhas fotos com Escobar, meu contrato com o canal norte-americano possa ser cancelado em meio a um enorme escândalo. De volta a Medellín, mostro a Pablo a carta com a oferta e fico horrorizada ao comprovar que ele continua grampeando as minhas ligações.

— Cinco apresentações diárias por 5 mil dólares mensais? Mas o que esses cubanos estão querendo? — E, enquanto começa a queimá-la, acrescenta: — Vamos fazer uma coisa, meu amor: vou te dar 80 mil dólares enquanto você não consegue trabalho com uma emissora que pague quanto você vale, ou com um canal de um país para onde eu possa viajar com frequência. Mas não vou te enviar o dinheiro todo de uma vez, porque assim você foge para Miami com algum milionário venezuelano, e eu não volto a te ver nunca mais. Mesmo que não possamos estar juntos toda semana, agora que voltou, preciso de você mais do que nunca e quero que

viva comigo uma série de processos essenciais que vão acontecer nos próximos meses neste país.

O que Armando de Armas disse é, então, verdade: Escobar o colocou para correr! O que descarto completamente, por ser absurda, é a ideia de que tenha tentado sequestrá-lo. Como é evidente que Pablo já descobriu quem estava por trás da oferta do canal cubano, decido não fazer mais perguntas. Prefiro contar a ele sobre o interesse do jornalista italiano em sua história para um possível filme dos produtores Cecchi Gori. Diante da perspectiva de que a sua vida possa ser levada ao cinema, não cabe em si de orgulho; mas, mesmo estando radiante de felicidade, Pablo Escobar é, antes de tudo, um homem de negócios.

— Você se dá conta de que há opções de trabalho muito mais importantes e rentáveis para alguém como você? Diga a esse tal Valerio Riva que, se quer se reunir comigo através de você, deve te pagar 100 mil dólares pela sinopse e como adiantamento pelo roteiro do filme; e que, se ele não escrever o roteiro junto com você, nada feito. Se ele se negar a pagar, é porque os produtores multimilionários italianos não estão por trás do projeto e esse cara só quer te usar para ganhar um dinheirão com uma história que todo mundo quer conhecer e mais ainda com o que vai acontecer a partir de agora, que já não podem me extraditar. Eu e você seremos livres para viajar juntos a praticamente todos os cantos, menos para os Estados Unidos, claro. E, em todo caso, você pode continuar indo para lá sempre que quiser descansar de mim... por uns dias.

Exatamente duas semanas depois, em meados de agosto de 1985, estou de volta a Medellín. No final da tarde, dois rapazes me pegam num carro discreto e durante todo o trajeto da estrada não param de olhar pelo retrovisor para se assegurar de que não estão me seguindo e que alguém, graças à perseverança, possa descobrir o paradeiro de Pablo. Não pergunto para onde vamos e cochilo. Desperto ao escutar as vozes de dois homens avisando o chefe pelo rádio que já estamos quase chegando. Quando nos aproximamos do portão de Nápoles, um automóvel branco e pequeno com três homens sai como uma bala e some na nossa frente no meio das sombras e no silêncio da noite. Os rapazes me dizem que é o carro de Álvaro Fayad, comandante máximo do M-19. Fico muito surpresa — porque eu tinha me convencido de que o grupo guerrilheiro e o MAS se odiavam até a morte — e me viro para tentar vê-lo; o homem que vai na

parte de trás do carro também se vira para me ver, e por alguns instantes nossos olhares se cruzam. Entramos na propriedade em alta velocidade e paramos em frente à casa principal. No fundo do corredor, sob uma luz amarela, consigo ver dois ou três homens que saem imediatamente acompanhados dos que chegaram comigo. Como se escondem quando veem Pablo sair, não consigo distingui-los e deduzo que seus convidados não apenas são de total confiança, como exigem discrição nos assuntos de que vão tratar, uma distância prudente dos subalternos e medidas de segurança excepcionais.

Pablo, especialista em comunicações, é sempre informado em segundos, por rádio ou walkie-talkie, de tudo o que acontece ao seu redor. Imediatamente sai para me receber, abre a portinha do carro e me toma em seus braços; logo me tira de lá com os dois braços e me olha orgulhoso como se eu fosse um Renoir da sua coleção. Seu entusiasmo com algo que evidentemente vem planejando sugere que não vê a hora de me apresentar ao seu convidado, que, agora sei, é apenas um. Ele me pede que adivinhe quem é, e eu pergunto se é o príncipe da família real saudita que transporta para ele grandes quantidades de dinheiro em seu avião diplomático, ou algum revolucionário centro-americano, ou um general mexicano de três estrelas, ou algum dos grandes chefes do tráfico astecas ou cariocas, ou talvez um enviado de Stroessner, o eterno ditador paraguaio. Quando me explica de quem se trata, quase não posso acreditar nos meus ouvidos:

— Queria que conhecesse dois dos fundadores e cabeças do M-19. São grandes amigos meus já há algum tempo, mas eu não podia te dizer antes de estar completamente seguro. Depois do sequestro de Martha Nieves Ochoa, entramos num acordo com eles, um pacto de não agressão. Álvaro Fayad acaba de ir embora, porque me parece que estava receoso de se encontrar com você, mas Iván Marino Ospina, o mais “duro” dos comandantes, está aí dentro. Ele não reagiu ao seu nome porque está há anos vivendo na selva e não vê televisão. Dependendo de como as coisas andem, vamos ver se explicamos a ele quem você é ou se te deixamos incógnita. — Em seguida, com o tonzinho de voz de toureiro que usa comigo quando está feliz, passa um braço pelos meus ombros e acrescenta: — Um pouquinho de anonimato a essas alturas da vida não vai te fazer mal. Não é verdade, amor?

— E qual é a idade do nosso líder do século XIX, Pablo? — pergunto.

Rindo, ele responde que uns 43, e eu digo que os únicos homens colombianos dessa idade que não sabem quem eu sou são os das etnias que vivem nas profundidades da selva que ainda não descobriram a invenção da língua espanhola nem do sutiã.

— Esse aí é um tropeiro do Vale do Cauca que não tem medo nem de mim e não se prende a intelectualismos nem a babaquices! Promete que vai me acompanhar no jogo e, pela primeira vez na vida, vai falar de temas nacionais, autóctones. Jura, pelo que é mais sagrado, que não vai falar com ele de pragas como Pol Pot nem da Revolução Cultural!

— Está insinuando, Pablo, que não posso perguntar ao comandante supremo do grupo guerrilheiro principal deste país pelo *modus operandi* dos Montoneros e do Sendero Luminoso, do IRA e do ETA, das Brigadas Vermelhas e de Baader Meinhof, dos Panteras Negras e dos Tigres de Liberação do Tâmil, do Hamas e do Fatah? — digo, passando a mão no seu cabelo. — Para que você me trouxe, então? Para falar do 9 de Abril, dos sandinistas e de Belisário? Pelo assalto ao Quartel Moncada eu posso perguntar, ou não? Havana fica aqui pertinho, entre Cartagena e Miami...

— Deixe que ele fale de Simón Bolívar ou do que quiser, porque de Fidel Castro não vai falar nada, já aviso... Esse homem é o cara que eu estava precisando para acabar com todos os meus problemas... Não vamos fazê-lo esperar mais. E, pelo amor de Deus, não faça cara de estrela, que com esse vestido você já parece uma! Seja bem simples e encantadora, como se fosse apenas uma menina linda e discreta, o.k.?... Certamente devo te avisar que o meu amigo está muito drogado... mas eu e você já estamos acostumados com... as fraquezas dos outros. Ou não, meu amor?

Imagino que o comandante amazônico deve se vestir como um sargento do Exército em traje camuflado, que vai me olhar como um intruso numa reunião de homens muito machos e vai fazer o humanamente impossível para que eu saia com a finalidade de ficar falando de dinheiro com Pablo. Iván Marino Ospina é um homem de estatura mediana, traços grosseiros, cabelo ralo e bigode, e, ao seu lado, Escobar parece Adonis. Estou com um vestido de seda curto, com sapatos de salto alto, e, quando nos apresenta, Pablo não cabe em si de orgulho. Imediatamente, percebo que aquele lendário chefe guerrilheiro na verdade não tem medo de Pablo nem de ninguém, porque quando coloca os olhos em mim não desgruda do meu

rosto, do meu corpo, nem das minhas pernas um olhar inflamado que até o dia de hoje não me lembro de ter visto em nenhum outro homem.

O chefe do M-19 veste roupas de civil e me conta que acaba de passar vários meses na Líbia. Ninguém viaja da América do Sul para a Líbia a passeio, como dizem os turistas da classe média colombiana: ou vai fazer negócios de petróleo ou negócios de armas, e o M-19 não é exatamente a Standard Oil Company. Como sei da fascinação de Pablo pelos ditadores, comento que Muammar Gaddafi tomou a decisão de tirar o rei Idris I da Líbia do trono quando o viu perder, em apenas uma noite, 5 milhões de dólares — cifras de finais dos anos 1970 — no cassino de Montecarlo. Pergunto a Ospina se o conhece, e ele afirma não tê-lo visto porque o M-19 vai para a Líbia unicamente para fazer treinamento de combate. Quando tento verificar se seu grupo tem boas relações com a Liga Árabe, os dois homens cruzam olhares, e Pablo propõe que não falemos mais do distante deserto africano, mas de como é dura a vida na selva colombiana.

Iván Marinho me conta que passou muitos anos nas Planícies Orientais da Colômbia. Os rios de planície, de proporções colossais na estação chuvosa, incluem os duzentos principais afluentes do Orinoco, cuja bacia cobre 1 milhão de quilômetros quadrados de planícies e florestas venezuelanas, brasileiras e colombianas. Olhando fixamente para mim e medindo minha reação a cada palavra dele, começa a me falar dos **poraquês**.³¹ Ele me explica que, por culpa deles, aqueles que lutam contra a oligarquia em Bogotá e o imperialismo em Washington devem vagar por aquelas correntes completamente protegidos, principalmente da cintura para baixo, e assim as botas e roupas empapadas se transformaram em motivo adicional de sofrimento e feridas. Pablo e eu escutamos com horror as histórias daqueles animais que, como saca-rolhas cheios de espinhos, descolam a carne da vítima ao serem retirados com uma espécie de fórceps depois de uma luta titânica entre o selvagem médico do dono do “território” e o poraquê que pretende disputá-lo. E caio na armadilha de perguntar se é pela boca ou pelo nariz ou pelas orelhas que esses “benditos” animais entram em alguém.

— Muito mais abaixo. Eles entram por todos os orifícios do corpo, principalmente os que ficam beemmm embaixo! E para as companheiras o problema é duplo! — diz Ospina me devorando com os olhos, como se quisesse me fazer uma demonstração que me deixasse convencida.

Como Gloria Gaitán me acusou de sempre exibir doses anormais de candura para uma mulher lúcida da minha idade, ironizando pergunto ao comandante supremo do M-19, com os olhos bem abertos:

— E você, Iván Marino, quantos poraquês já tiveram que arrancar do seu corpo em todos esses anos de luta revolucionária?

Olhando a parede da frente com certa tristeza, como se subitamente tivesse se lembrado de algum obscuro e doloroso capítulo que achava que tinha esquecido, responde que “alguns, alguns”. Pablo me fulmina com o olhar, e eu me levanto para ir ao lavabo e não submeter seu amigo a mais perguntas sobre o assunto selecionado por ele para me vender o ideário da revolução.

Ao voltar, fico atrás da porta entreaberta porque escuto o chefe guerrilheiro exigindo algo a Escobar nos termos mais definitivos:

— Não, meu irmão, não e não. Eu quero como esta. Não quero nenhuma outra, e ponto. Igualzinha, sem nenhuma diferença. De onde você tirou essa, tão perfeitinha? Ahhh, companheiro, como cruza e descruza as pernas... e como cheira bem... e como se movimenta! É assim na cama? Que boneca divina! Essa é o tipo de mulher, tão bonita quanto uma estrela de cinema, com que sempre sonhei! Não... pensando bem... quero duas iguais a ela! Sim, duas na minha jacuzzi, e você pode me descontar do milhão se quiser!

— Do milhão?... Então deixa eu pensar, meu irmão... porque isso sim me interessa... Mas temos dois problemas: um é que... Virginia é a apresentadora mais famosa da Colômbia... ela diz que “isso é ser como uma estrela de cinema num país sem indústria cinematográfica”... Veja ela aqui, em todas essas revistas, se não acredita em mim. E dois, que, como sabe de tudo e conversa sobre tudo... ela é o meu tesouro. O que eu não daria para ter duas dela!

— Mas por que você não me avisou, companheiro? Bem, bem, bem... então me desculpe, homem!... Pensando melhor, então... duas bem parecidas com Sophia Loren você pode conseguir para mim, não é? Não importa que sejam mudas... e quanto mais burras, melhor! — exclama Ospina às gargalhadas.

— Claro, homem! Dessas, eu posso conseguir quantas você quiser: uma Sophia Loren morena, outra loira e até uma ruiva se couber na jacuzzi! —

afirma Pablo com um imenso alívio. — E não se preocupe, que para você ninguém vai descontar nada, irmão.

Fico tentada a deixar aqueles dois homens sozinhos e ir dormir, mas decido entrar. Ao empurrar a porta, meu olhar se encontra com o do criminoso mais procurado no mundo, que observa com terror o do guerrilheiro mais procurado da Colômbia, como implorando que ele se cale. Pablo faz um gesto carinhoso para que eu me sente ao seu lado, mas eu ignoro e me coloco junto à mesa onde ambos deixaram suas metralhadoras. Como vejo que Ospina ficou olhando a minha capa do *Al Día* — na qual estou ajoelhada e pareço nua, quando na realidade uso um biquíni pequeníssimo cor de pele —, pergunto se quer que a autografe para levar de recordação.

— Nem de brincadeira! — esbraveja Pablo, recolhendo todas as revistas, guardando numa caixa e fechando à chave. — E se o Exército chega a encontrá-las em alguma batida e depois interroga você para saber do paradeiro desse bandido? E depois do meu?!

Pergunto a Iván Marino por que entrou na luta revolucionária. Olhando agora para aquele lugar do espaço onde guardamos as memórias dolorosas da infância, começa a me contar como, depois do assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, em 1948, em Tulúa, sua terra natal, os “pássaros” conservadores do Vale do Cauca assassinaram seus três tios, um deles usando uma machete diante de seus onze filhos. Depois de uma pausa, e com profunda tristeza, também começo a lhe contar como foi que minha família perdeu toda a terra em Catargo — muito próxima a Tulúa — por culpa daqueles “pássaros”: durante os primeiros anos da Violência, meu avô — um ministro liberal casado com uma proprietária de terras conservadora — chegava a cada semana em suas fazendas e encontrava um mordomo morto, com as orelhas, a língua e os genitais cortados e a barriga de sua jovem esposa, empalada ou aberta, caso estivesse grávida — e as jovens camponesas sempre estão; não era raro encontrar o feto na boca do marido morto ou nas outras cavidades rasgadas do corpo da pobre mulher.

— O senhor e eu sabemos que a única forma de depravação que todos aqueles “pássaros” conservadores não praticaram com as mulheres camponesas foi o canibalismo. Os homens da minha família nunca empunharam armas, não sei se porque são covardes ou católicos e preferiram vender suas terras por centavos à família açucareira

multimilionária dos Caicedo, que financiava aqueles monstros que eram, dizem, seus amigos e vizinhos.

— Mas como você pode comparar a sua situação com a nossa! — exclama Ospina. — Em sua família de oligarcas, “os pássaros” matavam os empregados na ausência do patrão. Na minha, de camponeses, despedaçavam as pessoas diante de seus filhos!

Expresso o meu espanto por todos aqueles horrores, minha compaixão por todo aquele sofrimento e o meu profundo respeito pelas origens da luta armada na Colômbia, e comento quanto é estranho que três histórias tão diferentes como as nossas estejam reunidas ali nessa noite na fazenda mais valiosa do país: a do chefe da guerrilha, a do chefe do narcotráfico e a da mulher sem um centímetro de terra, mas aparentada de toda a oligarquia do país e amiga da outra metade. Faço com que ele veja que a vida dá muitas voltas e que Pablo, seu amigo, é agora um proprietário de terras muito mais poderoso do que foram meu bisavô e todos os seus irmãos juntos e, também, que as dimensões das propriedades de um de seus sócios superam amplamente as de Pepe Sierra, o senhor de terras mais rico de toda a história da Colômbia e amigo dos meus antepassados. Como ele e Pablo estão em silêncio, pergunto a Iván Marino por que o M-19 quebrou em junho o cessar-fogo acordado com o governo de Betancur. Ele me explica que, quando foram desmobilizados, seus membros e os de outros grupos insurgentes abrigados pela anistia começaram a ser assassinados por forças obscuras de extrema-direita. Pergunto a ele se está se referindo ao MAS.

— Não, não, não. Graças a esse homem — diz, apontando para Pablo — nem nós nos metemos com eles, nem eles se metem conosco. Ele e eu temos um inimigo em comum, que é o governo... e a senhora sabe que “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”... O ministro da Defesa — o general Miguel Vega Uribe — e o chefe do Estado Maior Conjunto, Rafael Samudio Molina, juraram acabar com a esquerda. Se no governo de Turbay nos prendiam e nos torturavam, no de Betancur não vai sobrar nenhum de nós vivo. A Colômbia continua sendo administrada pelos “pássaros” de Laureano e seu filho Álvaro Gómez, só que agora são militares que acreditam que esses países podem ser organizados com o modelo de Pinochet: exterminando os membros da esquerda desarmada como se fossem baratas.

— Sim, no meu núcleo social quase ninguém esconde sua admiração pelo modelo chileno, mas Álvaro Gómez não é Laureano, comandante... Por certo, e mesmo que o senhor custe a acreditar, em 1981 renunciei ao cargo mais bem pago da televisão por me negar, dia após dia, a me referir a vocês como “um bando de canalhas” no noticiário *24 Horas*, dirigido por Mauricio Gómez, o filho de Álvaro e neto de Laureano.

Ospina parece se surpreender de que alguém como eu possa assumir uma posição política tão complicada, e explico que, como agora pertenço aos que não têm nada, também não tenho nada a perder. Pablo nos interrompe para lhe dizer:

— Virginia já foi demitida de outro noticiário por apoiar a criação do sindicato dos técnicos... e acaba de recusar uma oferta para um canal em Miami porque eu a convenci a ficar aqui na Colômbia, apesar de todos os nossos inimigos a deixarem sem trabalho. Como você pode ver, meu irmão, esta mulher é mais corajosa que todos nós juntos. Por isso ela é tão especial; e por isso queria que vocês se conhecessem.

Pablo se levanta e vem na minha direção. O chefe guerrilheiro se levanta para se despedir e parece que agora me olha com novos olhos; está bastante drogado e lembra ao seu anfitrião que não esqueça o favor prometido. Escobar sugere que ele vá jantar, e ficam de se ver depois da meia-noite. Antes de dizer adeus, desejo a ele muito êxito em sua luta pelos direitos dos mais fracos:

— Tente se cuidar bastante e conte comigo quando precisar de um microfone... se é que voltam a me dar um... algum dia.

— Qual a impressão que você teve do meu amigo? — me pergunta Pablo quando estamos sozinhos.

Digo a ele que Iván Marino me pareceu um homem corajoso, audaz e convencido da sua causa, mas que, de fato, aparenta não ter medo de nada.

— Aqueles que não têm medo de absolutamente nada têm uma personalidade suicida... e acho que lhe falta grandeza, Pablo. Eu não consigo imaginar Lenin pedindo prostitutas a Armand Hammer diante de uma jornalista, nem Mao Tsé-Tung, nem Fidel Castro, nem Ho Chi Minh, que falava uma dúzia de idiomas, drogados. E esse milhão é para quê?

— Para recuperar meus registros e organizá-los. E sem registros não há jeito de me extraditar — me confessa com um sorriso triunfante.

— Mas não é assim que você vai recuperar sua inocência, Pablo! A Justiça e os gringos podem reconstruí-los! Iván Marino meteu isso na sua cabeça?

— Você sabe que ninguém mete nada na minha cabeça. Essa é a única forma; não há outra. Vão demorar anos para juntá-los... E você acredita que algum voluntário vai se apresentar e testemunhar contra nós? De onde vão tirá-lo: do Suicidas Anônimos?

Ele me explica que tanto os seus processos quanto os de seus sócios estão no Palácio da Justiça e que de nada serviram as advertências que fizeram chegar à Suprema Corte: em questão de semanas, o Tribunal Constitucional iniciará seu estudo com a finalidade de atender aos requerimentos da Justiça norte-americana para a extradição de todos eles.

— E para tirar um maço de papéis de um único lugar você vai pagar a eles 1 milhão de dólares?

— Não é um maço, meu amorzinho: são 6 mil registros. Digamos que são... algumas caixinhas.

— Eu pensava que o seu passado era de uns quantos registros telefônicos, não um monte deles, pelo amor de Deus!

— Não me subestime tanto, meu amor... Você está nos braços do maior criminoso do mundo, e eu queria que você soubesse que em alguns meses vou ser um homem sem passado judicial. Não com passado, como você... — Ri e, antes que eu possa responder, me silencia com um beijo.

Ele está colocando seus tênis e me diz que vai fazer o tal favor ao seu amigo antes que ele o enlouqueça.

— Pablo, é verdade que o M-19 costuma dar golpes espetaculares, mas o Palácio da Justiça não é a embaixada dominicana... Essa invasão foi um sucesso porque a residência está localizada numa rua tranquila, com amplas vias de acesso e de saída. Mas o Palácio da Justiça dá para a praça Bolívar, que é gigantesca e a céu aberto. As duas únicas vias de saída são estreitas e vivem engarrafadas, e o Batalhão da Guarda Presidencial está bem perto. O que acontece se atiram e matam alguma pobre secretária mãe de três filhos ou um dos policiais que ficam na entrada? Esse edifício está exposto a tudo, meu amor. Entrar no palácio deve ser fácilimo. Roubar os papéis, um pouco mais complicado. Mas sair dali vai ser impossível! Eu

não sei como vão fazer... e, bom... a verdade é que também não quero saber...

Ele se senta na beira da cama e toma meu rosto em suas mãos. Durante um tempo que parece uma eternidade, o percorre com os dedos como na tentativa de memorizá-lo. Olha fixamente para mim, buscando em meus olhos para comprovar que na minha evidente desaprovação do golpe não está escondido o risco de alguma futura indiscrição, e me avisa:

— Nunca, nunca você deve falar com ninguém sobre o que aconteceu aqui esta noite, entendeu? Jamais conheceu Ospina nem viu Fayad sair. E se te perguntarem por mim, você não voltou a me ver. Não esqueça nem por um instante que as pessoas interrogam até a morte para obter informação sobre o paradeiro desses caras... e aquele que não sabe nada é o que mais sofre... porque o que sabe “canta” tudo nos primeiros dez minutos! Meu amigo é um estrategista hábil, e o seu valor no combate é conhecido por todos. Não se preocupe mais, porque vai ser um golpe rápido e limpo. Eles são muito profissionais nessas coisas, e até agora nunca falharam. Eu sei escolher a minha gente, e por isso também te escolhi... entre 10 milhões de mulheres! — diz beijando minha testa.

— Mas quantas... E para que você queria que eu conhecesse Iván Marino, Pablo? — pergunto.

— Porque é um líder muito importante e só alguém como ele pode me fazer esse favor. E você precisa ter outra visão da realidade, diferente dessa da alta sociedade superficial e falsa em que vive... Também tem outras coisas... mas não posso compartilhá-las com ninguém. Posso te falar das minhas, para que entenda por que não posso te ligar nem te ver com a frequência que eu gostaria, mas não posso fazer o mesmo com os segredos dos meus associados. Agora trate de descansar, que em algumas horas virão buscá-la para levar ao hotel antes que amanheça. E você verá que em poucas semanas celebraremos o sucesso da operação com o seu champanhe rosé.

Ele me envolve num abraço reconfortante e me beija várias vezes no cabelo, como fazem os homens com as mulheres que não querem perder quando sabem que elas estão tristes. Acaricia as minhas bochechas em silêncio e se levanta.

— Te ligo em alguns dias. E, pelo amor de Deus, mantenha a Beretta no seu bolso, não no cofre, porque eu tenho muitos inimigos, meu amor.

Nunca sabemos se voltaremos a nos ver, mas sempre tive o cuidado de não falar sobre isso porque seria como colocar em questão sua absoluta convicção de que em matéria de sobrevivência ele também está acima dos demais mortais. Quando abre a porta, vira por um instante para me mandar um último beijo, e eu consigo dizer:

— Pablo, o M-19 sempre nos trouxe azar, para você e para mim. Acho que vocês vão cometer uma loucura...

E mais uma vez o vejo partir, carregando no silêncio das sombras essa cruz que só eu conheço. Escuto seu assobio e, minutos depois, da minha janela o vejo se afastar entre um pequeno grupo de homens. Eu me pergunto se haverá alguém mais que conheça as dimensões do pavor à extradição que esse homem, tão rico e poderoso, mas tão impotente diante do poder legítimo, arrasta na alma. Sei que ninguém mais poderia sentir compaixão por ele e sei também que eu não poderia confessar a ninguém no mundo os temores que me absorvem. Fico ali sozinha, pensando nas causas daqueles dois amigos, o que luta pelos mais pobres e o que luta pelos mais ricos, e nas dores embutidas e nos terrores inconfessáveis que os homens e os corajosos carregam em seus corações de carne, chumbo, pedra e ouro. Fico triste e preocupada, me perguntando se é Pablo quem manipula Iván Marino com seu dinheiro, ou se é o chefe guerrilheiro que manipula o multimilionário com sua capacidade única de prestar-lhe o serviço do qual, possivelmente, Escobar vai depender pelo resto de sua vida. E o da minha com ele...

Em 29 de agosto de 1985, cerca de dez dias depois dessa noite, a última que passarei na fazenda Nápoles, abro o jornal e leio que Iván Marino Ospina foi morto em Cali em combate com o Exército. Por um lado, sinto uma dor sincera pela perda daquele lutador; por outro, um profundo alívio porque imagino que sem seu espírito temerário aquele plano absurdo foi cancelado ou, pelo menos, adiado. Como Pablo, eu também adoro Simón Bolívar, que morreu na Colômbia com o coração dilacerado pela ingratidão dos povos que libertou, e elevo uma prece ao Libertador pela alma do comandante guerrilheiro cuja vida se cruzou com a minha por poucas horas. Eu me pergunto quanto tempo o Exército levou seguindo Iván Marino e, com um arrepio, me dou conta de que o morto poderia ter sido Pablo. Penso no que ele estará sentindo com a perda de seu amigo, e sei que a partir desse instante reforçará até o limite as

medidas de segurança e que certamente não vamos poder nos ver por semanas.

Em meados de setembro me surpreende com uma serenata com os meus tangos preferidos, entre eles “Ninguna” e “Rondando tu esquina”. Penso que aquela canção, que sempre adorei, agora só me faz lembrar quanto sou vigiada. No dia seguinte, Pablo liga para dizer que sente a minha falta o tempo inteiro e para me pedir que trabalhe seriamente na sinopse do filme porque, se os italianos não o produzirem, ele tem condições de fazê-lo. Em princípios de outubro me anuncia que, diante da eventualidade de que a Corte aprove sua extradição, deverá ir embora por um tempo; me dá a entender que o plano do Palácio da Justiça foi abortado e me explica que não pode me levar com ele porque não quer me colocar numa posição de risco. Com a ilusão de nos vermos tão logo seja seguro e possível, ele se despede com uma serenata de *mariachis* e as românticas promessas de “Si nos dejan” e “Luna de octubre”.

Coração que soube sofrer e soube gostar desafiando a dor...

Se vou embora, nunca pense, jamais, que é com a única finalidade de estar longe de ti.

Viverei com a eterna paixão que senti desde o dia em que te vi,

Desde o dia em que sonhei que serias minha.

Nas próximas semanas trato de esquecer os acontecimentos dessa cálida noite de agosto, mas a lembrança da ousadia de Iván Marino e o tom triunfal de Pablo esvoaçam de tempos em tempos em minha memória como uma borboleta de asas negras. Várias vezes, os jornalistas escutam rumores sobre ameaças dos Extraditáveis e do M-19 aos magistrados da Suprema Corte da Justiça, mas quase ninguém presta atenção porque quase todos nós que trabalhamos nos meios de comunicação estamos acostumados a escutar ameaças e convencidos de que, na Colômbia, “cão que ladra raramente morde”.

É 6 de novembro de 1985, e estou com uma companheira de trabalho no lobby do hotel Hilton para a transmissão de rádio do Reinado Nacional da Beleza, evento que ano após ano reúne em Cartagena a maioria das

jornalistas colombianas, centenas de personalidades e todos os que são conhecidos no mundo da indústria cosmética e da moda. As rainhas fazem sua chegada com a comitiva de seu departamento — nome que se dá na Colômbia aos estados —, a qual inclui sempre as esposas do governador e do prefeito da capital regional. No dia anterior à “Noite de coroação” — que é feita no Centro de Convenções e seguida de um luxuoso baile *black tie* no Club Cartagena — chegam o governador, seus familiares e os dignitários de cada departamento, junto com muitos diretores de meios de comunicação de todo o país que querem entrevistar tantos personagens da política e aproveitar para admirar tantas mulheres bonitas. Nessa época a penetração do narcotráfico nos reinados é *vox populi*, e todo mundo sabe que, sem o apoio do chefe do tráfico do departamento, o governo não poderia nem sonhar em custear as despesas da comitiva da rainha, integrada por cem ou duzentas pessoas entre familiares e amigos íntimos, duas dezenas de senhoras da alta sociedade, as ex-rainhas com seus maridos e toda a burocracia regional. Também não é difícil que a própria *miss* esteja namorando o chefe do tráfico — ou o filho dele — e que a relação dos comandantes da polícia e da Brigada do Exército com o rei local da coca ou da maconha seja muito mais íntima, estável, duradoura e rentável que a que sustenta o empresário de êxito com a soberana da vez.

Quem tem alguma dúvida de que a mulher-objeto existe só tem que assistir a um Reinado Nacional da Beleza em Cartagena: as roupas e os enfeites de cabeça são similares aos das mulatas das escolas de samba no Carnaval do Rio de Janeiro, só que as primeiras vão dançando e cantando seminuas e felizes, enquanto as pobres rainhas arrastam capas de plumas e relampejantes caudas de sereia de cinquenta quilos numa temperatura de quarenta graus sobre saltos de doze centímetros de altura. Os desfiles em carruagens e embarcações temáticas, que duram toda a semana, deixam cansado até o mais resistente dos oficiais de Marinha que escoltam as moças.

São onze horas da manhã, faltam cinco dias para a eleição e a coroação, e o enorme lobby ferve de excitação com a presença de jornalistas do rádio, fotógrafos, cantores, atores, estilistas, ex-Senhoritas Colômbia cada vez mais belas, agora de braços dados com seus orgulhosos maridos, e os presidentes das empresas patrocinadoras do concurso. Os jurados, personalidades de outros países, são os únicos que se escondem de todo

mundo para que depois ninguém possa dizer que foram manipulados pela comitiva ou comprados pelo futuro sogro da *miss*. As rainhas estão em seus quartos, se preparando para o primeiro desfile em roupa de banho, e os corredores dos andares reservados para elas estão infestados de homens feios uniformizados de verde e homens belos uniformizados de branco que observam com absoluto desprezo toda aquela população gay de maquiadores e cabeleireiros que, por sua vez, olham com ódio feroz para os primeiros enquanto suspiram com absoluta adoração pelos segundos.

Às 11h40 estoura uma confusão, e todas as entrevistas e transmissões de rádio se interrompem. O M-19 tomou o Palácio da Justiça e parece que pegou os magistrados da Suprema Corte como reféns! Eu e minha colega voamos para minha suíte e sentamos juntas em frente ao televisor. Num primeiro momento descarto a possibilidade de que o que estamos vendo tenha algo a ver com Pablo, porque me convenci de que ele está fora do país. A última coisa que iria passar pela cabeça da minha amiga é que eu seja amante de Pablo Escobar, ou que um dos chefes mais visados do MAS possa ter financiado uma invasão guerrilheira. E a última coisa que passaria pela minha cabeça é que minha companheira seja namorada de um dos líderes do M-19.

A praça Bolívar é uma grande extensão, com a estátua de Simón Bolívar no centro olhando para a catedral Primada, que está a leste. Em frente à igreja está a prefeitura, com o Senado do lado norte e o Palácio da Justiça no sul. E atrás do Senado está o Palácio Presidencial — a Casa de Nariño —, guardado pelo Batalhão da Guarda Presidencial.

Dois dias antes, a vigilância do Palácio da Justiça, sede da Suprema Corte e do Conselho do Estado, foi entregue a uma empresa privada, e justamente nesse dia o Tribunal Constitucional da Corte iniciara os estudos dos processos de extradição de Pablo Escobar Gaviria e Gonzalo Rodríguez Gacha, entre outros. A invasão foi executada ao “comando de Iván Marino Ospina” do M-19, por conta da “Operação Antonio Nariño pelos Direitos do Homem”. A mando dos comandantes Luis Otero e Andrés Almarales, 35 insurgentes entraram no Palácio, sete deles pela porta principal como qualquer cidadão e o resto de forma violenta em dois pequenos caminhões pela porta do subsolo, que fica num dos lados do edifício, perto de uma das estreitas e movimentadas ruas do centro de Bogotá. O grupo guerrilheiro já assassinou dois vigias e o administrador do

Palácio e agora, depois de tomar como reféns mais de trezentas pessoas entre magistrados, empregados e visitantes, exige a transmissão via rádio de uma manifestação para denunciar as injustiças cometidas contra aqueles que foram acolhidos pela anistia e pela inoperância da Justiça na Colômbia, que contribui para a extradição de colombianos para serem julgados em outros países. Eles exigem, também, que os jornais publiquem seu programa, que o governo entregue à oposição espaços diários nas rádios e que a Suprema Corte atenda ao seu direito de demanda consagrado pela Constituição para obrigar o presidente da República a comparecer, ou ao seu advogado, com a finalidade de submetê-lo a julgamento por traição aos acordos de paz com os grupos desarmados: o M-19, o EPL e o Quintín Lame.

Ao meio-dia o edifício está completamente cercado pelo Exército, a quem “o Presidente Poeta” ordenou recuperar o Palácio da Justiça a qualquer preço. Às duas da tarde os tanques de guerra já entraram pelo subsolo, os helicópteros do GOES, Grupo Operativo Antiextorsão e Sequestro, descarregaram grupos de homens no terraço do prédio e um tanque cascavel entra derrubando as portas do palácio que dão para a praça para entrar no prédio seguido de outros dois levando homens do Batalhão da Guarda Presidencial e da Escola de Artilharia. Belisario Betancur, reunido com os ex-presidentes, os candidatos à presidência, congressistas e o presidente do Senado, se nega a escutar os magistrados ou os guerrilheiros. As ofertas de nações estrangeiras para mediar o embate entre o governo e o grupo armado nem sequer chegam aos ouvidos de um presidente que não perdoa o M-19 pelo rompimento do Processo de Paz que foi a base de sua campanha presidencial, nem o seu respaldo aos Extraditáveis, representado pela manifestação de Iván Marino Ospina no começo daquele ano e censurada pelos demais comandantes do M-19.

— Para cada extraditado colombiano, teremos que matar um cidadão norte-americano!

Os tanques começam a disparar, e as emissoras de rádio a transmitir a voz do magistrado Reyes Echandía, presidente da Suprema Corte de Justiça — e também do Tribunal Penal que aprovou a extradição de colombianos para os Estados Unidos alguns anos antes —, suplicando ao presidente da República que cesse o fogo porque vão acabar matando todo mundo, mas suas ligações são atendidas pelo chefe de polícia. As palavras

históricas do jovem coronel Alfonso Plazas da Escola de Artilharia, ditas a um jornalista ali presente, definem o momento:

— Estamos aqui defendendo a democracia, mestre!

E na América Latina, quando um chefe de Estado dá carta branca aos militares para que defendam a democracia, eles sabem exatamente o que têm que fazer. E o que podem fazer: retaliar à vontade usando todo o ódio visceral acumulado durante lustros ou décadas de luta contrainsurgente, deixando de lado — finalmente! — todas as restrições que as leis projetadas pelos homens civilizados pretendiam lhes impor para a proteção dos cidadãos desarmados. E com mais razão quando no Palácio da Justiça colombiano, ao lado de todos os registros como listas de telefones que contêm o passado judicial de Escobar e de seus sócios, repousam outras muitas caixinhas com 1.800 processos contra o Exército e os órgãos de segurança do Estado por violações dos direitos humanos. O incêndio voraz que, de maneira inexplicável, desata no palácio às seis da tarde acaba de uma vez com o problema de uma dúzia de extraditáveis, mas, sobretudo, com os de milhares de militares.

As temperaturas infernais obrigam agora os guerrilheiros e seus reféns a retroceder para os banheiros e o quarto andar, e Andrés Almarales libera a saída das mulheres e dos feridos. No final da tarde, os telefones pelos quais o magistrado Reyes e o comandante Otero se comunicavam com o Palácio Presidencial ficam mudos. Quando Betancur decide dialogar com o presidente da Corte, já é impossível: tecnicamente, os militares deram um golpe de Estado. A programação do Reinado Nacional da Beleza não é cancelada nem adiada, com o argumento de que o espírito alegre e forte do povo colombiano não vai se deixar contagiar por uma tragédia, nem os cartagenenses vão estragar a festa com algo que está acontecendo “lá em Bogotá”.

Os combates continuam durante toda a noite, e, quando nas primeiras horas do dia seguinte o representante do presidente da República e o diretor da Cruz Vermelha chegam para negociar com os guerrilheiros, os militares não permitem que eles entrem no palácio e os colocam na histórica Casa del Florero junto com duzentos reféns liberados por Almarales ou resgatados pelos uniformizados, entre os quais está o conselheiro de Estado Jaime Betancur Cuartas, irmão do presidente da República. Cada pessoa é rigorosamente registrada e interrogada pelo

diretor do B-2, inteligência militar, coronel Edilberto Sánchez Rubiano, com a ajuda de oficiais de artilharia e do F2 da polícia. Vários deles confundem inocentes com guerrilheiros, e dezenas de funcionários judiciais, incluindo magistrados e conselheiros, se salvam da detenção apenas graças às súplicas de seus companheiros de trabalho. Qualquer um que desperte a menor suspeita é colocado num caminhão militar com destino à Escola de Cavalaria de Usaquén, no Norte de Bogotá, e só os estudantes de direito, abandonados numa estrada distante depois de serem torturados, são liberados posteriormente.

Às duas horas da manhã, o mundo inteiro observa pela televisão com olhos incrédulos o momento em que um tanque cascavel, com um tiro de canhão certo, abre uma enorme fenda na parede do quarto andar, onde estão refugiados os últimos grupos de guerrilheiros e reféns. Em seguida, através dele, franco-atiradores da polícia localizados no telhado dos edifícios que circundam o Palácio disparam indiscriminadamente para o interior por ordem do seu diretor, o general Víctor Delgado Mallarino, enquanto o Exército joga granadas e os helicópteros sobrevoam o lugar. Apesar de suas munições estarem se esgotando, os guerrilheiros se negam a se entregar a uma comissão humanitária para um posterior julgamento cheio de garantias, e, à medida que a chuva de artilharia vai acabando com sua resistência, o fogo vai terminando de consumir o que resta do palácio. A ordem dos militares foi a de não deixar com vida ninguém daquele último grupo de sessenta pessoas, e todos, incluindo os magistrados que são testemunhas dos delitos e da carnificina, morrem. Entre estes últimos estão o presidente da Suprema Corte e os quatro que deveriam se pronunciar sobre as extradições, incluindo Manuel Gaona Cruz, defensor dos direitos humanos. O Ministério da Defesa ordena que tirem a roupa e lavem todos os corpos sem exceção, eliminando assim evidências valiosas, e proíbe o acesso do Instituto Médico Legal para fazer o levantamento dos cadáveres.

Enquanto tudo isso acontece, por ordem da ministra de Comunicações, Noemí Sanín Posada — prima-irmã de María Lía Posada, a esposa de Jorge Ochoa —, os canais de televisão colombianos transmitem só programas de futebol e notícias do Reinado Nacional da Beleza. Quase 27 horas depois de iniciada a invasão se escuta uma última explosão, e dentro do edifício tudo fica em silêncio. Às 14h30, o general Arias Cabrales avisa

sobre a vitória ao ministro da Defesa, e o general Vega Uribe informa ao presidente que a invasão foi controlada e o Palácio da Justiça, recuperado.

— Que palácio? Um monte de ferros retorcidos com cem cadáveres incinerados dentro? — todos nós nos perguntamos, atônitos.

Às oito da noite, Belisario Betancur faz um pronunciamento ao país:

— Para o bem ou para o mal, o presidente da República assumiu a responsabilidade.

— Qual responsabilidade? O massacre do Poder Judiciário com um bombardeio inclemente do Exército e da polícia? — digo a mim mesma, escutando aquele comandante supremo das Forças Armadas no qual o povo colombiano, eternamente absorto com a ilusão de uma paz que não existe, acreditou ver em 1982 um futuro estadista.

De todo aquele holocausto, sobraram apenas três grandes vencedores: os militares, os Extraditáveis e os partidos tradicionais. Porque, como futuro projeto político, o M-19 e todos os demais grupos insurgentes ficaram enterrados nas cinzas do Poder Judiciário. Morreram onze magistrados, 43 civis, 33 guerrilheiros e onze membros das Forças Armadas e do DAS. As câmeras dos noticiários registraram o momento em que uma dúzia de empregados da cafeteria, seu gerente e duas guerrilheiras foram retirados pelo Exército do prédio do Palácio da Justiça. No dia seguinte, quando as famílias pediram informação sobre o paradeiro dos detidos, eles responderam que as pessoas estavam provisoriamente reclusas em guarnições militares. Ninguém dará detalhes de quais e onde, e nunca mais voltaremos a saber dessas pessoas.

Em 12 de novembro volto daquele fatídico reinado, o último que cobrirei na minha vida profissional. No dia seguinte, 13 de novembro desse *annus horribilis*, acontece na Colômbia a maior tragédia de todos os tempos, e a atenção dos meios de comunicação de todo mundo se esquece daquelas cem vítimas do Palácio da Justiça, em Bogotá, para se voltar para os 25 mil mortos de Armero, na rica região arrozeira e cafeeira de Tolima. Pensando na sorte inacreditável daqueles carnicheiros de aluguel do Estado, digo que sobre a minha pobre pátria e sobre todos nós caiu uma maldição, e me pergunto se aquele que eu acreditava ser o mais corajoso dos homens se transformou apenas no mais covarde dos monstros. Mudo meu número de telefone e, com a alma encolhida pelo espanto, tomo a decisão de não

voltar a ver Pablo Escobar nunca mais na minha vida. De um dia para o outro, deixei de amá-lo.

TARZAN VERSUS PANCHITO VILLA

OMAYRA SÁNCHEZ, DE TREZE anos, agoniza diante das câmeras de televisão do mundo inteiro. Só sua cabeça e seus braços aparecem no barro endurecido dentro do qual uma coluna de concreto aprisiona suas pernas. A paisagem de desolação que cerca a adolescente, quilômetros e quilômetros de lama nos quais aparecem apenas a copa de uma árvore e os restos de uma vaca afogada, parece se estender até o infinito. Para tirar Omayra dali e levá-la até um hospital onde possam amputar suas pernas, vão precisar de dias. Enquanto a gangrena gasosa vai invadindo seu corpo, a menina transmite uma mensagem de esperança a milhões de compatriotas que, comovidos com seu sofrimento e sua valentia diante da morte, a observam impotentes de todos os cantos do planeta. Os colombianos sabem que é impossível salvá-la, e não podemos fazer mais nada além de assistir à sua agonia e rezar para que sua dor termine logo. Sessenta horas depois, aquele anjo nos deixa para sempre e voa ao céu, onde já a esperam as almas de outras 25 mil vítimas e, inocentes ou culpadas, de cem dos mortos na invasão do Palácio da Justiça dez dias antes.

A menina Omayra é apenas uma entre os 21 mil feridos e vítimas que sobreviveram ao drama ocorrido em Tolima. Em questão de minutos, uma erupção da cratera Arenas do vulcão Nevado del Ruiz jogou lava e rocha vulcânica no pacífico rio Lagunilla, que, perto da meia-noite, desceu sobre Armero transformado numa tromba-d'água de quilômetros de largura. A torrente de lama e escombros literalmente apagou do mapa a próspera população de noventa anos. Todas as tragédias que acontecem na Colômbia são anunciadas, e essa não foi uma exceção: havia vários meses os vulcanologistas tinham avisado sobre as enormes fumarolas da cratera,

mas a tradicional indiferença do Estado decidiu ignorá-las porque, como o governo poderia evacuar 50 mil pessoas e onde poderia alojá-las durante dias ou semanas?

As catástrofes em sequência deixam o país mergulhado no luto e na mais profunda sensação de impotência. Mas a de Armero se transforma numa verdadeira bênção para os militares, que — já cansados de violentar, asfixiar, tirar a pele, arrancar as unhas, lavar em ácido sulfúrico, incinerar, enterrar ou jogar em lixeiras os detidos do Palácio da Justiça —, para recuperar a qualquer custo sua imagem de servidores em épocas de calamidade pública, colocaram à disposição de dezenas de milhares de pessoas que ficaram inválidas, feridas ou sem-teto todos os seus homens, recursos, aviões e helicópteros. Do dia para a noite, deixaram de ser os vilões e passaram a ser os salvadores.

Todo aquele pavor com as histórias sem fim de sofrimentos insuportáveis e perdas irreparáveis passa de manhã, de tarde e de noite na televisão; toda aquela torrente de lágrimas e aquela dor coletiva se juntam ao meu sofrimento, e, diante da aceitação final do egoísmo, da cegueira e da irresponsabilidade do homem que eu amava, fico me sentindo culpada por estar viva e desejando apenas ficar em paz com os mortos.

Alguns meses depois, minha amiga Alice de Rasmussen me convida para passar alguns dias em sua casa nas ilhas de Rosario, o pequeno arquipélago situado a 55 quilômetros de Cartagena das Índias. O Parque Nacional é uma série de ilhotas de corais que pertencem à nação, mas, sobre eles, dezenas de famílias tradicionais e ricas de Cartagena, Bogotá e Medellín construíram todo tipo de casas e mansões, tecnicamente denominadas “melhorias”. Na Colômbia, país de Ripley, as práticas comuns acabam se tornando legais, o que quer dizer que, mesmo as ilhas pertencendo ao Estado, sua superfície é de quem se apropriou delas com a finalidade de melhorá-las mediante construções ostensivas. E quem se importa que a parte submersa de uma ilhazinha, na zona colombiana do turismo de luxo seja de outro? Em 1986 já não resta nenhum terreno vazio, cada lote vale uma pequena fortuna e o preço da casa mais humilde não é menor do que 250 mil dólares.

Rafael Vieira Op Den Bosch é filho de um dos colonos brancos do Parque Ilhas de Rosário com uma mãe caribenho-holandesa. Tem 34 anos e, mesmo que não tenha zoológico, é um ecologista respeitado pelos turistas, por seus vizinhos e pelo próprio diretor da reserva sobre cujos domínios ele e sua família construíram o rentável negócio do Aquário das Ilhas. Rafa, como todo mundo o chama, não é rico, mas vende oitocentos almoços por dia. Não é baixinho, feinho e gordinho, mas altíssimo, belo e atlético. Não tem *speed-boats*, mas uma enorme lancha de pesca. Não coleciona girafas nem elefantes, mas barracudas e golfinhos, e a única similaridade que tem com Pablo Escobar é Pancho Villa: enquanto Pablo mata pessoas — e nas suas fotos com chapéu e roupa de ginete parece a reencarnação do bandido mexicano —, Rafa só tem como sequestrado “Pancho Villa”, um feroz tubarão-limão, e, sem chapéu e em seu eterno e minúsculo calção de banho, parece uma cópia de Kris Kristofferson.

Faz meses que estou triste e terrivelmente só, e não custa muito para eu me apaixonar à primeira vista por alguém tão bonito como Rafael Vieira. E, como ele diz que também se apaixonou *ipso facto* pelo meu sorriso e meu corpo, me batiza de “Pussycat”, e começo a viver com ele desde o primeiro dia, com seus peixes, crustáceos, golfinhos, *escualos*³² e sua causa: a preservação da vida marinha num país e num parque nacional onde uma das mais antigas tradições é a pesca com dinamite para ganhar tempo e proveito, porque o que importa é o rum e o hoje, e não os filhos nem o amanhã.

Em San Martín de Pajarales, a pequeniníssima ilha dos Vieira, não há praias nem palmeiras, e a água doce é um luxo. Nela vive também uma dúzia e meia de trabalhadores afro-colombianos descendentes dos povoados originais das ilhas e a mãe de Rafael, porque seu pai e sua madrasta moram em Miami e os irmãos, em Bogotá. Há uma dezena de casinhas, e a nossa porta está sempre aberta. Rafa trabalha todo o dia na ampliação de seu aquário, e eu nado, mergulho e aprendo os nomes de toda a fauna marinha do Caribe em latim, inglês e espanhol. No melhor espírito de Cousteau, me transformo numa autêntica expert na etologia de crustáceos; e no melhor espírito de Darwin, nas razões pelas quais os tubarões têm 300 milhões de anos de evolução e um “design perfeito”, enquanto nós humanos temos só 5 milhões e todo tipo de defeitos, como a minha miopia. Entendo que é porque os homens descendem de macacos

que demoraram milhões de anos para aprender a caminhar em duas patas e muito mais para se transformar em caçadores, e não das espécies marinhas, mais inquisitivas, livres e aventureiras.

Rafa me ensina a pescar, a mergulhar com tanque e a perder o medo das arraias que às vezes brincam conosco e das curiosas barracudas que nadam em volta dos humanos para estudar a espécie mais predadora e única torturadora do planeta. Ele me convence de que no mar os animais não atacam, a menos que alguém pise neles ou que sejam mal caçados com arpão, mas eu me nego a aprender a fazê-lo corretamente porque não gosto de matar nem fazer mal a nenhuma criatura, e prefiro cuidar de todas. A cada dia que passa, desço a maiores profundidades sem a ajuda de *snorkel* e minha capacidade pulmonar vai se ampliando. Como nado seis a sete horas por dia distâncias cada vez maiores, começo a me transformar numa atleta e a parecer muitos anos mais jovem. Ao final do dia, Rafa e eu tomamos sempre um drinque para contemplar o pôr do sol sobre um horizonte incandescente de uma pequena doca que ele construiu com suas próprias mãos — como quase tudo na ilha —, e falamos de temas ambientais, suas viagens pela África, os animais e a evolução. Ele também não gosta de livros, mas das histórias, e à noite leio para ele as de Hemingway. Minha vida é agora inacreditavelmente simples, e estamos tão felizes que falamos na possibilidade de nos casar mais adiante e, inclusive, ter filhos.

A cada seis semanas passo uns dias em Bogotá, que agora me parece uma cidade inóspita e estranha onde é preciso andar sempre com as defesas de uma *fémima sapiens* — unhas de bruxa grandes e pintadas, maquiagem, penteado, terninho de alfaiate com blusa de seda, meias longas e sapatos de salto *stiletto* — e viver em função de um monte de gente cosmopolita e maliciosa que sempre está falando de infidelidades e conspirações e que me olha com profunda compaixão e um pouquinho de inveja porque deixei minha carreira, minhas viagens e minha vida social para viver numa “ilha microscópica por amor a um *beach boy*, com fama de bonito, mas sem dinheiro”. Dou uma passada no meu apartamento, pago as contas e volto rapidamente para minha vida marinha e para os braços amorosos de Rafa. Uma manhã, verificando o correio, numa daquelas visitas em meados de 1986, abro um envelope especial para transporte de documentos que parece conter uma revista.

Nada, nada no mundo, poderia me preparar para o que ele contém: as fotos de dezesseis cadáveres despedaçados me devolvem à realidade da Colômbia continental; um texto de anônimo, ao homem que deixei de ver e de amar há meses e cuja lembrança deixou de ter o sabor agri-doce de um fruto proibido para se transformar numa sucessão de memórias, cada vez mais apagadas, de incertezas e agonias tão difíceis quanto inúteis. É evidente que alguém andou falando da nossa reunião com o M-19 a um dos membros dos órgãos de segurança ou da inteligência militar, e alguém possivelmente envolvido nas mais tenebrosas torturas. Alguém, que acusa Pablo e Gonzalo de crimes ainda mais atrozes de todos os que já pude imaginar, jura me fazer pagar por eles com cada gota do meu sangue e cada milímetro da pele do meu corpo. Depois de chorar algumas horas, rezando pela alma daquelas vítimas para que me iluminem sobre o que devo fazer, tomo a decisão de telefonar para duas pessoas: uma conhecida, para dizer que mudei de ideia a respeito de um diamante de 62 quilates do qual tinha me falado e que, sim, desejo mostrá-lo ao colecionador (o proprietário está pedindo 1 milhão de dólares por ele e me oferece 100 mil de comissão por sua venda); e para minha amiga Susanita, vendedora de bens imóveis, para pedir que ponha o meu apartamento à venda. Em seguida, em vez de viajar para Cartagena, tomo o primeiro avião para Medellín.

Gustavo Gaviria me recebe imediatamente, com o mesmo carinho distante, ainda que sincero, de sempre. Enquanto falamos do seu negócio, dos meus contratos cancelados e da situação do país, noto no fundo de seu olhar o que parece ser o começo de uma profunda desilusão existencial. Depois de alguns minutos de conversa, mostro a ele o diamante que, segundo me disseram, pertenceu a uma casa real europeia. Pegando uma lupa de joalheiro que lhe permite detectar o carvão mais insignificante na pedra aparentemente mais perfeita, começa a analisar aquele cristalino ovo de codorna que eu trouxe.

— Realmente, é uma das maiores pedras que já vi em toda a minha vida... cobre uma falange inteira... sim, deve ter sido de uma coroa... pelo preço, sabemos que é roubado... mas está muito claro... amarelo, nem branco, nem canário... não está caro... mas eu não gosto da cor... e tem carvões...

— Meu Deus, Gustavo! Você e eu sabemos que se fosse *D-Flawless* ou *canary* custaria quatro ou cinco vezes mais...

Alguém bate à porta e, sem esperar que Gustavo autorize, entra e a fecha atrás de si.

— Mas olha quem está aqui! Nada menos que a Sereiazinha em pessoa! Quanto bronzado! E a que devemos a honra?

— Veio me mostrar isto, Pablo — explica Gustavo, mostrando o diamante. — Virginia teve até os contratos publicitários cancelados e precisa do dinheiro da comissão.

Ele pega a joia que brilha entre o polegar e o indicador e a estuda com o braço estendido, a distância, como o faria com o dedo do cadáver em decomposição do seu pior inimigo. Seu rosto revela tanto nojo que, por um instante, acho que vai jogar o milhão de dólares pela janela. Em seguida, como se tivesse que se sobrepor ao desejo de fazê-lo, olha o sócio e brada:

— Mas esta é a sede de um negócio de entorpecentes, não Harry Winston! E com ela, nós não fazemos negócios. Se ela precisa de dinheiro, que se entenda comigo! E não esqueça, meu irmão, que estão nos esperando para a reunião.

Com um profundo suspiro, Gaviria me diz que não compra diamantes de semelhante tamanho porque numa emergência são impossíveis de trocar ou vender pelo valor original. Pergunto como alguém com 1 bilhão de dólares em dinheiro poderia ter problemas de liquidez com apenas 1 milhão, e ele, dando de ombros com um sorriso resignado, responde que os ricos também choram. Gustavo se despede de mim com um beijo na bochecha, e, quando estamos a sós, entrego a seu primo o envelope com as fotos e o bilhete anônimo.

— Acho que você deve ver isto que chegou pelo correio e que eu estava pensando em deixar com Gustavo. Parece que, por algo que você e o Mexicano encomendaram, alguém quer fazer comigo o mesmo que vocês fizeram com essas pessoas. Quem mais sabia da nossa reunião com Iván Marino, Pablo? E quem está por trás da morte de Álvaro Fayad em março?

Ele abre o envelope e joga o conteúdo sobre a mesa. Fica mudo, atônito, estupefato e se senta. Não fica lívido, porque nada poderia fazê-lo empalidecer e porque Pablo Escobar nunca tremeu diante das coisas que fariam qualquer ser humano perder o rumo. Com a pinça de joalheiro de Gustavo, vai pegando cada uma das dezesseis fotos e as estuda em silêncio; em seguida lê em voz alta alguns dos trechos do texto que as acompanha e, finalmente, me diz:

— Acho que eu e você vamos ter que conversar. E por muito tempo... Está cansada?

Respondo que não, mas que Rafael me espera esta noite em Cartagena. Ele me pede que, então, vá devolver esse diamante e faça a minha amiga acreditar que vou viajar e que o espere no seu apartamento até que ele possa se desocupar, porque o que ele precisa me dizer é assunto de vida ou morte.

— Liga para o seu namorado, ou quem quer que seja, e diz que perdeu o avião e chegará amanhã. E fica tranquila, que ninguém vai te fazer mal e eu também não tenho a intenção de tocar em um fio de cabelo seu. Vou ficar com essas fotos para pedir a uns amigos meus que comparem as impressões digitais para saber quem foi o depravado que as tirou, o esquizofrênico que as mandou e o filho da puta suicida que está me acusando de pagar por essa carnificina!

— Não, não, Pablo! Essas fotos têm centenas de impressões digitais minhas, e você vai piorar as coisas! Não vá mostrá-las a ninguém, nem tentar verificar como foram tiradas, eu te imploro! Eu vivo numa ilhazinha com um homem que é quase um anjo e não tenho culpa dos crimes que todos vocês cometeram! — digo, explodindo em choro e tentando recuperar as fotos.

Ele fica de pé e passa um braço pelos meus ombros. Quando consegue me acalmar, guarda as fotos e o envelope e promete que vai queimá-las depois de tê-las estudado devagar para ver se os rostos correspondem aos desaparecidos do Palácio da Justiça, quer dizer, o que sobrou deles depois da ação do ácido sulfúrico. Insiste que eu devo ficar esta noite em Medellín e, quando aceito a contragosto, se despede e sai apressado. Seguindo suas instruções, ligo para Rafael e digo que chegarei no dia seguinte porque cancelaram meu voo pelo mau tempo — jamais poderia falar com ele sobre o medo que sinto, e muito menos minhas razões para dividi-lo com Pablo. Quando chego ao apartamento e largo minha mala sobre a cama para tirar algumas coisas, observo que entre as lãs grossas do tapete há algo que brilha: é uma pulseirinha de ouro diminuta, e eu a experimento. O meu pulso é quase tão fino como o de uma menina, mas, para que pudesse fechar em mim, essa joia de valor insignificante teria que ser uns três centímetros mais longa.

Ao ver Pablo algumas horas depois, me dou conta de que, nesse último ano, ele envelheceu cinco. Tem apenas 36, mas o seu andar parece mais lento e menos seguro. Observo que ganhou peso e suas têmporas estão começando a ficar grisalhas; acho que as minhas também, mas as mulheres podem esconder mais facilmente. Parece mais tranquilo que de tarde, mas está cansado e triste, como se precisasse de um bom abraço. Todo o seu rosto é um ponto de interrogação; todo o meu, uma enorme acusação. Ao ver nossos reflexos separados no espelho em que tantas vezes nos vimos juntos, comenta que estou dez anos mais jovem que ele e pareço uma estátua de ouro, e eu agradeço de forma educada por um elogio pelo qual há um ano eu teria agradecido com cem beijos. Quer saber por que mudei o número do telefone sem avisá-lo, e com meia dúzia de frases breves e cortantes explico minhas razões. Depois de um de seus silêncios cabisbaixos, ele suspira, levanta o rosto e diz que me entende. Em seguida, me olha com algo parecido com uma nostalgia por todos os sonhos que se foram, sorri tristemente e acrescenta que, de fato, está muito feliz de me ver e de poder voltar a falar comigo ainda que só por algumas horas. Pergunta se eu me importaria que se recostasse na cama e, quando digo que não, se joga pesadamente sobre ela, coloca as mãos cruzadas debaixo da nuca e começa a me contar histórias da vida real e de tempos tão recentes como a de 6 de novembro do ano anterior:

— A secretária do magistrado Carlos Medellín foi levada ao hospital Simón Bolívar com queimaduras de terceiro grau. Quando os uniformizados chegaram para vê-la, o diretor da ala dos Queimados tentou se opor, eles ameaçaram acusá-lo de colaborar com “essa guerrilheira” e levá-lo detido para um quartel para interrogá-lo. A inocente senhora foi descarnada por horas na Escola de Cavalaria do Exército e morreu enquanto aqueles animais literalmente arrancavam sua pele aos pedaços. Roubaram o bebê de uma mulher que deu à luz no caminhão do Exército e, depois do parto, torturaram a moça ali mesmo até matá-la. O cadáver despedaçado de outra grávida foi jogado no lixão de Mondoñedo. Pilar Guarín, uma jovem que nesse dia estava fazendo uma substituição na cafeteria, foi estuprada durante quatro dias em guarnições militares. Colocaram Pilar e vários homens em recipientes com ácido sulfúrico, e outros foram enterrados no cemitério da Escola de Cavalaria, onde estão centenas de milhares de desaparecidos do governo Turbay. E sabe por que

fizeram tudo isso? Para tentar obter informação sobre 7 milhões de dólares que eu supostamente teria dado ao M-19 com a finalidade de dividir entre os militares e os órgãos de segurança. As torturas não eram para averiguar quem tinha financiado a invasão — eles já sabiam —, mas para saber o paradeiro de Álvaro Fayad e de todo esse dinheiro, incluindo o que já tinha sido entregue a Iván Marino Ospina.

— Quanto você realmente deu ao M-19, Pablo?

— Dei 1 milhão em dinheiro vivo para Iván Marino e prometi a eles outro milhão em armas e apoio econômico mais à frente. Graças à pista de aterrissagem da fazenda Nápoles pudemos trazer alguns explosivos, mas as armas e munições não chegaram a tempo, e essa foi a tragédia: a invasão teve que ser adiantada porque naquele dia a Corte ia começar a avaliar nossas extradições e as evidências contra nós eram esmagadoras. O M-19 só queria lançar um protesto e exigir explicações do presidente, mas deu tudo errado. Os militares atearam fogo no palácio e assassinaram todos os magistrados para que não sobrassem testemunhos de nada do que aconteceu ali dentro. Contaram tudo para Gonzalo, que me contou. Diante de você, posso reconhecer que com esse milhão e cacetada de dólares fiz o melhor negócio da minha vida; mas por mais próximo que eu seja do B-2, por mais que odeie a esquerda, nem o Mexicano nem eu pagamos o Exército para que assassinasse seis comandantes do M-19! Essa é a pior canalhice que já escutei em toda a minha vida, porque Fayad e Ospina eram não apenas meus amigos, como a única conexão de todos nós com Noriega, os sandinistas e Cuba. Não tenho motivo para mentir para você, Virginia, porque me conhece muito bem e quero que você saiba que foi assim que aconteceu. E agora posso te confessar que naquela noite eu queria que os comandantes máximos do M-19 te conhecessem porque sabia que iam exigir espaços nas redes de rádio do governo e pensava que você poderia trabalhar nesses espaços.

Pergunto quem mais estava sabendo de suas reuniões com Ospina e Fayad, e ele me responde que só os seus homens de maior confiança. Pergunto quantos deles sabiam da minha presença em meados de agosto de 1985; ele parece se surpreender e responde que, como sempre, só os dois que tinham me levado e trazido ao hotel. Digo que há um traidor entre seus homens: é quase certo que contou para alguma das suas namoradas *en passant* de nossa reunião e ela ligou para os órgãos de segurança para me

acusar e, assim, me fazer desaparecer do mapa ou me obrigar a sair do país. Agora, alguém com a mentalidade mais distorcida da Terra quer me vender a ideia de que ele e o Mexicano pagaram o Exército para que assassinasse tanto os magistrados como os guerrilheiros, com a finalidade de não ter que pagar o dinheiro prometido ao M-19 se a invasão fosse bem-sucedida. Ele comenta que, se fosse assim, o Exército e os órgãos de inteligência mandariam nele pelo resto de seus dias e seriam muito mais caros do que o M-19.

— Pablo, não me interessa saber quem falou de nosso encontro com Ospina, mas você deve começar a cuidar de seus próprios homens e dessas prostitutas caras que você compra o tempo todo; você tem um exército que te protege, enquanto eu estou à mercê dos seus inimigos. Sou uma das mulheres mais famosas deste país, e, quando me despedaçarem ou desaparecerem comigo, os detalhes da nossa relação vão se tornar públicos, vão te acusar da minha morte e todas as suas vagabundinhas, modelos e prostitutas vão cair fora.

Jogo a pulseirinha de ouro e lhe digo que é muito grande para ser de sua filha Manuela.

— Isso é de uma menina! Você está virando um viciado em maconha e não apenas está se transformando em vítima da sua própria invenção, como está a caminho de virar um depravado! O que você pretende encontrar em todas essas virgens? Seu único ideal feminino, a repetição e a insistência daquela que algum dia foi a mulher dos seus sonhos, a menina de treze anos por quem você se apaixonou?

— Eu não permito que ninguém fale assim comigo! Mas quem você pensa que é? — esbraveja, se levantando e saltando em cima de mim como uma fera. E enquanto me sacode como uma boneca de pano, eu, sem conseguir me controlar, grito:

— Estou achando que sou sua única amiga de verdade, Pablo! A única mulher que nunca exigiu nada de você, nem te pediu que a mantivesse, que não teve a mínima intenção de pedir que você deixasse a sua mulher, nem quis ter filhos contigo! A única mulher importante que te amou e te amará enquanto você viver! A única que perdeu tudo pelo que trabalhou toda a vida por te amar, a única que o sétimo homem mais rico do mundo deixou com as mãos vazias e sem nenhuma forma de conseguir se sustentar. Você não tem vergonha? E, quando eu acreditava que o que

tivemos ficou no passado e que podia ser feliz com um homem bom, ganho um presente desses de um torturador profissional! Eu te trouxe as fotos para que você veja o que fizeram com todas essas mulheres inocentes por culpa da sua tal causa, para te falar de coisas que ninguém se atreve a dizer, porque sou a única pessoa que não tem medo de você e a única na sua vida que tem consciência! Você sabe que a tortura me apavora, Pablo. Então me mate de uma vez por todas, antes que eu caia nas mãos desses depravados! Faça você mesmo, que já “apertou” duzentas pessoas e é um expert de nível mundial em técnicas de asfixia! Mas desta vez faça rápido, eu te imploro!

— Não, não, não! Não me peça uma coisa tão horrível, porque você é um anjo e eu só mato bandidos, e essa é a última coisa que me faltava escutar nesses meses! — diz, tratando agora de me acalmar, de me calar, de me tomar em seus braços enquanto eu não paro de dar socos nele. Quando me canso e, derrotada, soluço com a cabeça em seu ombro, ele beija meu cabelo e pergunta se ainda gosto dele um pouco. Digo que faz um tempo que eu deixei de amá-lo, mas vou gostar dele até o dia em que morrer porque é o único homem que foi bom comigo... e com os pobres mais miseráveis. No longo silêncio que se segue, só se escuta o meu choro; em seguida, como se falasse para si mesmo enquanto vou recuperando a calma em seus braços, começa a dizer com uma enorme ternura:

— Talvez seja melhor mesmo que você viva um tempo nas ilhas, meu amor... Me sinto mais tranquilo do que se você estivesse em Bogotá... Deus sabe como conduz as coisas... mas você vai se cansar rápido, porque precisa de asas... e de um homem de verdade... Você é muita mulher para um menino como esse... Você... de Jane com o Tarzan do aquário! Quem diria!

Comento que, depois do Tarzan do zoológico, qualquer coisa é possível na minha vida. Rimos com uma certa resignação, e ele se senta ao meu lado e seca minhas lágrimas. Depois de pensar por um tempo, me diz:

— Vou te propor um trato: como agora você tem tanto tempo livre, por que não inclui no roteiro do filme toda a verdade do que aconteceu no Palácio de Justiça? Se os italianos não te derem os 100 mil dólares, eu dou. E como adiantamento.

Conto que o jornalista italiano já disse que os produtores não pagariam esse valor, e acrescento:

— Além disso, eu teria que ir embora do país e me despedir da minha vida com Rafael. Em todo caso, você deve entender que a essa altura eu não poderia escrever uma versão apologética do que aconteceu... nem das suas motivações existenciais, Pablo.

Ele olha para mim ofendido e, com uma profunda tristeza na voz, me pergunta se agora eu também o vejo só como um delinquente, um bandido cheio de dinheiro.

— Se a pessoa que eu mais amei na vida foi apenas um criminoso de sucesso, então que mulher eu seria? Sei que o que aconteceu no palácio saiu do controle de vocês, do M-19 e de Belisario, mas sei também que com esse massacre você vai derrubar a extradição. Não espere que eu te parabeneze, Pablo, porque tudo o que está acontecendo como consequência do seu negócio e dos seus atos me assusta. Eu só posso te dizer que, agora que colocou o país de joelhos, não tem sentido continuar assassinando as pessoas. Não se orgulhe dessa vitória diante de ninguém e, para o resto dos seus dias, negue qualquer participação nessa invasão, para ver se finalmente você descansa desse inferno em que vive e deixa o resto das pessoas viver em paz. Eu guardarei o segredo, se é que pode ser chamado assim, mas você terá que carregar na sua consciência tudo isso que me contou. Por sua vez, cada um desses carniceiros terá que prestar contas a Deus mais cedo ou mais tarde. E, segundo os irlandeses, está historicamente provado que a maldição “*The crimes of the father...*” não falha: a dívida pelos crimes que o pai não pagou em vida passa à sua prole.

Talvez para não pensar nos seus filhos, Pablo muda de assunto e decide falar comigo da dor que sentiu depois da perda de Iván Marino Ospina. Ele me conta que o Exército o matou em Cali, numa propriedade de Gilberto Rodríguez, e que o encarcerado chefe do cartel de Cali chorou a sua morte.

— Seu amigo e sócio na invasão morreu numa casa de Gilberto? Depois do luto do fundador do MAS e dos chefes máximos de ambos os cartéis pelo comandante de um grupo guerrilheiro, a única coisa que está me faltando ver neste país é Julio Santo Domingo e Carlos Ardila Lülle abraçados e chorando por Tirocerto, que morreu depois de ingerir uma garrafa de *refajo*! (Bebida que mistura cerveja Bavaria e refrigerante Postobón.)

Ele me pergunta por que cancelaram também meus contratos publicitários, e eu explico que, segundo o jornalista Fabio Castillo do *El*

Espectador, “Pablo Escobar me deu a fábrica de Meias Di Lido e um estúdio de televisão para que eu não tivesse que sair de casa para gravar os meus programas”. A família Kaplan se sentiu insultada e deu meus contratos por terminados. Com o argumento de que uma celebridade dos meios de comunicação seria muito cara, me substituíram por uma modelo; ninguém voltou a comprar os produtos, e a marca faliu. Acrescento que quase todos os jornalistas do país sabem que no meu apartamento não poderia caber um estúdio de televisão, mas nem um único deles saiu em defesa da verdade, e, ainda que todas as minhas colegas saibam que eu nunca apanhei e que tenho uma pele perfeita, as mulheres que levaram anos fazendo intrigas para me tirar da televisão, inclusive a prima de Santofimio e sua filha, nora do ex-presidente Alfonso López, repetem diante de todo mundo que quiser ouvir que, depois de sofrer uma série de terríveis desfigurações no rosto e o mesmo número de cirurgias plásticas, me aposentei dos meios de comunicação para me transformar apenas numa mulher sustentada por Pablo Escobar.

— Essas mulheres parecem as irmãs da Cinderela... e o *El Espectador* e Fabio Castillo orquestraram todas essas canalhices para te deixar sem trabalho. Já me contaram que há um consenso entre os diretores dos meios de comunicação para fazer agora o que não tiveram coragem de fazer quando você estava comigo. E o coronel da polícia que levou a DEA até os laboratórios de Yarí foi o mesmo que entregou a esse jornalista miserável um monte de informações para um livro cheio de mentiras. Mas eu vou me encarregar de todos eles, meu amor: “Sente-se na porta da sua casa para ver desfilar o cadáver do seu inimigo”, porque os seus são, antes de mais nada, os meus.

Eu me levanto da cadeira e me sento na cama, perto dos seus pés. Digo a ele que os meus provérbios chineses são “Golpe que não quebra as tuas costas te endireita” e “O que acontece é sempre o melhor”. E digo que, se ele derrubar a extradição, deve me prometer que só vai pensar em construir no meio século de vida que ainda tem pela frente e deixar de lado essa “bendita obsessão” pelo que dizem os meios de comunicação. Insisto que nem ele e nem eu somos juízes, nem verdugos, nem deuses e dou a ele cem argumentos para provar que, longe de todas essas pessoas perversas, agora sou quase tão perfeitamente feliz que não sinto falta da fama, nem da minha vida social, nem da minha carreira diante das câmeras.

Ele me escuta em silêncio, perscrutando meus olhos, meus lábios, cada milímetro da minha expressão com o olhar de *connoisseur* que reserva para os outros e, raras vezes, usa comigo. Em seguida, com essa autoridade que lhe dá a certeza de me conhecer como ninguém, responde que estou me enganando, que fugi para essa ilha para não pensar em todo o mal que me fizeram e que me refugiei nos braços de Rafael para tentar esquecê-lo. Acaricia a minha bochecha pensativo e observa que acha estranho que eu tenha a alma tão limpa e que nesses anos ao seu lado não tenha me sujado com a dele, que está mais negra que um carvão. Subitamente se levanta como uma mola, me beija na testa, agradece minha ida até Medellín para levar provas de algo tão grave e, antes de se despedir, me obriga a prometer que lhe darei meu número de telefone cada vez que mudar, que estarei por perto sempre que ele precisar, como ele estará para mim, num número particular e muito seguro, e que não sairei da sua vida completamente.

— Prometo, mas só até o dia em que eu voltar a me casar. Você tem que entender que, a partir desse dia, eu e você não poderemos voltar a nos falar.

Vou embora de Medellín um pouco mais tranquila do que cheguei e convencida de que, se a extradição cair, Pablo poderá começar a reconstruir sua vida sobre o legado do espírito generoso e da visão privilegiada pelos quais eu tinha me apaixonado havia quase quatro anos. Durante o voo para Cartagena, rezo pela alma das mulheres torturadas para que compreendam o meu silêncio, porque não sei para quem eu poderia denunciar todos esses crimes contra a humanidade cometidos por assassinos e ladrões de aluguel do Estado. Sei que, só de falar sobre os horrores confirmados por Pablo, os meios de comunicação cúmplices dos poderosos exigiriam que me jogassem numa prisão por participação em sabe-se lá Deus o quê, para a alegria de um país onde os covardes costumam atacar as mulheres porque não têm força para enfrentar homens como Escobar.

Para tentar lavar minha memória das imagens de suplícios arrepiantes e agonias aterradoras, que nem sequer Pablo naquele dia com a Beretta foi capaz de me preparar, submerjo nas águas do mar e tento nadar até a ilha grande que temos em frente, essa sim virgem graças à fundação da família Echavarría que a comprou para evitar sua colonização. São seis milhas náuticas de ida e seis de volta para San Martín de Pajarales, um trajeto que

implica seis horas de nado se o mar estiver tranquilo. Não comento com Rafa sobre meus planos, porque não sou uma boa nadadora de *crawl* e decido que, para me transformar em uma, na minha próxima viagem a Bogotá vou operar os olhos e poderei deixar de lado as lentes de contato.

Na primeira vez que chego à minha meta, graças ao pé de pato, à máscara e ao *snorkel* — que me permitem dar impulso sem maior esforço e nadar sem ter que tirar o rosto da água para respirar —, me parabenizo, cheia de orgulho, agitando os braços para o alto. Saí de casa às sete horas da manhã, porque nas ilhas a atividade começa um pouco depois do nascer do sol, e cheguei às dez horas. No meu trajeto solitário não vi tubarões nem animais grandes, e concluo que é por causa da pesca com dinamite e dos motores das embarcações turísticas, que destroem os arrecifes de corais e são o único perigo real nesse pequeno arquipélago. Depois de descansar uns minutos naquela praia deserta que só fica cheia de turistas aos domingos, começo a voltar, já com muito mais confiança, e chego a San Martín à uma da tarde, a tempo de almoçar. Quando Rafa me pergunta por que estou tão contente, não conto a verdade porque sei que ele teria um ataque. Prefiro dizer que vou deixar de nadar tanto para começar a escrever num alpendre abandonado de uma ilhota que fica a poucos metros de nós. Explico que, na minha dupla condição de pessoa vetada aos meios de comunicação e futura cega, sempre sonhei que meus colegas da associação pudessem gravar livros quando estiverem sem trabalho, para que os que não enxergam possam escutá-los em suas vozes maravilhosas. Comenta que as pessoas que têm preguiça de ler também adorariam, mas que ele queria escutar as minhas histórias narradas por mim.

— E sobre o que você vai escrever, Pussycat?

Digo que histórias de mafiosos, como *O poderoso chefão*, e de caçadores e pescadores, como as de Hemingway.

— Uau! As de tubarões e de animais são fantásticas! Mas que não passe pela sua cabeça escrever sobre esses mafiosos degenerados que estão acabando com este país! Reconhecemos um narcotraficante desses no momento em que ele chega, mesmo que só esteja de sunga: a atitude de metidinho... a forma de caminhar... de olhar as mulheres... de comer... de falar... tudo! São asquerosos e imundos! Seriam capazes de mandar te matar, e eu ficaria sem a minha gatinha linda!

No domingo seguinte, quando estou descendo a escada de corda do segundo andar, onde ficam o nosso quarto e o terraço, para verificar de quem é o enorme iate que está estacionado em frente à casa, me encontro de repente com Fabito Ochoa — o irmão de Jorge, sócio de Pablo — e sua mulher, que observam encantados o aquário do restaurante enquanto Rafa fala com seus filhos sobre os cavaleiros-marinhos pretos, que são os machos, e do “Monstrinho”, meu bichinho de estimação de uma espécie não identificada. Presumo que com a família real do narcotráfico da Antioquia, Rafa fez uma exceção, porque a verdadeira profissão dos Ochoa é o amor pelos animais e a criação dos mais belos exemplares equinos e taurinos, e sua outra atividade é só... um hobby muito rentável.

Quase todo mundo que passa pelas ilhas visita o aquário. Os poucos que não conhecem Rafa Vieira me conhecem, o que quer dizer que nossa vida social é muito mais ativa do que se poderia pensar. Certo domingo, enquanto almoçamos com Ornella Muti e Pasqualino De Santis, que estão filmando em Cartagena *Crônica de uma morte anunciada*, de García Márquez, o diretor de arte fica me olhando. Comenta que sou, “*veramente, una donna cinematografica*” e que não pode acreditar que eu tenha me aposentado das câmeras. Sei que muitos outros se perguntam sobre a minha ausência nas telas e nos microfones, e sei também que só Pablo e eu conhecemos as verdadeiras razões. Em todo caso, as palavras daquela lenda do cinema italiano me deixam feliz por vários dias, e mais ainda quando consigo repetir a façanha das doze milhas náuticas na semana seguinte.

Rafa e eu vamos frequentemente às festas das ilhas vizinhas, sobretudo as de Germán Leongómez, cuja irmã é casada com o almirante Pizarro. O filho deles, Carlos Pizarro Leongómez, se transformou no novo chefe do M-19 depois das mortes de Iván Marino Ospina e Álvaro Fayad. Pizarro é popularmente conhecido como “o comandante Papito”, por ser o único chefe guerrilheiro da história que nas fotos se parece com Che Guevara e não com um fugitivo da Prisão Modelo de Bogotá. E, por essas coincidências da vida, seu tio Germán, que eu tinha conhecido como aspirante à mão da muitíssimo mais rica viúva de Rasmussen, viria a ser pouco depois namorado da única congressista colombiana que poderia aspirar a uma carreira política na França: Ingrid Betancur.

Alguns meses depois volto para Bogotá porque, para saber se posso operar os olhos, devo tirar as lentes de contato por duas semanas. Decido passar esses dias no meu apartamento da capital e não na ilha, onde poderia sofrer acidentes como um escorregão ou acabar entre as barbatanas de Pancho Villa Terceiro. Apesar de apenas vinte pessoas conhecerem agora meu telefone e todos saberem que moro em Cartagena, encontro centenas de ligações na minha secretária eletrônica, desde as cotidianas de David Metcalfe e Armando de Armas, até dezenas daquelas de pessoas que desligam sem se identificar ou que desligam depois de me ameaçar de estupro e tortura. Poucos dias depois da minha chegada, Pablo me liga.

— Finalmente você voltou! Já se cansou de viver com o Tarzan?

— Não, não me cansei de morar com Rafael. Eu vim para ver se posso operar os olhos antes de ficar cega. E você, já se cansou do que sempre tem feito?

— Não, não, meu amorzinho: cada dia fico mais feliz fazendo maldades! Mas o que você faz todo dia nessa ilha, além de nadar e se bronzear? Você tem trabalhado no meu roteiro ou no romance?

— O romance, eu não consigo terminar... cada vez que encerro um capítulo, me horrorizo pensando que alguém possa ler aquilo e rasgo. Acho que você é a única pessoa do mundo para quem eu não teria vergonha de mostrar o que estava escrevendo...

— Fico muito feliz em ouvir isso! Isso sim é uma honra, meu amor! Vou falar com você de um telefone diferente a cada três minutos, o.k.? Câmbio.

Em meia dúzia de ligações sucessivas, Pablo me diz que quer me oferecer o melhor negócio do mundo: uma oportunidade única que só podemos discutir juntos e no mais absoluto sigilo e sobre a qual não pode me adiantar nada. Afirma que, para ficar tranquilo, quer assegurar o meu futuro de uma vez por todas, porque ficou muito triste ao me ouvir dizer que a minha carreira tinha ido para o espaço por culpa dele. Eu agradeço a oferta e respondo que realmente não tenho interesse em ser rica. No dia seguinte volta a me telefonar para insistir que quer me ressarcir das perdas, e de uma vez por todas. Ele me pede que imagine o que vai ser de mim se, por algum motivo, me separar amanhã de Rafael e ninguém voltar a me dar trabalho e, Deus não queira, se os médicos não puderem salvar a minha vista.

— Você percebe que se tivesse aceitado essa oferta do canal de Miami não teria toda essa felicidade que tem agora? Imagina somar isso tudo ao que vou te oferecer, para dar a volta por cima do que fizeram contigo e assegurar o seu futuro! É agora ou nunca, meu amor, porque na próxima semana... eu posso estar morto! Promete para mim que antes de voltar para Cartagena você vai passar aqui. Não me faça sofrer, porque é para o seu bem... e dos teus filhos... porque você me disse que queria ter filhos, ou não?

— Não sei... Você vai montar um canal de televisão e quer que eu trabalhe lá! É isso, não é?

— Não, não, não! É algo muitíssimo melhor! Mas eu não posso te adiantar nada.

— Está bem. Vou aparecer, mas, se não for algo que valha a pena, eu não volto a dirigir a minha palavra a você enquanto eu viver e desisto de ser sua biógrafa. Que esses jornalistas idiotas escrevam a sua história e digam que você não é mais do que um psicopata dono de girafas.

— É assim que se fala, meu amor! Escreva porque você, melhor do que ninguém, sabe que sou um psicopata desalmado. É bom para me respeitarem e terem mais medo ainda de mim!

Os médicos me avisam que não podem me operar, mas que a minha condição não é grave. Penso que é uma droga continuar usando lentes de contato e não vejo a hora de abraçar Rafa, que me liga diariamente para dizer que está com saudades. No caminho para Cartagena, paro umas horas em Medellín para cumprir o prometido a Pablo, que enviou uma pessoa de sua total confiança para coordenar os detalhes de nossa reunião. Já no apartamento, ele liga para dizer que está superatrasado e me implora para que o espere algumas horas; quando duas horas se transformam em quatro, sei que ele está me obrigando a passar a noite em Medellín. Ao chegar, pede desculpas argumentando que, cada vez que precisa me ver, deve esperar até estar completamente seguro de que não há “mouros na encosta”. Ele me explica que, por conta do material que me enviaram anonimamente, teve que voltar a interceptar meu outro telefone, o que todo mundo conhece, mas não podia me dizer até que nos víssemos pessoalmente; se justifica argumentando que, no caso de um sequestro, a

identificação de todas essas vozes que me ameaçam poderia levar à minha localização e a meu resgate, mas eu me pergunto até quando Pablo Escobar vai continuar exercendo tantas formas sutis de controle sobre mim. Decido que, a menos que o negócio que quer me propor seja algo que realmente valha a pena e eu possa conciliá-lo com minha nova vida, quando chegar o momento direi a ele que estou comprometida com Rafa e que não poderemos mais nos ver.

Ele pergunta se eu quero “erva”, porque vai dar vários “tapas”. Fico surpresa, porque ele nunca tinha fumado na minha frente, e respondo que aceitaria feliz se a maconha me produzisse algum efeito interessante, mas me dá sono e durmo profundamente até o dia seguinte. Pergunta como é que sei disso e explico que meu marido argentino fumava com frequência e eu já tinha provado algumas vezes, sem muito sucesso.

— Esse cara tão velho? Que surpresa!

Conto a ele que “o Clã Stivel”, talvez o grupo de atores mais importantes e brilhantes da Argentina, fazia psicanálise coletiva nos anos 1970 com LSD sob supervisão de um psiquiatra mais louco que todos eles juntos, e que essa era a única droga que eu gostaria de experimentar para abrir as portas da percepção, como descreve Aldous Huxley em sua obra do mesmo nome. E falo da minha admiração pelo filósofo britânico, discípulo de Krishnamurti, dos seus estudos sobre o peiote e a mescalina, e comento que, em seu leito de morte, Huxley pediu para sua mulher injetar LSD para cruzar o umbral do outro mundo com total ausência de dor e com a clareza absoluta que ele tinha conseguido vislumbrar em outras vezes, durante a qual o tempo, o espaço e a matéria desapareciam. Pergunto se ele poderia conseguir ácido lisérgico para mim, para experimentar uma vez e guardar um pouquinho para o dia da minha morte.

— Você por acaso está sugerindo que eu me transforme num importador de drogas alucinógenas? Mas que proposta mais escandalosa, Almalimpa! Estou chocado!

A partir daquele dia, Pablo me chamaria assim sempre que quisesse ironizar ou debochar daquela que ele batizou como “o meu quádruplo moral em matéria de drogas”: um ódio visceral pela cocaína, o crack e a heroína, um profundo desdém pela sua adorada maconha, meu interesse pelos rituais com peiote e *yajé* das tribos mesoamericanas e amazônicas e minha secreta fascinação pela ideia de algo que, no momento de atravessar

o mitológico rio Estige a caminho do Hades, pudesse me ajudar a substituir a dor e o pavor por essa absoluta compreensão que transcende todas as experiências da razão, descrita por Huxley, junto com a sensação de flutuar num éter leve e diáfano, além de todos os prazeres e os deleites mais sublimes.

Pablo me pergunta se consumi muita droga nas ilhas, e conto que todo mundo, menos Rafa, fuma e cheira toneladas. Insiste em saber se agora amo Vieira como antes o amei, e, para não responder o que ele quer ouvir, explico que existem tantas formas de amor quanto de inteligência: e que a prova disso é que animais tão deliciosos como os caracóis foram projetados e construídos por criaturas elementares com base no Número de Ouro, 1:618033, o mesmo utilizado nas grandes obras do Renascimento e padrão recorrente tanto nos exemplos de mais sucesso da arquitetura como nas mais impressionantes visões da natureza, incluindo alguns rostos humanos. Complemento que sempre tive fascinação pela ideia de que mentes tão diferentes como as de Deus, dos gênios e dos moluscos possam, racional ou instintivamente, aplicar a mesma proporção em composições retangulares para obter formas geométricas admiráveis.

Recostado na cama, Pablo me escuta em silêncio, mergulhado no que parece ser uma idílica sensação de paz. Naquele mesmo lugar onde uma vez ele me vendou para me acariciar com um revólver, observo friamente o rei das drogas sob o efeito do alucinógeno produzido por outros. De repente ele se levanta e vem na minha direção em câmera lenta e, pegando o meu rosto entre suas mãos, suavemente como se fosse beijá-lo e não quisesse me assustar, o estuda cuidadosamente e comenta que talvez sejam as proporções do Número Divino as que inspiram a fascinação que sempre sentiu por ele. Incomodada, respondo que nunca pensei nisso e, tratando de me soltar, pergunto sobre o que ele queria falar comigo. Ele acaricia as minhas bochechas e diz que gostaria de saber se para outros homens riquíssimos eu falava também das maldições irlandesas e de geometria. Surpresa, respondo que não, porque com eles apenas aprendia. Olhando para mim fixamente, e sem me soltar, pergunta se sinto algum afeto por aqueles magnatas. Como falamos dos grandes grupos econômicos, mas não de outros homens, respondo que nenhum, e insisto para que me diga de uma vez por todas para que me fez vir a Medellín. Pergunta se eu gostaria de tirar muito dinheiro desses velhos pães-duros e,

quando rio e comento que só a ideia de uma coisa dessas já produz orgasmos mentais em qualquer pessoa, ele exclama em tom triunfal que era sobre isso, justamente, que ele queria falar:

— Vou sequestrar os homens mais ricos do país e vou precisar da sua ajuda. Te ofereço 20%... 20% de centenas de milhões de dólares, meu amor...

Então, Armando de Armas não estava mentindo!

Pablo chegou aos meus braços sendo ainda um menino, e, como em sua idade eu já era uma mulher, me acostumei a cuidar dele. Ele ainda não conhece aqueles homens como eu conheço, e, incrédula, eu digo:

— E para que você precisa sequestrar esses carinhas que têm 200 milhões, 300 milhões, 500 milhões de dólares, se você tem 3 bilhões ou mais? Você é mais rico que todos eles juntos, e se você se transformar em sequestrador, os seus inimigos vão dizer que não apenas ficou louco, mas também pobre, e vão te comer vivo! Isso que você fumou não é *Samaritan Gold*, mas *Hawaiian Platinum*, Pablo. Meu Santo Deus: quão mais rico você ainda quer ser?

— Eu só dei três “tapas”, e se você continuar falando assim comigo, não volto a te propor bons negócios. Veja só: eu preciso de liquidez, porque as leis contra a lavagem de dinheiro transformaram a nossa vida num inferno e quase todo o dinheiro do negócio tem ficado fora do país. Não podemos trazê-lo em eletrodomésticos como antes, e Botero não pode pintar um quadro por dia nem De Beers extrair mais diamantes por semana, e as Ferraris não cabem mais nas garagens. A extradição vai cair, é verdade, mas, no momento em que os gringos abrirem processos nos Estados Unidos, vão botar preço nas nossas cabeças, sobretudo na minha. Isso quer dizer que, para a guerra que está chegando, preciso de milhões de dólares aqui na Colômbia, e não bilhões fora do país. E não existe nada mais caro do que uma guerra. Meus amigos do M-19 me ensinaram tudo o que eu precisava saber sobre sequestros, e contigo eu tenho uma expert nos grandes magnatas e uma das poucas pessoas da minha total confiança. Sempre pensei que você é um prodígio e que teria um sucesso fenomenal no meu mundo se você não tivesse tantos escrúpulos. Quer escutar o plano, ou vai fazer o tipinho Almalimpa?

Pablo não parece ter se dado conta de que agora ele também é um desses magnatas. Com o melhor sorriso, pergunto que tipo de sociedade

propõe que façamos, e ele, entusiasmado, cai na armadilha.

— O meu primeiro objetivo são os engarrafadores: Santo Domingo é bem mais rico que Ardila, e eu o sequestraria em Nova York, onde anda sem guarda-costas, ou numa de suas viagens. Viram você saindo de um avião com ele e o seu amigo inglês... há um ano, lembra? Carlos Ardila tem a vantagem de que não pode escapar de mim, porque está limitado a uma cadeira de rodas. Luis Carlos Sarmiento te liga com frequência e se encontra contigo... Desculpa por escutar suas conversas, meu amor... E quanto a esse judeu dos óleos e sabonetes que é íntimo de Belisario, seu vizinho Carlos Haime, eu preciso que você me deixe usar seu apartamento enquanto estiver em Cartagena para observá-lo.

À medida que vai dando detalhes de como pretende sequestrar os quatro homens mais ricos da Colômbia, começo a ver que Pablo tem um plano perfeitamente orquestrado para mim. Explico que os Santo Domingo, Sarmiento Angulo, Ardila e Gutt têm exércitos de cem a 150 pessoas, tão fortes quanto os seus homens, treinados nos Estados Unidos e em Israel para uma única finalidade: evitar a todo custo que a guerrilha sequestre e tire um único centavo de qualquer um dos membros de suas famílias.

— Esse terror é um dos seus assuntos preferidos, principalmente depois do sequestro de Juan e Jorge Born na Argentina, e os de Camila Sarmiento, Gloria Lara e Adriana Sarmiento aqui na Colômbia. Até agora os super-ricos ainda não decidiram te odiar porque, mesmo que nunca reconheçam em público, em segredo aplaudem a fundação do MAS. Se sequestrar apenas um deles, todos esquecerão as diferenças e se unirão contra você. E você não faz ideia do que é a guarda pretoriana de Carlos Ardila, nem do que é Julio Mario Santo Domingo na qualidade de inimigo vitalício! Ele matou uma cobra enjaulada com apenas três cuspidas diante de um monte de gente. Para acabar com você ele só precisaria de quatro ou cinco, Pablo!

— Uau... pobre animalzinho!... Mas você, por acaso, não os odeia? Nunca te deram nada, e agora mandaram te vetar para que você morra de fome!

— Sim, mas uma coisa é detestar todos por uma ou outra razão, e outra é fazer mal a eles. E quanto a Luis Carlos Sarmiento, você deveria pensar melhor em se unir a ele: é o homem que mais entende de bancos na

América Latina e poderia desenhar alguma fórmula para o probleminha dos seus “milhões excedentes”. Você colocou o seu exército à disposição quando sequestraram a filha dele, e para você é melhor negociar e tê-lo ao seu lado do que como inimigo: Por acaso você não percebe que é mais negócio legalizar 1 bilhão de dólares do que tirar 50 milhões dele? E, como você escuta as minhas conversas, já sabe que eu não tive nenhum problema em atender Gilberto Rodríguez.

Um relâmpago atravessa seus olhos.

— Mas, ao contrário desse presidiário, eu não gosto de bancos e cartões de crédito, mas do cheiro dos maços de notas! E odeio impostos quase tanto quanto Santo Domingo. Por isso é que ele, as Farc e eu somos os mais ricos do país! Vamos esquecer seus ex-namorados, porque está me parecendo que você quer proteger todos eles... Vamos baixar ao nível seguinte: você conhece os Echavarría, os donos de engenho de açúcar do Vale do Cauca, os floricultores da Sabana de Bogotá e todas essas pessoas riquíssimas que antes eram seus amigos. Todas as mulheres deles te deram as costas quando começamos a nos ver... e eu só quero te dar de bandeja a oportunidade de se vingar, meu amor: um por um, de todos eles!... E tem ainda essa outra mina de ouro: a comunidade judaica...

Faço com que ele entenda que, no momento em que tem em cima dele o governo dos Estados Unidos, o Estado colombiano e a imprensa, não pode atacar os ricos de nenhum nível, menos ainda a todos esses grupos guerrilheiros que, bem ou mal, não se metem com ele desde o sequestro de Martha Nieves Ochoa:

— Você é Pablo Escobar, o magnata mais rico da América Latina, o fundador de Morte aos Sequestradores, não Tirocerto! E sequestro é o negócio das Farc! Como você se sentiria se Tirocerto começasse a se transformar no novo Czar da Coca?

— Acabaria com ele no dia seguinte! Não duvide nem por um instante, meu amorzinho! Mas você tem que aceitar que o sequestro é tão rentável que as Farc estão mais ricas do que eu. E não sou um magnata, entende? Sou o maior criminoso da América Latina, e penso, falo e ajo como tal. Não me confunda com esses exploradores miseráveis, porque eu nasci com outros valores!

Tento fazê-lo enxergar que ninguém, por mais corajoso e terrível e rico que seja, pode enfrentar simultaneamente os gringos fora do país e todo

mundo dentro dele, porque seria um suicídio. E, quando esgoto todas as razões lógicas, digo a ele, simplesmente, que sua morte me partiria o coração, que o amei mais do que a todos os meus ex-namorados juntos e que me daria um tiro no dia em que acabassem com ele.

Ele me contempla em silêncio e acaricia meu rosto com a mesma ternura de outros tempos. De repente, me abraça e exclama, feliz:

— Eu estava te testando, Almalimpa! Agora sei que, mesmo que tenha deixado de gostar completamente de mim e, inclusive, me deteste, no dia em que colocarem minha cabeça a prêmio você não conspiraria com ninguém para me entregar aos gringos por nenhum dinheiro do mundo!

Depois me afasta com os braços e, com as mãos fixas nos meus ombros, diz:

— Em todo caso, quero te lembrar que... há apenas uma forma de provar a lealdade de uma pessoa: contando a ela algo que ninguém, ninguém mais no mundo saiba, sem importar que seja verdade ou mentira. Se o segredo volta aos ouvidos, um mês depois, um ano depois, vinte anos depois, foi porque essa pessoa nos traiu. Não esqueça nunca essa lição, porque eu também te amo muito.

Só consigo responder que, se algum dia eu contasse sobre nossa conversa para uma pessoa que fosse, não apenas me internariam num sanatório, como todas as minhas amigadas, a minha família e até os criados sairiam correndo em debandada e eu teria que viver o resto dos meus dias não na ilha de Rafa, mas numa ilha deserta. Antes de me despedir, digo:

— Você é muito criativo, Pablo, e sei que encontrará uma forma de fazer dinheiro sem atacar os ricos e a guerrilha ao mesmo tempo. Pelo amor de Deus, “Vá em paz e não peques mais”, que com esse monte de incinerados já estamos bem!

— Eu sempre sei o que vai acontecer... e você não vai viver o resto da sua vida com o Tarzan, nem ter filhos com ele. Eu não posso te oferecer nada, Virginia, mas, antes de completar três meses, você estará comigo. E, mesmo que você não queira, vai ter que ver o meu rosto e escutar o meu nome a cada dia da sua vida...

No avião para Cartagena, digo a mim mesma que não era verdade que ele estava me testando: mesmo que pareça ter desistido da ideia de sequestrar os cabeças dos maiores grupos econômicos do país, sei que, mais cedo ou mais tarde, Escobar vai se transformar num sequestrador

inacreditavelmente eficaz. Fui eu que um dia lhe ensinei que “os amados dos deuses morrem jovens” como Alexandre da Macedônia. E, mesmo que não possa jurar, acho que Pablo se propôs a brincar com a vida, ou de roleta-russa ou de maneira cuidadosamente planejada, por algo que vai muito além de sua luta contra a extradição e muitíssimo além do controle de um império. Mas, sobretudo, muito além de seu tempo.

VOCÊ SE ESQUECEU DE PARIS RÁPIDO!

LEVO HORAS PARA ATRAVESSAR um banco de águas-vivas que parece ter centenas de milhares, possivelmente milhões, delas. Se fossem da espécie lua, eu estaria morta, mas graças a Deus são da inofensiva, com as pintinhas marrons. Há uma ou outra medusa-da-lua, mas dá para desviar, e, além do mais, hoje estou estreando a lycra que trouxe de Miami para evitar o problema cotidiano das picadas, e também meu relógio com bússola, indispensável no mar. Saí de casa às nove da manhã e, mesmo sendo meio-dia, ainda não consegui chegar à meta, que em outras oportunidades tinha alcançado num tempo médio de três horas.

— Pode ser que eu não esteja em plena forma porque não pude pregar os olhos a noite toda... Não devia sair de casa tão tarde... Que quantidade enorme de parentes de Rafa chegou para passar o Natal na ilha!... E estou cansada desses turistas que se metem na casa para bisbilhotar... sempre pedem fotos e, quando digo que não, me chamam de presunçosa. Como se eu não soubesse para que todos esses homens querem fotos comigo de biquíni... Nem sequer os meus ex-namorados têm fotos comigo em roupa de banho... Mas quantas águas-vivas existem no mar do Caribe, meu Deus?... Bem, estou quase chegando... e hoje é domingo, e posso pedir a algum barco de turistas que me leve de volta... Mas não estou cansada, e isso seria um deslize... Devo tomar cuidado para que os motores não façam picadinho de mim...

A praia, que geralmente é deserta, hoje está cheia de pessoas, daquelas que chegam às dezenas em lanchas e acabam almoçando no Aquário. Eu me livro da roupa de lycra e tomo sol por um tempinho enquanto decido o que fazer. O capitão de uma das embarcações me reconhece e pergunta se quero que me leve a San Martín; digo que não, porque vou voltar nadando.

Comenta que nunca tinha ouvido falar de alguém que realizasse semelhante proeza e me aconselha que parta o mais rápido possível porque, depois das três da tarde, vai me dar mais trabalho nadar por conta da subida da maré. Depois de uns vinte minutos, me sinto suficientemente descansada para enfrentar o trajeto e decido que, no caso de ficar cansada, já perto de San Martín posso pedir para algum barco me buscar.

— Mas... isso é um milagre... não sobrou nem uma água-viva!... Onde se meteram? Parece que foram varridas por um aspirador. Que sorte a minha! Agora sim não vou ter obstáculos para voltar para casa em menos de três horas...

Pouco depois, tiro a cabeça da água e vejo que San Martín parece estar mais longe que de costume. Viro para olhar para trás e observo que a ilha grande também parece estar a uma distância muitíssimo maior e, em todo caso, não faz sentido voltar, porque as lanchas dos turistas foram embora. Não entendo o que está acontecendo e me pergunto se por culpa da insônia estou vendo miragens. Decido nadar com todas as minhas forças, tirando a cabeça a cada cinco minutos, mas as duas ilhas se distanciam cada vez mais. Subitamente, me dou conta de que não estou em linha reta entre os dois destinos, mas no vértice de um V: uma poderosa corrente, a mesma que levou os milhões de águas-vivas em vinte minutos, está me arrastando para o mar aberto. Não há uma única embarcação à vista porque é a hora do almoço e nem um único bote de pescadores porque é domingo.

Já são três da tarde, há uma brisa e ondas de dois metros, e calculo que agora eu precisaria de umas cinco horas para chegar a San Martín. Como a noite no trópico começa a cair às seis e meia, em cerca de três horas vão acender as primeiras luzes e talvez mais tarde eu possa nadar até elas. Sei que ninguém se afoga com *snorkel* e pés de pato, porque estes últimos permitem flutuar e nadar sem se cansar. Mas em mar aberto sempre existem tubarões, e, a menos que encontre um iate que saiu do percurso normal em alto-mar, possivelmente vão me restar umas 72 horas de vida. Decido me preparar para morrer de sede, mas, estranhamente, não sinto medo. Repito para mim mesma que “os amados dos deuses morrem jovens” e me pergunto por que Pablo salvaria a minha vida.

— Pablo outra vez... Quando vai deixar de matar a todos que o prejudicam? Agora assassinou o coronel que conduziu a DEA até a

Tranquilândia e um diretor do jornal que o persegue há quatro anos! É como uma ferida que não cicatriza: cada vez que abro um jornal, lá está ele outra vez... com aquela cara de mau. Como vão ser as novas ameaças na minha secretária eletrônica?... Talvez Deus deseje que eu morra no mar, e não nas mãos dos carnicheiros... Sim, acabar com tanto sofrimento vai ser um alívio... Gosto muito de Rafa, mas nestes países uma mulher não se casa com um homem, mas com uma família... E as famílias são terríveis... o pai é um velho horrível... Acho que vou descansar, porque é inútil lutar contra essa corrente e vou precisar de todas as minhas forças para nadar atrás de um barco, se é que vai aparecer algum...

Às quatro horas, ambas as ilhas são apenas dois pontinhos distantes. Bem longe avisto, finalmente, um belo iate que desliza muito lentamente sobre o mar. Parece vir em minha direção, e me digo que sou incredivelmente sortuda; mas um bom tempo depois ele passa ao largo, e consigo ver um casal de apaixonados se abraçando e se beijando na proa e um piloto das ilhas assobiando na popa. Começo a nadar rapidamente atrás do barco, mas ninguém me vê, e sei que foi um erro comprar a lycra preta para parecer mais magra, em vez da laranja ou da amarela, como Rafa me aconselhou. Pelas próximas duas horas grito até ficar sem voz, mas por causa do barulho do motor ninguém me escuta. Sei perfeitamente que, se me aproximar mais, a esteira das hélices poderá arrancar minha máscara e, sem o tubo para respirar e sem lentes de contato, estarei ainda mais perdida. Perto das seis da tarde, quando estou a ponto de perder os sentidos pelo esgotamento depois de centenas de saltos entre ondas de dois metros e meio, parece que o piloto faz contato visual comigo. Ele desliga os motores, e eu uso as forças que me sobram para dar um último salto. Grita para o casal que, ao que parece, tem um golfinho seguindo o barco, e eles se aproximam da popa para vê-lo. Quando volto a saltar e peço ajuda com a pouca voz que me resta, não podem acreditar que o que estão vendo no meio do oceano seja uma mulher. Eles me alçam ao iate, e eu explico que moro em San Martín de Pajarales, que não sei nadar *crawl*, mas que estou há nove horas na água e mais de cinco em alto-mar e que uma corrente me arrastou. Eles olham para mim incrédulos, e eu desabo sobre um banquinho forrado de plástico branco, me perguntando por que diabos será que, com essa, Deus já me salvou catorze vezes de morrer no último instante.

Ao chegar a San Martín, Rafa me leva aos empurrões para o chuveiro e bate no meu rosto algumas vezes dizendo que é para me fazer voltar a mim. Em seguida, chama seu pai e o vizinho Germán Leongómez, tio do guerrilheiro Pizarro do M-19. Os três homens me submetem a um conselho de guerra e decidem que devo ir embora no primeiro avião. Mais de uma vez, explico a eles que uma corrente me arrastou e imploro a Rafa que me deixe descansar até o dia seguinte, mas seu pai grita para que ele não acredite em mim e ordena que me expulse da ilha imediatamente — sem nem me deixar fazer as malas com as minhas coisas —, enquanto Leongómez repete que eu estava tentando me suicidar e que sou um risco para seus amigos.

No timão da sua velha lancha e de costas para mim, Rafael navega até Cartagena em completo silêncio. Enquanto observo aquele mar cinza-chumbo, penso que o homem com o qual eu vivi esses dez meses acabou sendo só um “filhinho de papai” que recebe ordens de outros covardes sobre o que deve fazer com sua própria mulher. Penso que Pablo tinha razão: Rafa não é um homem, mas um menino de 35 anos, e que, na sua idade, Escobar já tinha construído um império e doado centenas de casas para milhares de pessoas. Quando Rafa tenta me dar um beijo de despedida, viro o rosto e me afasto rapidamente em direção ao avião. Chego a Bogotá às dez da noite, tiritando de frio num vestido de verão, sem que os Vieira ou o seu vizinho Leongómez tivessem me deixado tomar pelo menos um gole d’água. Durmo dez horas seguidas e, quando subo na balança do banheiro, observo que perdi seis quilos — quase 12% do meu peso corporal — em apenas um dia.

Nunca mais voltarei a ligar para Rafael Vieira. Quando tento verificar os nomes do piloto e do casal que me resgataram em alto-mar para agradecer e convidá-los para jantar, ninguém consegue me dar o paradeiro deles. Alguns meses depois, alguém me dirá que “eram mafiosos e que foram mortos”, e eu responderei que “mafiosos são também aqueles que constroem mansões e negócios sobre as terras que roubaram da nação”.

Uns dias depois de minha volta, fico doente com uma afecção respiratória e visito o famoso otorrino Fernando García Espinosa.

— Mas você caiu em algum esgoto, Virginia? Porque você está com três tipos de estreptococos que só são encontrados em fezes humanas! Tem um

que, com o tempo, poderia afetar gravemente o coração, e vou ter que submetê-la a anos de tratamentos e vacinas.

Todas aquelas “plantas aquáticas” — ilhotas amarelas de oito a doze metros de diâmetro que eu encontrava diariamente flutuando no mar e das quais desviava com nojo por serem feitas de plantas em decomposição e detritos — na verdade liberavam milhões de micróbios ao redor. Mas, em princípios de 1987, a infecção era apenas o começo de toda aquela odisseia seguida de um resgate milagroso em alto-mar. Eu tinha passado a noite anterior chorando porque sabia que, para impedir a todo custo que eu voltasse para a televisão, os meios de comunicação das famílias presidenciais me fariam pagar pela morte do diretor de jornal assassinado, e, já que Pablo não é mais meu amante e, conseqüentemente, também não é meu protetor, existia a possibilidade de que os órgãos de segurança do Estado me fizessem agora o que não tinham se atrevido a fazer enquanto eu estava com ele.

Poucos dias depois de minha volta a Bogotá, Felipe López Caballero liga para me convidar para jantar. O editor da revista *Semana* tem três obsessões na vida: Julio Mario Santo Domingo, Pablo Escobar e Armando de Armas. E, mesmo sendo a única pessoa que conhece os três, sempre me neguei terminantemente a falar deles. Felipe é um homem alto, bonito e com feições sefarditas, como seu irmão Alfonso, que sempre é embaixador em alguma das grandes capitais do mundo. Mesmo afável e aparentemente tímido, Felipe é um homem gelado, e nunca pude entender por que ele, tão poderoso, elegante e “presidencial”, não pode me inspirar o amor que sinto por esse peão feio e baixinho — e criminoso *Summa Cum Laude* — chamado Pablo Escobar.

O convite para sair pela primeira vez me surpreende, porque, mesmo que López tenha tido sempre um casamento “aberto”, nunca se arriscaria a ser visto num restaurante com aquela que durante anos foi o objeto do ódio mais visceral de sua esposa e de sua sogra, a filha não reconhecida do tio de Santofimio. Enquanto jantamos no La Biblioteca, do hotel Charleston, me conta que os últimos e escandalosos acontecimentos, dos quais toda a Bogotá fala, encheram sua paciência e que decidiu se divorciar; está vivendo provisoriamente com seu irmão Alfonso e me convida para conhecer o apartamento. Diante de uma longa mesa de madeira com dois enormes candelabros de prata, Felipe me pergunta se eu me casaria com

ele. É uma pergunta que escutei dezenas de vezes e, mesmo que sempre tenha agradecido, já faz tempo que deixou de me impressionar.

— A *Semana* não se cansa de dizer que eu sou amante de Pablo Escobar. Como você sempre teve um casamento “aberto”, por acaso quer me dividir com ele?

López me pede que não dê atenção a todas essas bobagens, porque ele não pode controlar o que cada um de seus jornalistas escreve sobre mim.

— Então só posso te dizer que, se enquanto estive casado com a mulher mais feia da Colômbia parecia o Rei dos Alces, o que aconteceria se estivesse casado com a mais bonita? Eu não coloco chifres nem nos meus maridos, nem nos meus namorados, Felipe, muito menos publicamente. E, além do mais, acho que já conheço o único homem com quem voltaria a me casar.

Ele me pergunta quem é, e digo que um intelectual europeu, onze anos mais velho que eu e de família nobre; seu maior encanto está no fato de que ainda ignora que algum dia se transformará na única escolha inteligente de toda a minha vida.

A decisão de impedir a todo custo que alguém me contrate não tem agora parâmetros rígidos nem pela ética jornalística, nem pela lógica: da Caracol Radio — dirigida por Yamid Amat, o jornalista principal de Alfonso López — para baixo, todas as emissoras da Colômbia gritam que me joguei no mar para me suicidar porque tenho aids. Outros juram que já morri e fui enterrada clandestinamente pela minha família envergonhada. Uma atriz e locutora treinada para imitar a minha voz liga para consultórios de médicos conhecidos para dizer, chorando, que sofro das doenças mais vergonhosas e contagiosas, e eles, sem nenhum escrúpulo, repetem para cima e para baixo em todos os coquetéis que tenho sífilis e que estão me tratando.

Enquanto o rádio exige aos gritos que, se eu estiver viva, compareça de uma vez por todas diante dos microfones e das câmeras, almoço tranquilamente no Chanel e no Salinas com a mulher do gerente da IBM, dona de uma cadeia de lojas de vídeo, que me propõe esquecer o que aconteceu nas ilhas e não sofrer com tudo o que estão dizendo e para irmos juntas ao Festival de Vídeo, em Los Angeles. Beatriz Ángel é muito amiga de Felipe López e me conta que ele também assistirá ao festival,

para negociar a distribuição do seu filme *El niño y el papa*. López aproveitou a visita de João Paulo II à Colômbia para fazer um longa-metragem com o apoio do Focine [Companhia para o Fomento Cinematográfico], que foi dirigido por sua amiga íntima María Emma Mejía. E um empréstimo de 800 mil dólares de 1986 por tempo indeterminado mais duas horas de atuação gratuita do próprio sumo pontífice se conjugaram para o que promete ser um esmagador sucesso de bilheteria na católica América Latina, que só foi superado por produções do tamanho de *A menina com a mochila azul*.

Quando me dirijo para pegar o avião — correndo, porque estou super-atrasada —, meia dúzia de fotógrafos e jornalistas me perseguem pelos corredores do aeroporto. A revista que Diana Turbay, filha do ex-presidente Turbay, dirige os mandou. O título da próxima edição, comigo na capa com óculos escuros e com casaco de visom, será:

“Virginia Vallejo foge do país!”

O conteúdo do artigo sugere que não fujo dos paparazzi, mas da justiça.

Beatriz e eu chegamos ao Beverly Wilshire. Felipe López, que está hospedado num hotel econômico, me liga para pedir que permita sua entrada no evento principal como meu marido, para não ter que pagar os cinquenta dólares da entrada. Não posso fazer nada além de aceitar, porque como poderia deixar de ajudar no meio de Hollywood um produtor de cinema a economizar essa enorme fortuna? Depois de um tempo conversando, López me diz:

— Faz meia hora que John Voight não tira os olhos de você, porque é a mulher mais linda da festa. Agora que sou finalmente um homem livre, você não quer mesmo ser minha namorada?

Olho para John Voight e, rindo, digo a Felipe López que, segundo a revista *Semana*, o terrível e tenebroso chefe do tráfico Pablo Escobar Gaviria não está disposto a me dividir com o filho do ex-presidente que o transformou em mito.

De volta a Bogotá, enquanto desfaço as malas, o telefone toca.

— Mas o que é isso tudo que estão fazendo com você, meu amor? Por que estão dizendo que você tem aids, que é fugitiva, que tem sífilis? É verdade que tentou se suicidar? Estão te atormentando a esse ponto?

Vamos fazer uma coisa: você não vai responder nada disso por telefone, e amanhã mando um avião te buscar, para que você me conte o que foi que esses Vieira fizeram com você e o que está por trás de quem está fazendo toda essa cachorrada com você. Vou mandar matar todos esses carnicheiros e matadores e castrar todos esses assassinos de microfone! E Tarzan e o pai dele!

Que mulher na minha situação não ficaria dançando de felicidade com a notícia, e ainda mais com a serenata de *mariachis* dessa noite, com “Amor del alma” e “Paloma querida”, prova inquestionável de que seu são Jorge vai protegê-la sempre do dragão? Quando na noite seguinte ele dá duas voltas comigo no ar enquanto diz que a única coisa que interessa é que voltei para seus braços, eu me sinto a mulher mais protegida de todo o universo. Nada nem ninguém vai poder me prejudicar, e por alguns dias deixam de me importar as ameaças e os telefonemas anônimos, as meias-irmãs e os carnicheiros, os magnatas e as víboras, a extradição e os mortos, e que todo o resto da humanidade goste de mim ou me deteste. Nada, nada mais me importa além de estar de novo perto daquele rosto, daquele coração, daquele corpo e daqueles braços de Pablo Escobar. E, enquanto ele jura que quando está comigo todas as outras mulheres desaparecem, que sou a primeira e a única e a última, que as suas horas comigo são o único verdadeiro céu que um bandido como ele jamais conheceu, eu flutuo no éter leve do qual Huxley falava, porque junto daquele ser masculino desaparecem da minha vida o tempo e o espaço, toda substância da qual o medo é feito e toda matéria que poderia conter o menor traço de sofrimento. Com Pablo eu perco a razão, e comigo ele perde a sanidade, e depois só sobram um homem perseguido pela justiça e uma mulher perseguida pelos meios de comunicação que se conhecem e se cuidam e precisam um do outro, apesar de todas as ausências, passando por cima dos crimes dele e dos pecados dela, mais além de todas as dores de ambos.

— Então os Vieira te obrigaram a entrar num avião depois de lutar contra uma corrente em alto-mar e perder seis quilos em uma tarde?! Mas eles são uns assassinos... e você é uma heroína! Vou deixar a lancha desse filhinho de papai em pedaços! Tem um membro do ETA expert em explosivos que quer vir da Espanha para trabalhar comigo. Dizem que é um gênio, e eu vou verificar se é verdade.

— Mas, Pablo... o ETA não é... muito para confrontar Tarzan? San Martín de Pajarales não é... o Kremlin ou o Pentágono!

— Não, são só uns covardes... mas eu preciso que esse cara comece a treinar desde agora, porque vai começar uma guerra. E para o Pentágono tenho outros planos: custe o que custar, vou conseguir esse míssil, mesmo que tenha que ir até o fim do mundo por ele.

Pergunto de que míssil está falando, e ele me lembra que daquele que inicialmente tinha pensado para proteger o espaço aéreo da Nápoles. Como um míssil só pode ser usado uma vez, mudou de ideia: se propõe a atacar um alvo que valha a pena, e não os aviões da Força Aérea, nem o Palácio Presidencial colombiano. Este e o Batalhão da Guarda Presidencial podem ser neutralizados com alguns tiros de bazuca, sem necessidade de gastar um míssil caríssimo e complicadíssimo de conseguir. Mas, se ele cai no centro do edifício do Pentágono, os sistemas de defesa dos Estados Unidos se anulam e suas comunicações com os de seus aliados também. Por isso está tentando entrar em contato com Adnan Khashoggi, que é o vendedor de armas mais rico do mundo e um homem que também não se assusta com nada.

— O Pentágono?... Uau... uaaau... Mas... por acaso você não viu os filmes da Pantera Cor-de-Rosa em que há um diamante de mil quilates protegido por um monte de raios cruzados que só podem ser vistos com óculos especiais? Caso você não se lembre, é igual no Pentágono! Ou você acha que os russos não teriam atacado os gringos com mísseis há muito tempo se isso fosse assim tão fácil? São milhares e milhares de quilômetros de espaço aéreo protegidos por um impressionante tecido feito de raios invisíveis, sim senhor, e acho que se chamam lasers! E o da Casa Branca e de Fort Knox devem ser iguaizinhos. Ai, meu amor! Você está começando a se parecer com esses vilões malignos dos filmes de James Bond; aqueles como Goldfinger, dispostos a acabar com toda a humanidade para conseguir seus objetivos. Também a extradição não é para tanto...

Ele olha para mim enlouquecido de raiva, e acho que vai me estrangular.

— Isso é o que você acha, Virginia! A extradição vale isso, e tudo o mais que eu possa fazer! Tudo, tudo, tudo, e não volte a me dizer uma burrice dessas porque te joga pela janela! E o Pentágono não está protegido por raios visíveis nem invisíveis! Eu tenho quebrado a cabeça para pensar como

atacá-lo com esse míssil... As pessoas se convenceram de que os gringos são invulneráveis e inteligentíssimos, mas isso não é verdade. Como você acha que meto no país milhões de toneladas de coca, que já baixaram de 50 mil dólares o quilo para 14 mil desde que te conheço? Por acaso você não percebeu que nós, colombianos, somos muitíssimo mais espertos do que eles?

Diz que Reagan está obcecado com a ideia de acabar com ele, Nancy com o seu negócio — e por isso inventou essa frasezinha “*Just say no to drugs!*” — e que ele não se deixa amedrontar nem por eles, nem por ninguém. Eu juro que vi um filme em que um míssil russo lançado contra o Pentágono chegava até o limite do espaço aéreo norte-americano e logo, *ipso facto*, se voltava contra o terrorista que o tinha enviado. Tento fazer com que ele veja que, se seu míssil ricocheteia no espaço aéreo americano e se volta contra Medellín, vai sobrar meio milhão de mortos, como em Hiroshima e Nagasaki.

— Ai, meu Deus, que medo! Acho que você vai começar a Terceira Guerra Mundial, Pablo!

Ele explica que os filmes de Hollywood são feitos por um monte de judeus republicanos que veem o mundo de acordo com a perspectiva de Reagan e que parece que eu estou me tornando uma covarde, como o resto das mulheres.

— Eu achava que você era a minha alma gêmea e que só você me entendia, mas você se tornou não apenas Almalimpa, mas uma moralista. E, além do mais, imperialista! Assim não dá... Mas... espere um pouco... espere um pouco... Hiroshima, você disse?... Nagasaki?... Ah, Almalimpa... mas você é realmente um prodígio, um gênio! De que céu você desceu, amor da minha vida?! E eu que pensava que ia colocar uma base em alguma *Banana Republic*... quando a fórmula é tão simples!

E, como se tivesse acabado de resolver o Teorema de Taniyama-Shimura e o último Teorema de Fermat, dança dando voltas comigo no ar e cantando feliz:

— No dia em que chegaste em minha vida, pombinha querida, me pus a brindar!

Eu digo que um dia desses vão colocar uma camisa de força nele e internar, e em seguida peço que pare de pensar em tanta barbaridade porque às vezes me assusta.

— Você e eu conversávamos sempre sobre política e história, mas desde que fui viver nas ilhas você só fala de explosões, sequestros e bombardeios. Neutralizar o Pentágono! Você acha que é o ministro da Defesa da União Soviética? A vida tem coisas belas, Pablo: pensa na Manuela e em Juan Pablo... Usa essa cabeça e esse coração que você tem para construir algo em vez de sonhar em destruir tudo, que eu também quero descansar de tanta ameaça e tanta canalhice...

Ele fica pensativo por um momento e em seguida me diz:

— Sim... você deve descansar de tanta ameaça por um tempo. Viaje o tempo que quiser, desde que sempre volte para mim... Mas para a Europa, não, porque está cheia de tentações e você acaba ficando por lá... Para os Estados Unidos, que estão mais perto, o.k.? Ainda que você e eu não possamos nos ver todos os meses, fico louco cada vez que você desaparece. Quando você voltar, terei preparado minha vingança contra o Tarzan, para que saibam também que não podem continuar se metendo contigo... Já me cansei de que te atormentem tanto, pobrezinha!

Vou feliz para Miami, e quando volto Pablo me pede que vá até Medellín. Ele me conta que fez, de rastreamento em rastreamento, o trajeto de cada um dos membros da família Vieira e que já tem tudo pronto para fazer a lancha de Rafa ir para os ares.

— Vou colocar uma bomba na marina onde Tarzan guarda o barco quando vai para Cartagena! É muito mais fácil que em alto-mar, onde a Armada poderia pegar os meus homens.

Horrorizada, exclamo que dezenas de pedaços de humildes trabalhadores e turistas vão sair voando pelo Clube de Pesca, além de centenas de iates. Ele responde que é esta, justamente, a ideia:

— Já te disse que o que eu mais gosto é de fazer maldades, de forma que você não vai começar a bancar a Almalimpa. Com isso, abrimos um precedente para esses doentes mentais que estão há anos te atormentando pelo telefone. Matamos vários pássaros com um tiro só, e nem os carneiros, nem as cobras, nem as meias-irmãs voltarão a se meter com você. Na vida temos que nos fazer respeitar. Ponto!

Durante a próxima hora eu imploro de todas as formas para que não coloque a bomba, que pense em todas as pessoas inocentes e nos iates dos

Ochoa e do casal que me salvou a vida, mas ele não quer dar o braço a torcer. Dá vários tragos na maconha, e, à medida que vai ficando mais tranquilo, começo a me dar conta de que a bomba tem um objetivo quádruplo: não apenas castigar os Vieira, mas a Rafa Vieira; e não apenas enviar uma mensagem de advertência aos carneiros e aos jornalistas, mas, acima de tudo, a qualquer homem que possa me separar dele. Desde aqueles dias das pedras de coca para Aníbal e do meu “divórcio *express*”, Pablo botou para correr dois rivais multimilionários, pretendeu sequestrar meus ex-namorados, utilizou qualquer pretexto para se vingar de quem decidiu culpar por nossas separações depois de ausências tão longas que parecem despedidas e passou a odiar aqueles que fazem parte do meu passado. Agora me pergunta se pode pôr a sua cabeça no meu peito, e digo que claro; acaricio sua testa, e ele, olhando para o vazio e falando como se fosse para si, continua:

— Já estou por aqui que te humilhem e te persigam por minha culpa. O que eles querem é te tirar da minha vida para sempre... e você é minha única amiga de alma... a única mulher que nunca me pediu nada... a única com que se pode falar de coisas que não falamos com a mãe ou a esposa, mas com outros homens... E eu só posso confiar em três pessoas: “Osito”, Gonzalo e Gustavo. E ninguém vive feliz com o irmão, meu amor, o Mexicano mora em Bogotá, e meu sócio está muito mudado. Além do mais, os três são iguais a mim, e eu preciso de alguém que goste de mim, mas que me confronte... que tenha outra escala de valores, mas me entenda e não me julgue. Você já me salvou de cometer muitos erros, e não posso permitir que vá embora de novo... como depois do que aconteceu no palácio, quando eu precisava de você e não te encontrava em lugar nenhum... Você, que sempre estava fugindo com alguém mais rico que eu... com o dono dos golfinhos e de um tubarão! Que tal?

Tento fazer com que ele entenda, justamente, que Pancho Villa Terceiro não justifica um atentado conjunto do ETA com Pancho Villa Segundo. Finalmente consigo convencê-lo a esquecer essa bomba e substituí-la, antes de tudo, por alguns telefonemas dos que só ele sabe fazer. A contragosto, promete que assim será, mas só porque a explosão na marina poderia ser usada contra mim. Lembrando de um acontecimento recente, pergunto:

— Pablo, nunca passou pela sua cabeça matar outro homem no braço?

Estranhando, ele me pergunta o que quero dizer e conto que, num jantar na casa de uma conhecida empresária argentina do teatro, o *Happy Lora*³³ me pediu o telefone e eu dei o meu número da portaria do edifício para que, se ele ligasse, os porteiros e o meu motorista ficassem impressionadíssimos. Com absoluta segurança, completo:

— Esse sim é um combate que todo o país pagaria para ver: *Kid* Pablo Escobar *versus* o desafiador *Happy* Lora! Acho que, numa luta de doze assaltos, as apostas a favor do campeão mundial seriam em torno de... uns... cem a zero?

— Não, meu amor, nem sonhe com um negócio desses! Seriam cem a zero a favor de *Kid* Escobar! Porque... para que você acha que foram inventadas as rajadas de tiros?

Rimos e falamos de outros personagens da vida nacional. Ele me confessa que se propõe a entrar em contato com Fidel Castro por intermédio de Gabriel García Márquez: a única forma disponível de colocar as drogas na Flórida é através de Cuba, e está disposto a ser mais generoso com Fidel do que jamais foi com Noriega ou Ortega.

— Pablo, querer que um Nobel de Literatura te ajude a fazer um negócio de drogas com Castro é como pedir ao pintor Fernando Botero que proponha um negócio de prostíbulos a Gorbachev! Desça do salto, meu amor, porque nem García Márquez nem Castro vão te dar atenção e vão rir de você. Distribua sua mercadoria pelo polo Norte ou pela Sibéria, mas esqueça de Cuba: Fidel tem Guantánamo dentro do território e, depois de tudo o que aconteceu com os *Contras*,³⁴ por você ter colocado esses sandinistas para trabalhar contigo, ele não vai se arriscar a ter o país invadido, nem que o mundo inteiro o acuse de ser “um tirano narcotraficante”!

— Os gringos financiaram os *Contras* com dinheiro proveniente de mercadoria ilegal, sabia? E não foi coca, mas crack! Essa sim é uma droga viciante que acaba com as pessoas... Eu tenho tratado de bloqueá-la, mas não tenho conseguido. Se isso não é dupla moral, então o que é? Por que Nancy Reagan não dirá a Oliver North: “*Just say no, Ollie!*”? Com essa mania de matar comunistas, esse cara fez pacto com o “Abacaxi”, com traficantes convictos, até com o diabo!

Eu insisto que falar com Castro é suicídio e o aconselho a deixar já de meter tanta política no seu negócio. Dando de ombros, ele me responde

tranquilamente:

— E quem disse que a única opção é o presidente de um governo? Pelos generais mexicanos, eu já aprendi que os militares não têm tantos escrúpulos. E se um presidente não encaminha as coisas, os generais que estão abaixo dele, sim. Nos países pobres, todo militar tem um preço, e para isso serve a minha fama de rico, meu amor. Todos, todos dariam a vida para trabalhar comigo... E Cuba não é a Suíça, ou é? É uma simples questão de lógica: se não é Fidel nem Raúl Castro, é quem estiver abaixo de Fidel e Raúl Castro. Ponto.

Tento explicar a ele que, se Castro descobre que alguém em Cuba está trabalhando para Pablo Escobar, é capaz de mandar fuzilar.

— E nesse dia os gringos não vão mandar Contras para a Colômbia, mas para você! Cada macaco no seu galho, Pablo; você não é sequestrador nem comunista, mas narcotraficante. Não vá cometer erros políticos, que você é dono de um império, e isso é o que deve importar. Se não, a sua liquidez vai toda para as guerras e você vai terminar mais pobre do que quando começou. Você está enchendo os ditadores e generais caribenhos de dinheiro, enquanto acaba com tudo o que atravessa seu caminho em seu próprio país. E, se você pretende passar para a História como um idealista, está fazendo tudo ao contrário, porque “a caridade começa em casa”.

— E quem te falou que eu quero passar para a História como um idealista, meu amorzinho? Você nem sonha com os planos que eu tenho!

Gustavo Gaviria implorou que eu passasse em seu escritório para falar comigo de um assunto muito íntimo. Quando chego, fecha a porta e me confessa que eu sou a única pessoa a quem ele poderia confessar um segredo que o atormenta. Imagino que vai falar comigo dos crimes — ou das *liaisons dangereuses* — do sócio, porque sei que estão afetando seriamente a rentabilidade do negócio.

— Estou cansado, Virginia... Pablo e o Mexicano vivem praticamente na clandestinidade, Jorge Ochoa está na prisão, e Carlos Lehder acabou de ser extraditado. A responsabilidade da organização praticamente cai nos meus ombros, e às vezes me pergunto se tudo isso vale a pena... Graças a Deus, cada vez que você vem, Pablo volta à razão por um tempo, mas logo

que vocês se separam outra vez ele fica sem ninguém que segure suas rédeas, fumando maconha nesse mundo de sicários e meninas... rodeado por uma família que o olha como se fosse um deus onipotente... E sabe de uma coisa? Me dei conta de que a única coisa que vale a pena na vida quando já temos assegurado o futuro de nossos filhos e netos — mas não podemos viajar para o exterior para gastar o dinheiro — não é acumular diamantes, mas ser feliz com uma bela mulher que nos ame como você ama Pablo. Isso é a única coisa que coloca freio em alguém... Você sabe o que quero dizer...

Pergunto por quem ele se apaixonou, e me confessa que por uma atriz de televisão que devo conhecer. Jura que precisa dela para adorá-la, para se casar se ela aceitar, para ser fiel a ela pelo resto da vida. Repete que é a criatura mais bela que Deus criou, que sofre terrivelmente pensando que ela pode rejeitá-lo e que, por amor a ela, se aposentaria do negócio para se transformar num homem de bem. E me oferece o que eu quiser se eu conseguir convencê-la a viajar a Medellín para apresentá-los, porque, por segurança, ele não pode sair de seu território.

— Gustavo: nem quero saber o nome, porque não desejo a nenhuma mulher o que sofri em todos esses anos. Sobretudo a uma que trabalhe nos meios de comunicação. Nunca fui casamenteira, e você é um homem muito bem casado. Não me peça uma coisa dessas, pelo amor de Deus, que as últimas propostas de Pablo já são um problema. Com dor na alma pelo carinho que tenho por você, não posso te fazer esse favor, nem esse mal a ela.

Ele me pergunta o que eu mais desejo, meu sonho mais inalcançável. Respondo que minha vida se transformou num inferno de ameaças e que também vou lhe confiar um segredo: eu queria ir embora do país e estudar na escola de tradução simultânea de Genebra, na Suíça. Se tiver que ficar, minha meta seria fundar uma empresa própria de cosméticos, mas Pablo está empenhado em me transformar em testemunha, e em roteirista ou cronista, de uma longa cadeia de acontecimentos que me assustam cada dia mais.

— Se você me apresentar a Ana Bolena Meza, Virginia, eu te prometo que nunca vai se arrepender. E juro que te tiro do país para que você possa começar uma nova vida, longe de tudo isso. Você não merece o que estão te fazendo por nossa culpa... E o que está por vir é pior do que tudo o que

você já viu... mas não posso te dizer mais nada. Você me promete que vai tentar, para me ajudar a sair de uma vez por todas dessa incerteza que não me deixa dormir? Você sabe que não sou promíscuo como Pablo: sou um homem de uma mulher só, morro de amor por essa e só quero fazê-la feliz. Me ajuda, já que você tem um coração grande e não imagina quanto estou sofrendo!

Fico tão comovida, e sinto que está sendo tão sincero, que prometo pensar no assunto.

Vou para São Francisco contemplar as milenares sequoias gigantes de Muir Woods e para ver de novo Sausalito e aquela parte do paraíso que algum dia foi de um general Vallejo, meu antepassado, que não me deixou nem um centímetro de terra californiana. Quando volto do Oeste Selvagem para pegar o avião em Miami, dois agentes federais me detêm. Perguntam se levo dinheiro vivo e, quando exibem seus distintivos, observo que a mão do mais jovem está tremendo. Concluo que Pablo inspira terror até no FBI. Quando abro as malas para desfazê-las, observo que toda a minha bagagem foi remexida e parece ter sido minuciosamente conferida em busca de dinheiro; como nunca carrego mais de mil dólares na saída de algum país, concluo que essas são situações que acontecem com alguém quando viaja muito e diz nas alfândegas que está *retired* porque se cansou de trabalhar.

Um tempo atrás, a namorada de Joaquín Builes me ligou para dizer, quase às lágrimas, que Hugo Valencia estava devendo mais de 2 milhões de dólares em joias e não queria pagar. Ela me implorava para que eu falasse com Hugo porque ele não atendia mais seus telefonemas, já que o “Menino” me adorava e respeitava muitíssimo. Liguei para Hugo e expliquei que minha amiga passava por graves problemas com seus fornecedores e apelava para sua generosidade e seu cavalheirismo para pagar algo do valor que ele devia. Não falava com o Menino havia dois anos, e sua reação me deixou horrorizada.

— Não posso acreditar que a senhora está me ligando para cobrar contas de terceiros! Por que não liga para seus amantes, velha desgraçada? Para o esquizofrênico do Pablo Escobar ou para o presidiário do Gilberto Rodríguez? Como se atreve a falar comigo assim?

— Se quer que as pessoas não falem com você assim, Menino, pague suas contas como fazem os ricos decentes. E você sabe perfeitamente que nunca fui amante de Gilberto.

— Ah, não? Pois a mulher dele tem um amigo veado que vai de emissora em emissora pagando os jornalistas para que repitam essa informação! Ou por acaso você não sabia? Ou ficou surda ou não vive mais na Colômbia!

Após gritar por vários minutos coisas que nem sequer nossos piores inimigos teriam se atrevido a dizer de Pablo e de mim, Hugo desligou o telefone exaltado. Dois dias depois a joalheira me ligou, radiante de felicidade, para me agradecer porque o Menino acabara de pagar a ela 1 milhão de dólares de uma vez. Depois de contar a ela sobre os insultos que tive que suportar para fazer esse favor, me responde que alguém como eu não devia prestar atenção nessas coisas, porque Huguito era só um menino que passava por uma má situação.

Com a desculpa de uma viagem a Cali para um lançamento publicitário, decido visitar Clara. De cara, observo que está muito mudada. Depois de escutar minha história sobre o que aconteceu nas ilhas, vai até seu quarto. Volta com um estojo da Cartier, abre e me mostra um colar e brincos de esmeraldas e diamantes dignos de Elizabeth Taylor. Em seguida, com uma mistura de raiva e dor, me diz em tom acusatório:

— Sabia que o seu Pablito cortou em pedaços Hugo Valencia? Sim, o Menino, que era nosso amigo e comprava milhões de dólares em joias conosco para suas namoradas! Agora, Virgie, olha bem o tamanho dessas esmeraldas e adivinha quem as encomendou a Beatriz: pois é... foi Pablo! E adivinha para quem?... para uma vagabunda qualquer! Sim, com esse acessório de 250 mil dólares, Pablo comprou por um fim de semana uma putinha com coroa de lata! E para você, a estrela de televisão mais elegante e cotada deste país, uma beleza da alta sociedade que só saía com nobres e multimilionários, não só não deu nada, como deixou sem trabalho, na boca de todo mundo e com ameaças de morte! Olha o que esse seu amante ou ex-amante com cara de chofer dá de presente a uma puta qualquer para passar algumas noites com ele! O que esse assassino miserável te deu nesses cinco anos? O que esse carniceiro deixou para você, que era como uma rainha num pedestal? Olha bem: 250 mil dólares para uma diarista ignorante que nunca poderá usá-lo nem diante de uma câmera, nem num baile em Montecarlo, e que na primeira necessidade vai vendê-lo por 5 mil dólares! Olha para isso, Virgie, para nunca esquecer que Pablo gosta é de putas da mesma classe social que ele!

Nunca pedi joias a ninguém, nem esperei ganhá-las de presente. Aquelas com as quais eu aparecia na televisão eram bijuterias, de Chanel, Valentino e Saint Laurent; as joias que usava nas capas de revista, emprestadas por Beatriz. Sempre pensei que, comparado aos magnatas mesquinhos, Pablo era o mais generoso dos homens, o único esplêndido, o único multimilionário que tinha se importando em me fazer e me ver feliz. Mas a visão daquelas esmeraldas dignas de uma imperatriz e a descrição de sua destinatária, somadas ao que aconteceu com o Menino e as duras palavras de quem por muitos anos foi a minha melhor amiga, me despertam do devaneio em que vivi e me devolvem à realidade. Engulo as lágrimas, digo a mim mesma que hoje cheguei ao meu limite e decido que chegou a hora de seguir o conselho de Gloria Gaitán e buscar financiamento para a minha própria empresa de cosméticos. Solicito um encontro com o dono da metade dos laboratórios do país, que acaba de voltar para a Colômbia depois de uma prolongada estadia na Espanha, e ele manda me dizer que me recebe imediatamente.

Nunca estive no interior de uma prisão, mas esta é todo o contrário do que imaginei: parece uma faculdade, com pessoas felizes subindo e descendo as escadas; quase não há guardas — mas advogadas sorridentes e bem-vestidas —, e escutamos uma salsa por todos os lados. Na prisão de Cali, O Preso Número Um é quase tão poderoso quanto o papa no Vaticano, o que quer dizer que ninguém pergunta meu nome, nem me dá uma identificação, nem abre a minha bolsa, nem me revista. Um dos empregados me conduz diretamente até o escritório do diretor e vai embora.

— Chegou a Virgem das Mercedes para cumprimentar os ex-Extraditáveis! — exclamo como Scarlett O'Hara quando vai visitar Rhett Butler preso, usando aquele vestido feito com as cortinas de veludo da casa de Tara em ... *E o vento levou*.

— Ah, minha rainha, mas que visão descida do céu! — exclama Gilberto Rodríguez, me dando um abraço carinhoso.

— Se a opinião pública chega a saber que você está aqui, meio país vai fazer fila para entrar! Este hotel é estupendo! Acha que me receberão por seis meses no dia em que conseguir acumular uma fortuna ilícita do tamanho da sua?

Ele ri com certa tristeza e diz que eu não mudei nada. Nós nos sentamos frente a frente numa mesa comprida e começamos a conversar. Ele me conta que é uma sorte estar de volta à sua terra e a seu território; os anos de prisão na Europa foram horríveis, pensando o tempo todo que os espanhóis poderiam entregá-los aos gringos. Depois de muitos esforços entre os governos de Belisario Betancur e Felipe González, ele e Jorge Ochoa conseguiram que abrissem seus processos na Colômbia por delitos menores para que a Justiça nacional pudesse reclamá-los antes da americana. Isso os salvou de serem mandados para os Estados Unidos.

— Aqui me trazem a comida de casa ou do restaurante que eu quero, mas na Espanha a coisa era diferente. Já estou muito mal-acostumado, minha rainha, e você nem sonha o que é ter que comer espaguete todos os dias... E o ruído das grades que fecham de manhã, de tarde e de noite num estrondo infernal e não nos deixa dormir... Mas o mais duro é pensar a todo momento que nossa mulher está nos colocando chifres...

— Mas quem vai te colocar chifres? A Fera? Tenho certeza de que essa é uma fera fiel!

— Não, não, não, meu amor, não falo dela... Falo do que nós tínhamos... Paris. Você se lembra... ou já se esqueceu? — pergunta com uma tristeza aparente.

Eu jamais poderia contar a ele o que Pablo fez comigo depois de saber de “Paris”. Aquele episódio horrível é um dos nossos segredos mais íntimos, e, em todo caso, fiz com que ele pagasse com sangue, a dívida foi saldada e a dor, quase completamente esquecida. Além do mais, jurei não falar nunca desse assunto com ninguém. Olho Gilberto com afeto, comento que nesses três anos recebi apenas uma carta dele e pergunto quando vai sair. Responde que em alguns meses e que gostaria de voltar a me ver. Em seguida fica observando o meu cabelo, o elogia e me sugere que lance um xampu com o meu nome. Agradeço e comento com ele que gostaria, talvez, de lançar uma linha de maquiagem e produtos para cuidados com a pele, mas não tenho dinheiro. Ele me promete que quando estiver em liberdade conversaremos sobre isso, e, para mudar de assunto, pergunto por que mataram Hugo Valencia, que devia muito dinheiro a uma joalheira minha conhecida e vários automóveis aos meus amigos da Raad.

— Huguito não pagava as contas e fez inimigos muito grandes em Medellín. Graças a Deus, aqui no Vale não acontecem essas coisas tão

horríveis... Mas não falemos delas, que eu já não sei nada sobre esse negócio porque estou aposentado. De verdade! Você não acredita?

Digo que acredito... que ele está com uma aposentadoria forçada... e provisória. Em seguida, percebo que ele já não ri com a mesma facilidade e parece ter perdido muito daquela simpatia maliciosa que o caracterizava, mas penso que os homens com ar de derrota temporária têm, frente àqueles que parecem invulneráveis, um encanto especial para quase todas as mulheres. Insisto que deveria se considerar o homem mais afortunado do mundo, e ele repete que os anos na prisão o marcaram profundamente e nada será como antes, porque o estigma de um criminoso muito conhecido passa para os filhos. Digo que é o preço por herdar 1 bilhão de dólares “estigmatizados” e que seus filhos deveriam se sentir muito gratos pelos sacrifícios que ele fez por eles. Com profunda nostalgia, ele me explica que nunca poderá sair da Colômbia, pelo risco de que em outro país o detenham por solicitação do governo americano e o extraditem para os Estados Unidos, o que quer dizer que nem com todo o dinheiro que possui poderá voltar a Paris. Conversamos sobre seus estudos e suas leituras na prisão, sobre *O coração das trevas*, de Joseph Conrad, sobre Stefan Zweig, seu autor favorito, e sobre como ele gostaria de um dia poder ser maestro de uma orquestra. Sei que é verdade, e, ao nos despedirmos algumas horas depois, me promete que, no dia seguinte à sua saída da prisão, vai me visitar. Quando volto para a casa de Clara, passo perto do estojo de veludo que contém os diamantes e esmeraldas gelados — que também poderiam valer centavos ou milhões — e digo a mim mesma que “o Senhor trabalha das formas mais misteriosas” e, como Dinah Washington, canto, feliz:

*What a difference a day makes, twenty-four little hours...*³⁵

Armando de Armas me oferece virar editora de *Homem do Mundo*, mas digo que não, porque sei que não trata bem as editoras de suas outras revistas e que comigo seria implacável. E, como todo mundo ao meu redor parece ter um império de algo, começo a trabalhar na construção do meu:

estudo todas as biografias de Helena Rubinstein, Elizabeth Arden e Estée Lauder e decido que está na hora de criar uma marca latino-americana com produtos de beleza práticos, cores para o tom de pele e fisionomia das latinas e preços mais acessíveis, porque os altos custos dos cosméticos se devem unicamente à publicidade e às embalagens. Peço a Hernan Díaz que faça mais fotos minhas e comprovo que, aos 37 anos, meu rosto e meu corpo parecem estar melhores do que nunca. Sei que com um mínimo investimento da parte de Gilberto, e com suas enormes redes de distribuição, poderia criar um negócio realmente de sucesso, porque, já que posso convencer as mulheres a comprar tudo o que anuncio, que tal cremes que apagam cortes com navalha e vitaminas que curam sífilis e aids? Compro todo tipo de produto para estudar em detalhes e decidir quais são os suscetíveis de serem imitados ou melhorados e penso que, mais cedo ou mais tarde, também lançarei produtos masculinos. Acho que estou pronta para começar e conto os dias para que meu sócio em potencial entre em liberdade, mas decido não contar ainda sobre meus planos até estar totalmente certa de que ele compartilha do meu entusiasmo. Umas semanas depois, voltamos a conversar.

— Já estou quase saindo, mas nesse negócio os problemas não terminam, querida. Agora esse seu amigo senhor de Medellín está ameaçando a mim e meus sócios com uma guerra, porque não queremos fazer um favor para ele... não posso te dizer qual, porque são coisas de homens. E você também deve ter cuidado, porque ele está enlouquecendo... e é capaz de mandar te matar.

Digo a ele que é uma ideia sem sentido porque, mesmo que Pablo e eu não sejamos mais namorados, ele me considera sua melhor amiga e gosta muito de mim. Proponho que me permita tentar aparar as arestas dessa guerra porque, agora que Luis Carlos Galán aderiu ao liberalismo dominante e vai ser o próximo presidente, ele e Pablo precisam pensar em criar uma frente unida e pacífica contra a extradição.

— Eu não quero ver vocês se matando nem extraditados, todos nós já sofremos o suficiente... Parem com isso, porque me parte o coração. Posso tentar uma trégua?

Ele me diz que está muito cético, porque os ânimos já estão muito exaltados, mas que não se opõe que eu transmita a Pablo sua vontade de se entender.

O que eu ignoro nesse momento é o tipo de favor que Escobar está exigindo aos Rodríguez. Gilberto e Miguel têm dois sócios principais: “Chepe” Santacruz e “Pacho” Herrera, um dos poucos *narcos* que preferem efebos a rainhas. Pablo está exigindo que lhe entreguem Pacho — seu arqui-inimigo — como pagamento de um favor que fez no início do ano a Chepe: cortar em pedaços Hugo Valencia. É o tipo de coisa que não se faz em Cali, mas em Medellín.

Vários dias depois, me encontro no salão de beleza com Ana Bolena Meza. A resposta que aquela menina doce me dá é uma lição de dignidade que não vou esquecer nunca. Ela e eu trocamos apenas algumas frases educadas, mas seus enormes olhos azuis me dizem mais do que suas palavras podem expressar. No fundo do coração, sinto um profundo alívio pelo fracasso da minha intervenção, que se mistura com um inconfessável e estranho sentimento de júbilo: ainda restam no mundo pessoas que não têm preço.

Gilberto Rodríguez me disse que tem a grande ilusão de poder me ver, ontem saiu da prisão e hoje está em Bogotá. São cinco horas da tarde e eu estou na sala, certificando-me de que tudo esteja perfeito: o champanhe, a música, as flores, a vista, a obra de Zweig que ele ainda não tinha lido. Escuto a porta do elevador abrir e fico surpresa ao ouvir risos. Quando entram no meu apartamento dois homens vestidos impecavelmente de azul-marinho e radiantes de felicidade, não posso acreditar no que os meus olhos veem: Gilberto Rodríguez vem me exhibir Alberto Santofimio, e o candidato de Pablo Escobar vem se exhibir com Gilberto. Eles me avisam que só podem ficar uma hora porque vão encontrar com o ex-presidente Alfonso López Michelsen, que os espera em sua casa com Ernesto Samper Pisano para celebrar a liberdade de Gilberto.

Passei toda a minha vida diante de uma câmera, sobrevivi a anos de insultos em público e acho que consigo dissimular o que sinto por Santofimio. Quando ambos se despedem, sei que os Rodríguez vão acabar com Pablo; mas sei que, antes, Escobar acabará com metade da humanidade. Se só restassem no mundo todo ele e Gilberto, acho que eu escolheria Pablo: é implacável, mas com ele é possível saber no que devemos prestar atenção. Como eu, Escobar é um homem de princípios.

Em cinco anos devo ter telefonado para ele talvez meia dúzia de vezes, e nunca para dizer que sinto sua falta ou que quero vê-lo, mas hoje decido seguir o que diz meu coração e fazê-lo pela primeira e última vez: devemos nos reunir urgentemente para falar sobre Cali, e vou tomar um avião comercial para Medellín. Não digo nem a ele nem a Gustavo que vou me despedir de ambos. E que dessa vez será para sempre.

O período de cinco anos que se passou foi me transformando numa espectadora impotente dos planos de todos esses homens. Amanhã farei o impossível para tentar dissuadir Pablo da guerra, porque os processos que ele vem maquinando na sua cabeça me assustam. Acabo de me dar conta de que estou assistindo ao começo do fim de dois homens formidáveis recém-chegados ao mundo dos poderosos e que, quando ele e Gilberto se destruírem e o poder estabelecido acabar de aniquilá-los, nada mudará naquele país e sobrarão apenas as inteligências mesquinhas de sempre reinando por outro século com os bolsos cheios do dinheiro de ambos. Amanhã verei pela última vez o único homem que me fez completamente feliz e me tratou sempre como igual e nunca me subestimou, o único no mundo que fez com que eu me sentisse mimada e protegida. Olho no espelho e me digo que em algumas horas darei adeus para sempre a tudo aquilo que compartilhamos. Olho no espelho, chorando e, por um instante, por trás da imagem refletida acredito ver passar correndo *O grito*, de Munch.

UM DIAMANTE E UMA DESPEDIDA

A EXTRADIÇÃO CAIU Há alguns meses por questões formais, de maneira que Pablo voltou a trabalhar em seu escritório. Quando chego, me avisam que ele e Gustavo estão em reunião e me pedem para esperá-los alguns minutos enquanto terminam. Penso que é a primeira vez que vou ficar na antessala e digo a mim mesma que, graças a Deus, será também a última. Enquanto espero, um de seus motoristas ou sicários — nome que agora se dá na Colômbia aos assassinos da Máfia — olha minhas pernas de forma lasciva e comenta com seu companheiro, em voz suficientemente alta para que eu possa escutar cada palavra, que a minha sucessora, definitivamente, não tem a minha “classe”. Desde que fiz a campanha publicitária das Meias Di Lido, muitos homens deixaram de olhar meu rosto e agora não tiram os olhos das minhas pernas, porque as pessoas simples sempre acreditam mais no que os meios de comunicação mostram do que no que seus olhos veem.

Observo todos esses rapazes com olhar sombrio e linguagem obscena que não escondem seu desprezo pela sociedade e pelas mulheres, e penso que vai ser um alívio me despedir para sempre dessa elite do submundo cada vez mais tenebrosa, cada vez mais poderosa. Na noite anterior, decidi que, pela primeira vez desde que o conheço, vou pedir dinheiro a Pablo. Ao longo desses cinco anos, e por conta das minhas dezenas de viagens ao exterior, ele sempre me deu quantias consideráveis em dinheiro para as minhas despesas, que eu sempre recebi como manifestações de seu amor e sua generosidade. Mas, desde que pagou as dívidas da minha produtora em troca de um espaço publicitário em janeiro de 1983, nunca me passou pela cabeça pedir nada a ele porque sempre contei com os recursos do meu trabalho, que eram suficientes. Nunca tive a ambição de acumular

propriedades e riquezas, fui durante quinze anos uma das profissionais mais bem cotadas da televisão colombiana e nunca acreditei que ficaria sem trabalho na minha idade. Tudo isso quer dizer, simplesmente, que minhas economias seriam suficientes para viver apenas cerca de doze meses.

Ontem tinha a ilusão de poder falar muito tempo com Gilberto depois de seus três anos na prisão, mas a visita de Santofimio foi um sinal de alerta, e meu instinto me diz que não devo ter muitas ilusões sobre o negócio de cosméticos com ele. Por isso decidi que vai ser melhor pedir ajuda a Pablo para ir estudar idiomas na Europa e trabalhar com o que sempre sonhei desde pequena até que primeiro o casamento e depois a televisão atravessaram o meu caminho. Mas, antes de mais nada, me proponho a fazer tudo o que estiver ao meu alcance para tentar deter o que parece ser uma guerra iminente entre os cartéis de Medellín e Cali, quer dizer, entre seus dois grandes chefes: Pablo Escobar e Gilberto Rodríguez.

A porta do escritório de Pablo se abre, e ele sai acompanhado de uma mulher. Tem por volta de 27 anos e usa um suéter vermelho de lã nacional, um colarzinho de ouro com uma grande medalha da Virgem Maria no peito e uma calça preta. Mesmo sendo muito atraente, estando em boa forma e exibindo um belo penteado, nunca poderia ser modelo nem rainha da beleza. Tem uma aparência de vendedora de cosméticos de uma loja elegante ou empregada de uma loja de decoração. Ele a apresenta como sua namorada, e eu o parabenizo por ter ao seu lado uma moça tão bonita. Ela me olha docemente, sem nenhuma ponta de inveja pelo meu vestido vermelho de Thierry Mugler, que faz com que eu fique com um corpo de sereia e atraia todos os olhares quando entro nos restaurantes de Bogotá. Ele foi escolhido entre os mais de 150 vestidos de estilistas de Milão, Paris e Roma, porque em algum lugar li que a lembrança que conservamos de uma pessoa é a da última vez que a vimos. E, por mais que eu ainda goste de Pablo, decidi que hoje vou dizer adeus a ele para sempre, não apenas porque já deixamos de nos amar, mas porque nossa amizade foi se transformando numa fonte inesgotável de problemas, sofrimentos e perigos para alguém com tanta visibilidade mas tão desprotegida como eu. Agora, me despeço da moça com um sorriso e algumas frases cordiais e digo a ele:

— Eu vou pedir à sua namorada que nos dê licença um momento, porque vim de Bogotá só para trazer uma mensagem de Gilberto Rodríguez. E acho que é necessário transmiti-la imediatamente a você.

Dirijo-me em seguida para o seu escritório sem esperar que ele me convide. Os dois trocam umas poucas palavras e ele entra atrás de mim, fecha a porta e se senta diante de sua mesa. Vejo que está fora de si de raiva. Na tarde anterior eu tinha falado de Cali, e, como castigo, não vacilou em me exhibir diante de uma vendedora de loja. E, diante de uma mulher que não pode ter tanta importância — nem para ele, nem para mim —, a celebridade que sacrificou tudo por amor não vacilou em responder com o nome do seu pior inimigo. Pablo me olha, e em uma fração de segundo esses olhos de predador me dizem tudo: tudo o que me espera para o resto da minha vida. O resto da minha vida sem ele. Sem ele e sem nada. Nada.

— Aviso que só tenho alguns minutos, porque a minha namorada está me esperando. O que é que você queria me dizer?

— Que Gilberto e Samper vão te massacrar, Pablo. Mas em poucos minutos não posso te explicar como, porque acabar com você também não é tão fácil. E tente me respeitar, ou volto no próximo avião.

Ele olha para o chão e, depois de pensar por alguns segundos, levanta a cabeça e me diz:

— Está bem. Mando te buscar no hotel amanhã às nove e meia e nos encontramos às dez. E não faça essa cara, porque agora eu madrugo. Sim, às nove horas! Tenho o dia cheio de reuniões e me tornei uma pessoa muito pontual. Gustavo está te esperando. Até amanhã, Virginia!

Sua curiosidade me disse tudo: um homem que pagou 250 mil dólares em esmeraldas por um fim de semana com mais uma de tantas vagabundas, mas que diante de uma única menção a Cali exhibe essa mulher como sua namorada, está perdendo o senso das proporções e é, portanto, altamente vulnerável. Juntos, os quatro grandes chefes do cartel de Cali têm mais poder e mais recursos do que ele. Além disso está sozinho, porque seus sócios não partilham do mesmo ódio visceral por eles e, sobretudo, por Gilberto Rodríguez. Com a cabeça fria, Escobar é uma calculadora humana; com a cabeça quente, perde toda a sua sanidade e obedece apenas a paixões desenfreadas. Sempre soube que ele tem a alma de fogo dos guerreiros e que seu rival tem alma de gelo, como todos os

banqueiros. Conheço como ninguém as fortalezas e fraquezas de Pablo Escobar e sei que, se ele conta com a coragem, o orgulho e a obstinação dos excepcionalmente corajosos, padece também da impaciência, da arrogância e da teimosia daqueles suicidas em potencial que, um belo dia, decidem atacar todos os seus inimigos não só ao mesmo tempo, como antes do tempo. Sinto uma compaixão enorme — por ele e por nós dois — e a mais profunda e dolorosa nostalgia por tudo o que esse ser formidável e único, que ainda não fez 38 anos e que eu acreditava predestinado a grandes projetos, podia ter sido e jamais será.

Um homem forte nunca será mais homem que quando deixar escapar uma lágrima. Uma lágrima furtiva, pela perda irreparável de um filho, um pai, um amigo de alma. Ou por uma mulher impossível. Entre essas outras quatro paredes, alguém muito parecido com Escobar, mas oposto a todos esses subalternos que estão do lado de fora, não pode esconder sua dor ao saber que o único ser no mundo pelo qual daria sua vida e pelo qual deixaria tudo é uma mulher que alguém como ele nunca vai poder ter. Gustavo Gaviria me implora que diga toda a verdade, por mais dura que seja, e eu agradeço a confiança que esse homem, que eu acreditava feito de ferro, gelo e chumbo, deposita em mim. E confesso que, diante apenas da menção de seu nome e parentesco com Pablo Escobar, Ana Bolena saiu correndo depois de me dizer, scandalizada:

— Virginia: você era a diva deste país, e esse narcotraficante acabou com a sua carreira e o seu bom nome. Eu sou só uma atriz que ganha a vida honestamente. Diga ao tal Gaviria que nem por todo o ouro do mundo eu me submeteria ao que esses miseráveis deixaram que outros te fizessem, nem ao que a imprensa está fazendo com você. Que mulheres como eu só sentem desprezo por eles. Que, antes de permitir que um narcotraficante desses chegue perto de mim, prefiro a morte!

Gustavo me pede que repita cada palavra que disse a mulher impossível pela qual está loucamente apaixonado. Quando se nega a entender por que essa bela menina de grandes olhos claros o despreza tanto, lembro a ele o que os jornais e as emissoras de rádio escrevem e vociferam sobre mim: histórias de amantes de narcotraficantes que me espancam horivelmente para tirar de mim iates e mansões, mulheres que mandam me cortar a

facadas para tirar de mim automóveis e joias, autoridades que me prendem para pegar drogas e armas, médicos que me tratam para me curar da sífilis e da aids. Completo que, com o objetivo de impedir o meu regresso às telas e ao microfone, os meios de comunicação parecem estar exigindo que acabem — a navalhadas, a socos, a pontapés — com qualquer traço da minha dignidade, do meu talento, da minha elegância ou beleza e me negam todo o direito à integridade, ao trabalho e à honra.

Sem poder me conter nem me deter e sabendo que, mais cedo ou mais tarde, vai dividir a conversa com seu melhor amigo, começo a contar a Gustavo todas aquelas coisas que nunca poderia dizer a Pablo. Não apenas falo do preço que paguei por ter apoiado sua corporação ingrata em sua posição nacionalista contra a extradição, como falo de muitas outras situações: de como qualquer pobre-diabo pode dormir com uma mulher que realmente goste dele enquanto, no fundo de seus corações, todos eles, tão arquimilionários, sabem que são indignos de ser amados e estão condenados a vida inteira a ter que pagar mulheres bonitas apenas por uma ilusão de amor. E completo que a Bíblia diz “Não jogues pérolas aos porcos” e que homens como Pablo não merecem um tipo de amor diferente do das prostitutas caras que eles tanto gostam. E termino dizendo que o meu erro foi não ter fixado o meu preço desde o começo, quando o seu sócio me implorava que pedisse tudo o que quisesse e eu respondia que não queria nada, porque as mulheres representativas e educadas como princesas não amavam um homem especial porque é rico ou pobre, nem para que dê presentes a elas, mas para fazê-lo feliz e protegê-lo do mundo lá fora.

Gustavo me escutou em silêncio, olhando pela janela. Com a voz triste, reconhece que eu, obviamente, fui educada para ser a esposa de um homem proeminente, e não a amante de um bandido. Acrescenta que todos eles também são casados com mulheres que amam e cuidam deles, sendo ricos ou pobres. Eu respondo que todas essas mulheres suportam as humilhações só porque eles as cobrem de diamantes e peles e que, se não fosse por isso, quase todas as deixariam. Descrevo para ele a joia de 250 mil dólares — que não pode ter sido encomendada para essa menina que usava uma medalhinha de ouro no peito — e peço que me ajude a convencer o seu primo de me dar apenas 100 mil dólares enquanto vendo meu apartamento, para poder deixar para trás este país hostil e perdido

nessa palhaçada e trabalhar na Europa no que sempre quis: o domínio verbal e escrito de meia dúzia de idiomas e o conhecimento básico das línguas nórdicas que se parecem com o alemão.

Gaviria me explica que eles vão precisar de muitíssima liquidez para a guerra que se aproxima e me avisa que devo me preparar para que seu sócio diga “não” para uma quantia em dinheiro que, alguns anos atrás e sendo para mim, certamente teria levantado sem pensar duas vezes. Acrescenta que Pablo também não vai aceitar de boa vontade que eu me vá completamente, porque ele precisa saber que a sua amiga de alma sempre estará por perto para falar sobre um monte de coisas que não poderia discutir com nenhuma outra mulher, nem com as de sua família.

Gustavo é um homem pequeno e miúdo que, a todo momento, ajeita uma mecha de cabelos lisos da testa e, como seu primo, também não olha muito nos olhos. Depois de um breve silêncio e um profundo suspiro, ele se dirige até a caixa-forte, tira suas bandejas de diamantes e as coloca sobre uma mesa de centro em frente ao sofá onde estamos conversando. Abre os estojos com centenas de anéis de brilhantes cujo tamanho oscila entre um e dois quilates e me diz que quer me dar um para que leve como recordação, porque ele sim agradece pelo que fiz por eles.

Muito emocionada, digo que não e não, e agradeço. Mas em seguida, diante da visão refulgente de toda aquela bilionésima fração de sua riqueza, decido mudar de ideia: pego um lenço de papel para secar as lágrimas e exclamo que quero o maior de todos. Não só porque mereço, mas porque já estava na hora de algum bendito magnata me presentear com uma joia. Ele ri satisfeito, comenta que se sente honrado em ser o primeiro e insiste para que eu escolha o mais puro, um de menos de um quilate. Respondo que deixo toda essa pureza a Santa Maria Goretti, que só quem vê os carvões é ele e com lupa, e que eu quero o maior e com menos defeitos. Estou experimentando um ovalado — pouco comum, porque a maioria dos diamantes são redondos (tamanho de um brilhante) ou quadrados (tamanho de uma esmeralda) —, com o anel em uma mão e o lenço de papel na outra, quando a porta se abre e eu ouço:

— Mas... o que você está fazendo aqui? Achei que já tinha ido há muito tempo! E que cena é essa? O compromisso matrimonial da estrela?... Vai casar, por acaso, com... dom Gilberto?

Gustavo me olha de boca aberta e olhos arregalados, e eu não posso fazer outra coisa além de explodir de rir e dizer que também deveriam colocar uma camisa de força no seu sócio. Louco, Pablo vocifera:

— Não damos diamantes para ela! Ela é diferente! Ela não se interessa por diamantes!

— Como assim, diferente? Por acaso ela tem bigode, como você? — responde Gustavo. — E eu ainda não conheço uma mulher que odeie brilhantes! Você os despreza tanto assim, Virginia?

— Eu adoro e durante cinco anos enganei o seu primo aqui presente para que não pensasse que eu o amava pelo seu dinheiro sujo! Mas ele prefere acreditar que estou há anos o enganando com um presidiário, e por isso tive que vir, como uma Helena de Troia, parar esta guerra antes que os dois se capem e a comunidade feminina fique afundada em luto!

— Você percebe que ela está com Cali, irmão? — grita Pablo, revoltado, se dirigindo a Gustavo enquanto eu, zonzinha, contemplo o meu primeiro solitário e me disponho a defendê-lo com a minha vida. — Pois os brilhantes são para as rainhas que estão conosco!

— Não diga bobagem, homem, que se Virginia estivesse com Cali não estaria aqui! — diz Gustavo em tom de censura. — Todos querem matá-la de fome, e eu vou dar a ela algo que possa ter, algo que possa vender no dia de amanhã em caso de necessidade. Não tenho que pedir permissão nem a você nem a ninguém, e, além do mais, um diamante protege. É a única rainha de verdade que você já teve em toda a sua vida é esta mulher. Antes de te conhecer, 1 milhão de homens já suspiravam por ela!

— Pois que se dedique a escrever, em vez de posar para tanta revista e tanto fotógrafo! — responde Pablo, olhando o anel como se estivesse disposto a cortar o meu dedo para jogá-lo no vaso sanitário. — Sim, livros, em vez de tanta falação! Histórias para contar, é o que ela tem!

— Ai, que horror! Virginia, me promete que, se você for escrever, nunca, nunca, nunca dirá nada sobre nós... nem do negócio, pelo amor de Deus! — Gustavo me implora, alarmado.

Eu juro a ele que assim será, e ele explica ao seu sócio o motivo do presente:

— Não vamos voltar a vê-la nunca mais, Pablo, Virginia veio se despedir de nós para sempre.

— Nunca? — pergunta seu primo, desconcertado. Em seguida, com a expressão e o tom que certamente usa para interrogar a todo pobre coitado acusado de roubar cem quilos de coca dele, pergunta: — Como assim, para sempre?... É isso mesmo, Virginia?... Vai se casar ou o quê? Por que você não me contou nada?

Continuo ignorando Pablo e prometo a Gustavo que sempre que esteja correndo risco de vida, como agora, vou esfregar seu diamante como se fosse uma lâmpada de Aladim, nunca vou vendê-lo e vão me enterrar com ele.

Pablo comenta que ele pensava que eu era diferente de todas as outras mulheres, e eu, levantando os braços feliz, exclamo que ele estava enganado e que fiquei igualzinha ao resto delas: acabo de descobrir que também sou fascinada por diamantes! Gustavo ri e seu primo fecha a porta, não sem antes dizer, com uma mistura de desgosto e resignação:

— Estou desiludido com você, Almalimpa!... Bom... você e eu nos vemos amanhã.

O lugar de nosso último encontro é uma casinha de campo com paredes brancas e vasos de gerânios, a cerca de trinta minutos do Intercontinental de Medellín. Dois de seus homens me pegam no hotel, e minutos depois ele chega dirigindo um pequeno carro, seguido de outro com dois guarda-costas que vão embora imediatamente. Uma mulher varre o chão da sala de jantar e me observa com curiosidade. Por experiência própria, sei que as pessoas obrigadas a madrugar às nove horas da manhã sempre estão de mau humor. Pablo não se dá ao trabalho de pedir à faxineira que saia e, logo de cara, deixa claro que já está em pé de guerra:

— Não posso te oferecer mais do que vinte minutos, Virginia. Sei que você vem para interceder pelo seu amante, e já me contaram que, além disso, vai me pedir dinheiro. Não conte com um único centavo meu, nem com o primeiro pedido, porque vou fazer picadinho dele!

A mulher para o que está fazendo enquanto digo ao seu patrão que a única vida pela qual eu vim interceder é a dele. E que alguém que ficou três anos nas prisões de Cádiz e Cali não poderia ser amante de uma pessoa que vive nas Ilhas de Rosário ou em Bogotá. Completo que, na verdade, também não vim para que alguém como ele me desse aulas de violão, mas para pedir que ele me tire do país antes que seus inimigos me

despedacem. Olhando as unhas enquanto contemplo meu diamante, acrescento com a maior tranquilidade:

— Acho que os Rodríguez e Ernesto Samper vão acabar com você. Se quiser saber como, te conto os detalhes diante dessa senhora.

Pablo pede à faxineira que saia e volte mais tarde. A mulher me lança um olhar furioso de desaprovação e desaparece. Ele se senta de frente para mim num pequeno sofá de dois lugares, feito de bambu e forrado de uma chita com estampa marrom floral, e eu começo a contar tudo sobre a visita de Gilberto e Santofimio:

— Ficaram menos de uma hora porque iam para a casa de Alfonso López para celebrar a liberdade de Gilberto com o ex-presidente e com Ernesto Samper. Estavam elegantíssimos, e eu não podia acreditar nos meus olhos, nem em meus ouvidos! Se você vai começar uma guerra contra Cali, Pablo, não pode continuar confiando em Santofimio: lembra que o seu primo é casado com a filha de Gilberto e que o seu sócio na Chrysler, Germán Montoya, é agora o homem por trás do trono no governo de Virgilio Barco.

Peço que não se esqueça do “Dividir para conquistar” de Maquiavel, e imploro que não se meta numa guerra que parece ter sido projetada pela DEA para acabar com os maiores chefes de tráfico, que vai deixar centenas de mortos, vai terminar trazendo de volta a extradição e minar seriamente a fortuna de ambos.

— Talvez a dele! Acabar com a minha vai ser muito mais difícil!

No meu tom de voz mais persuasivo, lembro a ele que, se estivesse tão rico ou, talvez, tão “líquido”, não teria me proposto o sequestro de magnatas. Completo que, graças a Deus, o segredo ficou entre nós. Ele me olha enfurecido, mas, sem me deixar impressionar, continuo:

— Os Rodríguez não têm que sustentar um exército de mil homens, Pablo, nem todas as suas famílias. Essa conta está fechando em 6 mil pessoas...

— Mas como você aprendeu, Virginia! Estou impressionado! E do que é composto o exército deles? Centenas de congressistas e jornalistas mais caros do que todos os meus homens juntos! Acho que, em matéria de custos, estamos iguais. E eu invisto no carinho das pessoas, é o dinheiro mais bem gasto do mundo! Ou você acha que um senador desses vai dar a vida por alguém?

Mais de uma vez repito que, em seu território, os Rodríguez estão protegidos pelo governador, pela polícia, pelo Exército e por milhares de taxistas e informantes. E que o M-19 também não se mete com eles porque Gilberto, além de amigo de Iván Marino Ospina, foi muito próximo, por toda a sua vida, da família do comandante Antonio Navarro, de quem sempre falou que “gosta muito de dinheiro”. Aviso que seu inimigo é amigo íntimo de vários presidentes e que os afetos não vão vacilar em escolher entre o dinheiro de Rodríguez e o chumbo de Escobar. Tento fazer com que ele entenda que está dividindo uma corporação que começou unida em torno dele e agora se divide em dezenas de carteizinhos sanguíneos, sem resquícios de grandeza e dispostos a tudo, contanto que possam imitá-los.

— Um monte de espertos está pescando em águas turbulentas, esperando que vocês dois se matem e deixem o território livre para eles. Mas, se você e Gilberto juntam forças, os custos vão se reduzir à metade, a força se duplica e ambos ganham a batalha final contra a extradição, porque, se Galán for o próximo presidente, vai querer implantá-la no dia seguinte à sua posse. Gilberto tem relações com quase todos os poderosos deste país, e você inspira outro tipo de respeito, do tipo que ninguém em seu perfeito juízo ousaria questionar. Deixem já de usar esses milhões para se matar e deixem em paz o resto dos colombianos, porque este país perdoa tudo. Você sempre soube para que as pessoas servem, Pablo: me use para parar essa guerra. Anda, estenda essa mão e dê um exemplo de grandeza. No dia seguinte, vou embora da Colômbia para que nenhum dos dois volte a me ver nunca mais.

— Mas ele tem que dar o primeiro passo. Ele sabe o porquê, e você não tem como saber. São coisas de homens que não têm nada a ver com você.

Tento convencê-lo de que o que importa não é por que o conflito começou, mas para que serve a aliança com Cali.

— Pois se esse senhor parece tão rico, tão importante, tão poderoso, por que você não pede para ele o dinheiro para ir embora?

Nunca em toda a minha vida eu tinha me sentido tão insultada. Reajo como uma pantera e respondo que não apenas seria incapaz de pedir dinheiro a outra pessoa que não fosse ele, como não tive uma relação sentimental com Gilberto Rodríguez. Digo ainda que minha carreira acabou porque Pablo Escobar foi meu amante ao longo de cinco anos e

não por um *affaire* de cinco minutos de que só três pessoas sabem, precedido e seguido, isso sim, por dezenas de conversas que me serviram para saber quanto podem ser baratos os presidentes, os governadores e a metade do Congresso. Como vejo que não vamos chegar a lugar nenhum, lembro que ele é um homem muito ocupado e que já estamos há quase uma hora discutindo.

Pergunta a que horas o meu avião parte. Respondo que às cinco da tarde e que devo sair do hotel às três. Ele se levanta do sofá e, com as mãos apoiadas na grade da varandinha que está à minha direita, olha para longe.

— E por que você quer ir embora... para sempre?

Explico que desejo estudar tradução simultânea em Genebra. Um excelente intérprete ganha mil dólares por dia, e eu só preciso de um empréstimo de 100 mil, porque venderia o meu apartamento ou o deixaria alugado com os móveis para algum diplomata. Acrescento que, além disso, um tradutor de cinco ou seis idiomas sempre vai ser extremamente útil para ele, porque sempre poderá confiar a mim gravações ou documentos legais que não queira deixar nas mãos de estranhos.

— Pois com o meu dinheiro você não vai! Tradutores existem aos montes, e você não vai terminar casada com algum banqueiro gorducho dando jantares na Suíça enquanto eu fico aqui de alma arrebatada. Já não me importa se você me ama ou me odeia, Virginia, mas você vai ficar aqui e viver os acontecimentos que virão, para que mais adiante escreva sobre eles. Ponto.

Tento explicar que, no dia em que eu fizer isso, os corruptos e seus inimigos vão me cortar em pedaços, e que seu egoísmo está me condenando a morrer de fome num país que já não pode me oferecer nada além do terror cotidiano. Pergunto onde sua grandeza ficou enterrada. Ele me olha ofendido e responde que no mesmo lugar onde minha carreira está enterrada. Logo, como se quisesse se justificar, suspira profundamente e diz:

— Por acaso você acredita que eu e você podemos escolher o nosso destino? Não, meu amorzinho! Só se escolhe a metade. A outra metade já vem com a gente.

Eu me levanto da cadeira e vou até a varanda, de onde se pode ver uma paisagem bucólica cuja beleza, em outras circunstâncias, certamente eu teria admirado. Digo que alguém que vai fazer 38 anos com a posse de

vários bilhões de dólares não tem o menor direito de se descrever como uma vítima do destino, e que eu deveria ter adivinhado que algum dia toda essa sua veia de crueldade poderia se voltar também contra mim.

— Pois minha decisão obedece a razões que não posso explicar a você, mas que algum dia vai entender. Acontece que você... me conhece e me entende como ninguém, e eu também te conheço melhor que ninguém. Sei que mesmo que tenha deixado de me amar, inclusive de me respeitar, sempre vai me julgar com parâmetros nobres e jamais vai trair minha memória. A minha verdadeira história não poderá ser escrita por jornalistas, nem por políticos, nem pela minha família, nem pelos meus homens, porque nenhum deles passou — nem vai passar — centenas de noites comigo falando do tipo de coisas que nós dividimos. Escolhi você pela sua integridade e generosidade, e acho que só você tem capacidade para transmitir exatamente o que penso e o que sinto... porque eu fui me transformando no que sou e no que um dia serei... e, por isso, preciso saber que — ainda que não esteja comigo, mas com outro, e mesmo que não queira me ver, nem me ouvir, nem falar comigo — aí fora, em algum lugar, você estará observando com sua lucidez única a loucura que está por vir.

Diante de semelhante confissão, não sei o que responder. Só consigo dizer que ambos somos experts em inflar o ego um do outro quando este está em pedaços. Que tudo isso são desculpas para não me dar um centavo. Que ele tem uma esposa, todas as mulheres que deseja e não precisa de mim para nada. Que continuo sem entender por que, se na verdade fui tão importante para ele, não pode acabar com o meu sofrimento com uma cartada só, como fez com as dívidas da minha empresa há cinco anos. Quando responde que muito em breve vai começar uma guerra, começo a rir incrédula e confesso a ele que minhas amigas me mostraram um presentinho de 250 mil dólares para uma mulher que ele certamente até já esqueceu. Pablo vem até mim, segura meu queixo entre o polegar e o indicador e, com toda ironia de que é capaz, me diz, num tom de voz que não sei se é de censura ou de ameaça:

— No dia seguinte você foi vê-lo na prisão. Ou não foi, meu amor?

Ele me solta rapidamente e muda de assunto. Pergunta o que achei de sua nova namorada. Digo que fico feliz que uma mulher tão doce e bonita

cuide dele e o ame. Mas também lembro o fato de que ele já viveu com sangue, suor e lágrimas.

— Não esqueça que neste país as mulheres da classe média baixa, quando sabem que são amadas por alguém como você, parecem ter apenas uma coisa na cabeça: um filho, um filho, um filho, como se a humanidade fosse acabar sem elas! Lembre-se que, diante da lei colombiana, cada filho seu, legítimo ou ilegítimo, custa 1 bilhão de dólares. Sei que os ilegítimos te apavoram quase tanto quanto a mim, e acho que foi por isso que duramos tanto tempo juntos: nunca me passou pela cabeça te possuir, Pablo, nem enriquecer às suas custas.

Ele fica pensativo por um longo tempo, e sei que se lembrou de Wendy. Quando me viro para olhá-lo, observo que está profundamente triste, como se de repente tivesse ficado só no mundo e não tivesse para onde ir. Vem na minha direção, passa um braço pelos meus ombros, me aproxima dele e, olhando para algum lugar remoto e perdido ao longe, começa a falar comigo com uma nostalgia que eu ainda não conhecia:

— Não foi por isso, mas porque você me dava o tipo de amor que realmente me importava. Você era o meu amor inteligente... com essa cabeça e esse coração nos quais cabia todo o universo... Com essa voz, com essa pele... Você me fazia tão incrivelmente feliz que acho que você será a última mulher que amei loucamente... Estou perfeitamente consciente de que nunca mais haverá outra como você. Nunca poderei substituí-la, Virginia, enquanto você se casará com um homem superior...

Suas palavras comovem até a última fibra da minha alma, e eu digo que, vindas do homem que mais amei, são uma homenagem que sempre guardarei como um tesouro na parte mais secreta do meu coração. Mas me esqueci que Pablo Escobar sempre cobra suas manifestações de carinho com baldes de água fria: em seguida, e com a maior tranquilidade, me faz saber que é exatamente por isso que decidiu me deixar com as mãos completamente vazias.

— Assim, quando você escrever sobre mim, ninguém poderá dizer que está me elogiando porque comprei sua alma e seu coração. Porque ambos sabemos que sempre dirão que comprei sua beleza com o meu dinheiro...

Não posso acreditar no que estou ouvindo. Digo a ele que, depois de suas frases anteriores de reconhecimento, memoráveis e sublimes, depois de toda a sua generosidade comigo — a das palavras, a do tempo, a do

dinheiro —, tudo isso é apenas uma vingança boba baseada no seu ciúme absurdo. Sem me olhar e agora com a voz carregada de tristeza, me responde que ele nunca foi ciumento e que algum dia vou agradecer sua decisão porque ele sempre soube de tudo o que vai acontecer. Estou completamente derrotada e, como desejo ficar a sós para poder chorar minhas mágoas, só consigo dizer que já estamos falando há duas horas e que tem muita gente o esperando.

Com o corpo inclinado e as mãos apoiadas na balaustrada da varanda, ele observa em silêncio toda aquela extensão de terra como se estivesse contemplando seu próprio destino. Ignorando a passagem do tempo, começa então a me contar que vai num caminho sem volta em direção a uma guerra total contra o Estado na qual possivelmente vai acabar morto. Mas antes de morrer decidiu acabar com os homens de Cali e com todo aquele que atravessar seu caminho, e a partir de agora as coisas não vão ser com chumbo e sim com dinamite, assim os justos terão que pagar pelos pecadores. De pé junto a ele, olhando também para o vazio, eu o escuto espantada e com o rosto banhado em lágrimas, me perguntando por que esse homem tão incrivelmente rico carrega esse ódio enorme no coração, com essa necessidade de castigar todos nós, essa crueldade e tanto desespero. Por que nunca descansa e se toda essa raiva contida a ponto de explodir como um vulcão é no fundo apenas impotência para mudar uma sociedade dirigida por outros quase tão implacáveis e inescrupulosos quanto ele. De repente, se vira para mim.

— E para de chorar como uma Madalena, porque você não vai ser a minha viúva!

— Por acaso você acha que eu poderia chorar por alguém como você? Choro por mim e pela fortuna que você vai deixar para a sua viúva, que não vai saber o que fazer com ela! Para que você quer tanto dinheiro se é para viver assim? E choro por nosso país!... Vai dinamitar esse pobre povo pela sua causa egoísta? Mas que maldade, Pablo! Em vez de simplesmente reforçar a segurança. Por acaso você acha que algum pelotão de corajosos soldados vai se atrever a vir te buscar?

Responde que sim. Que pelotões e mais pelotões vão vir mais cedo ou mais tarde, e que é para todos eles que precisa de dinamite e mísseis. Eu comento que se alguém escutasse essa conversa o internaria, não na prisão, mas num sanatório, e que graças a Deus até agora ele teve a mim para

contar todas as insanidades que passam pela sua cabeça. Acrescento que estou realmente preocupada com ele, porque cada dia está se parecendo mais com Juan Vicente Gómez, o tirano venezuelano multimilionário do início do século passado.

— No seu leito de morte, a mãe dele o fez jurar que perdoaria todos os seus inimigos e deixaria de torturar e assassinar seus rivais. Quando a senhora soltou seu último suspiro, o presidente vitalício saiu do quarto e contou aos seus escudeiros sobre aquele pedido: “Claro que eu pude jurar por Deus, porque a pobre velhinha não sabia nada sobre política: o último dos meus inimigos está há vinte anos debaixo da terra!”. A diferença entre você e ele, Pablo, é que Gómez viveu quase oitenta anos, enquanto você, no ritmo que está, não vai durar nem cinco.

— Você está parecendo uma dessas esposas velhas que só sabem dar sermão!

Tranquilamente, respondo que “essas esposas velhas” têm sempre razão, porque seus maridos são burros e teimosos. E lembro a ele que Josefina era dez anos mais velha que Napoleão, enquanto ele e eu somos igualmente “anciãos”, mas eu pareço dez anos mais jovem porque tenho 62 centímetros de cintura, já ele parece mais velho porque está ficando com o corpo de Santofimio, de tanto comer feijão. Termino dizendo que já estamos conversando há três horas e que Gilberto Rodríguez me preveniu de que um dia desses ele ia mandar me matar. Sim, até eu! Como qualquer Juan Vicente Gómez, por estar com a oposição e dar sermão!

— Você, meu amor? Mas ele é ainda mais miserável do que eu pensava! Só peço a Deus que quando eu acabar com ele você não esteja ao lado, porque se chego a te ver no necrotério do lado dele vou querer me dar um tiro! — Depois de uma pausa, pergunta: — Ele te prometeu algo? Diz a verdade, Virginia.

Digo que a produção e a distribuição de um xampu com o meu nome, e ele exclama:

— Um xampu? Mas, claaaro, só uma bicha ia prestar atenção no seu cabelo! Com laboratórios próprios, e esse rosto e essa cabeça que você tem, eu construiria um império! O cara é um covarde, meu amor. Tem mais medo da bruxa com a qual ele se casou do que de mim. E você vai comprovar isso mais cedo do que pensa...

Eu lhe peço então que não me obrigue a pedir nada ao seu inimigo, a única pessoa que pode me contratar e me financiar, possivelmente com uma quantia em dinheiro bem pequena. Lembro a ele que tenho horror à pobreza e praticamente já não tenho família, nem amigos, nem ninguém no mundo. Várias vezes imploro que também não me submeta a ter que suportar a visão de todo esse terror que andou me descrevendo.

— Por que você não me poupa tanto sofrimento, Pablo, e manda um desses sicários que obedecem a todas as suas ordens como se fosse um Deus me matar? Ambos sabemos que vontade não te falta. Por que você não faz isso já, meu amor, antes que alguém faça primeiro?

Parece que esta última súplica tocou, finalmente, alguma fibra de seu coração de chumbo porque, ao escutá-la, sorri com ternura e vem para o extremo da varanda onde estou agora. Colocando-se atrás de mim, me envolve em seus braços e sussurra no meu ouvido:

— Mas ninguém mata o seu biógrafo, amor!... E eu não poderia suportar a visão de um cadáver tão lindo... e com 62 centímetros de cintura! Por acaso você acha que eu sou feito de pedra? E se eu quisesse reviver esse cadáver e não pudesse? — E, beijando meu cabelo, continua: — Essa sim seria uma tragédia pior que a de Romeu e Julieta! Não, melhor, como a de Otelo e Desdêmona!... Sim, o casal que sofreu com Iago, Iago Santofímio!

Ao me dar conta de que ele verificou quem era Iago, não posso conter minha risada. Aliviado, ele comenta com um suspiro que nesses anos realmente nos ensinamos muitas coisas e crescemos muito juntos. Eu digo que nós dois éramos como arbustos de bambu, mas não conto o que estou pensando: que essa será a última vez que sentirei seus braços ao redor do meu corpo, a última vez que riremos juntos, a última vez que ele vai me ver chorar... Sei que, aconteça o que acontecer e faça ele o que fizer, vou sentir falta pelo resto da minha vida de toda aquela alegria que Pablo e eu vivemos juntos. E, como sinto essa dor inexplicável de ter que deixá-lo, esse terror de não poder esquecê-lo, esse medo de começar a detestá-lo, insisto que, se mandasse me matar com um tiro, eu não sentiria nada e ele poderia jogar meus restos no redemoinho junto com flores silvestres. Acrescento que do céu eu poderia cuidar melhor dele do que estando em Bogotá; inclusive, me encarregar das relações públicas para ele com todos os “enviados” para lá. Cheira o meu perfume, fica em silêncio um

momento e me diz que nunca se sentiu tão insultado: nunca me deixaria sem uma boa lápide! Uma de luxo e roubada cujo texto dissesse:

Aqui jazem a deliciosa carne e os ossos gostosos
Que adornaram Almalimpa, a Bela,
Enquanto foi o anjo da guarda
De Almanegra, a Fera.

Elogio seu talento único para compor versos e epitáfios instantâneos e sua predisposição genética para tudo o que é relacionado com o negócio mortuário. Ele me explica que é costume: diariamente redige dezenas de ameaças de morte para todos os seus inimigos e manda pelo correio com a sua impressão digital, para que ninguém ouse disputar a sua autoria intelectual. Comento que algum deles vai acabar me cortando com uma navalha, e me ocorre perguntar se eu poderia ficar com a sua Beretta... pelo menos por um tempo.

— Sempre te disse que você não deve se separar dela nem para tomar banho, meu amor.

Sinto um enorme alívio, e decido não lhe pedir meu chaveiro com o coração de ouro até o dia em que ele pedir sua pistola de volta. Ele acaricia minhas bochechas, jura que enquanto viver ninguém vai tocar em um fio de cabelo meu e me dá um argumento mais lapidário do que todas as tábuas de mármore juntas:

— Eu corto ambas as mãos de quem se atrever a tocar nesse rostinho com uma motosserra! E, em seguida, faço o mesmo com as mãozinhas das suas horrorosas filhas, da mãe, da esposa, da namorada e das irmãs. E as mãos do pai e dos irmãos também, para que você fique tranquila!

— Isso sim vai ser um prêmio de consolação, Pablo!... “Almanegra, a Fera”... Esse vai ser o nome perfeito para o protagonista do meu romance, um bandido igualzinho a você, mas com a cara de Tirocerto...

— Aí sim eu te jogaria viva no redemoinho, Virginia! Por outro lado, se o coloca com o rosto do “comandante Papito”, do M-19, vai vender mais livros, esses italianos levam a história para o cinema e você pode me mandar um exemplar dedicado: “Ao meu ‘fada-padrinho’, que inspirou esta história. Assinado, Cinderela”.

Rimos juntos, e ele olha o relógio. Diz que, como agora já são duas da tarde, vai me levar até o hotel para que seus homens me peguem às três.

Mas primeiro tenho que maquiar esse nariz vermelho, que parece um morango de tanto chorar, porque os empregados da recepção vão cochichar que ele me encheu de porrada para tirar o diamante de mim.

Como não nos veremos mais, agora sim posso perguntar por que fui a única mulher que ele não presenteou com peles e joias. Ele me toma em seus braços, me beija na boca e me diz no ouvido que para conservar a ilusão de que nunca teve que comprar nada para a mais bela de todas as mulheres; a mais corajosa e leal, ainda que, isso sim, um pouco infiel... Eu assoo o nariz com um sorrisinho de satisfação enquanto ele me contempla com expressão de orgulho. Comenta que essa maquiagem é realmente uma maravilha e que é uma pena que ele não tenha laboratórios de cosméticos, como o veado de Cali, mas apenas laboratórios de coca. Acrescenta que, se eu “pirateasse” a fórmula e pusesse o meu nome, me tornaria ainda mais rica do que ele. Rindo, pergunto quando ele vai pensar em algum negócio lícito e, com uma sonora gargalhada, me responde:

— Nunca, meu amor! Jamais! A vida toda vou ser o maior bandido do mundo!

Antes de ir embora da casinha — e com um estranho brilho no olhar —, me anuncia uma surpresa de presente para que eu não vá embora triste: quer que eu passe um mês em Miami para descansar de tantas ameaças.

— Carlos Aguilar, “o Sujo”, está lá com outros dos meus homens de confiança, e eles se encarregarão de buscá-la no aeroporto e te levar também na volta, para que você não fuja para Suíça! Aproveite a viagem feliz, e, quando voltar, te ligo para falar sobre algo que eles vão te mostrar. Acho que vai adorar, e eu gostaria de saber o que você acha.

Partimos com ele ao volante, seguidos de outro carro no qual vão apenas dois de seus homens. Fico surpresa com as mínimas medidas de segurança, e Pablo me explica que agora inspira tanto respeito em Medellín que ninguém se atreveria a tocar nele. Comento que, no meu idioma, “respeito” às vezes se chama terror, e pergunto quem ele vai assassinar desta vez na minha ausência. Com um beliscão na minha bochecha, responde que não gosta que eu fale assim.

Digo que, segundo me contaram, essas histórias sobre narcotraficantes que me tiram iates parecem ter saído de seu escritório para o de Vieira. Dando de ombros, Pablo responde que não pode controlar cada palavra

que seus homens dizem. E se a mulher do sr. Cali desenvolveu uma fórmula para fazer dele um imbecil, e de sua esposa uma psicopata, não é culpa dele que agora qualquer um possa ligar para uma emissora e dizer que “Tarzan” é um narcotraficante, sua lancha velha, um iate, e o susto passado em alto-mar, uma tentativa de suicídio.

— E você tem que aceitar que — graças a essa víbora — a partir de agora os meios de comunicação vão tachar de narcotraficante todo homem que se aproximar de você.

— Não, Pablo, não seja tão otimista! Há alguns meses, Felipe López me perguntou se eu me casaria com ele; você já deve saber disso, porque intercepta o meu telefone. É filho do ex-presidente mais poderoso da Colômbia, alto e bonito e um garanhão do *Cidadão Kane*. E a revista *Semana* sempre te tratou suspeitosamente bem, considerando que você era algo mais que... um simples rival do dono.

Nem sequer viro para olhá-lo. Depois de alguns segundos, pergunta o que a “Cinderela” respondeu. Então repito o que lhe disse:

— “Como você é de ter casamento aberto, Felipe, por acaso quer me dividir com Pablo Escobar, que você acabou transformando num mito? Porque os meus maridos não são imbecis e, se enquanto estive casado com a mulher mais feia da Colômbia parecia o Rei dos Alces, o que aconteceria se estivesse casado com a mais bonita?”

Ele gargalha e comenta que Felipe López seria capaz de qualquer coisa para ficar com todos os seus segredos... e também com os dos magnatas pães-duros. Digo que, mais do que isso, com os de todas as generosas contribuições dos dois cartéis de droga para o seu pai. Conto que os López seguem rigorosamente os preceitos de Winston Churchill e George VI: certo dia, o rei perguntou ao seu primeiro-ministro por que tinha colocado no gabinete “todos aqueles Trabalhistas terríveis”. Churchill, que usava a mesma linguagem de George VI porque era neto do duque de Marlborough — e, em todo caso, estavam entre homens —, respondeu acompanhando suas palavras com um elegante gesto de mão fazendo dois arcos de 180 graus, um na ida e outro na volta:

— “*Sire*: porque é preferível tê-los dentro fazendo xixi para fora a tê-los fora fazendo xixi para dentro!”

Continuamos rindo, e ele comenta que o que mais vai sentir falta é das minhas histórias. Respondo que as suas são ainda melhores, e é por isso

que ele quer me conservar no “gabinete”. Diz que nunca se esquecerá de que eu era a única mulher que escancarava as portas dos elevadores como se fosse o Super-Homem e não chorava com o gás lacrimogêneo, mas ficava aos prantos por todas as outras coisas e sem se preocupar com a maquiagem. Conclui que nunca conheceu ninguém que tivesse vinte vidas, e eu digo que ele nunca deve esquecer que tem apenas uma e que no dia em que perdê-la eu também vou querer me dar um tiro. Continuamos com nosso pingue-pongue verbal de sempre, o último de milhares, e, de repente, paramos diante de um sinal vermelho. Nunca fizemos isso antes, porque à noite ele sempre dirigia como um fugitivo da justiça, e não com o ritmo lento desta tarde. Viro para olhar à minha direita e observo que a motorista do carro ao lado nos reconheceu e não pode acreditar no que vê. Ambos a cumprimentamos, e Pablo manda um grande beijo. Ela sorri encantada, e eu digo a ele que, agora que está no caminho de se transformar num símbolo sexual, deve me jurar que fará mais pelo amor e menos pela guerra. Ele ri e pega a minha mão, beija, me agradece por lhe ter dado tanta felicidade e, com o último dos seus olhares marotos, me promete que, a partir de agora, vai tentar comer menos feijão. Eu respondo:

— Esta noite, quando a mulher feliz contar ao marido que você a paquerou, ele só pedirá para que ela marque uma consulta com o psiquiatra ou com o oftalmologista. Em tom de brincadeira, e sem tirar os olhos do jornal, ele dirá que ela é só uma mitômana que deveria se controlar. Ou que você é um adúltero e eu, uma pecadora. Por isso é que os maridos são tão chatos...

Como em tudo o que diz respeito a ele eu já não tenho nada a perder, aproveito toda essa alegria para voltar ao motivo inicial da minha visita.

— Pablo: Luis Carlos Galán vai ser o próximo presidente e no dia seguinte vai reimplantar a extradição. Você precisa fazer uma aliança pacífica com Gilberto e planejar uma fórmula conjunta de paz com o M-19, que tem pessoas inteligentes e amigas de vocês dois.

— Não, meu amorzinho. Galán nunca vai ser presidente!

— Para de se enganar; em 1990 ele vai ser eleito. Mas todo mundo tem um preço, e se tem alguém que sabe disso é você.

— Até pode ser que o elejam, mas ele não toma posse! E você por acaso está sugerindo que eu o compre?

— Não, não, você não poderia. Acho que o preço de Galán poderia ser uma fórmula de paz, se o Mexicano esquecesse todo esse ódio cego pelos comunistas e tentasse fazer um armistício com a União Patriótica e as Farc e você deixasse essa guerra estúpida com Cali para fazer uma aliança com Gilberto e o M-19. Se matar Galán, ao contrário, a História vai transformá-lo em outro Jorge Eliécer Gaitán, e você será outro Roa Sierra. Você não é assim, meu amor, e não quero te ver morrer desse jeito porque não merece esse destino. Você tem uma liderança formidável, uma estatura, uma presença nacional, manejo dos meios de comunicação. Muita gente precisa de você, Pablo, milhares de pobres. Você não pode abandoná-los à própria sorte.

— As coisas são muito mais complicadas do que você acha: tenho em cima de mim a polícia e o DAS, que está com os homens de Cali. O Mexicano e eu precisamos do Exército. E, comparados com a Inteligência Militar — o B-2, que é nosso —, a polícia e o Serviço Secreto são umas freirinhas! O Santo tem também muitos contatos nos órgãos de segurança e nos altos-comandos militares. Sei perfeitamente que presta serviços para ambos os cartéis — porque os políticos não são leais a ninguém —, mas eu o uso mesmo assim, como os Rodríguez. Vão acontecer coisas horríveis aqui, Virginia, e não há nada, nada que você possa fazer para mudar o rumo dos acontecimentos.

Tento fazer com que enxergue que os donos das mentes perversas que conduzem este país devem estar esfregando as mãos. Com o DAS — que é deles — e o dinheiro dos Rodríguez, carreiristas tão politicamente ingênuos como ele, de boca calada vão deixar que ele e Gonzalo se encarreguem de botar para fora do baralho qualquer candidato à presidência que ameace seu nepotismo, suas embaixadas e as pautas publicitárias de seus meios de comunicação.

— Vocês dois vão ser apenas os idiotas úteis das famílias presidenciais e dos grupos econômicos. Quando te matarem, Gilberto vai ficar com o seu negócio e Alfonso López e Ernesto Samper se eternizarão no poder. Eu também sei tudo o que vai acontecer com você.

Volta a dizer que não gosta que eu fale assim com ele. Eu o observo e vejo que está cansado e parece ter subitamente envelhecido. Já estamos há quatro horas e meia discutindo, “cantei” para ele todas as verdades que não teria me atrevido a dizer antes, mencionei várias vezes o seu rival e estou

dizendo adeus para sempre. Comento que o problema com todos eles é, justamente, que não têm alguém que os diga a verdade, porque por trás de todo homem podre de rico só há ou uma grande cúmplice ou uma grande escrava. Ele se vira para me olhar e, surpreso, pergunta o que quis dizer com isso. E, como sei que minhas palavras ressoam nos seus ouvidos e ficam gravadas em sua memória, explico:

— Que a sua mulher é uma santa e a do seu inimigo, uma víbora. Algo me diz que elas serão a perdição de vocês dois. Não me pergunte por quê, só o que posso te dizer é que te levarei no coração por toda a minha vida. Agora vai com Deus, meu amor.

Paramos a alguns metros da porta do hotel e nos despedimos para sempre.

Ambos sabemos que é a última vez que o verei com vida.

Ele coloca sua mão por trás do meu pescoço e me beija na testa pela última vez.

Em completo silêncio, ele e eu acariciamos nossos rostos pela última vez.

Com os olhos cheios só de ausências infinitas, ele e eu nos olhamos pela última vez.

Ele me contempla por alguns instantes, com olhos que parecem conter todos os perigos e anunciar todas as tragédias.

Seus olhos negros tristes que parecem arrastar todos os cansaços, todas as condenações.

E, para que ele se lembre como sempre fui, antes de sair do carro faço um esforço sobre-humano para engolir as lágrimas e dou o meu último beijo fugaz, o último dos meus sorrisos mais radiantes, minhas duas últimas palmadinhas carinhosas e um olhar que agora só pode lhe prometer todas aquelas coisas simples sobre as quais Billie Holiday cantava com sua voz de sonhadora em “I’ll Be Seeing You”.

Quando chego ao aeroporto, seus dois homens me apontam um jovem senhor com pinta de importante. Ao me ver, o homem sorri e vem imediatamente em nossa direção, e ele e seus dois acompanhantes cumprimentam efusivamente os meus. Há muitos anos que eu não vejo aquele político promissor de olhar inteligente e ar intelectual, e fico feliz

em poder parabenizá-lo por acabar de ser eleito senador. Conversamos durante alguns minutos, e quando se despede com um afetuoso abraço diz aos homens de Pablo:

— E vocês dois, mandem lembranças ao seu chefe!

O homem que se senta ao meu lado no avião por acaso é um dos muitos conhecidos de Aníbal Turbay. São as vantagens de viajar novamente num avião “coletivo” em vez de num jatinho particular.

— Te vi com os rapazes de Pablo Escobar e conversando com Álvaro Uribe Vélez. Sem ele, Pablo não seria multimilionário; e sem Pablo, Alvarito não seria senador! Uribe é primo dos Ochoa e parente distante de Escobar, você sabia? Mas em que mundo você vive, Virginia? Se aqui em Medellín tudo isso faz parte da História!

E começa a me contar da vida e dos milagres de toda a corporação: quem era Alberto Uribe Sierra, o pai de Alvarito, quando vai começar a guerra, quem vai ganhar e quem vai perder, quantos quilos um despacha em Cali e quantos o outro expede de Medellín, quantos são os que “caíram” de Fulano e quantos Sicrano “coroou”. E como foi que ele escapou de um cerco dos federais em Manhattan durante um recesso entre dois julgamentos antes que batessem o martelo no segundo, o juiz gritasse “*guilty!*” e o condenassem à prisão perpétua. Depois de uma odisseia cinematográfica, chegou ao país um ano mais tarde, beijou o solo pátrio e jurou que nunca mais sairia da Colômbia. Agora mora feliz com sua mulher numa pequena propriedade, e isso porque é o único ex-narcotraficante da História e não tem um centavo!

Penso que esse homem incrivelmente simpático — que ri às gargalhadas com uns dentes parecidos aos de “*Mack the Knife*”³⁶ e antes vendera “mercadoria” aos mafiosos italianos de Nova York — é, definitivamente, um tesouro muito maior que todos aqueles que Manolito de Arnaude algum dia buscou. E nos próximos cinco anos e meio, e quase até a morte de Escobar, adotarei esse eloquente interlocutor como minha própria versão local do Deep Throat, o misterioso personagem da vida real, da escrita e das telas em *Todos os homens do presidente*.

O dia em que eu disse adeus a Pablo foi também a segunda e última vez que falei com o primeiro presidente reeleito da Colômbia (2002-2006-2010). Nunca voltaria a vê-los — nem Escobar, nem o dr. Varito — e só voltaria a falar com Pablo por telefone. Mas por essas estranhas ironias da

Divina Providência, e graças ao “Garganta Profunda”, nos próximos cinco anos eu saberia tudo, tudo o que estava acontecendo na vida e no mundo de Pablo Escobar. Nesse mundo de altos e baixos, aterrador e fascinante, “do Bando dos Primos” [Escobar e Gustavo].

TERCEIRA PARTE

OS DIAS DE AUSÊNCIA E SILÊNCIO

*I have no mockings or arguments... I witness and wait.*³⁷

Walt Whitman, *Folhas de relva*

A CONEXÃO CUBANA

CERTA VEZ ENSINEI A Pablo que as decisões importantes na vida de alguém deveriam ser tomadas com base no cumprimento de no mínimo três propósitos; dessa maneira, se fracassasse em um ou em dois, sempre ficaria o consolo de que o risco tinha valido a pena e de que se tinha conseguido algo, e não a decepção de ter cometido um erro terrível e não ter conseguido nada.

A viagem que ele me deu de despedida cumpre com pelo menos meia dúzia de objetivos: o primeiro é, obviamente, o de fechar a nossa relação com uma chave de ouro que assegure minha boa disposição com ele, mas uma chave pequena o bastante para garantir minha permanência na Colômbia. O segundo é o de afastar sua ex-namorada do rival que acabou de sair da prisão e já anda de braço dado com seu presidente e seu candidato. Logo eu conheceria não apenas as outras razões, como a capacidade de maquinação daquela mente monstruosa.

Algumas semanas depois da visita com Santofimio, Gilberto Rodríguez liga de Cali para me perguntar sobre a resposta “desse senhor amigo meu” em relação à proposta de ajudar a resolver o problema entre ambos. Pablo me havia feito a mesma pergunta por volta de quinze dias antes, e lhe respondi que ainda não tinha conversado com “esse senhor do Vale”, mas se ele chegasse a me ligar não considerava dizer que Pablo faria picadinho dele e muitíssimo menos que iria transformar nós dois na terceira versão de Bonnie e Clyde, mortos no piso do necrotério. Ao lembrar da frase de Gloria Gaitán sobre nós, Pablo havia me pedido para mandar lembranças a ela e tínhamos ficado de falar quando eu voltasse.

Acho que Escobar continua interceptando meu telefone e, por isso, tomo cuidado com cada uma de minhas palavras. Digo a Gilberto que ele,

que sempre teve fama de ser um cavalheiro, deveria estender a mão a “esse senhor da montanha”, que está com a melhor disposição para resolver o problema entre eles. Conto que eu e Pablo nos despedimos para sempre, que ele me sugeriu um longo descanso em Miami e que vou viajar dentro de alguns dias para deixar definitivamente encerrado todo esse capítulo da minha vida.

Do outro lado da linha, um silêncio se faz. Em seguida, incrédulo, Rodriguez exclama:

— Mas, se ele tivesse vontade de dialogar, estaríamos reunidos na sua casa e ele não estaria te tirando do país! Não sei o que foi que você lhe disse, querida, porque agora ele está mais maluco do que antes! Tanto que tive que vir para Cali e acho que nem sequer vou poder voltar a Bogotá! Quando você retornar, quero que venha para falarmos do nosso negócio, e se quiser pode convidar também sua amiga Gloria Gaitán, porque sou louco para conhecê-la. Diga a ela que tenho veneração pelo seu pai: Jorge Eliécer Gaitán é de quem mais gosto na vida depois de Deus e da minha mãe!

Respondo que é quase certo que ela aceitará e que, logo que eu voltar, irei a Cali para falar do negócio e para que ele me explique de uma vez por todas o que está acontecendo com o “senhor mal-humorado”, porque quando nos despedimos ele só comentou que o considerava muito e que desejava muita sorte para o nosso projeto. Gilberto me diz então que, para que eu realmente aproveite feliz as minhas férias, logo que chegue ao hotel um de seus empregados na Flórida vai me levar vinte *grand* (20 mil dólares) para minhas despesas.

Fico surpresa e alegre, e penso que esse parece ser um bom presságio. Dessa vez, decido deixar o dinheiro que Pablo me mandou no cofre junto à Beretta, depositar metade do presente que Gilberto me deu na minha conta bancária em pequenas quantidades e gastar apenas a outra metade. Então voou feliz para Miami, para esquecer Pablo Escobar e comprar *tailleurs* para a minha nova profissão de executiva.

Nunca tinha me reunido antes no exterior com pessoas vinculadas ao narcotráfico, e sempre troquei apenas algumas frases educadas com os empregados de Pablo. Carlos Aguilar é um homem jovem com uma presença forte e não parece um criminoso, apesar de ter o apelido de “o Sujo”; como eu nunca poderia chamar um ser humano dessa maneira, o

chamo de “Águila”. O outro é um rapaz alto, magro, desajeitado, que nunca sorri e tem uma expressão retraída, sobrancelhas juntas e olhos claros que exclamam “Perigo ambulante, assassino da Máfia!”, cujo nome não consegui me lembrar e cujo rosto vi alguns anos depois num jornal entre uma das centenas de mortos nas dezenas de guerras da vida de Pablo.

Pergunto como fazem para entrar e sair dos Estados Unidos sem serem detidos. Com um sorriso condescendente, me respondem que para isso servem os passaportes (no plural) e me contam que dessa vez o patrão os mandou para que transportem oitocentos quilos de um armazém para o outro, porque o lugar parece estar “quente” e a qualquer momento poderia aparecer a DEA ou “os Federicos” (os federais, o FBI).

— Oitocentos quilos? Uau! — exclamo, admirada diante do valor da mercadoria e do valor deles. — E como fazem para transportá-los: vão de cem em cem?

— Não seja tão inocente, Virginia! Em que mundo você viveu esse tempo todo? — pergunta Aguilar, agora me olhando fixamente e com muita pena. — Para Pablo Escobar, oitocentos quilos são o pão nosso de cada dia! Nós transportamos várias toneladas todas as semanas, e eu sou o encarregado de mandar o dinheiro para a Colômbia: dezenas de milhares de dólares em dinheiro vivo, dezenas! Uma ou outra se perde, mas quase todas chegam.

Sei perfeitamente que, sem a autorização do patrão, os empregados do cartel nunca fariam do tamanho do negócio com jornalistas ou civis, principalmente com uma mulher. Meu ex-amante conhece o meu coração como ninguém e sabe exatamente o que eu vou sentir ao escutar o que os seus subalternos estão me confiando.

Acho que foi naquele dia que finalmente deixei de amar Pablo e comecei a odiar Escobar. Por ser o sétimo homem mais rico do planeta e pedir ao seu chefe de finanças que me fizesse sentir a mulher mais pobre e castigada da Terra. Por me obrigar a pedir esmola para o seu inimigo, a quem pretendia escorraçar antes que ele pudesse me dar alguma coisa. Por me usar de saco de pancadas para descontar todo o seu ódio contra o cartel de Cali e por querer fazer com que me sinta culpada por uma guerra que deixaria centenas de mortos.

Uma vez contei a Pablo sobre Quirky Daisy Gamble, um personagem da peça da Broadway *Num dia claro de verão*. Daisy sabia de coisas que

ninguém mais no mundo conhecia, e podia fazer outras que para as pessoas normais seriam simplesmente impossíveis. Depois de lhe contar a história completa e rir por um tempo, tínhamos concluído que — nos dias que não estivessem muito nublados — só eu poderia adivinhar corretamente tudo aquilo que só ele tinha capacidade de conceber, planejar e executar.

Vários dias depois de minha chegada a Miami, Carlos Aguilar me anuncia:

— O chefe pediu para levarmos você para passear de avião para que possa ver as ilhas da Flórida. Mandou te dizer que do céu, num dia claro, dá para enxergar o litoral de Cuba, que sempre vai estar ali. Vamos escolher um dia de sol da próxima semana e te avisamos...

O Sujo e seu companheiro — que, já me mostrou, tem um revólver em cada meia — me buscam no hotel e me levam até uma escola de aviação, que fica mais ou menos a uma hora de distância. Ali me apresentam a três rapazes que estão em treinamento para trabalhar para Escobar. São muito jovens — 23 a 25 anos —, pequenos, magros e morenos. Observo que têm um olhar excepcionalmente duro para pessoas de sua idade e não fazem o menor esforço para esconder a surpresa que minha chegada produz e o incômodo que sentem diante de minha presença. Conheci uma dúzia de pilotos da organização, e imediatamente noto que esses jovens não têm o perfil de aviadores do narcotráfico: civis, ricos e com aspecto de profissionais de classe média alta bem-sucedidos, absolutamente seguros de si e sempre sorridentes. Esses, ao contrário, parecem pequenos homens de aço de origem humilde, e penso que não podem estar em treinamento para levar cocaína para Cuba, mas talvez para trazê-la de lá. Para introduzir suas toneladas de drogas do Caribe para a Flórida, no entanto, Pablo sempre contou com os mais experientes pilotos americanos ou colombianos, o que quer dizer que não precisa de novatos... A mercadoria tampouco é levada de avião a outros lugares, e em todo caso a distribuição no território americano, até onde sempre soube, é assunto dos clientes do cartel de Medellín, não de Escobar e de seus principais sócios...

De repente, a verdadeira razão da minha viagem cai sobre os meus ombros como um asteroide e passa por cima de mim como um rolo compressor: o que Pablo quer me dizer é que ele morre de rir com todos os meus conselhos e advertências, que qualquer magnata que seja meu ex-

namorado é o rei de algo e que qualquer Gilberto pode ser o futuro Rei da Coca. Ele, ao contrário, quer se transformar num mito antes de morrer. Sim, está se preparando para entrar para a História não como um rei qualquer, mas como o Rei do Terror. Quer que eu saiba disso e, antes que eu vá embora de sua vida para sempre, vai me ensinar do que sua mente monstruosa é capaz: vai exhibir diante de sua futura biógrafa tudo aquilo que nunca permitiu à sua amante saber, a que puxava suas rédeas, que teria lhe passado um sermão, que processa as informações de uma maneira que só ele conhece e a dona da cabeça que ele aprendeu a manipular com perfeição.

O Sujo me avisa que esses rapazes são nicaraguenses recém-chegados aos Estados Unidos. Entraram pela “Fenda”, ou seja, cruzaram ilegalmente a fronteira pelo México. Sei o que isso quer dizer: são sandinistas, provavelmente soldados e, quase certo, comunistas fanáticos dispostos a tudo pela Revolução. O que Pablo quer me mostrar é que, quando o dinheiro entra a rodo e é possível planejar cuidadosamente, todas, todas as maldades se materializam. Ele quer que eu veja com meus próprios olhos que esses jovens estudantes de aviação de cenho franzido e aspecto humilde se preparam para algo que um piloto americano ou colombiano não estaria disposto a tentar nem por todo o ouro do mundo.

Pablo também está me dizendo que para fazer negócio com Cuba ele não precisa contar com a aprovação de Castro e que, quando um ditador ignora suas propostas porque tem medo dos americanos ou dos Contras, os generais que estão abaixo dele têm um preço que um todo-poderoso dos recursos líquidos, como ele, tem capacidade de pagar 1 milhão de vezes.

Meu instinto me diz para não aceitar o convite de entrar num daqueles aviões para ver do céu o que só nós dois poderíamos ver para sempre num dia claro. Quando chegamos ao shopping onde quero fazer algumas compras e nos sentamos para almoçar, estou feliz de ter tomado essa decisão: de repente, dois flashes nos cegam. Tentamos localizar sua procedência, mas é inútil. Pela primeira vez desde que conheço Escobar, vejo seus homens se assustarem com algo. Ambos me pedem para sairmos imediatamente dali. Eu decido que nessas duas semanas já aproveitei Miami o suficiente e que voltarei à Colômbia no dia seguinte.

É dia 11 de outubro de 1987. Ao chegar ao aeroporto, dois agentes do FBI se aproximam e me dizem que precisam me fazer algumas perguntas.

Penso que nesse momento vão querer me interrogar sobre os rapazes ou sobre os pilotos do dia anterior, mas, outra vez, só querem saber se levo dinheiro vivo. Aliviada, respondo que esse tipo de dinheiro viaja para a Colômbia nos mesmos recipientes em que chegam as drogas, e não na bolsa de jornalistas de televisão com mestrado e doutorado em assuntos de narcotráfico. Digo com tranquilidade absoluta que me impressiona saber que agora o DAS está me reportando às autoridades estrangeiras cada vez que viajo para fora do país e que tenho absoluta certeza de que foram esses *special agents* que me fotografaram no dia anterior para verificar com seus correspondentes colombianos quem eram meus acompanhantes.

Ao chegar ao balcão da companhia aérea, descubro que o Aeroporto Internacional de Bogotá está fechado: o advogado Jaime Pardo Leal, candidato da União Patriótica à presidência da Colômbia, foi assassinado depois de ter sido interceptado numa barreira militar quando dirigia seu modesto carro por uma estrada.

No país que fornece carros blindados e escoltas a qualquer funcionário de terceira ordem, aquele carrinho e o total abandono do DAS ao candidato presidencial de esquerda são uma advertência do que espera quem não estiver com os ex-presidentes, os dois partidos tradicionais e com os proclamados para sucedê-los no poder. As famílias presidenciais colombianas — que dividem entre si as embaixadas e os grandes cargos públicos enquanto através de seus meios de comunicação impõem as pautas publicitárias do Estado — estão deixando o trabalho sujo nas mãos do general Miguel Maza Márquez, diretor do Serviço Secreto e encarregado da proteção dos candidatos. O diretor do DAS, por sua vez, está deixando o trabalho sujo nas mãos da Inteligência Militar do Exército. E o B-2 está deixando o trabalho sujo nas mãos do “Mexicano” Gonzalo Rodríguez Gacha, o mesmo que já exterminou centenas de ativistas da União Patriótica. Para a pequena coleção de monarquias vitalícias e hereditárias que controlam tanto a opinião pública como os recursos da nação, os grandes chefes do narcotráfico estão provando ser o instrumento perfeito para eliminar seus opositores sem que sujem as mãos com sangue e para se eternizar nesse poder do qual várias de suas gerações tirarão o sustento.

Sei que Escobar não está envolvido na morte de Pardo Leal, porque é um livre-pensador liberal que não assassina ninguém por razões

ideológicas, apenas aqueles que o roubaram ou perseguiram durante anos. Ao nos despedirmos, havia me dito que não tinha nada, nada que eu pudesse fazer para mudar o curso da História. Como sei que ele nunca confessaria sua impotência diante de coisa alguma, compreendo o que foi que realmente quis me dizer com essas palavras: que não haverá absolutamente nada que ele, com toda a sua ferocidade e seus bilhões de dólares, poderá fazer contra a soma do poder estabelecido, os órgãos de segurança a serviço desse poder e a obsessão de seu melhor amigo e sócio por exterminar tudo o que cheire a comunistas.

No dia seguinte à minha volta, escrevo para Pablo. Redijo em código e assino com um dos vários apelidos pelos quais ele me chamava. Recomendo que ele não esqueça o enorme poder que Fidel tem nos Países Não Alinhados e em todos os governos *de facto* do mundo. Aviso que, no dia em que Castro descobrir o que seus subalternos planejam fazer, ou estão fazendo, vai mandar fuzilar a todos e capitalizar o feito em benefício da sua imagem. Lembro que, mais cedo ou mais tarde, ele vai ter que fugir da Colômbia com toda a sua família, que nenhum país rico vai querer recebê-los e que nesse momento Castro vai bloquear a entrada deles em todas as ditaduras terceiro-mundistas que já lhe concederam um passaporte e que, se os deixarem entrar, certamente será com a intenção de depois vendê-lo por uma recompensa aos gringos. Digo que, se acredita que pode enfrentar sozinho os chefes do tráfico de Cali, o Estado colombiano, Fidel Castro e os americanos ao mesmo tempo, é porque já perdeu todo o senso de proporções e está em processo de perder a sanidade — a única coisa que alguém nunca pode perder, por mais que já tenham lhe tirado todo o resto — e está na reta final em direção ao suicídio. Finalizo dizendo que me cansei da perseguição de seus inimigos e dos órgãos de inteligência ao mesmo tempo, que não vou me arriscar a ter meu visto americano cancelado, que deixamos de ser amigos, que não penso em me transformar em observador-cúmplice de sua existência e tratarei de esquecer todas aquelas razões pelas quais num dia muito distante me apaixonei por seu coração de leão para me transformar, a partir de agora, apenas no mais duro observador-juiz de suas ações.

— Se você chegar a abrir o bico, você morre, amor da minha vida — sussurra uma noite às três da manhã, e sei que andou fumando maconha.

— Se eu falasse, ninguém acreditaria em mim e me internariam com você, portanto vou evitar esse suplício. Sabe que, se me matar, vai me fazer o maior favor da minha vida; e que, se chegar a me causar algum dano físico, vou falar com os meios de comunicação e nenhuma mulher voltará a se aproximar de você enquanto viver. Por ambas as razões — e porque nunca poderei esperar nada de você —, posso me dar ao luxo de ser o único ser desarmado que não tem medo de você. Faça de conta que nunca me conheceu. Tente me esquecer, e não volte a me ligar nunca mais. Adeus.

Em novembro, me encontro em Cali com Gilberto Rodríguez Orejuela. Cada vez que o vejo, parece ter se transformado num homem diferente. Se na prisão parecia triste e derrotado, e no dia em que apareceu com Santofimio para encontrarem Alfonso López parecia o mais feliz e triunfante dos multimilionários da Terra, agora parece terrivelmente perturbado. Se existe alguém no mundo que também não tem medo de Escobar é ele, tão rico ou mais do que Pablo; mas Medellín já declarou guerra a Cali, e é só uma questão de dias ou semanas para que um dos bandos faça o primeiro disparo. Diante de mim, Gilberto liga para o gerente geral de seus laboratórios e ordena:

— Quero que saiba que eu gosto muito de Virginia Vallejo, que está comigo escutando a conversa. Ela vai ligar para você, e te peço que de agora em diante colabore com tudo o que ela te apresente.

Não diz mais nada, apenas acrescenta que, logo que resolver alguns problemas, voltaremos a nos falar. Ele sabe que não tenho um centavo, e eu sei perfeitamente o que isso significa: que tudo vai depender se haverá uma guerra com Escobar ou não, e nesse momento sou um motivo adicional de conflito entre ambos. É um problema particularmente sensível, não porque Pablo ainda esteja apaixonado por mim, mas porque ele não vai permitir que todos os seus segredos e vulnerabilidades — todo esse tesouro de informação que trago na memória e no fundo do coração — possam cair no poder do seu pior inimigo. Eu me dou conta de que Pablo continua interceptando meu telefone e de que, de alguma maneira, já fez Rodríguez saber que ele poderia ser muito mais territorial sobre esse assunto do que todos os seus hipopótamos juntos.

Em dezembro, Gilberto convida a mim e a Gloria Gaitán para ir a Cali. Parece que eles ficam felizes de terem se conhecido, e no dia seguinte me vejo a sós com ele. Gilberto me confirma o que Pablo tinha me dito que aconteceria mais cedo ou mais tarde e o que eu já pressentia:

— Cada vez que a Fera te vê na tela, grita para o meu filho de onze anos: “Venha ver a sua madrastra na televisão!”. Você é o sonho de qualquer homem rico e a fantasia de todo dono de laboratório de cosméticos, mas chegou muito tarde à minha vida.

Comento que, como obviamente ele está se referindo à minha idade, e não a outra coisa, estou no meu melhor momento.

— Não, não é nada disso do que você está pensando! O que eu quero dizer é que já me casei duas vezes com mulheres ainda mais acabadas que eu, enquanto você é uma princesa, Virginia. Mas ontem à noite a Fera tentou se suicidar e, quando se recuperou, me disse que se voltasse a te ver uma única vez na vida, mesmo que fosse para almoçar, tiraria para sempre da minha vida esse menino campeão de corrida de kart, que é o ser que eu mais amo no mundo, a única razão pela qual continuo com ela e a de toda a minha carreira criminoso. Entre o meu filho amado e o negócio com você, tive que escolher.

Respondendo que, se financiar o meu negócio de cosméticos com uma quantia decente em dinheiro, juro que construirei um império, ninguém saberá que somos sócios e ele poderá, pelo resto da vida, recorrer a esses fundos legítimos em qualquer emergência, porque as novas leis contra o enriquecimento ilícito — o chamado confisco — vão começar a apertá-los sem compaixão. Com uma expressão paternalista e uma atitude condescendente, me responde que ele já tem centenas de companhias legítimas que pagam uma autêntica fortuna em impostos.

Depois de me despedir para sempre dele, penso que aquele homem de jeito malicioso é muitíssimo mais perigoso do que Pablo Escobar e Gonzalo Rodríguez juntos, e que Deus sabe o que faz. De volta a Bogotá, me olhando no espelho, decido me animar com a famosa frase de Scarlett O'Hara em ... *E o vento levou*:

— Bem... amanhã vai ser outro dia! E em 1988 veremos o que vamos fazer. Que se matem entre eles se quiserem, porque não há mais nada que eu possa fazer. Gilberto é humano, e, quando Pablo cruza o caminho de alguém, até o mais macho e o mais rico saem perdendo. Ainda sobraram

12 mil dólares no banco e 30 mil no cofre. Sou magra, tenho tanto quanto roupas de estilistas e vou para Careyes, que dizem que é lindo!

Careyes, no Pacífico mexicano, é um dos paraísos das pessoas mais ricas e elegantes da Terra. Angelita, a bela modelo, me convidou para que ela não ficasse sozinha entre um monte de franceses e italianos, enquanto seu namorado, um jogador de polo parisiense, supervisiona a construção de um estádio. Não falamos uma única palavra sobre Pablo, que havia cinco ou seis anos suspirava por ela, nem da minha vida nos últimos anos. Logo na primeira noite, me apresentam a Jimmy Goldsmith, que reúne uma mesa quilométrica cheia de filhos, namorados e namoradas dos seus filhos, mulheres do presente e do passado, netos e amigos, todos lindos, bronzeados e felizes. Quando o lendário magnata franco-inglês aperta a minha mão e sorri, penso que é talvez o homem mais atraente que já vi na vida, que deve ser amigo de David Metcalfe e que com toda a razão cunhou a frase: “O homem que se casa com a amante deixa o lugar vago!”.

Sir James acabou de vender todas as ações de sua companhia antes da queda da bolsa, ficou com uma fortuna de 6 bilhões de dólares e foi casado com a filha de Antenor Patiño. Olhando toda aquela prole do magnata boliviano do estanho e escutando os *mariachis* mais sublimes da Terra tocando no aniversário de sua filha Alix, me pergunto por que os magnatas avarentos não podem viver com um pouquinho de estilo, como diria Metcalfe. E por que Pablo e Gilberto — com a metade ou a terça parte do dinheiro desse homem e só dois terços da sua idade —, em vez de estarem felizes num lugar como este, aproveitando as coisas gostosas e perfeitas da vida, como este mar, este clima e estas piscinas de borda infinita, esta arquitetura única com raízes enormes em torno das colunas que sustentam os tetos de palha destas mansões únicas —, não pensam em outra coisa a não ser se matar.

— Por que o Mexicano não vem escutar esses *mariachis* em vez de ficar assassinando candidatos à presidência? Por que Pablo prefere a rainha de Putumayo a estas garotas tão lindas? Por que Gilberto não vê o potencial desta terra que é quase de graça e vai custar uma fortuna em alguns anos? Todos esses ricos e nobres europeus que conhecem estas terras tão bem já se deram conta do seu valor e vieram colonizá-las antes que acabem!

Concluo que estimular o bom gosto e adquirir certa beleza para que as pessoas não apodreçam pelo excesso de dinheiro rápido levam várias

gerações. E, no ritmo em que as coisas vão em matéria de antiguidade, os magnatas feios vão levar pelo menos meio milênio para consegui-lo.

Ao voltar a Bogotá, após um jantar com algumas amigas, chego em casa às onze da noite. Cinco minutos depois, meu porteiro interfona e me avisa que William Arango traz um recado muito urgente de seu chefe. O sujeito é secretário de Gilberto Rodríguez Orejuela, e, mesmo estranhando que apareça tão tarde, digo que pode subir. Penso que seu chefe está em Bogotá e talvez tenha mudado de ideia sobre o negócio ou a guerra e não queira me dizer nada por telefone. Assim como faço automaticamente cada vez que aperto o botão para que o elevador que desemboca diretamente no *foyer* do meu apartamento suba, coloco a minha obra de arte favorita no bolso da minha jaqueta.

O homem está completamente bêbado e, ao entrar na sala, desaba no sofá em frente ao banco onde estou sentada, me pedindo um uísque. Respondo que na minha casa o uísque é para os meus amigos, não para seus motoristas. Ele me diz que seu chefe debocha de mim diante de todos os seus amigos e empregados, que esse psicopata degenerado do Pablo Escobar faz o mesmo diante de seus sócios e sicários e que Gilberto Rodríguez o mandou para que ele pegue o que “sobrou” dos dois chefes do tráfico, porque já estava na hora de que alguma coisa fosse dada aos pobres. Com a maior tranquilidade, explico a ele qual é o meu problema: aí, no lugar em que ele está, se sentaram nos últimos dezessete anos os seis homens mais ricos da Colômbia e os quatro mais belos, e um anão morto de fome com cara de porco como ele não está qualificado para substituí-los. Grita que então sou mesmo uma prostituta, como diz dona Myriam, e que por isso mesmo trouxe um presentinho dela. Impassível, respondo que, se ele chama de “dona” a essa mulher de classe baixa, a mim um motorista como ele deveria chamar de “dona Virginia”, e não de “Virginia”, porque pertenço à classe alta há vinte gerações e não sou uma infanta na Espanha, nem sou casada com um chefe da Máfia.

Berrando que vai me dar o que mereço e que agora sim vou saber o que é bom, o homem tenta se levantar do sofá, que é baixíssimo, enquanto coloca a mão no bolso. Cambaleia um pouco e se apoia na mesa de centro para não perder o equilíbrio. Quando meia dúzia de velas que estão nos candelabros de prata caem fazendo barulho, o sujeito baixa o olhar. Ele

levanta e vê uma Beretta de 9 mm apontada para a sua testa a um metro e meio de distância. Com a voz mais controlada que posso, digo:

— Levanta as mãos, seu chofer imundo, antes que eu te arrebente e manche meu sofá.

— Mas alguém tão *fina* como você, Virginia, nunca vai ser capaz de matar ninguém, pobrezinha! E essa pistolinha terá salvo-conduto do Exército! — exclama, gargalhando com o mesmo sangue-frio daqueles que sabem que são respaldados pelos grandes chefes do tráfico. — Aposto que é de brinquedo e que, se é de verdade, nem sequer está carregada. Já vamos verificar isso, para que eu possa denunciá-la ao DAS e para te colocarem na prisão por porte ilegal de armas e por ser a ex-puta de Pablo Escobar!

Quando levanta, eu armo o cão da Beretta, digo que ele não vai a lugar nenhum e ordeno que se sente perto do telefone. Obedece, porque também explico que ele está certo: na verdade, não tenho licença de porte de armas, a pistola não é minha, foi deixada pelo dono quando ele veio me ver nessa tarde e dois dos seus secretários-motoristas já estão a caminho para buscá-la.

— Aqui na coronha está gravado PEEG. Se pronuncia “pig!”, a palavra que o dono grita cada vez que a usa. Como você não deve saber inglês, eu traduzo: já escutou falar do Fuzil, do Tomate, do Brinco, do Quica, do Garra³⁸ e do Sujo?

O homem fica branco.

— Viu como é fácil adivinhar o nome do dono? Mas você não é tão burro quanto eu imaginava! Pois, como é tão inteligente e estou com as mãos ocupadas, vou pedir que se comporte como um bom secretário e me ajude discando este número de telefone. Vamos dizer a esses Meninos Cantores de Viena que se apressem, porque já estou de volta e tinham ficado de vir entre as onze horas e a meia-noite, por isso que o psicopata do Pablo Emilio Escobar Gaviria deixou a arma enquanto fazia sexo com a sua puta — não sua ex-puta — nesse mesmo lugar onde você está sentado e que amanhã vou desinfetar. Anda, o que você está esperando?

E passo um telefone em Bogotá que o Mexicano tinha me dado havia anos para qualquer emergência, que sei que está desligado.

— Não, dona Virginia! A senhora não vai deixar que todos esses sicários de dom Pablo me matem! A senhora sempre foi uma boa pessoa!

— Mas como é possível que um gênio como você espere que “uma prostituta” pela qual vai começar uma guerra entre um desmanchador de automóveis e um entregador de farmácia seja uma especialista em bondade, hein? Continue discando o número, porque se está ocupado é porque o psicopata degenerado está falando com “Abacaxi” Noriega... por sorte, eles nunca se falam por muito tempo... E como passa pela sua cabeça que vou deixar que eles te despedacem na minha frente! Ai, não, não, que nojo! Também não queria ver como os Meninos Cantores de Viena vão fazer com suas filhas ou seus filhos, sua mulher, sua mãe e suas irmãs o mesmo que você veio fazer comigo. Graças a Deus que não demoram a chegar... porque amanhã eu tenho que madrugar e levar ao aeroporto o louco do mal-humorado que quer me mostrar um avião novo!

— Não, dona Virginia! A senhora não deixaria esses sicários, desculpa, esses senhores, tocar na minha família!

— Eu queria muito te ajudar, mas o dono da pistola tem as chaves deste apartamento, e, quando os ajudantes dele me virem apontando uma arma para um homem de Gilberto Rodríguez, não vão acreditar que o chefe-mor do cartel de Cali mandou um bêbado nojento para fumar o cachimbo da paz com o chefe-mor do cartel de Medellín, não é? Eu também tenho duas opções: o que você prefere, pessoalmente? Motosserras que acabaram de chegar da Alemanha para esse carpinteiro sádico — que está doido para estreá-las — ou meia dúzia de leões que estão há uma semana de dieta porque estavam engordando com tanta sobra que chegava ao zoológico de Nápoles? Não vamos ligar mais, que devem ter saído já tem um tempo e não vão demorar para chegar...

Quando me canso de descrever tudo o que vão fazer com sua pobre mulher que precisa dormir com um porco repugnante como ele e parir os seus leitõezinhos, digo que agradeça porque sou o anjo da guarda de sua família e que o estou expulsando da minha casa antes que esses carniceiros cheguem e esquartejem sua mulher diante dos meus olhos. Com a Beretta apontada para sua cabeça, peço a ele que entre no elevador e, mesmo que no último momento tenha vontade de chutá-lo, me controlo: poderia perder o equilíbrio, e Pablo me ensinou que com uma arma na mão a pessoa precisa manter a cabeça não fria, mas gelada.

“O Senhor atua das maneiras mais misteriosas.” Quando o depravado enviado por Gilberto Rodríguez para se vingar de Pablo Escobar — ou

enviado pela sua mulher para se vingar de mim — vai embora, tranco todas as portas do meu apartamento e do meu quarto, beijo a minha Beretta e abençoo o dia em que o homem que levou meu coração de ouro deixou sua pistola para me defender no dia em que, quem sabe, seus inimigos viessem me pegar. Juro por Deus que nenhum narcotraficante voltará nunca mais a pisar na minha casa ou ter o meu telefone; e amaldiçoo todos eles, para que não tenham um só dia de felicidade na vida, para que suas mulheres acabadas chorem lágrimas de sangue, para que percam suas fortunas, para que todos os seus descendentes sejam chamados de Os Malditos. E prometo à Virgem que, em agradecimento por sua proteção, a partir de agora vou cooperar com as autoridades antidrogas no exterior sempre que puder ser útil e vou me sentar na porta da minha casa para ver desfilar os cadáveres deles e de seus filhos, e para ver os sobreviventes entrar algemados no avião da DEA mesmo que tenha que esperar um século.

No dia seguinte, ligo para a única amiga que nunca contaria para ninguém o que vou lhe confiar. Solveig é sueca, elegante como uma princesa de gelo, discreta e diferente de todas as mulheres e jornalistas que Pablo sempre chamou de “as Víboras”. Eu e ela nunca fizemos confidências uma à outra, porque sempre engoli a dor sozinha e nesses últimos anos me acostumei a não confiar em ninguém. Hoje conto para ela o que aconteceu, não porque precise desabafar, mas porque sei que agora, mais do que antes, Escobar intercepta meu telefone e grava as minhas conversas para saber se estou vendo o seu inimigo. Sei também que, mesmo que agora eu o odeie e ele não me ame mais, Pablo sempre gostará de mim e me escutará no telefone enquanto minha atônita e incrédula amiga me pergunta por que alguém como eu foi se meter com gente desse naipe e por que eu deixei um cara desses entrar na minha casa, e eu lhe respondo que pensei que ainda podia conter uma guerra que vai deixar centenas de mortos. Como os empregados e os homens de confiança nunca entram em ação sem a autorização do patrão, não digo a Solveig o nome de William Arango porque sei que Pablo o arrebentaria no dia seguinte com uma motosserra e não quero ser responsável por mais esse morto. O único intuito de minha confissão a Solveig é que Escobar abomine ainda mais o homem que sempre chamou de “porco oportunista” e sua mulher doente, que, com todos os seus telefonemas para os meios de comunicação acusando Victoria, mulher de Escobar, de cortar rostos para

roubar presentes, foi quem realmente começou aquela guerra entre os cartéis.

Um tempo depois, recebo pelo correio um recorte de página arrancado de um jornal: um cabeleireiro de Cali morreu com 46 facadas — não dez, nem vinte, nem trinta —, no meio de uma orgia de homossexuais. Como as inteligências que dão as ordens são mil vezes mais culpadas que os idiotas que as executam, elevo uma prece pedindo compaixão pela sua alma e ofereço a Deus toda a minha dor e humilhação nas garras das elites do submundo — que não se diferenciam nem genealógica nem moralmente de seus sicários e empregados —, para que me utilize como um catalizador de processos que acabem com eles e com essas fortunas construídas com a vergonha do meu país, o sangue das vítimas e as lágrimas das nossas mulheres.

Em 13 de janeiro de 1988, estoura a guerra. Enquanto Pablo está na Nápoles, uma bomba sacode perigosamente as estruturas do edifício Mónaco — casa de sua mulher e seus filhos, localizada numa das zonas residenciais mais elegantes de Medellín — e de toda a vizinhança. Victoria, Juan Pablo e a pequena Manuela, que dormiam em seus quartos na cobertura, milagrosamente se salvam e saem ilesos, mas os seguranças morrem. Garganta Profunda me diz que a vingança foi obra de Pacho Herrera, o quarto homem da cúpula do cartel de Cali, a quem Pablo queria fazer o mesmo que tinha feito com o Menino, por exigência de Chepe Santacruz, o terceiro na hierarquia depois de Gilberto e seu irmão Miguel. Do edifício, totalmente ocupado pela família e pelos guarda-costas de Escobar, fica só a estrutura de concreto. Sua valiosa coleção de carros antigos e as obras de arte de sua mulher sofrem estragos irreparáveis.

A guerra vai deixando cerca de trinta mortos por dia, e não é raro que em Cali e em Medellín comecem a aparecer também os cadáveres de jovens modelos selvagemente torturadas, porque a guerra se estende até os salões de beleza onde os cartéis contratam informantes. Os inimigos de Pablo sabem que não estou do lado dele, mas pensam que sou muito próxima de seus afetos, o que me deixa numa posição duplamente vulnerável porque não conto mais com sua proteção. As ameaças são piores do que nunca, e de nada adianta mudar de telefone; cada vez menos pessoas têm o meu número, e começo a me afastar de todo mundo. O dinheiro que está no banco agora acaba rapidamente, porque a prioridade é

poder pagar os impostos do meu apartamento enquanto tento vender algum dos meus quadros — nenhum deles tem um valor superior a poucos milhares de dólares —, e na Colômbia a venda de uma obra de arte que não seja de meia dúzia de pintores nacionais famosos leva meses, talvez anos. Quando ofereço minhas poucas joias nas joalherias das quais fui cliente durante vinte anos, me dizem que dão 10% do seu valor, quase o mesmo que uma casa de penhores daria. Decido que não vou vender meu apartamento, que me custou vinte anos de trabalho e sacrifício, porque teria que deixar entrar na minha vida privada dezenas de curiosos e me submeter a todo tipo de perguntas indiscretas.

Para me manter ocupada, começo a organizar notas para o romance que um dia publicarei se algum milagre me salvar, o que não só ajuda a fixar em minha memória de maneira indelével a nostalgia por tudo o que perdi desde que aquela maldição chamada Pablo Escobar atravessou meu caminho, como também a exacerbar toda essa vergonha que foi seu único legado. Depois da bomba, em menos de uma semana Pablo já sequestrou Andrés Pastrana, candidato à prefeitura de Bogotá e filho do ex-presidente Pastrana Borrero, e assassinou de forma inclemente o procurador Carlos Mauro Hoyos. Como a extradição foi reimplantada, pretende pôr o Estado de joelhos e agora paga 5 mil dólares por cada policial morto. À medida que a guerra se polariza, oitocentos membros da instituição vão caindo assassinados e, para provar que tem munição a granel para o cartel de Cali e o Estado ao mesmo tempo, os cadáveres de algumas de suas vítimas chegam agora a levar mais de cem tiros. É evidente que os dias de pouca liquidez — ignorados pela opinião pública — ficaram para trás, e que a conexão com Cuba está gerando verdadeiras fortunas.

Com o desfile de terror, as ameaças e os mortos, fui me afundando numa tristeza profunda: quase nada me interessa, raras vezes saio de casa e decido que, logo que acabar o dinheiro que tenho no cofre, vou dar um tiro no ouvido, onde Pablo me ensinou, porque também não suporto mais o medo dessa pobreza que vejo se aproximar a passos largos. Minha família só sente desprezo por mim, seus insultos se juntam aos que escuto a cada vez que vou ao supermercado, e sei que nunca poderia contar com um centavo dos meus três irmãos ricos, que me culpam pelas brincadeiras que têm que suportar no Jockey Club, nos restaurantes e nas festas.

Fui me despedir de Dennis, um astrólogo norte-americano que logo voltará à sua terra natal, Texas, porque foi ameaçado de sequestro, e aproveito para perguntar quando vai terminar o terrível sofrimento que estou atravessando. Olhando o meu mapa astral e algumas tabelas especiais que lhe permitem saber onde estarão os planetas nas datas futuras, me anuncia, preocupado:

— A dor está só começando... e vai durar muito tempo, querida.

— Sim, mas me fala quantos meses?

— Anos... anos... E você deverá ser muito forte para suportar o que virá; mas se viver muito tempo, vai receber uma enorme herança.

— Está me dizendo que serei muito infeliz e em seguida vou ficar viúva de um homem riquíssimo?

— Só sei que você vai amar um homem de uma terra distante de quem sempre estará separada... E que não passe pela sua cabeça cometer nenhum crime, porque vai ter problemas legais com estrangeiros, que vão durar anos e anos, mas, no final, a Justiça ficará ao seu lado!... Ohhh! Você não apenas está condenada a ficar sozinha, como poderá perder sua visão nos últimos anos de vida. Você vai sofrer até que Júpiter saia da casa dos inimigos ocultos, das prisões e dos sanatórios, mas se você for forte em mais ou menos trinta anos poderá dizer que tudo valeu a pena! O destino está escrito nas estrelas... e não há nada que possamos fazer para mudá-lo, *my dear*.

— Por acaso o que você está descrevendo é um destino, Dennis? Isso é uma crucificação! — digo, engolindo as lágrimas. — E você me diz que está apenas começando? Está certo de que as tabelas não estão invertidas? A dor não está na verdade terminando?

— Não, não, não. Você deverá pagar um carma porque nasceu com Quíron em Sagitário e, como o mitológico centauro, vai querer morrer para escapar da dor, mas não poderá!

Nessa noite conto por telefone a Gloria Gaitán que estou pensando em me suicidar para escapar da dor de morrer de fome. Digo que, para que seja rápido e definitivo, penso em me dar um tiro. Como ela é amiga de Fidel Castro, não comento nada sobre fugir da dor de ter que esperar trinta anos numa prisão gringa até que se prove a minha inocência e a do ditador cubano. Ou num sanatório junto com Pablo — um Sagitário — até que se

prove a minha sanidade no seu leito de morte e esse centauro me deixe uma fortuna por ter lido meus sermões durante trinta anos.

Por volta de duas semanas depois, aceito o convite de uma conhecida para passar uma temporada em sua casa de campo. Como me convenci de que logo vou me despedir do mundo, quero ver a natureza e os animais pela última vez. Ao voltar ao meu apartamento, que está sempre em perfeita ordem, me dou conta de que um ladrão me visitou durante minha ausência. Meu escritório está revirado, e desapareceram as primeiras 78 páginas do meu romance, pacientemente manuscritas várias vezes — porque não tenho máquina de escrever e o computador pessoal ainda não era comum —, junto com as fitas cassete de entrevistas que fiz com Pablo nos primeiros tempos, os cartões de suas orquídeas e as únicas cartas que me escreveu. Com um pressentimento aterrador, corro até o quarto onde está o cofre e vejo que está aberto. Desapareceram os 30 mil dólares — tudo o que me sobrava na vida —, e, com exceção das duas chaves do apartamento, está vazio. Os estojos de veludo com todas as minhas joias estão abertos sobre a escrivaninha, o ladrão ficou com meu chaveiro de ouro e também levou o veleirinho, meu “iate” *Virgie Linda I*. Mas o pior de tudo, e o que nunca perderei na vida nesse ladrão de lápides, é que tenha levado a Beretta. Sim, era dele, mas ele sabia perfeitamente que já tinha virado minha e era a última esperança que me sobrava.

O roubo de todo o meu dinheiro, de meses de trabalho como escritora e dessa pistola que era a minha companhia mais importante me joga na mais profunda depressão. O homem cruel que tanto amei ficou louco e está me condenando a agonizar durante meses. Minha mãe foi para Cali cuidar da irmã doente e não me deixou o número de telefone, porque minha família é inexistente. Eu não me atreveria a pedir dinheiro a mais ninguém, nem a falar da minha pobreza para amigos cada dia mais distantes ou parentes que nasceram longe. Nem sequer tenho forças para sair e vender nada, então decido que não vou esperar trinta anos até pagar meu carma e que vou me deixar morrer de fome, como fez Eratóstenes quando soube que logo perderia a última luz dos seus olhos.

Como sei que de algum lugar do cosmos os espíritos nobres dos imortais podem escutar as vozes suplicantes dos pobres mortais, rogo àquele sábio da Grécia Antiga que me dê forças para suportar os três meses que me esperam se não acontecer um milagre. Li que os piores dias

são sempre os primeiros e logo se adquire uma lucidez única e quase não se sofre. A princípio não se sente nada, mas no quinto ou sexto dia começam as dores. Vão ficando mais agudas a cada hora que passa, com a mais extrema sensação de abandono e desespero, com tanta agonia no coração que a pessoa — já completamente ferida, como se tudo o que restasse dela fossem apenas alguns farrapos de carne mexidos pelas chamas — chega a acreditar que não é a vida que está abandonando o corpo para sempre, mas a pouca sanidade que ainda restava que está fugindo aterrorizada para o inferno. E, para não perdê-la e me consolar, recorro à única parte do meu ser que ainda parece estar cheia de algo.

— Neste momento, existe quase 1 bilhão de pessoas sentindo a mesma agonia que eu. Já vi como viviam as pessoas mais ricas da Terra e já vi como viviam os mais pobres naquele lixão. Agora sei como morre uma de cada cinco crianças que vêm ao mundo. Se acontecer algum milagre na minha vida, em trinta anos poderei botar toda a dor que levava no coração num livrinho sobre o Deus Pai e o Deus Filho que chamarei de *Evolução versus compaixão*. Ou algum dia haverá filantropos de verdade e farei um programa de televisão sobre eles que chamarei *On Giving*.

Do Olimpo onde agora vive, o compassivo Eratóstenes parece ter me escutado: onze dias depois, minha mãe, que acabou de voltar para Bogotá, me liga. Quando conto a ela que não pude fazer compras no mercado, ela me empresta todo o pouco dinheiro que tem. Algumas semanas depois, acontece um milagre e consigo vender um quadro. Então decido que, para tentar recuperar os milhões de neurônios perdidos tão rápido, devo estudar urgentemente algo que seja um desafio para o cérebro.

— Sim, vou estudar alemão para poder traduzir em seis idiomas os *Comentários* do filósofo Nicolás Gómez Dávila, porque são um prodígio de sabedoria, métrica e síntese: “O verdadeiro aristocrata ama o seu povo em todas as épocas, não apenas na época eleitoral”. Será que, segundo o sábio colombiano de direita que odeia os aparatos modernos, o Pablo Escobar que conheci tinha mais de aristocracia que o Alfonso López de sempre?

Três meses depois, minha amiga Iris, prometida do ministro conselheiro da embaixada alemã em Bogotá, me dá uma notícia:

— Tem uma bolsa disponível no Institut für Journalismus de Berlim, para um jornalista que domine o inglês e tenha bases de alemão, que

parece perfeita para alguém tão apaixonado por temas econômicos como você. Por que não tenta, Virgie?

Em agosto de 1988 — pelos desígnios da Divina Providência que, segundo Dennis, estão escritos nas estrelas e pela metade do destino que, segundo Pablo, já vem com a pessoa —, vou feliz para Berlim. Não faço isso por nenhuma razão, não. Vou feliz por 1 milhão de razões, tantas quantas são as estrelas do firmamento.

O REI DO TERROR

— AS PESSOAS QUE vivem em Berlim Oriental se consomem em tédio e tristeza... Não aguentam mais, e a qualquer momento vão derrubar esse muro! Tenho a impressão de ver essa grandiosa avenida unida em menos de um ano — comento com David, que está junto comigo observando o Reichstag e o Portão de Brandemburgo da torre de observação.

— Está louca? Vai ficar aí mais tempo do que a Muralha de Adriano e a Muralha da China!

Os ventos do destino me levaram até Berlim Ocidental nos últimos anos das duas Alemanhas e, no ano anterior, à queda da Cortina de Ferro. Como um poderoso tsunami impossível de ver da superfície, todo tipo de acontecimento subterrâneo está ocorrendo no lugar que apenas quinze meses depois se transformará no epicentro do colapso do comunismo na Europa. Mas não é exatamente por razões políticas que agora, quando chego a um aeroporto internacional, todas as luzes vermelhas parecem se acender. O DAS da Colômbia sabe que o maior narcotraficante do mundo praticamente exporta suas toneladas de drogas em contêineres, transfere o dinheiro em congeladores industriais e ainda não precisa usar sua ex-namorada como mula, a categoria mais baixa dentro da crescente e agora multinacional indústria construída por ele e uma dúzia de sócios ou rivais bilionários. Já me dei conta de que o súbito interesse do FBI e da polícia europeia por mim parece coincidir com o fato de que, ultimamente, sempre que viajo de Bogotá para outro país, pessoas vinculadas à elite do narcotráfico ocupam boa parte da primeira classe do avião.

Também observei que, cada vez que nós, bolsistas do governo alemão, voltamos a Berlim de alguma viagem a outra cidade, no meu quarto da pensão estudantil os papéis e vidros de produtos de higiene pessoal não

estão na ordem milimétrica em que os deixei. Os funcionários do Institut für Journalismus começaram a me olhar de modo inquisitório e a perguntar coisas como por que minha roupa é de executiva e não de estudante. Sei o que estão pensando e que as autoridades andaram perguntando sobre mim. Sei também que andaram me seguindo e o porquê. Mas, mesmo assim, estou completamente feliz.

Certo dia, tomo coragem e decido ligar de um telefone público para o consulado dos Estados Unidos em Berlim — em 1988, a embaixada ficava em Bonn —, para oferecer a eles a minha cooperação. Digo a quem atende que creio ter informações sobre um possível complô de Pablo Escobar com os cubanos e os sandinistas. Do outro lado da linha, o operador da central telefônica pergunta “*Pablo who?*”, comenta que centenas de dissidentes comunistas ligam o tempo todo para dizer que os russos vão arrebentar a Casa Branca com uma bomba atômica e desliga. Ao me virar, dou de cara com os olhos de um homem que acredito ter visto alguns dias antes no jardim zoológico, localizado perto do Europa Center — onde fica o Instituto — e aonde vou com frequência para me divertir pensando que, perto do de Berlim, o zoológico da fazenda Nápoles realmente parece como o Muro de Berlim comparado à Muralha da China.

Poucos dias depois, um homem me detém antes que eu entre num avião. Ele se identifica como um oficial antinarcóticos da Polícia Federal alemã, a Bundes Kriminal Amt, conhecida pela sigla BKA, ou por Interpol Wiesbaden. Quando me diz que querem me fazer algumas perguntas, quero saber se foram eles que me seguiram no zoológico e no dia em que fiz a minha ligação para o consulado americano, mas ele me garante que não foi a BKA.

Eu me reúno com ele e seu superior, e de cara me informam que tenho direito de protestar contra a intromissão em minha vida privada: revistaram meu quarto semanalmente, interceptaram minhas chamadas telefônicas, abriram, do primeiro ao último, todos os meus envelopes de correspondência e investigaram cada pessoa com quem fui vista. Explico que, longe de processá-los por isso, o que quero fazer é lhes entregar os nomes e a hierarquia de todos, absolutamente todos, os narcotraficantes e lavadores de dinheiro que já conheci ou ouvi falar na vida, porque sinto um ódio visceral por esses criminosos que acabaram com meu bom nome e o do meu país; mas primeiro vão ter que me dizer quem vem me

denunciando cada vez que eu viajo. Depois de dias de discussões homéricas, eles me dão um nome: Germán Cano, do DAS.

Então começo a falar. A primeira coisa que lhes informo é que no avião em que vim lá atrás com minha passagem de estudante, viajava na primeira classe um dos membros mais visados do cartel de Medellín com seu sócio, um lavador de dinheiro, filho de uma das famílias judias mais ricas da Colômbia. Ao chegar ao aeroporto de Frankfurt, ambos seguiram como se estivessem em casa, enquanto todos os policiais vieram examinar minhas malas para ver se era verdade que a namorada, ou ex-amante, do sétimo homem mais rico do mundo trazia algum quilinho de coca e se arriscava a pegar dez anos de cadeia para ganhar 5 mil dólares e comprar mais uma roupa de Valentino ou Chanel.

— Se Germán Cano ainda não sabe quem são os maiores nomes dos cartéis de drogas e quem são os grandes lavadores de dinheiro, é porque o Serviço Secreto Colombiano os está protegendo. Acho que o Departamento Internacional do DAS tem pessoal nas companhias aéreas que lhes avisa quando vou viajar; eles passam a informação para os narcotraficantes amigos e, quando chega o dia, me transformam numa isca para distrair as autoridades estrangeiras. Isso está acontecendo o tempo todo, e eu não acredito em coincidências.

Acrescento que durante anos a polícia antinarcóticos do meu país foi paga pela DEA e que não pretendo que eles me digam se o DAS recebe benefícios da Interpol; mas faço com que eles se deem conta de que é perfeitamente plausível que estejam recebendo dinheiro numa mão de seus colegas europeus e, na outra, dos grandes *narcos*.

— Diga-me como posso ajudá-los. Só peço que me deem um passaporte ou um documento de viagem, para que o DAS não saiba quando estou saindo da Colômbia nem quando volto. Faço isso por uma questão de princípios e não tenho a menor intenção de pedir ao seu governo nem asilo, nem trabalho, nem um centavo. Meu único problema é que jurei a mim mesma que nunca voltaria a ver ninguém envolvido nesse negócio e a minha única fonte de novas informações é um ex-narcotraficante. Mas ele parece ser o mais bem informado do mundo.

Assim, como consequência do que os chefes dos maiores cartéis me fizeram e das denúncias do Serviço Secreto Colombiano, começa a minha cooperação com os departamentos antidrogas internacionais. Acho que, se

em vez de se preocupar tanto em revistar minhas malas para ver se eu levava 10 mil ou mais dólares para um Pablo sem liquidez, o FBI tivesse sido tão eficiente no trabalho “de rastreamento em rastreamento” do Sujo e dos aviadores sandinistas, poderia ter desbaratado em poucas semanas a impressionante *Cuban Connection* do cartel de Medellín e sua estrutura financeira. E se, em vez de fazê-lo comigo e com minhas elegantes amizades europeias, a Interpol tivesse feito semelhante rastreamento com grandes narcotraficantes e lavadores de dinheiro que vinham no mesmo avião que eu, também teria podido cortar pela raiz a *European Connection* do cartel de Cali que disparou no ano seguinte.

Para os policiais de todas as partes do mundo, seus colegas serão sempre mais valiosos que seus informantes. Por isso entrego àqueles europeus, amigos do DAS, todos os nomes dos narcotraficantes e seus cúmplices, mas decido não informar sobre a política caribenha e esperar, antes de tudo, que uma oportunidade ideal se apresente para contar diretamente aos americanos. Minha cooperação não é necessária: a conexão de Pablo com Cuba cai em 13 de junho de 1989, e em 13 de julho Fidel Castro já fuzilou o general Arnaldo Ochoa — herói da Revolução e da Guerra de Angola — e o coronel Tony de la Guardia. Recebo a notícia da morte do general com uma profunda dor, porque Ochoa sempre foi um homem de valor extraordinário que não merecia morrer num paredão acusado de traição à pátria.

A guerra é o negócio mais caro que existe. Deve-se comprar armas às toneladas e toneladas de dinamite. Deve-se pagar propina generosa não apenas aos soldados, mas a todo tipo de espões e delatores e, no caso particular de Pablo, também às autoridades de Medellín e Bogotá, aos políticos e aos jornalistas amigos. Essas centenas — possivelmente milhares — de pessoas equivalem ao mesmo número de uma corporação, e não há toneladas de coca que resistam a essa perda diária de recursos. Sei que nesse momento Escobar tem problemas na vida: no âmbito público, é obviamente a extradição; mas para os bem informados — como Garganta Profunda e eu — é o dinheiro. Depois da queda da Conexão Cubana, Escobar enfrenta a urgência de ter recursos líquidos em massa para uma guerra que está fomentando com todos os seus inimigos: o cartel de Cali, o DAS e a polícia. A guerra já levou centenas de seus homens e, como nunca deixa abandonada a família de quem deu a vida por ele, cada sicário morto

se multiplica em várias bocas para alimentar. Mas o mais grave de tudo é que a guerra provocou a debandada de muitos de seus sócios anteriores para o Vale do Cauca, porque Pablo começou a cobrar impostos à sua corporação para a luta contra a extradição. Quem não paga em dinheiro vivo, mercadoria, veículos, aviões ou propriedades, tem que fazê-lo com a vida. Cansados de sua extorsão e da crueldade de seus métodos, muitos chefes do tráfico, como o que vinha comigo no mesmo voo, passaram para o lado do cartel de Cali.

Sei que, para obter recursos, Escobar vai recorrer cada vez mais ao sequestro e que, para pôr o Estado de joelhos, vai despedaçar Bogotá e usar cada vez mais friamente a imprensa. Por esse desprezo que sente pelos meios de comunicação que o criticaram sem compaixão quando estava comigo — e porque estava comigo —, batizou uma de suas casas com o nome de “Marionetes”. Da minha solidão, observo em silêncio como aqueles colegas que tinham me insultado por amar o Robin Hood *paisa* se ajoelham agora diante do Rei do Terror. Todos o cortejam ansiosos, mas é ele quem, desesperado, precisa deles. E o megalomaníaco obcecado com a fama, o extorsivo que conhece como ninguém o preço dos presidentes, aprende a manipulá-los para vender a imagem de que a cada dia se torna mais assustador e todo-poderoso, justamente porque a cada hora se torna mais vulnerável e menos rico. As marionetes daquele titereiro da História transformam o Fuzil, o Brinco, o Tomate e o Garra na “Ala Militar do Cartel de Medellín” e o Sujo na “Ala Financeira do Cartel de Medellín”, atribuindo a Pablo, diante da imprensa estrangeira, a condição quase de chefe de uma organização nacionalista como a OLP, o ETA e o IRA. Enquanto essas lutam, respectivamente, pelo direito de uma pátria palestina, pela causa separatista do País Basco e de uma parte da Irlanda, a Ala Militar e a Ala Financeira do cartel de Medellín lutam apenas por uma causa individual: não extraditar o Patrão.

Enquanto quase mil policiais vão caindo mortos, a Justiça colombiana que demora vinte anos para chegar — esse eterno instrumento dos algozes — se transformou também em vítima de sua própria indiferença com as demais: em 1989, os narcotraficantes assassinaram mais de duzentos funcionários da Justiça, e nenhum juiz se atreve a abrir um processo contra eles.

Em 1989, volto à Europa com toda a informação que pude reunir para a Interpol. E me parece que nos assuntos de narcotráfico os alemães preferem se entender com o FBI e com o DAS deixando a polícia colombiana para a DEA, pela qual não parecem sentir uma admiração particular. Mas a verdade é que em agosto daquele ano não estou pensando muito nos eventos políticos e nas notícias da Colômbia, porque meu pai está morrendo e o sofrimento da minha mãe me preocupa. Só um tempo depois soube que, no dia 16 desse mês, meu ex-amante tinha mandado matar o magistrado que abrira o processo contra ele pela morte do diretor do jornal, e que na manhã do dia 18 tinha feito o mesmo com o comandante de polícia da Antioquia, coronel Valdemar Franklin Quintero, por ter limado da polícia os oficiais a serviço de Pablo Escobar e detido Tata e Manuela por várias horas para um interrogatório sobre o paradeiro de Pablo. Dia 19 meu pai morre, e nessa noite digo à minha mãe que não vou viajar para a Colômbia para o funeral, porque ele nunca gostou de mim e desde 1980 tinha parado de falar comigo.

Mas há outra razão para não estar com ela — um medo que não posso dividir com ninguém. Na noite anterior à manhã da morte do meu pai, Pablo cometeu um crime que foi apenas um entre os milhares de cifras em suas estatísticas, mas foi o mais notável de todos: em 18 de agosto de 1989, dezoito sicários com licenças do B-2 do Exército assassinaram o homem que seria o presidente da Colômbia de 1990 a 1994 com 60% dos votos e talvez o único realmente irrepreensível desde os já distantes dias do único estadista colombiano da segunda metade do século XX. Um mês antes, o general Maza Márquez tinha substituído suas escoltas de confiança por outro grupo de homens que recebiam ordens de um tal Jacobo Torregrosa. Sei que, se viajar para o enterro do meu pai, homens vinculados ao Serviço Secreto certamente estarão me esperando no aeroporto para me interrogar sobre Escobar e as razões das minhas viagens frequentes para a Alemanha, e que acabarei nas mãos de uma dúzia de animais em algum calabouço do DAS ou na Escola de Cavalaria do Exército. Sei também que os meios de comunicação, sedentos de vingança, acreditarão em qualquer coisa que o general Maza lhes diga e que aplaudirão cada vez mais todas as ofensas físicas que o DAS e o B-2 queiram usar contra mim, como fizeram durante anos nos lendários espancamentos e desfigurações. Porque aquele candidato à presidência se

chamava Luis Carlos Galán, e para Pablo Escobar era o primeiro e último, o pior e o maior numa lista cada vez mais extensa de inimigos acumulados ao longo de uma vida pontuada pelo ódio e destinada apenas às mais implacáveis formas de vingança.

Três meses depois do assassinato de Luis Carlos Galán, Pablo Escobar faz em pedaços um avião da Avianca com 107 passageiros no qual também viajaria César Gaviria — agora candidato oficial à presidência pelo Partido Liberal —, que decidiu no último momento não tomar o voo. Por esse crime, o sicário “Quica” seria posteriormente sentenciado a dez prisões perpétuas num tribunal em Nova York. Os investigadores concluíram que o explosivo utilizado foi o mesmo Semtex dos terroristas do Oriente Médio e o detonador, muito similar ao usado por Muammar al-Gaddafi para esfacular, em dezembro de 1988, o jato da Pan Am com 270 pessoas sobre a aldeia escocesa de Lockerbie, acidente pelo qual a Líbia recentemente teve que pagar uma indenização milionária a cada uma das famílias das vítimas. Manolo, membro do ETA, ensinou a Pablo e a seus homens a fabricar as bombas mais potentes, e foi assim que pude comprovar mais uma vez que o terrorismo internacional estava tão interconectado com os poderes do meu país e de quase todos os países da área que o cerca.

Em novembro de 1989, cai o Muro de Berlim. É o começo oficial do fim da Era da Cortina de Ferro e dos governos comunistas na Europa Oriental. Nesse dezembro, o governo de George H. W. Bush invade o Panamá, e o general Noriega é deposto e levado aos Estados Unidos para ser julgado por narcotráfico, crime organizado e lavagem de dinheiro. Carlos Lehder se transforma na testemunha mais valiosa do narcotráfico contra o ex-ditador, e sua sentença é reduzida de quase três prisões perpétuas a 55 anos de cadeia.

Em dezembro desse mesmo ano, um ônibus com 8 mil quilos de dinamite sacode e despedaça até os alicerces do edifício do DAS. Só se salva o general Maza, e unicamente porque seu gabinete estava revestido com concreto e reforçado com aço. São quase cem mortos e oitocentos feridos, e, diante daquele espetáculo dantesco, já não choro pelos mortos, mas pelos vivos. Duas semanas depois, numa emboscada do Exército na costa do Caribe, morre Gonzalo Rodríguez Gacha. Enquanto o país explode de alegria diante da vulnerabilidade do cartel de Medellín, no povoado de Pacho, perto de Bogotá e reino absoluto do Mexicano, milhares

de pessoas choram a morte de seu benfeitor. Sei que, a partir de agora, o general Maza e o cartel de Cali vão ser um único bloco de concreto e aço contra Pablo, que ficou sem nenhum amigo ou aliado incondicional da mesma envergadura que ele e com a extrema-esquerda inimiga de Gonzalo somada aos seus inimigos de extrema-direita — com o tempo, esses paramilitares se transformarão no mais cruel catalizador de todos os ódios inspirados por ele.

Aquele rosário de guerras em consequência da primeira vai se polarizando com o passar dos dias. Com Bernardo Jaramillo — o próximo candidato presidencial da União Patriótica — e com Carlos Pizarro Leongómez, do agora desmobilizado M-19, já são quatro aspirantes à presidência que foram assassinados. Ninguém se atreve a pedir explicações ao encarregado de velar pela segurança deles: o inabalável diretor do DAS.

Mas, além da minha bolsa e da minha cooperação com a Interpol, havia outra razão para que eu passasse na Alemanha boa parte dos quatro anos que transcorreram entre minha despedida de Pablo em 1987 e meus próximos contatos com ele.

Em julho de 1981, eu fui a única jornalista colombiana enviada a Londres para cobrir o casamento de Charles e Diana, príncipes de Gales. Depois de fazer sozinha uma maratona de seis horas numa única transmissão, eu voltava feliz e orgulhosa porque tanto a BBC como o Centro de Informação da Coroa tinham me oferecido trabalho. Eu recusei porque a ilusão de ter uma produtora própria com Margot superava qualquer filme de Hollywood ou oferta de algum meio internacional prestigiado. No voo de Londres para Paris, onde eu deveria fazer uma longa escala para pegar o voo de volta para Bogotá, uma moça encantadora se sentou perto de mim, e viemos conversando felizes sobre o casamento real. Ao chegar em Paris ela me apresentou ao seu irmão, que a esperava no aeroporto Charles de Gaulle para seguirem juntos até o sul da França. Enquanto ela levava seu sobrinho para comprar um sorvete, eu e ele ficamos conversando. E me pareceu que, como eu, aquele filho de nobre alemão com uma beleza lombarda também não estava bem casado, e ao nos despedirmos ambos

soubemos que num dia não muito distante voltaríamos a nos ver. Quando na noite da minha chegada a Bogotá David Stivel disse que me deixaria para ir embora com sua atriz, respondi tranquilamente:

— Faça isso esta noite mesmo, porque ontem conheci em Paris o único homem que faria com que me casasse de novo. É lindo, dez anos mais novo que você e cem vezes mais brilhante. Você só precisa assinar o documento que o meu advogado vai te entregar em alguns dias. Tomara que seja tão feliz como eu resolvi que serei no futuro.

Uma das três razões pelas quais me apaixonei por Pablo foi o presente da minha liberdade: numa segunda-feira de janeiro de 1983 ele me disse que naquela mesma sexta, tão logo eu ficasse livre do meu ex-marido, deveria jantar com ele antes que outro ogro cruzasse o meu caminho. E a partir daquela noite eu tinha amado tanto esse homem da minha mesma terra que raras vezes pensava naquele outro de um país distante. O homem superior com quem, segundo Pablo, eu algum dia me casaria — e o qual, segundo Dennis, eu amaria — voltaria à minha vida para me dar de presente, por um tempo breve, todas as formas de felicidade que eu acreditava reservadas apenas aos justos no Paraíso. Voltaria também para cumprir um estranho papel na morte de Pablo e um ainda mais estranho na minha vida.

Há alguns anos ele se divorciou e, quando sua irmã conta que estou na Alemanha, vem me ver no dia seguinte. A Baviera é um dos meus paraísos terrestres e Munique um dos meus paraísos urbanos, quase uma cidade neoclássica perfeita do Rei Louco e de seu compositor da tetralogia de *O anel de Nibelungo*. Durante várias semanas percorremos a Antiga Pinacoteca, com seus tesouros de todos os tempos e quadros titânicos de Peter Paul Rubens como *O rapto das Sabinas*, e a Nova Pinacoteca com tantas outras joias do meu tempo e do dele. Passeamos pela paisagem bávara, uma das mais bucólicas que Deus já criou, e estamos incrivelmente felizes. Um tempo depois ele me pede em casamento, e após pensar durante uns dias aceito. Ele coloca no meu dedo um anel de noivado com um diamante de oito quilates — o número do infinito —, e fixamos a data do casamento para maio do ano seguinte. Sua mãe me diz que logo iremos para Paris encomendar com seis meses de antecedência o vestido de noiva da Balmain Alta-Costura que quer me dar de presente, e, pela primeira vez

na minha vida, tudo se aproxima da mais divina perfeição sonhada pelo mais sibarita dos epicuristas e pelo meu adorado poeta sufi do século XIII.

Semanas depois, minha futura sogra me manda seu motorista porque quer que eu assine alguns documentos antes do casamento. Ao chegar a sua casa, ela coloca diante de mim um contrato pré-nupcial: em caso de divórcio ou da morte do filho — um dos principais herdeiros de seu segundo e multimilionário marido —, terei direito a uma porcentagem tão ridícula da fortuna do meu marido que só posso interpretar o documento como o insulto que obviamente é. Com a voz gelada, me diz que se não assinarmos vai deserdar o seu filho. Quando lhe peço uma explicação sobre as razões de sua súbita mudança de atitude em relação a mim, tira do seu escritório um envelope cheio de fotos minhas com Pablo Escobar acompanhadas de uma carta anônima. Pergunto se o meu namorado está a par de tudo o que está acontecendo, e com a maior ironia ela responde que jamais poderia estragar a felicidade do seu filho, mas que na próxima hora ele será informado de todas as razões para a decisão que ela e seu marido tomaram. Explico que meu noivo já sabe tudo sobre essa relação e que ela está destruindo todos os nossos sonhos, porque eu nunca poderia me casar com alguém que não vá ser meu sócio e companheiro em termos de completa igualdade em todas as circunstâncias, boas ou difíceis, da vida e porque, sem mim ao seu lado, seu filho nunca voltará a ser feliz.

De nada adianta a insistência de meu namorado para que eu lhe dê alguns dias de prazo enquanto tenta convencer a mãe a mudar de opinião: devolvo o anel e, na mesma noite, volto para a Colômbia com o coração despedaçado.

Ao chegar, tomo conhecimento da morte violenta de dois conhecidos meus, duas pessoas totalmente opostas: Gustavo Gaviria Rivero e Diana Turbay Quintero.

A do primeiro me deixa triste por muitos dias. Não apenas por ser ele, mas porque, sem essa pedra fundamental que era seu primo, Pablo vai enlouquecer ainda mais e o país vai acabar sofrendo as consequências. Ele ficou sem as fortalezas e o apoio dos chefes do tráfico fundadores da indústria e conta unicamente com seu irmão Roberto, ou Osito, que, mesmo sendo de total confiança em matéria de contabilidade, não tem o

impressionante domínio do negócio que Gustavo tinha, a obsessão pelo controle absoluto, a qualidade implacável imprescindível para conduzir um império do crime organizado, sobretudo um em que o outro sócio está quase sempre ausente e exigindo recursos e mais recursos numa guerra contra todo um Estado com Forças Armadas e agências governamentais organizadas. Sei que, apesar da lealdade incondicional e de todos os talentos de seu irmão, sem seu primo Gustavo o negócio de Pablo vai desmoronar e o de seus inimigos vai crescer. E sei algo que ele também já sabe: o próximo morto vai ser ele, e, quanto maior sua crueldade, maior será seu mito.

Pablo sempre soube que as mulheres sofrem mais e que as vítimas femininas inspiram mais compaixão que as masculinas. Por isso escolheu Nidia Quintero, a ex-mulher do presidente Julio César Turbay, como porta-voz forçada da sua causa. Enquanto são atribuídos milhões de desaparecimentos ao duríssimo governo de Turbay Ayala, as dimensões do trabalho social que Nidia coordenou a transformaram numa das pessoas mais queridas da Colômbia. Quando sua filha Diana Turbay segue para ser entrevistada pelo noticiário dirigido pelo padre espanhol Manuel Pérez, chefe do ELN (Exército da Liberação Nacional), os homens de Escobar a capturam. Agora a mulher mais admirada da Colômbia nos últimos tempos implora ao novo presidente César Gaviria que pare a guerra, escute os Extraditáveis e salve a vida de sua filha. Gaviria não sacrifica o estado de direito ao homem que assassinou seus predecessores rumo ao galanismo e que explodiu um avião no qual ele viajaria, e o governo ataca com tudo: numa tentativa de liberar Diana, uma polícia cega de ódio contra os homens de Escobar e desesperada por vingar a morte de centenas de colegas confunde a vítima — que usa um chapéu — com um de seus sequestradores. Diana morre no tiroteio, e o país inteiro acusa os uniformizados de atirarem primeiro e perguntarem depois, e o presidente por sua falta de compaixão diante das súplicas da mãe da vítima, da imprensa, da Igreja e de todo um país cansado de ver desfilar pela televisão dia e noite uma série de enterros de centenas de mortos humildes e de funerais cheios de mortos famosos. Escobar já tinha anunciado:

— A única coisa democratizada neste país é a morte. Antes apenas os pobres morriam de forma violenta. A partir de agora, os poderosos morrem assim também.

Mas se tem uma dor que nunca esquecerei é a de minha amiga jornalista — namorada de um líder do M-19 cujo nome sempre manterei em segredo — soluçando nos meus braços enquanto me conta como foi violentada pelos agentes do DAS que entraram à noite em sua casa. Avisaram a ela que, se os denunciasse, a torturariam até a morte. Antes de irem embora e enquanto ela chorava no banheiro, deixaram armas sem registro em outro lugar do apartamento. Minutos depois, a polícia chegou com uma ordem de captura e ela foi presa, acusada de porte ilegal e colaboração com a guerrilha.

— O que te salva, Virginia, é o absoluto terror que Pablo Escobar inspira — ela me avisa. — Nunca, nunca fale mal dele, porque o que te protege é que todo mundo se convenceu de que você foi embora com o alemão mas ele te fez voltar. É melhor que acreditem nisso e não que tentem te despedaçar diante de um monte de animais e em seguida te “carreguem” com armas ou com drogas. Se fizessem com uma mulher bonita como você o que fizeram comigo, todos os meios de comunicação aplaudiriam por dias, porque aqui a imprensa está mais doente do que o resto. Sabem que você conhece o preço de meio mundo e não veem a hora de que te esquartejem ou que você se suicide para levar o segredo deles para a tumba. Não entendo por que voltou... As poucas pessoas que gostam de você falam pelas suas costas que você só pode ter voltado a este inferno por amor a Pablo Escobar. Que não passe pela sua cabeça desmenti-los! Quando perguntarem por ele, simplesmente diga que você não permite que toquem nesse assunto.

Junto com Diana, Pablo sequestra dois velhos conhecidos meus: Azucena Liévano e Juan Vitta, dois cinegrafistas e um jornalista alemão, que posteriormente são libertados. A morte de Diana se transforma em seu mais efetivo e contundente argumento de pressão contra o novo governo. Mas as coisas não param por aí: para obrigar agora as mais altas esferas do galanismo a se pronunciar a favor do diálogo com ele e da aceitação de suas condições, Escobar sequestra a cunhada de Luis Carlos Galán e sua assistente; em seguida, captura Marina Montoya, irmã do secretário-geral da presidência no governo de Barco e sócio de Gilberto Rodríguez na Chrysler, o qual assassina a sangue-frio em represália a uma tentativa de libertá-las. Em setembro sequestra Francisco Santos, filho de um dos proprietários do *El Tiempo*, para obrigar o principal jornal do país a se

pronunciar a favor de uma Assembleia Constituinte que emende a Constituição e proíba a extradição.

É nesse clima que deixo o homem de uma terra distante e regresso ao meu país. A filha de Nidia e prima de Aníbal morta por culpa do homem que ele, um dia, me apresentou. Minha amiga estuprada pelos inimigos de Pablo e do M-19. Meus colegas Raúl Echavarría e Jorge Henrique Pulido assassinados pelo homem que tanto amei. Pessoas queridas como Juan e Azucena sequestradas pelo meu Robin Hood *paísa*, junto com companheiros de escola como Francisco Santos e Andrés Pastrana, meu parente. Todos eles, personalidades dos meios de comunicação, garantem a Pablo representação perante a opinião pública num país emocionalmente atormentado e convencido de que ele ainda é o sétimo homem mais rico do mundo. Só aqueles que algum dia fizeram parte de seu círculo íntimo sabem que toda essa onda de sequestros obedece, justamente, ao seu desespero diante do esgotamento de forças e da perda de seus recursos. Frente às dificuldades impostas pelos exércitos dos quatro principais magnatas, Escobar agora desce ao próximo nível das grandes fortunas colombianas e sequestra Rudy Kling, genro de Fernando Mazuera, um dos homens mais ricos do país e grande amigo dos meus tios. Quase todas as novas vítimas de Pablo agora são relacionadas a mim: um amigo ou filho de amigos da minha família, um colega, um parente, um companheiro de colégio ou um conhecido de infância. Quando o editor do *El Tiempo* liga em nome do pai de Francisco Santos para me implorar que interceda pelo seu filho e respondo que nem sequer saberia onde e como localizar Pablo, ele dá a entender que não acredita em mim. Cada vez que entro num restaurante, observo o desprezo no rosto dos outros clientes. E, como não tenho outro mecanismo de defesa, me torno cada vez mais distante e me refugio nessa elegância que foi polida nos últimos meses à altura dos exigentes princípios da minha futura sogra, o que só exacerba o ódio contra mim, porque a atribuem à minha riqueza.

Meu ex-noivo me liga constantemente para me dizer que se preocupa com o clima de hostilidade e impunidade em que vivo, e eu respondo que, infelizmente, este país é o único que tenho. Ele me promete que dentro de algumas semanas virá me visitar porque não pode continuar separado de mim, mas lhe peço que não faça isso porque não vou assinar esse contrato pré-nupcial, nem permitir que o deserdem, nem viver com ele sem ser

casada, e insisto que, para o bem de ambos, ele deve tratar de me esquecer.

Vendi meu quadro de Wiedemann e meu carrinho e com esse dinheiro consegui pagar minhas contas e salvar o meu apartamento, mas, de novo, meus recursos estão a ponto de se esgotar.

Há muitos anos trabalhei na Caracol Radio, mas agora seu diretor, Yamid Amat, um dos jornalistas preferidos de Pablo Escobar desde os dias da declaração de amor pública a Margaret Thatcher, reage escandalizado quando peço para trabalhar com ele. O mesmo acontece com os gestores da RCN Rádio e Televisão, de Carlos Ardila, o magnata dos refrigerantes. Finalmente, a Caracol Televisão, de Julio Mario Santo Domingo, me liga para dizer que tem o trabalho perfeito para mim. Imagino que querem me fazer uma oferta para trabalhar como apresentadora, porque a verdade é que existem muitos pedidos para que eu volte para a televisão e a notícia do meu retorno ao país originou todo tipo de rumores e especulações. O meu favorito é que, com os milhões de Pablo, Ivo Pitanguy teve que me refazer dos pés à cabeça porque eu tinha perdido a boa forma terrivelmente depois de dar à luz gêmeos que abandonei num orfanato em Londres! E como minha ex-sócia Margot Ricci sempre disse que as pessoas na Colômbia não ligam a televisão para me ver nem para me ouvir, mas para ver o que estou vestindo, vou feliz para a entrevista com a presidente do canal vestida de Valentino. Sabendo que uma apresentadora profissional com um guarda-roupa como o meu é um luxo para qualquer canal de um país em desenvolvimento, ela me pergunta:

— Quem é responsável pelo seu guarda-roupa?

Não titubeio em responder, com o meu sorriso mais radiante e seguro:

— Valentino, em Roma, e Chanel, em Paris!

Na minha desinformação infinita sobre os recentes acontecimentos locais, esqueci que o Canal Caracol não é a Televisa de Azcárraga, do “Tigre”, nem a Globo, de Roberto Marinho. Porque, para aquela mulher, quem está ali pedindo trabalho é a ex-namorada ou atual namorada do maior criminoso de todos os tempos. Sim, senhor: nada mais nada menos que o piromaníaco que ateou fogo na casa de campo do homem a quem ela deve esse cargo: Augusto López, o presidente do Grupo Santo Domingo!

A executiva quer que eu protagonize uma novela, e, admirada, comento que não sou atriz. Dando de ombros, ela responde que, com meus vinte

anos de experiência diante das câmeras, quem vai se importar com isso? Por acaso não recusei ofertas para fazer cinema em Hollywood?

— As telenovelas chegam a todos os estratos socioeconômicos. Até as crianças assistem. São um produto de exportação para dezenas de países. Agora sim você vai ser famosa em todo o continente!

Assino o contrato, e poucos dias depois começam as ligações dos meios pedindo entrevistas. No total, concedo 32 para o rádio e a televisão. *Aló*, a principal revista da editora El Tiempo, insiste em uma entrevista exclusiva, e, quando recuso várias vezes porque minhas declarações à mídia impressa sempre foram distorcidas para colocar na minha boca frases que nunca disse, a diretora me promete que respeitará o meu direito de aprovar cada palavra das minhas respostas antes de serem publicadas. Quando aceito, a primeira coisa que ela me pergunta é se vou voltar a ver Pablo e o nome e a localização de meu ex-noivo. Não vou permitir que misturem o homem que amo com um criminoso que me causou tanto mal e guardo as informações do primeiro. Sobre Escobar, comento:

— Faz anos que não o vejo. Mas... por que você não pergunta de mim quando fizer uma entrevista com ele? Se ele conceder, porque imagino que não voltou a dar entrevistas...

Dois dias depois da publicação da entrevista, meu telefone toca. Agora todos os meios de comunicação têm o meu número e eu mesma atendo.

— Por que você fala essas coisas tão horríveis de mim?

— Não vou te perguntar como conseguiu meu número, mas vou te responder: porque estou até aqui de que me perguntem de você.

Diz que está estreando um novo telefone — especialmente para mim — e, com isso, vamos poder conversar tranquilamente antes que o interceptem. Já mandou revistar os meus antes de ligar para saber se estavam grampeados e comprovou que ambos estão limpos!

— Queria te dar as boas-vindas, porque parece que você fez falta para milhões de pessoas... não apenas para mim... O que achou do país depois de todo esse tempo fora?

— Acho que foi na página 28 do *El Tiempo* que, numa coluna de cinco linhas, li que no ano passado a Colômbia teve 42 mil homicídios. Como venho de um país onde três mortos são um massacre digno de primeira página, para responder com o mínimo de certeza eu teria que te perguntar

primeiro: quantos desses milhares devemos a você, Honorável Pai da Pátria?

Com um suspiro profundo, ele responde que, agora que vem a Assembleia Constituinte, o país voltará à normalidade porque todo mundo está cansado de tanta guerra. Comento que muitos jornalistas parecem concordar que “os senhores do Vale” têm 60% do Congresso no bolso e pergunto se ele tem essa mesma quantidade de constituintes.

— Booomm, amor... Eu e você sabemos que eles são de acertar negociações aqui e ali. O meu negócio, ao contrário, é com dinheiro de verdade. Eu tenho do meu lado todos os corajosos do vale Magdalena Medio — os fortes —, que, com outra elevada porcentagem do que não posso te falar por telefone, me garantem o triunfo absoluto. Vamos mudar a Constituição, e nenhum colombiano poderá ser extraditado!

Eu elogio a prodigiosa eficiência de Santofimio. Extremamente irritado, Pablo exclama que não é seu amigo, mas seu mensageiro, de quem, assim que a Constituinte for aprovada, não voltará a precisar para nada e prefere antes perdoar Luis Carlos Galán — onde quer que esteja — a perdoar Santofimio. Muito surpresa, pergunto se isso quer dizer que ele se arrepende “daquilo”, e responde:

— Eu não me arrependo de nada! Você é muito inteligente e sabe perfeitamente o que isso quer dizer. Vou mudar de telefone.

Depois de alguns minutos, toca meu outro aparelho. E, já num tom bem diferente, pergunta:

— Vamos falar de você. Já soube tudo sobre seu noivo alemão. Por que você não se casou com ele?

Respondo que não é assunto dele. Ele jura que gosta muitíssimo de mim, diz que imagina como devo estar me sentindo triste e insiste que sempre pude lhe contar. Só para que eu saiba o preço que continuo pagando por minha antiga relação com ele, decido falar da carta enviada para minha sogra com nossas fotos e sobre o contrato pré-nupcial que me neguei a assinar. Várias vezes ele me pede que confesse de quanto era a porcentagem, e, já cansada, conto.

— Te ofereciam esse salário de vice-presidente para lidar com várias casas? Com razão você diz que por trás de todo grande magnata sempre há uma grande cúmplice ou uma grande escrava: a velha é cúmplice do marido e queria que você fosse escrava do filho!... Mas que bruxa!...

Como você faz para que esses caras podres de ricos te persigam o tempo todo, hein?... Por que você não me conta seu segredo, meu amor?

— Você o conhece como ninguém. E deve ser porque, quanto mais velha fico, mais elegante me torno... Acho que as oitenta capas de revista também ajudam... Você tem o mesmo número de capas... mas por outras razões, claro.

— Sim, sim... mas nessa da *Aló* você está horrível!... Não queria te dizer, mas você parece... uma velha... Vou mudar de telefone.

Fico pensando o que vou dizer a ele quando voltar a ligar, o que acontece minutos depois. Depois de falar de generalidades sobre a minha volta ao trabalho após anos sendo vetada, comento que na tela me sinto melhor do que nunca — e definitivamente melhor do que ele —, porque, aos 41 anos e pesando 53 quilos, pareço ter trinta. E explico as razões pelas quais publicaram a foto clicada num descuido e a única feia e realmente vulgar de toda a minha vida:

— Como não fariam isso, se você sequestrou o dono da revista? Tive que pedir trabalho para pessoas cujas casas você queima e que juraram me usar como a locomotiva de uma novela de qualidade inferior com galãs de quinta, antes de me jogar na rua para me matar de fome por ordem de Santo Domingo, de quem você arrebenta os aviões que levam os genros das minhas amigas.

— Mas por que está falando assim comigo, meu amor, se gosto tanto de você? Um sonho de mulher como você não nasceu para trabalhar como escrava para esses tiranos engarrafadores... Você merece ser muito feliz... E vai ver que esse homem que deixou vai voltar muito rápido para os seus braços!... Você pode ser muuuito *viciante*... eu sei bem disso!

Respondo que efetivamente vai vir em alguns dias, mas que decidi que não vou me submeter pelo resto da vida às investigações de sua mãe. Depois de um silêncio, Pablo me diz que na minha idade eu deveria começar a pensar em me transformar, talvez, numa mulher de negócios. Ele se despede e me fala que depois da Assembleia Constituinte certamente voltará a me ligar.

Meu namorado chega a Bogotá quatro dias depois. Novamente coloca no meu dedo o anel de compromisso insistindo que, se nos casarmos, vou fazê-lo muito feliz e em pouco tempo sua mãe certamente mudará de ideia e anulará esse contrato. Explico que não posso romper meu contrato com a

Caracol — sob risco de ter que pagar o triplo do que vou receber em honorários — e que, uma vez que tenha um vídeo com material recente, vou embora da Colômbia para sempre e é quase certo que obterei excelentes ofertas nos Estados Unidos. Ele me implora que não faça isso, e eu digo que está me colocando numa terrível encruzilhada. Como em algumas horas devo partir para a baía de Honda, onde vamos gravar os primeiros capítulos da novela, nos despedimos e ficamos de nos ver no mês seguinte em algum lugar do Caribe.

Cerca de trezentas pessoas foram convidadas para o coquetel de lançamento em Bogotá. Amparo Pérez, a assessora de imprensa da Caracol, me busca em casa com seu carro e, no caminho, me pergunta:

— Nunca mais voltou a saber nada do seu namorado alemão! Não é verdade?

— Voltei a saber dele, sim. Esteve aqui há duas semanas e me deixou isto. — E mostro o meu diamante, quatro vezes maior do que o de Gustavo e *D-Flawless*.

— Ai, tira agora esse anel tão chamativo antes que a Mábel pense que foi Pablo que te deu de presente e te despeça por ter voltado às más companhias!

— Ele nunca poderia me dar um anel de compromisso, Amparo, porque já é casado. Vou tirar o diamante porque, evidentemente, para as pessoas deste país, Pablo Escobar é o único homem do mundo que tem dinheiro para comprar um brilhante.

Na manhã seguinte, meu prometido me liga para perguntar como foi em Honda e no lançamento. Descrevo as gravações vespertinas em meio a nuvens de mosquitos que nos devoram e o calor infernal que, com a iluminação, supera os 45 graus. Depois de um breve silêncio e com uma tristeza que não consegue ocultar na voz, ele me diz em alemão:

— Não entendo por que você assinou um contrato assim... E tem uma coisa que preciso te dizer: no caminho da sua casa para o aeroporto, nos seguiram... Sei que foi ele. Acho que continua apaixonado por você, Kid.

O mundo inteiro desaba na minha cabeça. Mas como pude ser tão estúpida? Por que a essa altura da minha vida ainda não conheço Pablo Escobar? Deveria saber que, depois do roubo de 1988 e três anos e meio de separação, ele não podia ter me ligado para reforçar seu afeto, mas para investigar se o que tinha ouvido era verdade, se estava ressentida com o

homem que eu acabava de deixar ou contra sua família e se isso podia ser útil a ele!

Antes de desligar assustada, só consigo dizer, também em alemão:

— Não, não, não. Faz muito tempo que ele não está apaixonado por mim. É algo muito pior. Não volte a me ligar nunca mais. Eu ligo para você amanhã, e você entenderá tudo.

Uns dois dias depois, por volta da meia-noite, Pablo liga.

— Nós dois sabemos que você deixa de gostar de seus maridos e namorados no dia seguinte em que os deixa. Não é verdade, meu amor?... Não sei como você consegue, mas sempre nos substitui em 48 horas! O que a Caracol está fazendo é *vox populi*, e o que eu quero é assegurar o seu futuro... Você me preocupa... porque não está ficando mais nova, ou está? Por isso vou te mandar por escrito uma proposta muito séria. Não esqueça nunca que os meios de comunicação podem falar de você o que eu quiser: basta bombardeá-los com ligações durante uma semana... e nunca mais você volta a trabalhar. Adeus, amor.

A nota diz que já tem toda a informação básica, mas que precisa da minha cooperação. A proposta consiste em 25% das “arrecadações” e é acompanhada de uma lista simples: endereços residenciais, telefones particulares, dados financeiros, contas bancárias, nomes dos filhos — se ele tiver —, a data da próxima visita do meu ex-namorado à Colômbia ou da minha próxima viagem à Europa. Em outra folha de papel amarelo com nomes e recortes de jornais colados, vem o complemento:

Últimas informações sobre Caracol, Yamid Amat!

Numa tentativa de sequestro morreu o sr. Fulano de Tal, filho da sra. Tal, mulher do sr. Fulano de Tal, presidente do Conselho da Empresa Tal, estabelecida na cidade Tal. A ex-apresentadora de televisão Virginia Vallejo, acusada de uma possível participação no crime, foi detida na prisão do DAS, onde está sendo interrogada.

Por horas e horas, faço um esforço mental me perguntando como ele pôde obter esses nomes. Eu me lembro de sua voz há oito anos, “Se planejar cuidadosamente, todas, todas as maldades se materializam”, e concluo que alguém de sua organização provavelmente viajou no mesmo avião do meu namorado e, já na Alemanha, depois de alguns dias “de rastreamento em rastreamento”, pesquisou de quem se tratava. Outra possibilidade é de que tenha feito alguém me seguir numa das minhas

viagens... Eu me pergunto se ele saberia sobre a Interpol, se o homem do zoológico não tinha sido um enviado dele, se as fotos e a carta enviadas à minha futura sogra não seriam só mais uma de suas vinganças... Todas essas possibilidades me passam pela cabeça, e me dou conta de que no lugar onde meu ex-noivo trabalha é relativamente fácil de verificar quem ele é. Só sei que, quando se trata de conseguir dinheiro rápido e em grandes quantidades, para Pablo “Paris vale uma missa”.³⁹ Quando volta a me ligar, dessa vez de madrugada, me diz que mais cedo ou mais tarde, com a minha ajuda ou sem ela, vai chegar ao seu objetivo:

— Já vai ver que, com alguns telefonemas adicionais ao DAS, você poderia passar uns aninhos na cadeia até que investiguem se o que as minhas testemunhas diziam era ou não verdade. E em quem você acha que eles vão acreditar: em Maza e seus inimigos da imprensa... ou em você, pobrezinha? O que essa velha nazi não daria para recuperar o seu filhinho... Não é verdade, amor?

Fico gelada enquanto ele me explica — com frases curtas e seguidas de silêncio com as quais estou mais do que acostumada — que precisa de mim para agilizar as coisas que de outra forma levariam meses, porque não tem tradutores de confiança em vários idiomas. É questão de escolher não entre a prata e o chumbo! — porque ele sabe que a morte não me assusta —, mas entre a prata e a prisão! Em alguns dias vai me ligar e nos próximos vai me dar uma demonstração de que fala sério. E desliga.

Recebo um telefonema de Stella Tocancipá, jornalista responsável por escrever uma crítica sobre mim na revista *Semana*. Ela me avisa que preferiu pedir demissão a ter que falar de mim as sacanagens que seus superiores pretendiam obrigá-la a escrever. Um sujeito que não tem nem o valor nem os escrúpulos de Stella escreve tudo o que ditam a ele e, depois de eu ser despedida da Caracol, é premiado com o consulado em Miami.

O que o *El Tiempo* publica é ainda pior: agora sou amante de outro narcotraficante — cujo nome ninguém sabe — e me transformei apenas numa ladra vil de todo tipo de artigos de luxo e, por isso, novamente apanhei, levei pontapés e fui desfigurada de forma inclemente. O que Pablo Escobar está mandando me dizer é que — como já aconteceu antes com Rafael Vieira —, até o fim dos tempos, todo homem com quem eu tenha uma relação séria será descrito pelos jornalistas exatamente como seus sicários falam: “outro narcotraficante, só que anônimo”; e que, em vez

de passar o resto da minha vida condenada à solidão e ao desemprego, eu deveria começar a pensar mais como uma mulher de negócios e deixar de ter tantos escrúpulos. Como as autoridades que não estão a serviço dos cartéis de droga estão trabalhando para os meus inimigos, fica impossível para mim denunciar a chantagem à qual Pablo Escobar vem me submetendo. A sordidez de todas aquelas histórias é tal — e tal é o assédio por telefone e as zombarias que escuto cada vez que vou ao supermercado — que desenvolvo anorexia e por muitos dias considero seriamente a possibilidade de me suicidar.

Então me lembro de Enrique Parejo González. Como embaixador da Colômbia na Hungria em 1987, o ministro da Justiça galanista que assinara aquelas primeiras extradições após o assassinato do seu antecessor, Rodrigo Lara, se tornou o único sobrevivente de um atentado individual de Pablo Escobar: cinco tiros à queima-roupa na garagem de sua casa em Budapeste, três deles na cabeça. Esse homem corajoso — hoje milagrosa e completamente recuperado — encarna como ninguém o poder do narcotráfico de chegar aos lugares mais distantes da Colômbia quando se trata de materializar uma vingança. Porque, no meu país sem memória, a de Escobar não perdoa.

Sei que Pablo já tem muita informação sobre a família de meu ex-noivo, mas meu instinto me diz que, enquanto ele não vier à Colômbia ou eu não for para a Alemanha, não correrá perigo. Depois de pensar por uma noite inteira, minha consciência me dá a única opção que me resta: permanecerei sozinha e, como não tenho material recente para exibir a uma agência internacional de artistas, aceitarei meu destino e viverei no meu país. De uma cabine de telefone público, peço ao meu namorado para nos encontrarmos em caráter de urgência em Nova York. No dia mais triste da minha vida, devolvo seu anel e lhe digo que, enquanto esse monstro viver, não poderei voltar a vê-lo nem ele poderá me ligar mais, porque Escobar vai sequestrá-lo ou assassiná-lo e me acusará de estar envolvida em seus crimes. Mais de seis anos se passariam até que ambos estivéssemos livres de nossas respectivas circunstâncias, mas, em fins de 1997, ele ficaria muito doente e começaria para mim o último dos calvários que Pablo Escobar me legaria.

Ao voltar para Bogotá, mudo meus telefones e não dou os novos números para ninguém além de quatro pessoas. Estou tão apavorada com a

possibilidade de ser sequestrada que, quando minhas duas amigas mais próximas aos grupos de extrema-esquerda me perguntam pelo meu ex-noivo, respondo que foi apenas mais uma das invenções dos meios de comunicação.

A Assembleia Constituinte de 1991 encontra o país imerso num clima de esperança e diálogo de que participam os partidos tradicionais, os grupos armados, as minorias étnicas e religiosas e os estudantes. Antonio Navarro, do M-19, e Álvaro Gómez, do Partido Conservador, apertam as mãos, e depois de alguns meses a Constituição é emendada, a extradição é abolida e as pessoas boas e más da Colômbia se preparam para iniciar a nova era num quadro de entendimento e concórdia.

Mas, num país onde o estado de direito sempre está se sacrificando no altar de alguma forma de paz — que, para o grupo narcoterrorista do momento sempre consistirá num tipo de anistia para ignorar o Sistema Judiciário e não ser extraditado —, as coisas não são tão simples. Em princípios dos anos 1990 nascem “os Pepes”, os “Perseguidos por Pablo Escobar”. Novamente até o último ignorante do último povoado sabe que seus membros são integrantes dos grupos paramilitares comandados pelos irmãos Fidel e Carlos Castaño, o cartel de Cali, dissidentes do cartel de Medellín, os órgãos policiais e de inteligência vítimas de Escobar e um ou outro assessor estrangeiro no melhor estilo dos Contras. Depois da nova — e ao que parece definitiva — queda da extradição e para se proteger dos Pepes, que o ameaçam de forma cada vez mais inclemente, Escobar concorda em se entregar caso construam em Envigado uma prisão especial para ele, num terreno elevado de 30 mil metros escolhido por ele, com seus homens sobreviventes selecionados por ele, visão de 360 graus, espaço aéreo protegido, uma cerca elétrica e, claro, todas as comodidades e diversões básicas que a vida moderna oferece, porque as classes abastadas da Colômbia sempre desfrutaram de uma medida jurídica que existe só neste país, denominada “prisão domiciliar”. O governo de Gaviria, com o objetivo de descansar do conflito com Pablo, diz: “O.k. Construa então um estádio de futebol, seu bar, sua discoteca e convide para dançar todo mundo que quiser, mas nos dê um fresco!”.

A entrega de Pablo se transforma no acontecimento do ano. Obcecado pelo seu único flanco vulnerável — esse que ambos conhecemos tão bem —, exige que nenhum avião sobrevoe o espaço aéreo de Medellín durante o dia escolhido por ele para se dirigir, em meio a uma caravana de veículos oficiais e da imprensa nacional e internacional, até o seu novo refúgio, custeado pelo governo colombiano.

O problema dos presidentes desesperados e das pessoas boas da Colômbia é que ainda não conhecem o dono das “Marionetes”. Todos acreditam em seu cansaço e suas boas intenções, mas de dentro da prisão batizada de “a Catedral” ele continua dirigindo seu império do crime com punho de ferro. No seu tempo livre, convida as grandes estrelas do futebol, como René Higuita, para jogar com ele e seus homens, e nas noites, antes de um merecido descanso, convida dezenas de garotas alegres para se distraírem com eles. Como se fosse um rei, recebe sua família, seus políticos e os chefes do tráfico de outras regiões do país que ainda não estão afiliados aos Pepes. Todo mundo comenta que “na Colômbia o crime compensa”, mas qualquer protesto é furiosamente abafado pelo bem da paz, porque, finalmente, Pablo está tranquilo.

Agora só a emissora de rádio de quinta categoria me oferece trabalho, mas com a condição de que eu consiga minha própria publicidade. Peço uma reunião com Luis Carlos Sarmiento Angulo, agora o homem mais rico do país, e suplico para que salve a minha vida, porque parece haver um complô entre aqueles que conduzem os meios de comunicação para me matar de fome. Aquele homem nobre dá o equivalente a cerca de 10 mil dólares ao mês para a Todelar, e a emissora me paga 40% por acordo, o que me permite viver sem angústias pela primeira vez nos últimos anos. Como não tenho escritório, novamente todos têm o meu telefone. (Depois da morte de Pablo, meu contrato será cancelado sem explicações, e a Todelar ficará com 100% do valor da publicidade.)

Certo dia, Garganta Profunda me conta que alguns amigos dele visitaram Pablo na Catedral. Algum deles comentou que um conhecido seu tinha me visto havia uns dias num restaurante em Bogotá, que eu estava belíssima e que faria qualquer coisa para sair comigo. Ao escutá-lo, Pablo exclamou:

— Por acaso o seu amigo não soube que Virginia tentou ficar com o iate de uns colegas nossos e que tiveram que tirá-lo dela da pior forma? E esse

seu pobre amigo me dá pena: está cego e deveria usar óculos! Quem vai querer uma velha dessas, com tantas mulheres novas por aí? Ela só é uma quarentona sozinha e pobretona, obrigada a trabalhar numa emissora de rádio de quinta categoria para não morrer de fome porque ninguém mais quer contratá-la para a televisão!

— Meus amigos não acreditavam no que estavam escutando — diz Garganta Profunda, visivelmente chateado. — Comentaram que era a última sacanagem que faltava para esse miserável fazer! — E continua me contando: — Imagina que um deles é muito próximo ao “Rambo” [Fidel Castaño, o chefe das Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC)], e há alguns dias estávamos na propriedade que ele tem em Córdoba e, de repente, chegou um cara de bicicleta. Ele ficou um tempo conversando com a gente e foi embora logo, tal como tinha chegado: sozinho e pedalando tranquilo! Neste país todo mundo se conhece... com razão se matam entre eles! O tal Rambo parece feito de ferro: mesmo que ande desarmado e de bicicleta, ninguém em seu perfeito juízo se atreveria a se meter com ele. Esse é o cara que, mais cedo ou mais tarde, vai acabar com o seu Pablito, o Ingrato...

— Pois que Deus abençoe Pablito, o Possessivo... Será que você pode dizer ao seu amigo que descreva a Rambo com riqueza de detalhes o ódio que Escobar sente por mim, para ver se os Pepes param de me atormentar?... Peça ao seu amigo que conte a Castaño sobre homens que ligam por volta da meia-noite, colocam no telefone o barulho de uma motosserra e dizem que a estão afiando para “a prostituta do psicopata de Envigado”. Você não imagina o terror em que vivo: cada noite, quando saio do trabalho às oito horas, esperando um táxi, vejo chegar uma dessas caminhonetes SUV com vidro fumê e imagino que são os Pepes que estão ali para me pegar! Diga a ele que suplico que as ameaças parem, porque sou só mais uma perseguida por Pablo Escobar e a única vítima dele que sobreviveu. E quando ele vai poder me dar uma entrevista na estação de rádio de quinta categoria, para ver se me conta como é que vai acabar com o Monstro da Catedral?

Depois de alguns dias, as ligações diminuem consideravelmente. Parece que dessa vez a minha pobreza ou a minha velhice me salvaram e que, agora que pareço estar sob a proteção do fundador dos Pepes, posso finalmente dormir tranquila até aparecer o próximo inimigo de Pablo.

Porque, em matéria de ameaças, só me faltam o míssil do Pentágono e a bomba atômica do Kremlin.

As motosserras foram se transformando na arma preferida de todos os bandos. Em algum lugar, li que os uivos das vítimas numa sala do Departamento de Antioquia ou no de Córdoba — centro de operações das AUC — eram ouvidos de uma ponta à outra do povoado enquanto paramilitares drogados violentavam as mulheres diante dos seus filhos de cinco, seis, sete, oito e nove anos. Quando Escobar descobre que os Moncada e os Galeano, seus sócios, esconderam 5 milhões e 20 milhões de dólares, respectivamente, os convida para ir à prisão e ali mesmo começa a cortá-los com aquela arma que não precisa de salvo-conduto porque é utilizada na carpintaria da penitenciária. Depois de obrigá-los a informar o paradeiro do espólio, não apenas consegue recuperar o dinheiro através de seus homens que ficaram do lado de fora, como imediatamente encontra todos os sócios e contadores de ambas as organizações para obrigá-los, sob tortura, a transferir para ele os capitais que restavam, incluindo fazendas, gado, aviões e helicópteros.

Quando a história de que Escobar também construiu uma masmorra e um cemitério próprios debaixo do nariz de seus guardas chega ao Palácio Presidencial, César Gaviria chega ao seu limite e o vice-ministro da Justiça, filho de antigos amigos meus, é enviado para verificar se algo tão impressionante é verdade ou se são apenas invenções do cartel de Cali e das famílias Moncada e Galeano. Ao ser avisado da chegada de divisões do Exército para transferi-lo a outra prisão, Escobar acredita que o governo se propõe a entregá-lo à DEA e, uma vez que o jovem funcionário entra na cadeia, ele o toma como refém. Depois de uma série de fatos confusos sobre os quais há todo tipo de versões, Pablo sai caminhando entre os guardas — que não movem uma palha para impedi-lo — e foge com seus homens através de túneis que vinham construindo havia meses. Começa uma maratona de transmissão ao vivo de todas as emissoras do país, e, enquanto o novo diretor do *Noticiário Todelar* — a serviço do cartel de Cali — não me permite tocar no microfone durante toda a tarde, Pablo faz com que Yamid Amat, da Caracol, acredite que ele está há três horas escondido num enorme tubo nas proximidades da Catedral, enquanto, na realidade, está a quilômetros de distância, protegido pela densa selva.

Estou feliz porque sei que, com a fuga, Pablo ditou sua sentença de morte. Imediatamente é criado o “Bloco de Busca” da polícia, que é treinado nos Estados Unidos com a única missão de acabar com ele de uma vez por todas. Desde o primeiro momento, os Pepes oferecem aos americanos toda a sua cooperação. Depois de treinamentos intensivos, os Navy Seals e o Grupo Delta também se unem entusiasmados ao Bloco de Busca, e a DEA, o FBI e a CIA chegam com os veteranos do Vietnã. Mercenários alemães, franceses e britânicos vêm em seguida — depois da prometida recompensa de 25 milhões de dólares —, e um total de 8 mil homens é designado em vários países para uma guerra multinacional contra um único indivíduo, que os americanos querem vivo e os colombianos querem morto. Porque só a morte garante seu silêncio.

Em represália aos interrogatórios e ao esquartejamento de alguns mártires do submundo em nome do estado de direito, Escobar detona uma bomba atrás da outra, praticamente uma por semana, e seus sicários, agora transformados em estrelas midiáticas, começam a aparecer nas capas de revista e na primeira página de todos os jornais. Como se Pablo fosse algum líder da Resistência, os meios de comunicação publicam tudo o que eles dizem e tudo o que ele sugere:

— O terrorismo é a bomba atômica dos pobres! Mesmo que vá contra meus princípios, tenho que recorrer a ele!

Pablo Escobar sempre soube se fazer de coitado quando era conveniente. Em 1993 me salvou milagrosamente do pior de todos os atentados recentes, o do elegante Centro 93, mas ficou chorando diante do espetáculo da cabecinha de uma menininha degolada na parte mais alta de um poste de luz e de centenas de mortos e feridos.

A essa altura eu já tinha vendido meu apartamento, porque não suportava mais as interceptações de linhas telefônicas e os insultos, e alugado um no primeiro andar do elegante condomínio Residencias El Nogal, onde moram uma ex-primeira-dama parente do meu pai, três filhos do ex-presidente e a sobrinha de Santo Domingo. Todos os seus guardacostas me garantem uma proteção relativa, meia dúzia dos residentes têm o meu mesmo DNA e, finalmente, posso descansar do ruído telefônico e das motosserras. Depois da venda do apartamento, Garganta Profunda me pede um empréstimo de 2.500 dólares, e, mesmo que a partir desse dia

desapareça, digo a mim mesma resignada que a informação obtida nesses seis anos valeu todo o ouro do mundo.

A última coisa que minha fonte de dados tinha me contado era que Pablo se escondia nas casas que vinha comprando nos bairros de classe média em Medellín. Não me surpreendia porque, na fase mais clandestina da nossa relação, os homens que me levavam até seus esconderijos sempre comentavam que ele tinha quinhentas casinhas camponesas espalhadas por todo o território da Antioquia. Pelos amigos de Garganta Profunda, sei que, apoiados pelo Bloco de Busca, os Pepes decidiram sequestrar os familiares mais próximos de Pablo para trocá-los pelos parentes de ambos que caíram nas mãos dele. Como está desesperado para tirar a família da Colômbia, me convenci de que deixará a despedida para o momento em que já não reste nada a fazer, porque — como certamente não voltará a vê-los — nesse dia o seu coração vai se quebrar em mil pedaços. Se é que ainda tem um.

Em qualquer país da América Latina, os Escobar são alvo fácil para seus inimigos, que poderiam sequestrá-los ou extorqui-los pelo resto da vida. Os Estados Unidos não os receberão nunca, e os voos para o Oriente ou a Austrália saindo da Colômbia são inexistentes. Em 1993 — antes do Acordo Schengen de 2001 —, a Alemanha é o único país na Europa com voos diretos saindo de Bogotá, onde os colombianos podem entrar sem visto e sem muitos controles aduaneiros. Sei que vários familiares de Pablo já estão naquele país, e sei que mais cedo ou mais tarde sua mulher e seus filhos, sua mãe e seus irmãos também vão seguir rumo à Europa.

Já não sinto tanta compaixão por eles, e sim pelos seus mortos e uma ainda maior por mim, porque, por conta de dez anos de insultos e ameaças, me vi obrigada a arcar com a dor de todas as vítimas de Escobar e com a ira de seus inimigos. Finalmente, a gota d'água é a morte de Wendy. Num almoço com Carlos Ordóñez, o grande guru da cozinha colombiana, uma atriz famosa me conta que foi casada com um tio de Wendy, que foi assassinada por ordem de Pablo durante uma viagem que fez de Miami, onde morava, para Medellín. Ele adorava Wendy e tinha deixado para ela uma fortuna de 2 milhões de dólares em 1982, equivalente a mais ou menos 5 milhões hoje. Nós éramos opostas em tudo, e, mesmo sem nunca tê-la conhecido, a história do aborto com um veterinário tinha produzido em mim calafrios; sempre senti por ela uma enorme compaixão. Penso que

essa — e não me difamar nos meios de comunicação ou debochar de mim diante de seus colegas da pobreza e da solidão que ele me impôs — era a última perversidade que faltava esse monstro fazer. Gilberto já tinha me dito havia seis anos que um dia Pablo também mandaria me matar... Por tudo isso, de algum ponto distante imaterial, uma força inexplicável — talvez vinda do espírito daquela outra pobre mulher que o amou quase tanto quanto eu — me diz que chegou a hora de dar a minha contribuição para que toda essa baixaria acabe de uma vez por todas.

Fiquei seis anos esperando meu momento e, depois de pensar por vários dias, tomo uma decisão: num dia no fim de novembro de 1993 me dirijo à Telecom e, de uma cabine privada, faço uma ligação para uma instituição europeia estabelecida em Estrasburgo. Sempre tive o telefone do irmão do homem com quem eu poderia ter sido feliz e que sempre sentiu um grande carinho por mim. Durante a meia hora seguinte explico a ele por que acho que a qualquer momento essas pessoas irão para a Europa e tentarão entrar por Frankfurt. Usando todos os argumentos que me passam pela cabeça, peço que ele explique isso ao alto governo alemão, porque, no dia seguinte em que tiver sua família num país seguro, Pablo Escobar ficará livre para despedaçar o meu país à vontade. Mesmo centenas de pessoas de diferentes nacionalidades não conseguindo capturá-lo, tudo parece indicar que o Bloco de Busca e os americanos o cercaram graças ao sistema de rastreio de ligações mais avançado do mundo. E, mesmo Escobar sendo um expert em comunicações, é só uma questão de semanas ou meses antes que o localizem e acabem com ele. Depois de alguns minutos, meu amigo pergunta por que tenho tanta paixão por esse assunto e por que conheço o *modus operandi* de um terrorista como esse.

Eu não podia dizer a ele que, há nove/dez anos, aquele criminoso gastou mais de 2 milhões de dólares em combustível de avião para me ter ao seu lado ou nos seus braços por mais de 2 mil horas. Menos ainda poderia lhe explicar que — diante de uma mulher que o ama e entende com uma perspectiva inteligente e com o coração livre — um homem deixa transparecer vulnerabilidades que ninguém mais conhece. Ao ser humano que me escuta, só posso confessar que conheço cada recanto da mente daquele monstro melhor do que ninguém no mundo e também

como ninguém sei qual é seu calcanhar de aquiles. Do outro lado da linha consigo sentir sua surpresa e, em seguida, seu choque. Prossigo:

— Vai enlouquecer procurando alguém que receba sua família porque seus inimigos, os Pepes, juraram exterminar a todos como baratas. Algumas pessoas da sua organização já fugiram para a Alemanha, e, se vocês deixarem entrar as únicas que realmente importam para ele, Escobar virá atrás delas, mais cedo ou mais tarde, e atrás dele virão os Pepes. Escobar é agora o melhor sequestrador do mundo, e neste momento os dias de Baader-Meinhof vão parecer uma brincadeira de criança para vocês! Se não acredita em mim, peça ao seu irmão que mostre a carta que Pablo Escobar me mandou há três anos.

Com algo de censura na voz, ele me diz:

— Ele mora agora nos Estados Unidos, Kid... Cansou de te esperar e... se casou em março... Primeiro vou falar com ele e em seguida com um amigo de Washington que é especializado em contraterrorismo para saber o que está acontecendo... É uma pessoa que sabe muito sobre essas coisas... Não consigo entender por que você está tão certa de que essas pessoas vão para a Alemanha, mas vou fazer umas verificações e logo que souber de algo te ligo.

Não só num dia claro é possível ver para sempre. Também num escuro, e num negro, e num dos mais tristes de toda a minha vida. Mas que necessidade eu tinha de fazer essa ligação, meu Deus? Para receber tal notícia, tal castigo, tal balde de água fria?

Caminho para a emissora debaixo de chuva e vou pensando que sou a mulher mais sozinha da Terra e como é terrível não ter ninguém com quem possa desabafar tanta dor. Nessa noite eu durmo chorando, mas na manhã seguinte uma ligação do ex-noivo me acorda. Diz que sabe como estou me sentindo com a notícia de seu casamento, e eu só consigo responder que sei como ele se sente com o cerco policial em cima do homem que nos separou. Em francês, me explica que seu irmão começou a fazer diversas sondagens em Washington: tudo parece indicar que o *krimi*⁴⁰ está realmente na reta final, e vai tentar convencer o ministério alemão a manter vigilância cerrada no aeroporto pelo qual eu sempre chegava. Desejo muitas felicidades no seu casamento e, quando desligo, sei que a única coisa que Pablo me inspira é o desejo sincero de que alguém acabe logo com ele.

Na hora do almoço, recebo uma ligação de Estrasburgo, e meu amigo me pede que falemos de um telefone público. Diz que finalmente entendeu o que aconteceu entre mim e sua mãe e me pergunta se acredito que Escobar fará uma represália contra cidadãos ou empresas europeias. Respondo que, agora que seu irmão está nos Estados Unidos, fico profundamente aliviada, porque ele seria o primeiro alvo de sequestro de Escobar na Alemanha. Explico que, em outros tempos, provavelmente explodiria a embaixada, a Bayer, a Siemens e a Mercedes em Bogotá; mas sempre foi completamente ignorante nas questões alemãs e, nas presentes circunstâncias, para planejar grandes atentados em Bogotá, precisaria assegurar muitas frentes de comunicação e preparar uma logística muito complicada. O desespero para tirar sua família do país, ao contrário, vai levá-lo a se concentrar numa única coisa, o que vai ser uma verdadeira bênção para aqueles que estão rastreando suas ligações telefônicas.

— Ah! E avise em Berlim que certamente viajarão num domingo para não dar tempo de as agências governamentais que poderiam bloquear a entrada deles se reunirem. Voar numa companhia aérea comercial seria suicídio, porque todo mundo descobriria... Por isso tenho certeza de que vão tentar viajar num avião particular, mesmo que na Colômbia — fora os de alguns magnatas que nunca os emprestariam — não existam, que eu saiba, aviões que tenham essa autonomia para voo. Mas o cartel ficou quinze anos alugando aviões, e no Panamá deve haver dezenas deles disponíveis... Só o que posso dizer é que ponho a minha mão no fogo que eles vão para a Europa. E se vocês deixarem que entrem por Frankfurt, em menos de um mês os Pepes tentarão matar a família de Escobar, e Escobar destruirá a Catedral de Colônia! Esse é o tipo de cara que sonhou, de verdade, explodir o Pentágono por anos. Diga a eles que o único calcanhar de aquiles é a família, a família, a família. Ele daria a vida pela família!

No domingo 28 de novembro, estou dormindo quando o telefone me acorda. De Nova York, recebo a notícia mais inesperada.

— Você tinha toda a razão, Kid. Viajaram rumo ao meu país, mas você se enganou numa coisa: cometeram o erro de viajar pela Lufthansa! Meu irmão já falou com o mais alto escalão do governo e manda te dizer que um exército inteiro está esperando por eles e não vai deixar que coloquem os pés nem lá, nem em nenhum outro país da Europa. Vão mandá-los de volta para a Colômbia, para que façam com a sua família o mesmo que ele fez

com as de todas as suas vítimas!... Está confirmado, e apenas uma dúzia de pessoas sabe. Pela sua segurança, e pela nossa, você não pode abrir a boca. Os experts de Washington dizem que ele vai enlouquecer procurando alguém para receber a família, que o cercaram e que não dão nem um mês para capturá-lo. Agora a Bayer, a Schwarzkopf e a Mercedes têm que cruzar os dedos.

Na quinta à noite, quando volto do trabalho, toca o telefone.

— Bravo, Kid! *The wicked witch is dead!*⁴¹

Em seguida, pela primeira vez em onze anos, tudo na minha vida fica em silêncio.

Pablo está morto desde as três horas da tarde.

HOJE TEM FESTA NO INFERNO

PELA JANELA DO PEQUENO avião do governo americano, olho pela última vez na minha vida para o solo da minha pátria e o céu do meu país. Nove horas de viagem seriam uma eternidade para qualquer outra pessoa, mas eu estou acostumada a passar dias inteiros sem falar com ninguém. Nesse espaço de tempo, todas as razões pelas quais vou rumo aos Estados Unidos e nunca mais vou poder voltar, a menos para ser enterrada ali, vão desfilando pela minha memória... Todos os acontecimentos dos últimos dias se conjugaram para me converter numa testemunha-chave da promotoria de dois países em processos penais presentes ou futuros de transcendência excepcional: o assassinato de um candidato presidencial na Colômbia, um julgamento nos Estados Unidos de mais de 2,1 bilhões de dólares, o massacre do Poder Judiciário no meu país, um multimilionário acusado de lavagem de dinheiro em 38 processos... Agora vou rumo à nação que salvou minha vida, porque, se Pablo Escobar não tivesse sido meu amante, eu não levaria como único capital na minha carteira duas moedinhas de 25 centavos de dólar e todos os nomes de seus grandes cúmplices em minha memória.

Como esquecer o que aconteceu depois que sua família teve que sair da Alemanha... A voz de Pablo no dia seguinte nas emissoras de rádio, ameaçando transformar em “alvo militar” cidadãos, turistas e empresas alemãs... Essa voz que só aqueles que tinham conhecido todas as nuances sabiam que era a de um homem cansado, cercado, angustiado pela dor e sem capacidade de aterrorizar mais ninguém, com sua família expulsa a pedradas do elegante bairro de Santa Ana e agora refugiada no hotel Tequendama sob custódia de uma polícia compassiva que cumpria o dever

de proteger a esposa e os filhos do algoz enquanto o país inteiro protestava enfurecido.

Pacientemente, diante do meu microfone de dia, e em silêncio diante do meu televisor à noite, eu esperava o desenlace dos acontecimentos.

Na quinta-feira seguinte, quatro dias depois da volta de sua família e desesperado porque nenhum país quer receber os únicos seres com quem se importa no mundo, Pablo fala com seu filho de dezesseis anos por vinte minutos, algo que em outras circunstâncias nunca teria feito. Apesar de, desde sua fuga da Catedral, ele ter mantido uma disciplina obsessiva em matéria de comunicações e muito raramente usar seus telefones, começa a fazer ligações desesperadas para conseguir uma forma de realocar sua família, que os Pepes juraram exterminar. Em sua eterna obsessão pela manipulação dos meios de comunicação, Pablo explica detalhadamente ao seu filho como responder às perguntas da revista que, ao longo dos anos, o honrou várias vezes com sua capa. Uma eficiente oficial de polícia que há quinze anos rastreia suas ligações sem dar trégua, pelo sistema de triangulação radiogoniométrico, o localiza e imediatamente passa a informação para o Bloco de Busca. Minutos depois, os policiais encontram a casa num bairro de classe média de Medellín e conseguem avistar Escobar através de uma janela enquanto ele continua falando ao telefone. Ele e os seus guarda-costas também os vêm, e começa um tiroteio descontrolado que, como o de Bonnie e Clyde, se prolonga por uma hora. Com a pistola em mãos, Escobar sai correndo descalço e seminu, tentando saltar para o telhado de uma casa vizinha, mas tudo é inútil: segundos depois, despenca do telhado com dois tiros na cabeça e vários no corpo. Agora o homem mais procurado do mundo, o maior inimigo da nação em toda a sua história, o que durante dez anos submeteu o estado de direito a todos os delírios de sua megalomania, é só um monstro de 115 quilos perdendo sangue na frente de duas dezenas de inimigos que celebram o triunfo com rifles ao alto, delirantes de orgulho e enlouquecidos com uma euforia nunca vista.

O estado de ânimo contagia 30 milhões de colombianos, e as estrofes do hino nacional com “Acabou a noite horrível” ressoam em todas as emissoras. Até os dias atuais, só consigo me lembrar de dois eventos parecidos com o fenômeno coletivo que se seguiu: a queda da ditadura do general Rojas Pinilla quando eu tinha sete anos e uma partida de futebol

contra a Argentina em que a Colômbia ganhou de cinco a zero e que deixou oitenta mortos. Escutando e observando tudo aquilo na minha solidão e no silêncio imposto por um agora radiante diretor do *Noticiário Todelar* pago por Gilberto Rodríguez Orejuela, só posso comparar as dimensões daquela explosão de alegria com as da felicidade descrita por Pablo Escobar oito anos antes, quando numa tarde sob o céu da Nápoles tinha jurado me levar com ele ao inferno no instante de sua morte e a visão dos nossos corpos abraçados no epicentro de 360 graus multiplicado por 1 trilhão de trilhões.

Mas isso tinha sido há muito tempo, porque, quando já se sofreu tanto, oito anos podem ser uma eternidade... Aquele homem que chegou aos meus braços ainda como um menino, e se foi como um homem decidido a se transformar em monstro, tinha conseguido passar para a História como um mito: agora o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, parabeniza o Bloco de Busca, e “a humanidade inteira”, como diria o hino nacional, saúda a Colômbia. Enquanto as celebrações em todo o país duram dias e dias e os Rodríguez Orejuela choram em Cali com o triunfo, em Medellín dezenas de carpeideiras, centenas de bêbados, milhares de pobres se inclinam sobre o caixão de Pablo como se quisessem levar algo dele, como fizeram naquele lixão onde, onze anos antes, eu tinha me apaixonado por ele quando era um ser humano e se comportava como tal, quando não exibía diante de mim sua riqueza, mas todo o valor e o coração que teve algum dia. Agora, ao ver aquele cadáver com o rosto desfigurado pelo egoísmo, pela gordura e pela maldade, com um bigode parecido com o de Adolf Hitler — porque o Bloco de Busca levou de lembrança um extremo e a DEA, o outro —, sua própria mãe gritou:

— Esse homem não é meu filho!

E diante daquele espetáculo repugnante eu também me disse, chorando:

— Esse monstro também não foi meu amante.

Agora meu telefone parou de tocar. Já não me restaram amigos, e os inimigos de Pablo finalmente me deixaram descansar. Nenhum dos meus colegas liga, porque todos sabem que eu desligaria sem dizer uma palavra. “Sente-se na porta da sua casa para ver desfilar o cadáver do seu inimigo”, digo a mim mesma vendo na televisão aquela onda humana de 25 mil pessoas que assistem ao seu enterro.

— Aí vai meu algoz e de todo o meu país, envolvido em ódios viscerais, coberto de infâmia, rodeado por toda essa escória da sociedade... Sim, essas são as famílias dos sicários, e todos esses jovens acreditavam que ele era Deus porque colocou de joelhos um Estado fraco e corrupto até o pescoço... porque foi riquíssimo e audacioso como ninguém... porque colocou os gringos em xeque... Sim, um sofredor para cada uma das suas vítimas, e isso é tudo.

Um tempo depois, tratando de encontrar uma explicação plausível, digo a mim mesma, incrédula:

— Mas... 25 mil... não é talvez... muita gente para alguém que fez tanto mal?... Como seria se ele tivesse feito o bem?... Essa multidão não será uma mistura de sicários e também de... milhares de pobres agradecidos?... Será que há onze anos, quando tudo começou, eu não estava tão enganada?

E me ponho a lembrar de como tinha sido Pablo quando ainda era jovem e eu era ainda tão inocente... Como eu tinha me disposto a me apaixonar naquele lixão, não em Seychelles ou em Paris... Como me mandava seu Pégaso todas as semanas para me ter em seus braços por horas e horas... Como — porque o amor nos torna bons — cada um de nós inspirava o melhor no outro e ele dizia que eu ia ser sua Manuelita... Como me amou e, enquanto também o amei, ele sonhou em ser um grande homem... Como foi que nossos sonhos foram se esvaindo e aqueles que os destroçaram foram caindo mortos...

Porque, passada a alegria inicial, meu coração foi se transformando numa enorme cebola roxa, só uma pobre cebola em carne viva, uma cebola qualquer ensanguentada da qual a cada sessenta minutos alguém arrancava sem anestesia uma nova camada feita de nervos para, em seguida, envolvê-la sem compaixão com metros de arame farpado até a próxima hora. Então, vou até a biblioteca e procuro *Vinte poemas de amor* de Neruda, a única coisa com uma lembrança dele que Pablo não pôde me tirar no dia em que me levou o dinheiro, o manuscrito, as cartas, as fitas cassete, o *Virgie Linda I* e a Beretta, porque estava entre as minhas centenas de livros. E, lendo de novo Neruda e [José Asunción] Silva, meu poeta bem-amado e suicida, me deixo envolver pelas “sombras dos corpos que se juntam com as sombras das almas nas noites de escuridão e de lágrimas” e me lembro

de como Pablo era no último outono quando, seis anos antes, nos vimos pela última vez e a minha voz ainda buscava o vento para tocar seu ouvido.

Lembro da noite de um daqueles dias quando meu amante de 33 anos recebia quase 100 milhões de dólares ao mês, era amado pela beleza elegante mais famosa do seu país e, com o maior orgulho, saía da casa dela com todos os seus melhores amigos a caminho da do presidente mais poderoso da Colômbia, com o sonho secreto de também ele se tornar, um dia, presidente... Essa noite ameaçadora como a do “Nocturno” de Silva, a da gravação com o futuro ministro Lara, quando pela primeira vez Pablo tinha adivinhado, talvez visualizado com verdadeiro espanto, a possibilidade de perder tudo aquilo que caiu do céu quase tão subitamente como tinha chegado de mão cheia até seus braços... Essa noite impossível de esquecer em que todas as pessoas presentes felizes ignoraram a “Canção desesperada” que fecha essa obra fatalista e cheia de afetos que inspirou *O carteiro e o poeta*... Agora, cumpridas todas as suas premonições, materializados todos os seus medos, mergulho na dor lancinante e de profundidades oceânicas que descreve como nenhuma outra a indignidade de seu destino, condenado e maldito como o de Judas, e toda a tragédia do nosso destino feita da impotência dele para mudar e da minha impotência para mudá-lo.

Em ti se juntaram as guerras e os voos.

Oh, imundice dos escombros, que a dor não exprimia!

Esse foi meu destino e nele navegou o meu anseio,

e nele caiu meu anseio, tudo em ti foi naufrágio!

*É hora de partir. Oh, **abandonado!***⁴²

Neste momento ele está dormindo por toda a eternidade e agora jaz sozinho na terra rígida... E me ponho a lembrar de como, quando ele achava que eu tinha dormido, me beijava suavemente para não me despertar... depois voltava a fazê-lo várias vezes para ver se eu estava acordada... Como me dizia que o universo inteiro cabia no meu coração e eu respondia que só queria que coubesse todo o universo dele... Esse enorme coração de ouro do homem que, diante do meu, diante dos meus olhos espantados, sem que eu pudesse fazer nada para impedir, foi se

transformando nesse enorme coração de chumbo monstruoso... Esse coração de leão que eu não pude mudar nada, mas me ensinou a sentir tudo e a chorar pelo que não se pode mudar para que, num dia claro e não muito distante, toda essa raiva e aqueles seus anseios pudessem viajar junto com minhas dores nos meus livros e na minha história.

Aquele livrinho velho que tive vontade de queimar umas cem vezes, com suas duas assinaturas, um quarteto poético triste e a capa estragada pelas lágrimas que ainda me restaram dez anos e dez meses depois daquela noite “de perfumes e murmúrios e de músicas de asas”, será o continente mudo dos sonhos partidos de dois *star-crossed lovers*, que talvez acabe um dia atrás de um grosso vidro de museu onde descansam os restos dos amores naufragados e das paixões condenadas. Com o tempo será tudo o que resta de Pablo, porque cinco anos depois em Buenos Aires dois ladrões arrancarão em segundos seu relógio de ouro e diamantes que me acompanhou por quase quinze anos. Não senti falta dele um único instante de um só dia, porque jamais vou sentir saudades de joias perdidas, mas “dos pássaros perdidos que voltam do além para se confundir com um céu que nunca mais poderei recuperar”.

Em 11 de setembro de 2001, outra fantasia aterrorizante sonhada por Pablo Escobar sob o céu da Nápoles se materializa quando todos os seus planos para o Pentágono se transformam no ato terrorista mais memorável e de maiores dimensões na história do Ocidente.

E em novembro de 2004, ao ver na televisão um extraditado algemado entrando no avião da DEA rumo aos Estados Unidos, acusado de tráfico de 200 mil quilos de cocaína, só posso dizer a mim mesma:

— Hoje tem festa no inferno, Gilberto.

Como ele e seus irmãos, eu também cheguei a esse céu e a essa terra num avião da DEA, mas por outros motivos: em setembro de 2006, sem irem a julgamento e antes que eu possa testemunhar contra eles, os irmãos Rodríguez Orejuela se declaram culpados de todas as acusações. Recebem uma sentença de trinta anos, e sua fortuna de 2,1 bilhões de dólares é confiscada e dividida em partes iguais entre os governos da Colômbia e dos Estados Unidos.

Hoje só posso dizer que o Senhor atua das maneiras mais misteriosas e, às vezes, nos condena às mais prolongadas e profundas formas de sofrimento só porque nos escolheu como catalizadores dos mais estranhos, quem sabe inclusive históricos, processos.

Da lama tiram uma caveira: tudo o que resta de Pablo, sua horrível caveira coberta de infâmia. Treze anos depois de sua morte, exumaram o cadáver para um teste de paternidade ao qual sua mãe se opunha. Eu me pergunto quem será a mãe daquele seu filho e só sinto profunda compaixão pelas mulheres que algum dia o amaram e agora disputam sua fortuna, porque nenhuma quer o seu nome. Penso na dor das três ou quatro que ele amou — as que realmente o fizeram sonhar ou sofrer, rir ou se enfurecer — e nas três que, direta ou indiretamente, tiveram a ver com a sua morte. A esposa por quem ele sacrificou a vida já tem uma nova identidade e foi presa por um tempo na Argentina. Ela renegou o sobrenome Escobar e os nomes que ele escolheu para os filhos — mas não sua fortuna — e ao fazê-lo deixou-o sem descendência para a posteridade. A mãe daquele outro, mendigando por anos uma prova da paternidade. Wendy, assassinada pelo mercenário covarde que invejava as amantes de Pablo e se vestia de mulher e que quando o patrão morreu se colocou a serviço de Gilberto para depois chorar como uma quando o extraditaram. E eu, condenada a morrer de fome e solidão, jogada aos lobos para que acabassem comigo.

— O que você diria a Pablo se pudesse vê-lo por cinco minutos? — me pergunta uma garota doce que veio ao mundo no Natal de 1993, três semanas depois da morte de Pablo.

Pensando na dor das mulheres que ele amou com loucura e que tanto o amaram — assassinadas e arruinadas por Pablo, expostas às ameaças dos seus piores inimigos, ultrajadas pelos jornalistas mais ordinários, objeto de deboche da sua família sem grandeza, difamadas por sicários sem coração —, respondo sem vacilar:

— Perguntaria a ele em quem reencarnou: se numa daquelas meninas aterrorizadas de Darfur, despedaçadas por vinte animais como ele... Ou se num anjo de compaixão como a minha amiga irmã Bernardette das Missionárias da Caridade... Ou se na próxima, ou definitiva, versão do Anticristo... Acho que, daquela eternidade impenetrável feita de noites

geladas e da solidão infinita daqueles que não têm uma redenção possível, a voz dele certamente me diria: “Bem, amor... você, melhor que ninguém, sabe que nós demônios já fomos anjos alguma vez na vida!”. Em seguida, e antes de se perder para sempre em algum firmamento com o tom mais profundo da meia-noite, mas já sem lua e sem estrelas, aquela alma negra possivelmente acrescentaria: “Sabe que finalmente entendi como funciona a lei de causa e efeito? Você tinha razão, Virginia! Talvez... se lá embaixo na Terra você arrancasse uma pétala de 1 milhão de lírios, daqui eu poderia fazer 1 milhão de estrelas tilintar...”. Meu firmamento, *liebchen*, sempre está aceso — digo sorrindo a essa criatura sábia que entende tudo.

Passaram-se 86 dias desde a minha chegada, e estou estreando a pequena cobertura com a qual sempre sonhei. Trinta e cinco andares abaixo, é possível ver o centro financeiro de Brickell e, em torno, dezenas de condomínios de luxo entre avenidas emolduradas por palmeiras que parecem clonadas. Por fim, posso olhar toda hora para o mar que sempre precisei como uma segunda pele, os veleiros e iates que passam atravessando a ponte e as gaivotas que dançam em frente à minha varanda contra o fundo de um céu azul-cobalto intenso e perfeito. Estou profunda e imensamente feliz e não posso acreditar no fato de que, depois de suportar vinte anos de insultos e ameaças e oito e meio de pobreza, possa finalmente aproveitar tanta beleza, tanta liberdade e tanta paz antes que a luz se vá para sempre dos meus olhos.

Quando chega a noite, me aproximo da varanda para contemplar a Lua e as estrelas. Com os olhos de uma criança fascinada, vejo passar os aviões, que chegam de todas as partes do mundo cheios de turistas, negócios e ilusões, e os helicópteros que vão e vêm entre o aeroporto e South Beach. Mais adiante, em Key Biscayne, alguém celebra seu aniversário com um esbanjamento de fogos de artifício que deste lado da água eu recebo como outro inesperado presente de Deus. Lá longe é possível ouvir as sirenes dos barcos, e, acima e abaixo, o murmúrio dos motores que somem à distância é uma música vital que, com o cheiro de salitre e a brisa morna, me envolve numa rapsódia cujas notas eu acreditava que tinha esquecido. Mil luzes de bancos e condomínios se acenderam na urbe que cintila lá embaixo, e, com o coração inundado de gratidão, observo o enorme

presépio que é essa futura Manhattan tropical. Parece que, agora, as minhas noites restantes parecerão com um dia de Natal.

O espetáculo é uma festa para os meus sentidos, e me pergunto se algum dia também amarei com paixão ou cantarei esta terra privilegiada onde fui tão feliz e onde quase todos os sonhos são possíveis: a nação da Estátua da Liberdade e do Grand Canyon do Colorado, a dos Cahokia e da Califórnia e de Nova York, a das universidades onde uma centena de prêmios Nobel ensinam os futuros a pensar, a dos inventores e dos arquitetos e dos engenheiros visionários, a dos gigantes do cinema e da música e do esporte, a das viagens à Lua e do Hubble e da sonda Galileu, a dos filantropos titânicos e das mil etnias e sons com os sabores de todos os cantos da Terra, a dos perseguidos da raça humana e dos empreendedores que um dia chegaram até aqui com os bolsos vazios e a construíram às custas de ambição e sacrifícios com uma ideia obstinada na cabeça, um sonho de liberdade entre as mãos e uma canção de fé no coração.

Eu sou só um dos refugiados que num dia qualquer, mas histórico em suas vidas, fugindo dos inimigos e da fome, puseram os pés em suas praias. E, do lugar de onde cheguei num dia inesquecível de 2006, pude finalmente contar a história de um homem e uma mulher de dois mundos opostos que certa vez se amaram com um país em guerra ao fundo, porque, desde o dia em que nasci até nesse dia de julho no qual tive que deixá-lo para sempre, teria sido impossível para mim começar a narrá-la, terminar de escrevê-la ou sequer sonhar em publicá-la.

Um mês depois de minha chegada, Diego Pampín e Cristóbal Pera, da Random House Mondadori, uma das editoras mais prestigiadas do mundo, acolhem com entusiasmo a minha ideia de narrar minha visão íntima da mente criminosa mais aterradora e complexa dos últimos tempos.

A partir de agora talvez Pablo não esteja mais em meus livros; mas “Almanegra, a Fera” viajará sempre neles, nas minhas novas histórias de amor e de guerra naquele país do 1 milhão de mortos e 3 milhões de sem-teto, habitado pelas pessoas mais cruéis e mais doces da Terra, à eterna mercê de bandos armados e algumas dinastias que com sua tropa de cúmplices, cortesãos e escudeiros passavam o poder entre eles e dividiam o lucro de geração em geração, dessa classe política que certo dia descobriu o negócio de construir pontes douradas entre os bandos de criminosos e os bandos presidenciais e de alguns meios de comunicação que, muito rápido,

descobriram um negócio ainda mais frutífero: o de omissores radicais dos passados imperfeitos e acusadores vociferantes de quem ousar trazê-los à tona. Oscar Wilde já dizia dos algozes do seu tempo:

What seems to us bitter trials are often blessings in disguise.

O que nos parecem provas amargas são, com frequência, bênçãos disfarçadas.

FIM

1. **Bandi:** Corruptela de bandido. (N. T.)

[««]

2. **O Sujo:** *El Mugre* (o Sujo) era o apelido de Carlos Aguilar, um dos nomes que compunham o cartel de Medellín, de Pablo Escobar. (N. T.)

[««]

3. “Todo amor é tragédia. O amor sofre e é silencioso”, em tradução livre. (N. E.)

[««]

4. **Medellín sin Tugurios** — Medellín sem Barracos — foi um bairro criado por Pablo Escobar com base na doação de casas aos moradores de Moravia, favela que floresceu em cima de um lixão. (N. T.)

[««]

5. **Gatillero:** Seria uma espécie de assassino por recompensa. A palavra original foi mantida aqui por ser desconhecida da autora. (N. T.)

[««]

6. Em tradução livre, “Você percorreu um longo caminho, querida”. (N. E.)

[««]

7. **Percherones:** Raça de cavalo proveniente da região de La Perche, que atualmente corresponde à Normandia e ao Vale do Loire. (N. T.)

[««]

8. **Zorro:** A brincadeira se perde na tradução, porque *gambá* em espanhol é *zorrillo*, daí a proximidade fonética com Zorro. (N. T.)

[««]

9. **Silleteros:** Camponeses da cidade de Santa Elena que usam uma *silleta* como meio de transporte para vender flores na cidade de Medellín. (N. T.)

[««]

10. **Honorável Pai da Pátria:** Termo que descreve um líder político ou simbólico que se transformou numa espécie de pai. Seu heroísmo e sua autoridade moral costumam ser fonte de inspiração patriótica. (N. T.)

[««]

11. Tradução de Isabel Parra. (N. T.)

[««]

12. **Mitaca:** Espécie de colheita intermediária, o que quer dizer que Pablo vai tentar derrubar o adversário nas eleições parlamentares em 1984, antes que Galán consiga chegar ao poder em 1986. (N. T.)

[««]

13. Tradução de trechos esparsos dos versos xv a xx por Eliane Zagury. *Antologia poética, Pablo Neruda*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. (N. T.)

[««]

14. Trecho do “Poema 14”, de Pablo Neruda, extraído da coletânea *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*. (N. E.)

[««]

15. **Montoneros:** Organização guerrilheira argentina da esquerda peronista que iniciou uma luta armada entre 1970 e 1980. (N. T.)

[««]

16. ***Pantaloncitos calientes:*** Shorts curtos que foram moda nos anos 1960, mas aqui estão em itálico porque remetem à música de Juancho Polo Valencia que fala de um homem que enlouquece ao ver uma mulher usando essa peça de roupa, que é aproximadamente a que se refere Virginia. (N. T.)

[««]

17. **Tirocerto:** Manuel Marulanda Vélez, o *Tirofijo* (Tirocerto), chefe das Farc, era assim conhecido porque tinha enorme destreza e capacidade de disparo com armas de fogo; errava muito pouco. (N. T.)

[««]

18. **Abacaxi:** *La Piña* ou *Cara de piña* (abacaxi, em espanhol) era o apelido do general Manuel Antonio Noriega, responsável pelas Forças de Defesa Nacional do Panamá. Ele recebeu essa alcunha por ter a pele do rosto cheia de marcas e pequenos buracos. (N. T.)

[««]

19. **Marielitos:** Grupo de cubanos que participou do êxodo de Mariel, saído do Porto de Mariel em direção aos Estados Unidos, de 15 de abril a 31 de outubro de 1980. (N. T.)

[««]

20. **Tenera a la llanera:** Prato típico colombiano feito com o churrasco de um novilho que ainda não completou um ano e se alimentou apenas de leite materno. Em geral, a carne é temperada com cerveja e acompanhada por banana, abacate e batata. (N. T.)

[««]

21. **União Patriótica:** Partido de esquerda colombiano. (N. T.)

[««]

22. “Baleei um homem em Reno só para vê-lo morrer?” (N. E.)

[««]

23. O **código de Omertà** é um código de honra siciliano que proíbe informar sobre quaisquer delitos que envolvam as pessoas implicadas. É uma prática muito usada em casos de delitos graves ou em casos da Máfia onde a testemunha prefere permanecer em silêncio para se proteger de represálias. (N. T.)

[««]

24. **Pinina** foi um dos chefes de sicários de Escobar. Seu verdadeiro nome era John Jairo Arias Tascón, mas foi chamado assim porque seus olhos eram muito parecidos com os da atriz argentina Andrea Del Boca, que interpretou nos anos 1970 o papel de Pinina na novela *Papai coração*. (N. T.)

[««]

25. **Raponeros:** Ladrões de rua que atuam isolados ou em bando, como nos arrastões no Brasil. (N. T.)

[««]

26. **Miura:** Raça de touro espanhol. Manolete foi um dos toureiros mais conhecidos na época. (N. T.)

[««]

27. **Inravisión:** Instituto Nacional de Rádio e Televisão da Colômbia. (N. T.)

[««]

28. **Cattleya trianae:** Tipo de orquídea típica da Colômbia e do Equador. (N. T.)

[««]

29. “Ollááá, Dolly! É tão bom tê-la de volta de onde veio! Você está tão incríveeeelll, Dolly, você pode nos dizeeer, Dolly...”, em tradução livre. (N. E.)

[««]

30. **Encomenderos:** Parte importante da instituição colonial chamada *encomenda*. O *encomendero* tinha diversas obrigações, como fazer cumprir as ordens do rei, ensinar a doutrina cristã, defender seus encomendados (geralmente os índios nas colônias) e defender e ajudar a multiplicar os bens do rei. (N. T.)

[««]

31. O **poraquê**, também chamado de enguia-elétrica, é um dos animais mais conhecidos da bacia Amazônica. Para se defender, esse animal pode soltar descargas elétricas de até trezentos volts. (N. T.)

[««]

32. **Escualos:** Um tipo de peixe. (N. T.)

[««]

33. **Miguel “Happy” Lora** é um ex-boxeador colombiano campeão da categoria peso-galo. (N. T.)

[««]

34. **Contras:** Grupos insurgentes de oposição ao governo da Frente Sandinista da Libertação Nacional no poder na Nicarágua desde a Revolução Sandinista. (N. T.)

[««]

35. “Que diferença faz um dia, 24 horinhas...” (N. E.)

[««]

36. **“Mack the Knife”:** Referência à canção composta por Kurt Weill, com letra de Bertolt Brecht e imortalizada na língua inglesa por nomes como Louis Armstrong, Frank Sinatra e Ella Fitzgerald. Segundo a letra, “O tubarão, amor, tem lindos dentes, querida. E ele os mostra brancos como pérolas. (...) Quando o tubarão morde com seus dentes, querida, ondas avermelhadas começam a se espalhar”. (N. E.)

[««]

37. “Não tenho arremedos nem discussões... Eu observo e espero”, em tradução livre. (N. E.)

[««]

38. Respectivamente:

Mario Castaño Molina era chamado de *El Chopo* (o Fuzil) porque essa foi a primeira arma de fogo que teve, mesmo sendo velha e precária. **Diego Arcilla** tinha o apelido de *Tomate* pela cor do seu rosto. **Carlos Mario Alzate Urquijo** foi apelidado de *El Arete* (O Brinco) porque tinha muita habilidade para mimetizar-se em grupos sociais muito importantes e sua

capacidade de escutar conversas alheias sem ser notado o colocava numa posição parecida com a do brinco, sempre próximo às orelhas. **Dandenís Muñoz Mosquera** era um dos matadores de aluguel de Pablo Escobar que recebeu o apelido de Quica porque era o mais novo dos irmãos e foi criado por sua tia Francisca (*La Quica*). **Carlos Díaz** era conhecido como *La Garra* por sua força. (N. T.)

[««]

39. **“Paris vale uma missa”**: Essa expressão significa que não importa realizar algo que não queremos ou que vá contra as nossas ideias, contanto que isso possa nos trazer benefício. Ou seja, uma variação de “os fins justificam os meios”. Mais especificamente essa foi a frase dita por Henrique iv, que era calvinista e se converteu ao catolicismo para garantir o trono como rei da França e evitar a oposição do papado e das facções internas católicas. (N. T.)

[««]

40. **Krimi**: Termo alemão que significa romance policial, ou novela policial. (N. T.)

[««]

41. ***The wicked witch is dead!***: “A bruxa má do Oeste está morta!” é uma das músicas mais famosas de *O mágico de Oz*.

[««]

42. Trechos soltos do poema; não correspondem exatamente à ordem dos versos.

[««]

VIRGINIA VALLEJO foi uma das modelos e apresentadoras de TV mais importantes da Colômbia. No início dos anos 1980, se envolveu com Pablo Escobar, pagando um alto preço que destruiu sua carreira. Em julho de 2006 atuou como testemunha em um processo contra Alberto Santofimio, então candidato à presidência de seu país acusado de induzir o assassinato de Luis Carlos Galán, levado às vias de fato por Pablo Escobar. Após receber diversas ameaças de morte, Virginia obteve asilo político nos Estados Unidos e atualmente vive em Miami. *Amando Pablo, odiando Escobar* é seu primeiro livro.

Copyright © 2017 Editora Globo S. A. para a presente edição Copyright © 2007 Virginia Vallejo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Traduzido do espanhol.

Título original: *Amando a Pablo, odiando a Escobar*.

Primeira publicação por Random House Mondadori, 2007.

Editora responsável: Amanda Orlando

Editora assistente: Elisa Martins

Editora de livros digitais: Livia Furtado

Preparação de texto: Erika Nogueira

Revisão: Huendel Viana e Laila Guilherme

Diagramação: Crayon Editorial

Imagens de capa: Hernán Díaz (Virginia) e AP Photo/Glow Images (Pablo)

Conversão de ePub: Antonio Hermida

1ª edição digital, 2017

ISBN: 978-85-250-6444-8 (digital)

ISBN: 978-85-250-6295-6 (impresso)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V273a

Vallejo, Virginia, 1949-

Amando Pablo, odiando Escobar / Virginia Vallejo ; tradução Denise Schittine. - 1. ed. - São Paulo : Globo, 2017.
recurso digital

Tradução de: Amando a Pablo, odiando a Escobar

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788525064448 (recurso eletrônico)

1. Escobar, Pablo, 1949-1993. 2. Narcotraficante - Colômbia - Biografia. 3. Tráfico de drogas - Colômbia. I. Schittine, Denise. II. Título.

17-41367

CDD: 920.9364177
CDU: 929.343.575

26/04/2017 28/04/2017

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Nove de Julho, 5229 — 01407-907 — São Paulo — SP
www.globolivros.com.br